UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Fabio Sapragonas Andrioni

A arquitetura do destino: a ciência do futuro e a teoria da história em *O ano 2000* (1967), de Herman Kahn e Anthony J. Wiener

São Paulo
2010

Fabio Sapragonas Andrioni

A arquitetura do destino: a ciência do futuro e a teoria da história em *O ano 2000* (1967), de Herman Kahn e Anthony Wiener

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Programa de História Social do Departamento de História, sob a orientação da Prof. Dra. Sara Albieri.

São Paulo
2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fabio Sapragonas Andrioni

A arquitetura do destino: a ciência do futuro e a teoria da história em *O ano 2000* (1967), de Herman Kahn e Anthony Wiener

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Programa de História Social do Departamento de História, sob a orientação da Prof. Dra. Sara Albieri.

São Paulo, de de 2010

Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins – UNB

_____

Prof. Dr. Fredric Michael Litto – USP

_____

Prof. Dr. Sara Albieri (orientadora) – USP

_____

AGRADECIMENTOS

Qualquer coisa boa e produtiva que fizer na vida, devo basicamente a duas pessoas: Marcos A. Andrioni e Magda Sapragonas, meus pais. Todos os méritos deste trabalho e de minha vida são mais deles do que meus, pelo incentivo que me deram, pelos esforços que não mediram na minha formação.

Ainda no âmbito familiar, são inegáveis as contribuições de Vânia D'Almeida, Gracinda D'Almeida Andrioni, Gumercindo Andrioni, Edith Siqueira Sapragonas e Antônio Sapragonas, todos por terem feito parte de minha formação, educação e por estarem, então, de alguma forma presentes neste trabalho. Além deles, os amigos, quem já trago há algum tempo, e pessoas que contribuíram de alguma forma com a dissertação: Daniel Borusch, Edson Guenzo Hosokawa, Luiz Eduardo Silva e Silva, Richard Mathias Orciuch, Júlio Carvalho de Mello, Rodrigo Bontorin, Laís Sanchez, Renan Critelli e Rafael Ferreira da Silva.

Nessa trajetória do mestrado também conheci pessoas que se mostraram importantes e que acabaram, em vários e diferentes níveis, colaborando com a pesquisa: Clarisse Coutinho, Roger Domenech Colacios, Tiago Santos Almeida e, especialmente, Carla Berto, Francine Iegelski, Mariana Moreno Castilho, Pablo Spindola, Rodrigo de la Torre Oliveira e Vitor Henriques.

Agradeço, no meio acadêmico, principalmente a professora Sara Albieri, por ter acreditado no projeto de pesquisa quando ele não era muito crível e pela orientação, que fez a pesquisa se tornar esta dissertação. Não posso esquecer também das contribuições dos: Prof. Dr. Francisco Murari Pires, Prof. Dr. Pedro Leão da Costa, Prof. Dr. Fredric Michael Litto e Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins. Sou grato também à FAPESP por financiar e dar apoio para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida.

Demonstro minha gratidão ao leitor que se dispôs a ler até aqui e que, espero, anime-se a seguir. Essa gratidão ficará maior, portanto, a cada página vencida. Espero que a dissertação satisfaça suas necessidades ou interesses.

Por fim, devoto graças ao todo.

Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu o sei; se desejo explicar a quem o pergunta, não o sei.
(Santo Agostinho)

(…) ontem é apenas a memória de hoje e o amanhã é o sonho de hoje
(Khalil Gibran)

Os indígenas, a fim de capturarem o animal com vida, amarram a um coqueiro uma cabaça contendo amendoim. O macaco precipita-se, estende a pata, pega no amendoim, fecha a mão. E eis que não pode mais retirá-la. Aquilo que conquistou retém-no prisioneiro.
(Louis Pauwels)

RESUMO

A dissertação apresenta a visão de história que compõe o método de especulação e planejamento do futuro exposto no livro *O ano 2000*, de 1967, escrito por Herman Kahn e Anthony J. Wiener. O trabalho consiste na investigação das idéias e conceitos empregados no método, assim como nos resultados gerais da especulação e do planejamento do futuro, visando expor as influências de outros autores, idéias e conceitos, além dos diversos contextos que se articulam na obra. A dissertação visa mostrar como se constituiu o pensamento futurista de Kahn e Wiener em relação à história, a saber, uma visão progressista, porém não mais linear e como um produto da razão inerente ao homem, mas como um progresso que é conquistado a cada momento do presente pelo esforço humano em planejar o futuro. A história aparece assim como um desenvolvimento macro-histórico, que explica os desenvolvimentos passados e as possibilidades futuras, e, ainda, como um conjunto de exemplos heurísticos para pensar como as possibilidades futuras podem se manifestar factualmente. A pesquisa conclui que o pensamento futurista é um objeto de estudo muito rico para os historiadores por sua apropriação da história, pela representatividade como fenômeno histórico e por sua abrangência como parte da vida contemporânea.

Palavras-chave: Futurismo, Herman Kahn, Teoria da História, Filosofia da História

ABSTRACT

This dissertation approaches the view of history embedded in the method of future speculation and planning set out in the book The year 2000, written in 1967, by Herman Kahn and Anthony J. Wiener. This work consists in investigating the ideas and concepts in the method, as well as in overall results of future speculation and planning, in order to expose the influences of other authors, ideas and concepts and the various contexts articulated in the book. We here try to show how the futurist thinking of Kahn and Wiener understood history, namely, a view of progress however no longer linear or a product of a reason inherent to man, but a progress achieved every moment by human effort in planning the future. Thus, history appears as a macro-historical development that explains past developments and future possibilities, and also as a set of heuristic examples to consider how future possibilities can manifest factually. The research concludes that futurist thinking is a valuable study object to historians for its appropriation of history, for its importance as a historical phenomenon and for its significance as part of the contemporary life.

Keywords: Futurism, Herman Kahn, Theory of History, Philosophy of History

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 1

1. O MÉTODO PARA OS ESTUDOS FUTUROS..... 21

1.1. A afirmação de um método no *O ano 2000*.....21

1.2. As bases para o método de especulação 22

1.2.1. As três primeiras bases: os eventos cumulativos, o *timing* e a interdisciplinaridade 24

1.2.2. A questão moderna e a quarta base: os fatores inalteráveis 28

1.3. Os conceitos básicos: tendência múltipla, projeção livre de surpresas, mundo padrão, variações canônicas e cenários 34

1.4. A metáfora heurística.....39

1.5. O planejamento futuro de Kahn e Wiener como um prognóstico racional 43

2. A TENDÊNCIA MÚLTIPLA: UMA ESTRUTURA HISTÓRICA 48

2.1. Os padrões da tendência múltipla.....48

2.1.1. Perspectivas de progresso e decadência 51

2.1.2. Os ciclos 54

2.1.2.1. A decadência da certeza 56

2.1.2.2. O fim da certeza.....60

2.1.2.3. O re-estabelecimento da certeza.....64

2.1.3. O cripto-historicismo.....70

2.2. O século XX e a experimentação da tendência 71

2.2.1. A história do século XX 71

2.2.2. A experiência para o fim do século 76

2.3. A dinâmica da tendência múltipla 77

3. A TENDÊNCIA MÚLTIPLA E OS DESENVOLVIMENTOS POLÍTICOS 80

3.1. A questão tecnológica 80

3.1.1. A tecnologia concernente à política internacional no mundo padrão 82

3.2. Aspectos econômicos e sociais 84

3.2.1. O desenvolvimento econômico da projeção livre de surpresas 84

3.2.2. A dicotomização como efeito político e social da industrialização 87

3.3 O mundo padrão político. 89

3.3.1. A coexistência pacífica: a experiência do passado 89

3.3.2. A coexistência pacífica: a situação política para o futuro 92

3.3.3. A manutenção da coexistência pacífica e a ciência das guerras 99

3.4. As variações canônicas 104

3.4.1. Os mundos integrados 105

3.4.2. Os mundos introspectivos 108

3.4.3. Os mundos perturbados 111

3.5. Os cenários 114

3.5.1. Um cenário possível para os mundos perturbados ou os introspectivos 114

3.5.2. Outras situações de distúrbio mundial 121

3.5.3. Novas configurações políticas 124

4. A SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL 129

4.1. A questão tecnológica referente à sociedade pós-industrial 129

4.1.1. Os computadores 129

4.1.2. A automação e a mecanização 130

4.1.3. Tecnologias para a informação e comunicação 132

4.1.4. Avanços médicos e biológicos 133

4.2. A questão cultural 136

4.2.1. A passagem cultural iminente 136

4.2.2. A mudança cultural como uma mudança da civilização 139

4.2.3. Outras implicações da mudança cultural decorrentes da tendência múltipla 145

4.3. A experiência do passado 149
4.4. A sociedade pós-industrial.....151
4.4.1. A alienação pós-industrial 155
4.4.2. A estrutura social 157
4.4.3. O trabalho, o poder de compra e os valores 159
4.4.4. Os movimentos de massa 164
4.4.5. O controle social 166

5. A VISÃO DE HISTÓRIA NO MÉTODO FUTURISTA DE KAHN E WIENER.....170
5.1. Considerações finais sobre o planejamento 170
5.1.1. As projeções sociais.....170
5.1.2. Os erros de planejamento 171
5.1.2.1. As mudanças imprevistas 171
5.1.2.2. As dez ciladas 173
5.1.3 As outras utilidades do planejamento 177
5.2. O limite científico do futurismo 181
5.2.1. A apropriação científica da história: a tendência múltipla 182
5.2.2. A apropriação não científica da história: a metáfora heurística e os cenários.....184
5.2.3. A síntese das duas formas.....187
5.3. A característica progressista do futurismo de Kahn e Wiener.....188
5.3.1. O progresso.....188
5.3.2. O planejamento e o drama fáustico 192

CONCLUSÃO 198

BIBLIOGRAFIA 203

INTRODUÇÃO

No dia 02 de Setembro de 1970, era lançado, no Brasil, um novo número da Revista Veja e Leia. Na página 18 havia uma pequena nota intitulada *Nostrakahn*, a qual discutia os números de crescimento do Brasil para o ano 2000 apresentados por um futurista americano chamado Herman Kahn. O texto tornava-se irônico próximo do fim, questionando a mudança dos números apresentados pelo autor em seu livro *O ano 2000* – lançado três anos antes – em relação aos números que ele apresentara havia uma semana, em um congresso no Rio de Janeiro. A revista afirmava que o autor e o instituto, do qual era criador e responsável, não mereciam mais credibilidade que Nostradamus[1] e "(…) nesse caso, quem deve se preocupar com as previsões do novo mago é o governo americano que o contratou para projetos estratégicos de grande importância. E se ele tiver usado estatísticas soviéticas erradas?"[2].

Mais do que um problema de má compreensão de ambos os lados, esse episódio indica a existência de processos mais complexos ou mais amplos. Esta dissertação centra-se em apenas um. Primeiramente, o objeto de estudo é o livro *O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos*[3], escrito pelo já citado Herman Kahn em parceria com Anthony J. Wiener. A obra, lançada em 67 nos Estados Unidos e, em 68 no Brasil, "apresenta um quadro compreensivo e imaginativo da forma de mundos possíveis, prováveis e cheios de pesadelos que irão apresentar novos desafios no amanhecer do *terceiro* milênio"[4]. Assim, é possível afirmar que tal obra é portadora de formas especulativas, já que intenta falar do futuro.

Esta preocupação específica em prever e especular sobre o futuro se fortaleceu na segunda metade dos anos 50, apesar de já ser praticada anteriormente. Uma das nomenclaturas pela qual tal prática ficou conhecida foi a de Futurologia. O termo foi cunhado

---

[1] Michel de Notre Dame foi médico na primeira metade do século XVI e obteve sucesso contra a epidemia de peste bubônica do período. Era descendente de uma família judia convertida ao cristianismo e um estudioso de astrologia. Escreveu versos obscuros, nos quais, supostamente, previu acontecimentos futuros.

[2] NOSTRAKAHN. **Veja e Leia,** São Paulo, n. 104, p.18, set. 1970.

[3] Para elaboração desta dissertação foram usadas duas edições do livro. Uma, em inglês e, outra, em português. Optou-se por citar os trechos ou traduzidos por mim, ou, então, a tradução em português, devidamente referenciada. Edição americana: KAHN, H.; WIENER, A.J. **The year 2000**: a framework for speculation on the next thirty-three years. S/l: Hudson Institute, 1967. Versão brasileira: KAHN, H.; WIENER, A.J. **O ano 2000**: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1968.

[4] Resumo tirado da orelha da capa do livro: KAHN, H., WIENER, A. J, 1968. Grifos nossos, pois há um erro no texto original. Lá aparece: *no amanhecer do segundo milênio.* É claro o equívoco, já que não se trata do amanhecer do *segundo* milênio, mas do *terceiro*.

pelo professor e cientista político alemão, Ossip K. Flechtheim, em 1943, e era resultado da combinação das palavras latina *futurus* e a grega *logia*, significando, portanto, a ciência do futuro. O termo foi, aos poucos, sendo substituído ou sinonimizado, por exemplo, por estudos futuros, nos EUA, prospectiva, na França, ou mesmo prognósticos, na Alemanha[5]. Os autores do livro não gostavam do termo futurologia[6], preferindo futurismo7, no sentido de "estudos organizados sobre o futuro", ou mesmo, estudos futuros.

Tais estudos, nos anos posteriores à II Guerra, foram realizados, nos EUA, nos institutos que ficaram conhecidos como *think tanks*. Todavia, a tradição dessas instituições também é anterior. Há uma indefinição sobre o surgimento dos primeiros *think tanks*, reflexo da indefinição do que são tais instituições[8]. Para diferentes autores, esse fenômeno é perceptível nos EUA no século XX, logo após a I Guerra[9], ou mesmo no fim do século XIX[10]. Independente do período, o surgimento de tais instituições consistiu, basicamente, nos intuitos de inserir os EUA nas relações internacionais[11] e de trazer o método e o pensamento científicos para o campo das políticas públicas e da administração governamental[12].

Após 45, nos EUA, iniciou-se um segundo momento de formação de *think tanks*, que se caracterizou por acompanhar o reaparecimento do conservadorismo e pela visão de uma política estrangeira e de defesa coesas[13]. Eram, portanto, em um primeiro momento, institutos mais voltados à questão da defesa e, por isso, a assuntos militares. O primeiro a surgir, nessa nova leva, foi a RAND Corporation, resultado de um contexto bem específico.

---

[5] MARIANO, C.A. **Estudos do futuro**: a história e a filosofia dos estudos do futuro. 1995. 99 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo São, 1995. p. 14-15; THIESEN, J. da S. Estudos prospectivos – uma metodologia estratégica para a construção de futuros possíveis. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO, Ponta Grossa, 2008. **Gestão estratégica na era do conhecimento.** Disponível em: <http://www.admpg.com.br/2008/cadastro/artigos/temp/137.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2008. p. 2.

[6] SELINGMAN, Dan. **Know-it-all**. [S.l.: s.n.], 2001. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=817>. Acesso em: 13 nov. 2008.

7 Seus praticantes reconheciam a confusão do termo com o criado por Marinetti, que se relacionava a um movimento artístico. BELL, D. Introduction. In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967. p. xxi.

[8] ABELSON, D.E.; CARBERRY, C.M. Following Suit or Falling behind? A Comparative Analysis of Think Tanks in Canada and the United States. **Canadian Journal of Political Science**. [S.l.], v.31, n.3, p. 525-555, Sep. 1998. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0008-4239%28199809%2931%3A3%3C525%3AFSOFBA%3E2.0.CO%3B2-H>. Acesso em: 11 out. 2007. p. 532.

[9] MCGANN, J.G. Academics to Ideologues: A Brief History of the Public Policy Research Industry. **PS**: political science and politics. Washington D.C., v.25, n.4, p. 733-740, dez. 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/419684>. Acesso em: 10 set. 2008. p. 733-734; WEAVER, R.K. The changing world of think tanks. **PS**: political science and politics. Washington D.C., v. 22, N. 3, p. 563-578. Sep. 1989. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=1049-0965%28198909%2922%3A3%3C563%3ATCWOTT%3E2.0.CO%3B2-Y>. Acesso em: 11 out. 2007. p. 565.

[10] ABELSON, D.E.; CARBERRY, C.M., 1998, p. 532.

[11] MCGANN, J.G., 1992, p. 734.

[12] ABELSON, D.E.; CARBERRY, C.M., 1998, p. 532.; MCGANN, J.G., 1992, p. 734-735.; WEAVER, R.K., 1989, p. 565.

[13] FAURIOL, 1984, p. 13, apud MCGANN, J.G., 1992, p. 735.

Com o fim da II Guerra, os aspectos técnicos de uma guerra ganharam destaque, surgindo, então, o projeto RAND, que teve seu nome derivado de suas atividades, uma vez que almejava um centro de pesquisa e desenvolvimento (Research ANd Development – RAND)[14]. Ele foi inaugurado na primavera de 1946 e consistia em uma organização de pesquisa totalmente autônoma com contrato exclusivo com a Força Aérea. O contrato estipulava que estudos e pesquisas científicas deveriam ser realizadas abordando amplamente a guerra aérea e visando recomendar melhores métodos, técnicas e instrumentalidades. Em 1948, o projeto tornou-se uma corporação de consultoria sem fins lucrativos. Os primeiros dirigentes da nova corporação, além de trazerem o antigo grupo da OSRD[15] – que vinha desde a II Guerra e estava presente no projeto RAND – concluíram que alcançar o futuro ia além da matemática aplicada. Com isso, economia, ciência política, psicologia e cada uma das ciências sociais foram representadas[16], dando um elemento interdisciplinar para a organização e seus participantes

Permaneceu, portanto, na Força Aérea americana, uma mentalidade científica e, frente a isso, ela optou pela RAND[17]. Nos anos 50, então, a pesquisa de operações militares, uma idéia concebida pelos jovens cientistas empregados, durante a Guerra, na OSRD, transformou-se em a análise de sistemas[18]. Os sistemas que tais homens desenhavam e analisavam eram especulações sobre situações militares e guerras futuras, pensando táticas e estratégias de forma ampla, as quais diferiam da pesquisa de operações militares por tratarem de um contexto futuro mais amplo[19]. Isso visava uma capacidade de lidar com contingências possíveis de surgirem dentro de cinco a quinze anos. Além de delinear, cabia decidir sob quais condições o sistema poderia ser, ou não, usado. As recomendações do analista, portanto, fazia-se por "crenças" e pesquisas[20]. A análise de sistemas foi acompanhada, ainda, de outras modalidades de especulação que a complementavam, como os jogos de guerra, por exemplo.

Contudo, essa ascensão do conhecimento técnico acabou criando uma querela entre os cientistas civis e os oficiais uniformizados. Tanto que, em 61, os cientistas civis definitivamente assumiram os principais postos militares, na administração de Kennedy, e o

---

[14] MCGANN, J.G., 1992., p. 735.
[15] Office of Scientific Research and Development – Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento Científico
[16] GHAMARI-TABRIZI, S. **The worlds of Herman Kahn**: the intuitive science of thermonuclear war. Cambridge: Harvard University, 2005. p. 51-52.
[17] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 50-51.
[18] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 46-47.
[19] KAHN, H.; MANN, I. **Techniques of systems analysis**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008. p. 4; GHAMARI-TABRIZI, S., op. cit., p. 137-138.
[20] KAHN, H.; MANN, I., 1957, p. 4.

novo secretário de Defesa, Robert McNamara, listou os homens da RAND para reforçar a autoridade do Pentágono sobre as forças armadas. Ele acreditava que a análise de sistemas introduziria a racionalidade científica dentro do planejamento, do orçamento e da alocação de recursos da Defesa[21].

Herman Kahn viveu todo esse processo. Nascido em 1922, em New Jersey, era filho do meio de um casal de imigrantes judeus de Brest-Litovsk, cidade polonesa, próxima à fronteira com a Bielorússia. Em 40, ingressou na faculdade de física e, durante o curso, junto com seu amigo Sam Cohen, pré-alistou-se na Corporação de Reserva do Exército. Em 43, foi pré-convocado e, por isso, teve que fazer um teste de aptidão mental. Kahn, além de ter sido o primeiro aspirante, na história, a conseguir entregar o teste finalizado, foi também quem obteve a maior pontuação desde que o teste era aplicado. Assim, Kahn e Cohen acabaram ingressando na Força Aérea do Exército[22].

Durante a Guerra, Cohen, por já estar formado, foi enviado para o Projeto Manhattan, em Los Alamos, enquanto Kahn, que não tinha conseguido se formar, estudava ciência militar e dava aulas de matemática no exército. Cohen tentou integrar Kahn na equipe em que trabalhava em Los Alamos, porém, quando conseguiu, Kahn já tinha sido transferido para Burma (atual Mianmar), onde trabalhou, em uma base de operações, como receptor e transmissor de uma linha de telefone entre Burma e Chunking, na China. Porém, pouco depois, devido ao seu irmão morto em um combate aéreo e com o fim da Guerra, Kahn foi dispensado. De volta aos EUA, ele terminou sua graduação e, em 47, obteve o título de mestre. No fim do mesmo ano, foi contratado pela RAND como físico[23].

Ao longo de sua carreira na RAND, Kahn foi protagonista de episódios controversos e curiosos. Ele não conseguiu, por exemplo, obter seu doutorado. Parte disso, pela incapacidade que ele tinha de elaborar textos, parte, pelo fato de ele não se dispor a fazer as matérias que os programas exigiam. Kahn teve, ainda, sua licença "Q" cassada. A licença era uma permissão que os cientistas obtinham para poder trabalhar com armas. Ela era conquistada após uma investigação do FBI, a qual buscava alguma ligação do cientista, assim como de familiares ou amigos, com atividades de esquerda[24]. A licença do futurista foi cassada em 53, pois sua esposa – com quem se casara no mesmo ano – possuía um cunhado e uma irmã reconhecidamente comunistas. Porém, no ano seguinte, Kahn reouve a autorização. Todavia,

---

[21] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 47.
[22] Ibid., p. 61-62; BRUCE-BIGGS, B. **Supergenius**: the mega-worlds of Herman Kahn. Nova York: [s.n.], 2000, p. 4.
[23] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 63; BRUCE-BIGGS, B., p. 12.
[24] Ibid., p. 64-65.

no período em que ficou sem autorização, ele pode alargar sua área de trabalho, deixando de lado as questões das armas e tratando da análise de sistemas e de problemas ligados às guerras, às quais, a partir de então, passou a se dedicar. Neste período também conheceu o estrategista Albert Wohlstetter, quem tinha uma esposa historiadora que trabalhava na RAND[25]. Se cercar de pessoas de diferentes áreas era outra característica do futurista americano, parte por iniciativa própria, parte pelo ambiente da RAND. Muitos de seus raciocínios nasciam de conversas que ele mantinha com essas pessoas. Outra característica de Kahn era sempre usar colaboradores, que o ajudavam a escrever[26], gravando suas falas e transcrevendo-as e, então, transformando em texto, o qual Kahn revisava[27].

Foi em Dezembro de 60, com o lançamento do livro *On thermonuclear war*, que Kahn deu vazão a uma de suas maiores controvérsias, pois mostrava como uma guerra nuclear poderia ter início, ser enfrentada e, no fim, como a humanidade poderia sobreviver a ela[28]. Este livro trouxe Kahn para o cenário público, levando-o, inclusive, a um breve diálogo com o assistente da defesa civil do Secretário de Defesa do governo Kennedy. Por outro lado, a obra também teve uma recepção negativa, resultando em questionamentos à ética e à saúde mental do futurista[29]. Kahn defendia, no livro, que a melhor política era evitar o primeiro ataque nuclear, ao invés de ter a simples segurança de poder destruir o outro país[30]. Dessa forma, para ele, o que fazia com que a URSS não atacasse os EUA era o medo de que os EUA, em resposta, destruíssem o mundo. Foi nesse sentido que o autor "idealizou" uma máquina do fim do mundo, que ele descrevia da seguinte forma: "(…) assuma que por, digamos, 10 bilhões, nós possamos construir um mecanismo cuja única função é destruir toda a vida humana (…) Se, digamos, 5 bombas nucleares explodirem sobre os EUA, o mecanismo seria disparado e a Terra destruída. Exceto (…) os erros de códigos, parece ser a *deterrence* (…) ideal"[31]. Ou seja, era um artefato que explodiria a Terra caso uma das nações realizasse um primeiro ataque nuclear. Assim, a sátira no filme *Dr. Fantástico* (*Dr. Strangelove*), de Stanley Kubrick, foi parcialmente inspirada nos escritos de e em Kahn[32].

---

[25] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 67-69.
[26] Ibid., p. 77-78.
[27] Ibid., p. 80-81.
[28] Ibid., p. 17.
[29] Ibid., p. 18-20.
[30] LEVESON, Irving. **Memorial to Herman Kahn**. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2920>. Acesso em: 30 abr. 2007.
[31] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 41.
[32] SELINGMAN, D., 2001.; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 40-41.

Com o lançamento do livro, Kahn, então, tornou-se uma figura emancipada da RAND. Além disso, toda controvérsia criada pelo futurista era muito intrusiva para a corporação. Dessa forma, os dirigentes da RAND consideraram-no um inconveniente para a defesa civil. Demitido ou demitindo-se, em 1961, Kahn deixou a RAND para fundar seu próprio *think tank*, o Instituto Hudson[33], que teve como alguns consultores o sociólogo americano Daniel Bell e o filósofo francês Raymond Aron[34].

O Hudson foi idealizado por Kahn junto com seu colaborador no período, o advogado Max Singer. Após algum tempo dessa parceria, Kahn contratou Anthony Wiener também como colaborador. Wiener fora colega de classe de Singer na Escola de Direito de Harvard e, no começo dos anos 60, era instrutor no Departamento de Ciência Política do MIT[35], assim como pesquisador associado no Centro de Estudos Internacionais. Em um primeiro momento, Singer telefonou para Wiener e convidou-o para trabalhar na RAND. Wiener recusou. Meses depois, Singer ligou novamente, agora para convidá-lo para trabalhar em um instituto próprio, que Kahn e Singer criariam na costa leste. Wiener aceitou e os três fundaram, então, o Instituto Hudson[36].

O Instituto não fugia da forma de trabalho da RAND, nem da área de atuação. Porém, em 63, em um EUA sob a presidência de Lyndon Johnson, o Instituto passou por um abalo financeiro, resultado da não concedida isenção de impostos. Outro problema enfrentando pelo Instituto foi a limitação sofrida pelos *think tanks*, principalmente na segunda metade dos anos 60, quando houve uma ojeriza às instituições militares e um recuo de investimentos. Somado a tudo isso, havia ainda a ausência de uma capacidade organizativa de Herman Kahn, o que dificultava o estabelecimento de contratos do Hudson[37]. Todavia, em 67, o Instituto ajudou o Pentágono no desenvolvimento do programa de "vietnamização", ou seja, no esforço de intervir no Vietnã do Sul e constituir as forças armadas para quando os EUA se retirassem. Essa consultoria durou até 71, quando, então, Nixon assumiu a presidência dos EUA[38].

Em paralelo a tudo isso, outros institutos surgiram, com enfoque não mais militar, mas em questões urbanas e de política social. Além disso, os antigos *think tanks* iniciaram um

---

[33] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 36-37.
[34] MENAND, Louis. Fat Man: Herman Kahn and the nuclear age. **The New Yorker**. New York, 27 jun. 2005. Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/2005/06/27/050627crbo_books>. Acesso em: 13 nov. 2008. p. 5.
[35] Massachusetts Institute of Technology
[36] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 80.
[37] BRUCE-BIGGS, B., 2000, p. 263-266.
[38] Ibid., p. 231-246.

redirecionamento de recursos e pessoas para questões internas, civis, urbanas e ambientais[39]. Dessa maneira, ao longo dos anos, o Instituto deixou de se interessar (e também já sem o apoio financeiro de antes) somente pelas questões nucleares e militares, expandindo seus escritos para questões econômicas, políticas, urbanas e sociais[40]. Foi dentro desse contexto de desvinculação exclusiva com os planejamentos governamentais que o livro *O ano 2000* foi escrito, abordando não mais somentes as questões militares, mas também especulações nos campos sociais, de relações internacionais, tecnológicos, econômicos e culturais, visando também alargar o campo de serviço de tais instituições.

Dessa forma, em 1968, Kahn atribuiu a cinco fatores essa preocupação mais ampla com o futuro. O primeiro, os grandes lucros advindos desses produtos do futuro. O segundo foi a taxa de mudança, a qual, segundo ele, não poderia ser enfrentada a não ser olhando-se para a frente. O terceiro, uma necessidade filosófica, já que as pessoas queriam saber para onde iriam. O quarto, a necessidade de antever a questão do mercado bélico. Por fim, o fato de o futuro estar na moda[41].

Kahn era considerado uma pessoa alegre[42]. Media um pouco mais de 1,80m e pesava mais de 130 quilos. Sempre fazia piadas do que falava, além de ser extremamente sincero, beirando o *non-sense*. Um exemplo disso foi quando questionou: "Se 180 milhões de mortes são um preço muito alto para pagar para punir os soviéticos pelas suas agressões, qual preço estaríamos dispostos a pagar?"[43]. Kahn morreu em 1983, após um ataque cardíaco[44].

Por mais que as afirmações de Kahn, como a máquina do fim do mundo, ou a do parágrafo anterior, soem absurdas, elas devem ser entendidas dentro do contexto em que foram ditas. Inicialmente, não podemos desconsiderar o medo decorrente do próprio avanço científico acerca da questão atômica[45], que antecedeu, inclusive, a II Guerra. É inegável, contudo, que as duas bombas soltas sobre Nagasaki e Hiroshima marcaram o início de um mundo com armas que poderiam destruir cidades e que guerras de dimensões inimagináveis poderiam começar sem qualquer aviso. Frente a isso, o futuro tornou-se um ponto incógnito e a possibilidade de um ataque ocorrer a qualquer momento causava uma ansiedade constante[46].

---

[39] MCGANN, J.G., 1992, p. 735-736.
[40] BRUCE-BIGGS, B., 2000, p. 268-281.
[41] KAHN, H., 1968, apud BRUCE-BIGGS, B., 2000, p. 247.
[42] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 37.
[43] Ibid., p. 40.
[44] MENAND, Louis, 2005, p. 5.
[45] Cf. SMITH, P.D. **Os homens do fim do mundo:** o verdadeiro dr. Fantástico e o sonho da arma total. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
[46] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 49-50.

A Guerra Fria claramente agravou essa sensação de temor. Por exemplo, em 15 de maio de 1957, o Reino Unido fez seu primeiro teste nuclear. Em julho do mesmo ano, os EUA testaram a maior bomba desse tipo. Em seguida, a URSS exigiu a suspensão dos testes. Porém, no mês seguinte, os soviéticos afirmaram ter superado os EUA no desenvolvimento de lançamento de mísseis de longo alcance[47]. Esses encadeamentos de acontecimentos, que eram freqüentes, somados ao desconhecimento sobre a URSS, acabaram afetando o imaginário popular e a guerra nuclear tornou-se uma possibilidade real, porém, abstrata para a maioria das pessoas. Assim, quando os EUA envolveram-se na Guerra da Coréia, muitos acreditaram que a III Guerra tinha começado[48]. Frente a isso, além da ênfase na Defesa Civil nos círculos políticos, houve várias recorrências, entre as pessoas, às religiões, à auto-ajuda, às ciências da mente, à psicoterapia ou até mesmo à filosofia existencialista[49]. Assim, o que Kahn afirmava estava inserido dentro desse contexto, da forma que o sociólogo americano-israelense Amitai Etzioni bem definiu, em 1961, no Washington Post: "Kahn faz para as armas nucleares o que os defensores do amor livre fizeram para o sexo: ele fala com candura de atos que os outros cochicham atrás de portas fechadas"[50]. E como veremos ao longo da dissertação, havia uma intenção ao abordar tais questões de forma tão aberta, que não foge da prática do planejamento do futuro.

As especulações dos homens do Hudson, e de seu porta-voz, Herman Kahn, não se restringiram aos EUA, chegando, inclusive, a alcançar o Brasil. Devido a isso, Kahn foi duas vezes convidado a vir ao país. A primeira viagem foi em novembro de 1969 e a segunda, em setembro de 1970. Ou seja, em menos de um ano, Kahn esteve duas vezes no Brasil. Essas duas visitas tão próximas tiveram como principal motivo o interesse, tanto de órgãos públicos quanto de privados, pelo método e pelos resultados das previsões realizadas, inclusive as do *O ano 2000*. Todavia, a aceitação pública do especulador foi complexa e várias controvérsias o cercaram.

Um primeiro ponto, e que incomodou bastante a imprensa e alguns pensadores e políticos brasileiros – como João Paulo do Reis Veloso, que era, em 69, ministro interino do planejamento[51] – foram as previsões de Kahn sobre o crescimento econômico do Brasil. Esta celeuma em relação às previsões de Kahn sobre o Brasil refletiu-se na imprensa do período,

---

[47] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 25.
[48] Ibid., p. 27, 85-87.
[49] Ibid., p. 29-30.
[50] Ibid., p. 10.
[51] Maiores detalhes de sua contrariedade a Kahn podem ser vistos na entrevista que ele deu à Veja e Leia. PEREIRA, Raimundo Rodrigues; VELOSO, João Paulo dos Reis. Os mitos do ano 2000. **Veja e Leia**. São Paulo, n. 41, p. 3-6, jun. 1969.

ora evidenciando certa mágoa com o autor, ora tornando-se pejorativa e até agressiva. Uma reportagem da Manchete de novembro de 69 dá a dimensão dessas duas formas de tratar o autor. O título da reportagem demonstra a dimensão irônico-ofensiva: "Quem ama um gordo profeta?"[52]. Na introdução da reportagem aparece o ressentimento: "Herman Kahn, o mais famoso dos futurologistas, passou a ser muito conhecido no Brasil por suas previsões, em nada otimistas para nós (…)"[53].

A primeira vinda de Kahn para o Brasil só aumentou a polêmica. Nas primeiras entrevistas e palestras que ele proferiu, foi acusado de mudar alguns números sobre o crescimento do país, o que, para imprensa, representava uma imprecisão na sua metodologia de especulação e, portanto, não a tornava digna de confiança. A Veja e Leia, já na segunda visita de Kahn, alertava, aos que queriam seus conselhos, sobre a imprecisão de seus dados[54]. Frente aos números que, segundo a imprensa, variavam conforme a fala do futurista, a ironia com a sua figura aumentou, alcançando, inclusive, níveis mais ofensivos. É famosa a foto tirada por Darcy Trigo em que Kahn aparece saindo da piscina, a qual, posteriormente, rendeu-lhe uma comparação com um símio. Tal foto ganhou, ainda, o prêmio Esso de fotografia de 1970[55]. As reportagens, no geral, também comentavam constantemente a massa corporal exagerada que o futurista possuía, sempre pondo esta característica como denegridora de sua capacidade[56].

Então, percebe-se que Kahn possuiu, nos fim dos anos 60 e começo dos 70, uma relativa importância dentro do contexto nacional, a qual também é indicada pelo número de obras dele traduzidas para o português e todas lançadas, no Brasil, após *O ano 2000*. Algumas são: *Pensando no Impensável* (EUA:1962, Brasil:1971), *Escalada: metáforas e cenários* (EUA:1965, Brasil: 1969), *Japão, superpotência* (EUA: 1970, Brasil: 1970) e *O futuro da empresa* (EUA: 1975, Brasil: 1975). Mas essa influência não se restringiu ao Brasil, sendo que conferências a respeito da especulação sobre o futuro foram feitas também em outros países, assim como nos próprios EUA[57]. Apesar dessa notoriedade de Kahn perder força, muitas de suas idéias e métodos ainda são usados.

Sua idéia mantém-se presente, nos EUA, por meio do Instituto Hudson, o qual ainda visa estudos diversos sobre o futuro, utilizando-se da metodologia criada e desenvolvida pela

---

[52] QUEM ama um gordo profeta? **Manchete**. Rio de Janeiro, n. 917, ano XVII, p. 26-29, nov. 1969. p. 26-27.
[53] Ibid., p. 26-27.
[54] Vide nota 2.
[55] CARTA ao leitor. **Veja e Leia.** São Paulo, n.118, p.15, dez. 1970.
[56] UM cavalheiro do apocalipse. **Veja e Leia.** São Paulo, n. 63, p. 25-27, nov. de 1969, p. 26.
[57] FUTURO: como será. **Veja e Leia.** São Paulo, n. 104, p. 38, set. 1970.

RAND e por Kahn, além de outras ferramentas pensadas desde então. Há, ainda, a *World Future Society*, a qual congrega vários futurólogos do mundo inteiro, organizando eventos e encontros e publicando três revistas, além de outros meios de divulgação das pesquisas futurológicas. Ela existe desde 1966[58]. Um ponto interessante são os capítulos ligados à Sociedade ao redor do mundo. No Brasil, existem dois. Um, em Campinas, ligado à PUC e ao professor Arnoldo de Hoyos, que também está ligado ao Núcleo de Estudos do Futuro da PUC-SP. O outro capítulo da WFS no Brasil é em São Paulo, ligado à Escola do Futuro, da USP, e ao professor Fredric Michael Litto. Outros locais que trabalham com o tema no Brasil são o Laboratório de Estudos do Futuro da Universidade de Brasília e o Programa de Estudos do Futuro da FIA-USP[59]. Dentro do departamento de Administração da PUC de São Paulo, foi escrita uma dissertação de mestrado, em 96, de Carlos Alberto Mariano, a qual foi citada aqui, que discorre sobre a proposta futurológica. E um recente curso ministrado na Faculdade de Administração e Economia da USP tem, em sua bibliografia básica, o livro *O ano 2000* como um método de construção de projeções e cenários futuros[60].

Organismos internacionais também recorrem aos estudos futuros. A ONU o faz por duas vias distintas. A UNESCO[61] possui projetos de orientação de suas políticas baseados em métodos futuristas, e o Projeto Millenium, o qual está ligado à UNU[62], congrega diversos futuristas e pesquisadores com o intuito de planejar políticas mundiais futuras[63]. Além disso, algumas instituições internacionais se dedicam especificamente ao estudo do futuro. Algumas delas são: o curso de mestrado "Studies of the Future Program", da University of Houston, Texas, EUA, iniciado em 1975 com o apoio da NASA; o curso de mestrado on-line "Future Studies" da Southern Cross University da Austrália; o curso de bacharel e mestrado em "Foresight and Future Studies" da Leeds Metropolitan University na Inglaterra; e a International Space University, de Strasbourg, França [64].

---

[58] Todas informações sobre a sociedade foram retiradas do site: <http://www.wfs.org/> Acesso em: 13 nov. 2008.

[59] LITTO, F. M. **A universidade e o futuro do planeta.** [S/l.], [20--?]. Disponível em: <kn.open.ac.uk/public/getfile.cfm?documentfileid=10245>. Acesso em: 9 nov. 2009. p. 6-7

[60] Página do programa do curso ministrado em 2006 de Desenvolvimento Econômico e Social, do prof. Dr. Darcy Carvalho da FEA: http://www.econ.fea.usp.br/novo_site/graduacao/PROGRAMAS_DISCIPLINAS/eae0504_darcy.pdf . Acesso em: 29 mai. 2007.

[61] United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

[62] United Nations University – Universidade das Nações Unidas

[63] MARIANO, C.A., 1995, p. 45. Apesar de a dissertação ser de 96, uma visita aos sites da Unesco ou do projeto Millenium mostra como essas duas frentes da ONU ainda utilizam os estudos futuros.

[64] LITTO, F. M. [20--?]. p. 8-9 (nota 23).

Como será visto mais à frente, no corpo da dissertação, Kahn trabalhou, no livro *O ano 2000*, com o conceito de *cenário*. Inicialmente usado com fins militares, nos anos 80, foi usado pela Royal Dutch Shell para dirigir e planejar seus negócios. A Shell já estava familiarizada com tais estudos, uma vez que, em 69, anteviu uma possível crise de petróleo, o que a fez buscar o recurso nas águas do Mar do Norte antes de suas concorrentes[65].

É possível perceber que a grande tentação do futurismo como proposta é, portanto, o fato de poder antever e lidar com o futuro. Nos anos 60, essa forma de prever o futuro se percebia como nova e, logo, diferente das outras por uma suposta rigidez metodológica. É dentro dessa idéia que o livro *O ano 2000* foi escrito, apresentando-se, principalmente, como uma proposta de um método para previsões. É esse método o objeto desta dissertação, por acreditarmos que ele é portador de uma teoria da história, no sentido de constituir uma base epistemológica e um entendimento da história. Porém, além disso, apresenta uma forma especulativa para a sucessão dos acontecimentos. A presença da história nesses estudos do futuro é clara, por exemplo, quando Litto apresenta as cinco grandes abordagens possíveis deles, pondo, como uma delas, a macro-história, que identifica, então, as grandes mudanças sociais e da civilização[66]. Assim, o compromisso dessa dissertação é identificar como, no método de planejamento do futuro proposto por Kahn e Wiener, a história é pensada e utilizada.

Portanto, a principal fonte deste trabalho foi o livro *O ano 2000*. O livro possui duas introduções, uma dos autores e outra, de Daniel Bell, quem Kahn conheceu em 1962. Bell, que surgiu com um *New York intellectual*[67], com formação em sociologia, não se manteve muito tempo associado ao grupo, devido à relutância em se pôr como um neo-conservador e por suas polêmicas tanto com a esquerda como com a direita[68]. Bell participou, então, da constituição do Conselho para o Futuro, onde conheceu o futurista francês, Betrand de Jouvenel. Os dois, pelo interesse comum, aproximaram-se do Hudson para discutirem questões sobre o planejamento do futuro, assim como problemas políticos e sociais que

---

[65] THIESEN, J. da S., 2008, p. 4-5; STALEY, D.J. A history of the future. **History and Theory.** Middletown, v. 41, n. 4, Theme Issue 41: Unconventional History, p. 72-89, Dez. 2002. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0018-2656%28200212%2941%3A4%3C72%3AAHOTF%3E2.0.CO%3B2-R>. Acesso em: 10 out. 2007. p. 78.

[66] LITTO, F. M. [20--?]. p. 2.

[67] Grupo americano que surgiu nos anos 30 propondo um comunismo revolucionário anti-Stalinista. Todavia, nos anos iniciais da Guerra Fria, assim como ao longo da mesma, o grupo pendeu para um posicionamento mais conservador e de direita.

[68] BRUCE-BIGGS, B., 2000. p. 287; WALD, A.M. **The New York intellectuals**: the rise and decline of the anti-stalinist left from the 1930s to the 1980s. Chapel Hill: The University of North Carolina, 1987. p. 353.

poderiam surgir. Essa aproximação fez com que Bell tornasse-se um membro do Instituto[69]. Após alguns anos, Bell transformou o seu "Conselho para o Futuro" na "Comissão sobre o ano 2000" da Academia Americana de Artes e Ciências, a qual serviria para aconselhar as administrações governamentais a partir de planejamentos e antecipação de problemas e perceber as mudanças sociais e estruturais tanto nacionais quanto internacionais, visando a discussão de políticas para tais mudanças. Por fim, permitiria também a ênfase em tendências que parecessem positivas, assim como a revisão de outras aparentemente nocivas[70]. Kahn e o Hudson participaram das discussões da comissão. Os trabalhos do Hudson que decorreram dessas reuniões, somados com outros trabalhos de cinco anos antes sobre futuros alternativos, resultaram no livro *O ano 2000*[71].

Além das duas introduções, o livro possui dez capítulos. Oito capítulos – do segundo ao nono – são dedicados à especulação sobre o ano 2000, mostrando as variáveis possíveis que os autores identificaram. Os outros dois capítulos – o primeiro e o décimo – tratam de questões sobre o método de especulação, suas utilidades e problemas. Devido ao objetivo da dissertação, acabamos nos concentrando no primeiro e no último capítulos do livro[72]. Dos outros oito, tivemos que deixar várias coisas de fora, por dois motivos complementares. Primeiramente, o recorte teórico da dissertação já limitou um trabalho mais aprofundado, uma vez que o livro aborda várias áreas ao querer tratar sobre o futuro da humanidade. Porém, o outro motivo – e que agrava ainda mais a limitação do recorte – é que os livros de Kahn tendiam a um conjunto de ensaios dispostos de forma caótica[73]. Principalmente *O ano 2000*, que resultou de um conjunto de relatórios.

Para organizar seus escritos, Kahn sempre usou colaboradores. O primeiro que ele contratou, o matemático Irwin Mann, em 54, deu início a esse processo. Sua tarefa, ainda na época da RAND, consistia em gravar as palestras de Kahn e, depois, Mann, ou um dos secretários, usava as gravações como base para os textos. Mann editava, corrigia e livremente re-escrevia as palavras do futurista, mas eram as idéias de Kahn que prevaleciam. Porém, como Mann expõe, Kahn, distraído, desorganizado e inconstante, abandonava um estudo sem

---

[69] BRUCE-BIGGS, B., 2000, p. 287.
[70] BELL, D., 1967 apud BRUCE-BIGGS, B., 2000., p. 287.
[71] BRUCE-BIGGS, B., 2000, p. 287-288.
[72] Todavia, é possível perceber que a maior parte da dissertação (88 páginas, capítulos 3 e 4) é sobre os capítulos do miolo do livro, enquanto que para os capítulos inicial e final do livro ficou uma parte relativamente menor (86 páginas, capítulos 1, 2 e 5). Porém, se compararmos esses números com os de páginas do livro, veremos que, de fato, a dissertação se concentrou nos capítulos final e inicial, que totalizam, na edição americana, por exemplo, 93 páginas de 413 páginas totais de texto – sem contar as introduções – do *O ano 2000*.
[73] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 78-79.

tê-lo finalizado. Havia, assim, um enorme mito de que alguma coisa era estudada, porém, segundo Mann, o futurista não estudava nada[74]. Foi Wiener, então, que provavelmente conseguiu dar uma coesão ao texto do *O ano 2000*, deixando-o menos espalhafatoso e confuso. Todavia, nem todos os problemas foram resolvidos, já que não há muitas referências às obras usadas para as afirmações e propostas presentes no livro. Isso se deve, em parte, por uma falta de cuidado e atenção de Kahn em citar suas fontes[75].

Então, em meio a tantas discussões que se sobrepõem ao longo do livro, muitas vezes sem referência, identificamos um eixo expositivo, o qual permitiu o entendimento do processo histórico conforme os autores. Contudo, algumas discussões complementares, que poderiam interessar a outras áreas, como de relações internacionais, economia, geopolítica, entre outras, acabaram ficando de fora em prol da identificação do processo histórico e de como ele é entendido e teorizado no livro. Assim, no primeiro capítulo da dissertação, apresentamos a trajetória histórica dos planejamentos e os conceitos básicos do método de Kahn e Wiener, buscando entender em que concepção de tempo eles foram pensados e autorizados, assim como os problemas com os quais tinham que lidar. Essa discussão parte principalmente da introdução dos autores e do primeiro capítulo do livro. O segundo capítulo ainda é baseado no primeiro do livro e apresenta a tendência múltipla em seus detalhes, a qual é um conceito importante para os autores no desenvolvimento das especulações do futuro e na compreensão de história. O terceiro e o quarto capítulos da dissertação remetem aos oito capítulos do miolo do livro. Neles, expomos como os autores entendem o desenvolvimento da história, de forma factual e geral, e como ele, então, articula-se com as extrapolações e as especulações sobre o futuro e, logo, como os conceitos são aplicados nessas projeções. Por fim, o último capítulo da dissertação é parcialmente baseado no último capítulo do livro, no qual os autores discutem os problemas do planejamento do futuro. Além disso, nesse capítulo final da dissertação, também arrematamos a questão do entendimento histórico – enquanto teoria e processo – presente na obra.

A introdução de Bell dá a exata dimensão do que a obra pretende e de como o método de planejamento do futuro é concebido. Inicialmente, o sociólogo identifica formas anteriores de abordagem do futuro. O texto começa com o comentário sobre a coleção *Today and Tomorrow*. Lançada nos anos 20, a coleção era composta por mais ou menos oitenta livros e tratava de predições do futuro – feitas por pessoas notáveis naquele período – sobre diversos

---

[74] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 78-79.
[75] BRUCE-BIGGS, B., 2000, p. 288-289.

assuntos como alimentação, moda, judeus, Índia, crime, etc[76]. Os títulos dos livros faziam referência a algum aspecto mitológico ou retórico grego, que era acompanhado por um tema. Por exemplo, o livro *Dédalo ou a Ciência do Futuro*, de J. B. S. Haldane[77]. Contudo, o que chama a atenção de Bell para a coleção são fatores como

> seu caráter fantasioso – os julgamentos pessoais e até mesmo preconcebidos – o tom leviano e até mesmo cômico – como se a idéia de especular sobre o futuro tivesse algo de absurdo, mas uma qualidade agradável – e, na realidade, uma falta de seriedade[78]

Há, portanto, uma clara depreciação da coleção no que concerne à forma que ela aborda o futuro. Ainda nesta linha, Bell acredita que há outro problema, pois os livros refletiam apenas a "'opinião'"[79] dos autores, principalmente os ensaios sobre a sociedade, considerados como fracos. Para ele, os que fugiam um pouco disso eram os que tratavam de ciência e tecnologia[80]. Bell justifica essa fraqueza afirmando que

> […] esta capacidade desigual, na série, é também evidente nos escritos de H. G. Wells, o homem que inspirou todos os esforços. Em seu primeiro livro – Antecipações – escrito exatamente no início do século, Wells profetizou algumas mudanças sociais com impressionante precisão, mas falhou totalmente quanto a outras predições[81]

Então, Bell é enfático: todos esses profetas do passado[82] falharam nas análises sociais, pois

> Se há uma diferença decisiva entre os estudos do futuro, que hoje se realizam, e os de ontem, ela consiste numa crescente complexidade da metodologia, bem como num esforço de definir fronteiras – intersecções e interações – dos sistemas sociais que entram em contato entre si[83]

Bell rompe, ainda, como duas outras formas, de maneira rápida e sutil. A quebra aparece na afirmação de que o "interesse recente pelo futuro é bastante novo"[84]. Ou seja, o interesse pelo futuro já existia antes, uma vez que, como Bell mostra, os homens sempre tentaram descobrir o seu destino por meios diversos. Alguns consistiam em "[…] mapear estrelas, ou ler vísceras de animais"[85]. É uma referência, portanto, a formas esotéricas e proféticas de abordar o futuro. Após referir-se às formas proféticas, Bell afirma que a

---

[76] BELL, D., Introduction, In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967. p. xxi.
[77] Haldane foi um geneticista e evolucionista escocês.
[78] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxi.
[79] Ibid., p. xxii.
[80] Ibid., p. xxii-xiii.
[81] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxiii; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p.19, grifo do autor.
[82] Não confundir com a expressão utilizada por F. Schelgel. Aqui, Bell está falando das pessoas que tentaram prever o futuro antes de 1967.
[83] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxiv; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 20-21.
[84] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxiv.
[85] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967. p. xxiv; BELL, D., In: KAHN, H; WIENER, A.J., 1968, p. 21.

preocupação decorrente da guerra, dos campos de concentração, do fascismo e da depressão mundial fez diminuir o interesse pelo futuro, o que durou praticamente 25 anos. Contudo, esse desinteresse, após a Guerra, foi apenas relacionado ao que Bell chama de modos apocalípticos de pensamento, os quais associa aos pensamentos de Toynbee, Spengler e Sorokin[86]. O sociólogo aponta, ainda, que o interesse pelo futuro também seguia outros caminhos, como a evolução mental substituindo a evolução física, conforme Teilhard de Chardin, ou a ficção científica, tal como em Arthur C. Clarke.

Em contraposição a essas formas anteriores, Bell demonstra que o ressurgimento do interesse pelo futuro com o qual se alinha é comprovado pelos institutos e revistas que surgiram ligadas aos estudos do futuro. Algumas delas eram: as revistas francesas *Prospectives*, de Gaston Berger, filósofo e industrial francês, que chegou a ser diretor do Ensino Superior do Ministério da Educação da França entre 1953 e 1960, e *Futuribles*, do controverso jornalista francês Bertrand de Jouvenel; na Inglaterra, associado ao Conselho de Pesquisa de Ciência Social, surgiu o Comitê dos Próximos Trinta Anos; já nos Estados Unidos, a Fundação Ford inaugurou a *Resources for the Future* – além dos órgãos já comentados[87].

Conforme Bell, a primeira motivação para esse re-interesse pelo futuro foi o aspecto milenar que cercava o ano 2000[88] e, portanto, a sua significação escatológica. Este fascínio com os anos cheios deve-se a eles se referirem à provável reencarnação de Deus, que se tornara, na Antigüidade e Idade Média, o elemento de formulação cronológica[89]. Parte dessa crença adveio do difundido apocalipse de João, o qual fala do período de mil anos para os acontecimentos como a Ressurreição de Cristo e o fim do mundo[90]. Assim, o ano 2000 guardava uma idéia de possível fim dentro da tradição cristã e, de alguma maneira, inquietou os homens daquele período, uma vez que a questão nuclear, assim como o rápido crescimento bélico, tanto em número, quanto em capacidade das armas, era um caminho possível para o fim. Outra motivação identificada por Bell foram os romances espaciais e a consciência de que o homem poderia alcançar o espaço[91].

---

[86] BELL, D., In.: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxv. É complicado se ater à idéia de pensamento apocalíptico nesses autores. Por ora, é possível entender essa síntese no sentido de esses autores supostamente apresentarem visões fatalistas para a história.
[87] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxv.
[88] Ibid., p. xxv.
[89] FRANCO JR., Hilário. **O ano 1000**. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 36.
[90] Apocalipse, 20, 1-6, In: BÍBLIA Sagrada, São Paulo: Ave-Maria, 2001, p. 1574.
[91] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxv.

Contudo, essas motivações eram as menores, sendo a orientação por propósitos político-sociais específicos o grande caráter diferenciador da motivação para estudar o futuro. Isso acontecia, conforme Bell, pois as sociedades estavam relacionadas ao crescimento econômico, ao crescimento do padrão de vida das pessoas e ao planejamento, controle e direcionamento da mudança social. Assim, os propósitos orientados por essas características sociais seriam modelados pela metodologia, a qual forneceria uma base mais confiável de alternativas realísticas para o futuro[92].

Uma vez que as teorias de mudanças sociais anteriores, como as do século XIX, foram calcadas, para Bell, em processos sociais, entendidos como "teorias da evolução, imanência, ciclos e coisas parecidas"[93], em meados do século XX, na visão do sociólogo, esse cenário mudou. A intervenção clara de elementos humanos, especificamente figuras do governo, os quais tentaram controlar as alterações visando um fim particular, passou a existir. Essa intervenção fez-se necessária, conforme Bell, devido a três fatores. Primeiramente, à consciência da mudança rápida proveniente do desenvolvimento das comunicações e dos transportes e, por isso (e segundo fator), a necessidade de antecipar tais mudanças e de planejá-las. O terceiro fator foi a natureza do tempo. Bell entende esta "natureza do tempo" como a "descoberta" de ciclos referentes a certos aspectos urbanos e sociais, como o tempo de reconstrução de uma cidade ou de expansão dos serviços médicos, por exemplo[94]. Então, planejar não era mais um ato meramente mecânico, mas era um "problema de escolha (...) Assim, planejamento e racionalização são uma só coisa"[95]. E continua: "Tudo isso coloca-nos no limiar de uma antiga e persistente busca humana: a de escolher o nosso futuro"[96].

Era o método, então, uma maneira de garantir um controle do futuro de forma racional, pois, como Bell desenvolveu, não se tratava de predizer o futuro, "como se o futuro fosse um vastíssimo tapête do tempo, desenrolado até algum ponto longínquo"[97], mas de delinear "futuros alternativos", ou seja, "os resultados prováveis de diferentes escolhas, de

---

[92] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxv.
[93] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxv-xxvi; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p.22.
[94] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 22.
[95] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 22.
[96] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 22.
[97] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 22-23.

modo que a nação possa conhecer os custos e as conseqüências de diferentes desejos"[98]. Com esta concepção de tempo, que acompanha uma intenção para o futuro, Bell afirma que apareceu, então, "uma nova sofisticação em metodologia"[99]. Esta nova sofisticação guardava alguma porção de história e de como conhecê-la, pois o método consistiu em "reunir séries cronológicas, tanto para traçar linhas de tendência, como para extrapolar prováveis desenvolvimentos"[100].

Contudo, há uma ressalva. Daniel Bell afirma que a existência da tendência não garantiria sua perpetuação, mas que a perceber já ofereceria um conhecimento relativamente seguro sobre possíveis desenvolvimentos. É em torno de uma transformação estatística – embora nem sempre contabilizável – que o autor recorre a termos como "possíveis", "prováveis", "variáveis", nos quais se assentam parte da especulação de *O ano 2000*. A utilização dessas palavras se dá, pois

> (…)Ninguém pretende que possam ser profetizados "acontecimentos" isolados. Esses acontecimentos são freqüentemente contingentes ou até mesmo irracionais. Nem se pode predizer o que os historiadores chamam de "pontos críticos", nas vidas de homens ou de nações; são acontecimentos (…) que podem levar nações para novas direções. Todos esses eventos, contudo, são restringidos por vários contextos: de recursos, de costumes, de vontade. E eles são modelados, de igual modo, por tendências básicas na sociedade humana: o progresso da ciência, alfabetização, interdependência econômica e coisas semelhantes. Este livro, portanto, não é um exercício de profecia: é um esforço para traçar as restrições da escolha social[101].

Dessa forma – como a introdução de Bell mostra – na proposição metodológica para planejamentos de *O ano 2000*, há uma clara visão sobre o tempo e sobre a sucessão dos atos humanos ao longo do tempo, a qual, como pretendemos mostrar, reflete uma determinada concepção de história.

O livro recebeu críticas positivas, negativas e compreensões equivocadas, todavia, conseguiu também um bom destaque, sendo traduzido em diversos idiomas e atingindo a marca de cem mil cópias vendidas e um faturamento de cem mil dólares, tornando-se o livro mais comercial de Herman Kahn. Essa obra foi, conforme Bruce-Biggs, um dos trabalhos mais significativos no campo da futurologia, apresentando métodos amplamente influentes e tornando Kahn um pensador do futuro. A característica interdisciplinar e coletiva do livro colaborou com a ascensão do Instituto Hudson, fazendo com que, em 69, Kahn e Wiener,

---

[98] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 23.
[99] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 23.
[100] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxvi; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 23.
[101] BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xxviii; BELL, D., In: KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 25.

assim como todo o Instituto, fossem procurados pela nova gestão presidencial americana, agora sob a figura de Richard Nixon[102].

Há, todavia, poucos trabalhos aprofundados sobre o *O ano 2000*. Existem algumas resenhas disponíveis em algumas revistas acessíveis por meio do Jstor. Sobre Kahn, também há pouco. Dois livros foram escritos com fins biográficos sobre o autor. Um, em 2000, escrito por B. Bruce-Briggs, um membro do Instituto Hudson, o qual aborda toda a vida de Kahn. O outro, de 2005, escrito pela historiadora Sharon Ghamari-Tabrizi, centra-se apenas no período da vida de Kahn da época da RAND até o começo dos anos 60, quando lançou o *On thermonuclear war*.

A percepção da visão de história presente no livro partiu, inicialmente, da leitura da obra, buscando identificar tanto as referências citadas para a construção da concepção histórica, quanto as referências não citadas diretamente. Em paralelo à busca do embasamento teórico e epistemológico, ocorreu uma procura por aspectos contextuais e estruturais. Todavia, não se partiu da construção de um conjunto contextual *a priori*, mas, pelo contrário, a partir de questões levantadas pelo livro e pela bibliografia, recorreu-se às explicações contextuais.

Assim, nessa leitura, percebeu-se a conexão do passado, do presente e do futuro dentro da obra, todos entendidos como conceitos que dependem de contextos históricos e também os determinam. Com isso, constitui-se um pensar histórico que não está restrito a um único contexto. Por exemplo, no primeiro capítulo, apresentamos algumas formas históricas que remetiam ao futuro, como o planejamento e o prognóstico, buscando mostrar como elas estavam articuladas com o momento histórico em que foram pensadas. Contudo, há também, adaptações que são feitas de um contexto para o outro. É o caso do planejamento aqui estudado, que se iniciou em um ambiente militar e, pouco a pouco, expandiu-se para outros âmbitos, havendo, com isso, readaptações de conceitos. Assim, alguns desses conceitos acabaram se tornando, no *O ano 2000*, conceitos sobre a história. Contudo, essa não é a única apropriação. Kahn e Wiener também utilizaram conceitos históricos, formulados por outros autores, dentro do universo do que pretendiam no seu livro.

Destarte, no livro, existem vários elementos se sobrepondo de forma pouco convencional para nós historiadores, como, por exemplo, a história do século XX, que serviria como amostragem para especular sobre o futuro a partir de uma forma de reprodutibilidade. Porém, essa idéia, que possui uma historicidade anterior, não pode ser excluída da

---

[102] BRUCE-BIGGS, B., 2000, p. 293-295.

temporalidade em que foi pensada, a saber, a Guerra Fria. Este período pressupunha uma corrida por poder, mas, também, um temor em relação a uma das formas de exposição deste poder: a tecnologia. Existe, portanto, um plano ético que se confunde com a questão da soberania das nações e de suas ideologias trans-nacionais. É nesse sentido, também, que a obra mostra-se mais claramente como um discurso que visa ações, sendo o planejamento do futuro o meio para justificar essas ações no presente. Para isso, os autores se apropriam de linguagens diversas, da economia, da política, da história, entre outras, e constroem sua própria, que é a do futurismo.

As previsões acabam, portanto, servindo como orientação para as políticas governamentais e coorporativas. Essas ações podem, obviamente, ter uma finalidade positiva, visando, assim, resolver problemas como desigualdades sociais, crises econômicas, conflitos, entre outras coisas. Porém, podem servir para ações escusas. É buscando entender como se dá essa autoridade do planejamento, que permite tanto uma ação quanto outra, que o estudo sobre a proposta futurista também é importante.

Sharon Ghamari-Tabrizi, ao comentar sobre as motivações para a realização de sua pesquisa sobre os escrito nucleares de Herman Kahn, referiu-se à administração do governo americano no começo do século XXI. "Existem coisas que sabemos (…) conhecer. Existem os desconhecidos sabidos, coisas (…) que sabemos agora que não conhecemos. Mas há também os desconhecidos não sabidos, coisas que não sabemos que não conhecemos"[103]. Esse intricado discurso de 2002, proferido pelo secretário de defesa norte-americano, Donald Rumsfeld, era sobre a possibilidade de o Iraque possuir armas de destruição em massa, as quais poderia estar compartilhando com o Al-Qaeda. Tabrizi, a partir do discurso, discute que o problema da segurança nacional dos EUA sempre esteve penetrado desses "desconhecidos não sabidos", ou de idéias como "a ausência de evidência não é a evidência da ausência"[104]. Em outras palavras, sempre existiu um clima de desconfiança em relação aos outros e ao próprio país, no sentido de se ele estava preparado frente aos problemas que poderiam aparecer. É justamente pelo conhecimento e pelo desconhecimento presente e futuro, que o futuro torna-se passível de planejamento e controle. É esse controle do futuro que acaba justificando, então, certas práticas presentes, como, por exemplo, invadir o Iraque. Desta

---

[103] Tradução nossa para: "There are things we know … we know. There are known unknowns, things … we now know we don´t know. But there are also unknown unknowns … things we don´t know we don´t know". GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 1.

[104] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 1.

maneira, pensando-se de uma forma mais ampla, os métodos sobre estudos do futuro podem ser muito úteis para justificar, explicar e travestir certas atitudes e políticas governamentais.

Pelo destaque do livro no passado, pela presença de sua metodologia ainda no presente e, principalmente, pelo fato do método e da proposta futuristas oferecerem uma visão de história, parece-nos oportuno abordar o tema. A ausência de um projeto total na história atualmente pode incomodar alguns setores da sociedade, os quais, então, podem recorrer a alguns esquemas de explicação histórica mais gerais. Os livros de Kahn, por exemplo, estão disponíveis nas prateleiras das bibliotecas e suas propostas correm em alguns meios. Suas especulações sobre o futuro podem ser entendidas por alguém como corretas, principalmente pela amplitude de algumas questões, assim como por algumas afirmações coerentes com a atualidade. Por isso é importante que a história, espaço privilegiado sobre a discussão da temporalidade, retome as diversas formas que o tempo foi pensado e empenhe-se em discutí-las. Com isso, poderá formular conceitos e perceber as contribuições de tais pensamentos, se não para a idéia sobre a história, pelo menos como um indicativo e reflexo de um período.

Um historiador, ao ler *O ano 2000*, pode perceber aspectos de sua linguagem de historiador sendo usados ali. No caso específico do *O ano 2000*, há elementos, por exemplo, que tratam do futuro como previsível a partir da história. Elementos que possuem um arcabouço e uma história própria, os quais, ao serem investigados, revelam um campo de previsões políticas para o futuro. Este campo se destaca após o fim da II Guerra em diferentes partes do mundo, com conceitos, idéias e intenções próprias e com nomes diversos.

Miremos, agora, *O ano 2000*.

1. O MÉTODO PARA OS ESTUDOS FUTUROS

1.1. A afirmação de um método no *O ano 2000*

O leitor é introduzido à obra pelo título emblemático: *O ano 2000*. O subtítulo do livro – *Uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos* – fornece o primeiro indício de uma das intenções do livro, a qual, ao longo do mesmo, é muito enfatizada e constantemente retomada. Essa intenção é a elaboração de um método. O subtítulo indica, portanto, que o ano 2000 servirá como referência à constituição de uma base organizada para realizar especulações (uma estrutura para especulação), logo, um método para falar sobre o futuro.

A obra possui duas introduções, as quais ressaltam esse aspecto metodológico do livro. A de Bell, como já vimos, introduz as questões que permeiam essa preocupação metodológica. A dos autores, por sua vez, é curta e funciona como uma apresentação do que a obra anseia. Curiosamente, eles retomam o subtítulo dizendo que o livro é exatamente aquilo[105]. Como "aquilo" não está exatamente claro, eles o afirmam a partir do que ele não é, ou seja, que "está longe de ser uma soma exaustiva de conjeturas sobre todo elemento importante do futuro; é menos ainda uma tentativa de 'predizer' qualquer aspecto do futuro"[106]. Portanto, a preocupação central não é a previsão do futuro em suas diferentes e possíveis formas. Em suma, conforme os autores, o tema central do livro não é a previsão do futuro.

A obra é, destarte, apresentada como uma proposta metodológica inicial. Por isso, conforme os autores: "metodológica, sinóptica e contextual"[107]. É, portanto, uma apresentação resumida e organizada de um método. O entendimento da proposta obscurece-se na continuidade, quando os autores dizem que a obra se pretende, ainda, "'heurística', 'propedêutica' e 'paradigmática'"[108]. Primeiro chama a atenção o fato de as três palavras estarem entre aspas, o que permite considerá-las com um significado aproximado do empregado comumentemente. Porém, todas estas palavras têm significados bastante complexos e amplos. Cabe, então, entendê-las da forma mais simples e corriqueira. Pretender-

---

[105] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xix.
[106] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 15; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xix.
[107] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 15. KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xix.
[108] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 15; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. xix.

se heurístico pode ser, portanto, ver-se como proponente de uma forma de se buscar soluções ou de realizar pesquisas, investigações a partir de hipóteses não necessariamente comprovadas. Propedêutico, como introdutor de um conjunto de conhecimentos. Paradigmático, como elaborador de um modelo. As três palavras se associam claramente a uma proposta de pesquisa e a um método que servem como ponto de partida ou de base.

Os autores não apresentam tal método como acabado, defendendo que ele deveria ser construído gradual e sistematicamente, conforme pesquisas nesse sentido fossem realizadas. O livro é, portanto, para os autores, um primeiro passo para a constituição de um método para especular sobre o futuro[109].

1.2. As bases para o método de especulação

No primeiro capítulo, chamado *Mudança e Continuidade*[110], há uma primeira parte, que tem como título a pergunta: *Por que especular tão à frente?*[111], a partir da qual os autores apresentam os alicerces que possibilitam e justificam o método. Assim, ao perguntar "por que especular …?" busca-se justificativas para a prática de especular. Todavia, as justificativas não se dissociam do modo como especular. Esta dissociação não existe, pois a especulação, que é apresentada com fins políticos, entendidos como o conjunto de medidas administrativas, organizacionais, econômicas, normativas, etc, tomadas para alcançar determinados fins, gera a necessidade da elaboração de um método. E a existência do método, por sua vez, acaba dando as dimensões do que é possível alcançar e realizar com a previsão. Essa não-dissociação se potencializa, ainda, com a substância do que se prevê, já que as questões políticas têm um fim estritamente prático e, por isso, não devem fugir do âmbito do realizável, sendo, este realizável, tanto um motivo quanto uma maneira. Ou seja, é preciso responder se é possível, para ter uma resposta para "por que". Por outro lado, a resposta do "por que", que visa um fim

---

[109] KAHN, H.; WIENER, A.J.,1967, p. xix.
[110] KAHN, H.; WIENER, A.J.,1968, p. 27; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 1.
[111] Em inglês: *Why speculate far ahead?* KAHN, H; WIENER, A.J., 1967, p.1.; Na edição brasileira, foi traduzido como *Por que especular com tanta antecedência?* (KAHN, H.; WIENER, A.J.,1968, p. 27). Todavia, essa tradução parece contradizer a própria atividade de planejamento. Antecedência pode supor que exista um ano 2000 pronto no futuro e, então, a questão é por que especular tão antes dele se concretizar. Contudo, a idéia de especular "tão à frente", passa a idéia de um futuro aberto, no qual o ano 2000 pode, então, estar distante, longe da concretização. Como veremos, essa última tradução coaduna melhor com o que o método de planejamento de Kahn e Wiener pretende.

prático, já molda a outra questão – a da possibilidade prática. Dessa forma, o texto pendula sutilmente na busca dessas duas soluções, ora para os porquês, ora para o como.

Frente à pergunta que abre o sub-capítulo, a resposta, vaga, é que há várias boas razões para se especular sobre os próximos 33 anos. E, então, a discussão toma a via do método. Os autores defendem que o essencial, na predição, é buscar apresentar as condições futuras com detalhes razoáveis e ponderar como os resultados dependem das escolhas políticas atuais. Entretanto, somente esses dois processos não possibilitariam o controle do futuro. Esta impossibilidade decorreria do grau das incertezas, as quais proviriam, por sua vez, do hiato temporal relativamente grande entre os anos de 1967 e 2000, já que ele não permitiria saber como as decisões políticas do presente interfeririam no futuro[112]. Esse problema relativo às incertezas acompanha a resposta para a questão base. Se a pergunta inicial era "por que especular com tanta antecedência?", os autores precisam, ainda, pensar, mesmo que de forma oculta, algo como: "é possível especular com tanta antecedência?". A resposta a que chegaram, por enquanto, conforme exposto, é algo como: pode ser tentado, mas estará repleto de incertezas.

Aventado o problema das incertezas, como um desafio à previsão e ao planejamento do futuro, os autores rapidamente retornam aos motivos de realizar especulações sobre o futuro, deixando de lado, por ora, a questão do como. Segundo eles, as especulações de longo alcance poderiam servir como um estímulo para imaginação, já que poderiam alargar os horizontes e aumentar a criatividade, características indispensáveis para o planejamento. Serviriam, também, como base para estudos menos longos, como planejamentos que abrangeriam períodos entre cinco e dez anos, tendo, assim, um valor heurístico. Por fim, ajudariam na antecipação de problemas e, então, na elaboração de suas soluções[113].

As duas primeiras funcionalidades não sofrem qualquer influência problemática do hiato temporal, contudo, a terceira sofre. Por outro lado, a terceira é a única que permite justificar a existência de um método para previsões longas *per se*. Por isso, os autores dirigem a atenção a essa justificativa e, visando resolver esse campo de incerteza, elaboram as bases do método, as quais identificamos como quatro.

---

[112] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 1.
[113] Ibid., p. 1-2.

1.2.1. As três primeiras bases: os eventos cumulativos, o *timing* e a interdisciplinaridade

A primeira base (e primeiro passo), conforme Kahn e Wiener, é diferenciar eventos e tendências que se baseiem em circunstâncias únicas, ou em uma seqüência especial de acontecimentos, dos que dependem de fenômenos cumulativos. Fenômenos cumulativos seriam, por exemplo, a educação de um indivíduo, o planejamento urbano e o controle da população, ou seja, eventos que "continuam" de forma ordenada, constituindo uma seqüência padronizada. Por outro lado, os eventos únicos seriam, por exemplo, as questões de relação internacional e de segurança nacional. Uma vez diferenciados os tipos de eventos, as previsões deveriam ser feitas baseadas nos cumulativos[114], pela própria natureza seqüencial deles, diferentemente daqueles que são únicos.

Continuando no sentido de mostrar que o planejamento futuro é possível, os autores identificam um novo problema: o *timing*[115]. Ele relaciona os momentos de decisão e de realização das decisões, entendendo-os dentro da seguinte lógica: o presente é resultado do passado que o decidiu, e, por sua vez, o presente decide o futuro que se realizará. Há, nessa formulação, uma teoria de articulação temporal, a qual constitui a segunda base para o método. Os autores defendem-na, pois, segundo eles, os planejamentos, programas, políticas e sistemas de governo e militares mudam de forma relativamente lenta frente às decisões atuais, porém, mudam de forma rápida frente às decisões do passado. Crendo que este ritmo se manteria, os futuristas afirmam que o momento em que a decisão é tomada não corresponde ao momento da realização da mesma. Assim, algumas mudanças contextuais, que não foram cogitadas na decisão, poderão ter ocorrido no momento da realização. Porém, pouco poderá ser feito no futuro, pois, quando presente, as respostas não terão efeito imediato[116]. Ou, como os autores escreveram:

> podemos fazer menos para modificar situações sociopolíticas que estão mais próximas de nós e sobre as quais mais sabemos, enquanto que podemos exercer maior influência sobre aquelas situações futuras, das quais sabemos relativamente pouco, até mesmo quanto às nossas preferências[117].

Tal problema já fora percebido quando ocorreram as primeiras intervenções estatais. A importância do planejamento econômico nos governos ocidentais, como Myrdal mostra, foi um acontecimento não planejado, já que resultara de intervenções estatais, no período da

---

[114] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 2.
[115] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 2; Traduzido como "ritmo" na edição brasileira, KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 28.
[116] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 2.
[117] KAHN, H.; WIENER, A.J., loc. cit.

Revolução Industrial, para otimizar algumas circunstâncias comerciais, como a construção de ferrovias, ou para resolver algum tipo de problema. Contudo, elas eram temporárias e limitadas, pois, se não fossem, contrariariam o ideal liberal do período. Porém, tais intervenções passaram a ocorrer em maior número e de forma mais complexa e a coordenação delas tornou-se uma necessidade. Assim, a intervenção não se mostrou temporária, como também não se restringiu somente à esfera em que tinha sido feita. Isso aparecia, por exemplo, quando uma decisão concernente a uma área rural acabava repercutindo nos setores urbanos. Além de não se limitarem ao espaço em que tinham sido efetuadas, as intervenções também se estendiam além do período em que tinham sido tomadas[118]. O planejamento acabou se tornando, então, "a alternativa 'liberal' ao verdadeiro caos criado pela intervenção estatal descoordenada e desorganizadora"[119].

Outro fator, desde a Revolução Industrial, que estimulou a intervenção, foi a possibilidade de indivíduos ou organizações fortes conseguirem controlar o mercado, normatizando e manipulando-o conforme seus interesses. Com isso, o Estado de ideologia liberal precisou intervir para evitar esses favorecimentos unilaterais[120]. Acompanhando esse processo, a própria democratização e o sufrágio universal colaboraram, pois, conforme as maiores camadas da população recebiam sua parte do poder político e tomavam consciência dessa força, elas pressionavam o Estado esperando uma intervenção ao seu favor, buscando a igualdade econômica[121]. Esses dois processos, atrelados às crises internacionais, contribuíram ainda mais para que a intervenção estatal existisse e continuasse[122]. O fortalecimento do Estado sobre as questões econômicas por meio da política se deu quando não apenas ele precisou intervir, mas também coordenar suas intervenções, assim como as ações dos outros elementos participantes da nação. Isso se concretizou tanto pela normatização do funcionamento das relações entre as organizações que representavam os diferentes setores da sociedade, quanto pela legislação[123].

O planejamento se intensificou ao longo do século XX, principalmente no período entre guerras, visando, a partir de então, a estabilidade interna, empregos, boas condições para a agricultura e assegurar a produção e o consumo, todas dentro de uma ótica protecionista[124].

---

[118] MYRDAL, Gunnar. **O Estado do futuro**: o planejamento econômico nos Estados de bem-estar e suas implicações internacionais. Rio de Janeiro: Zahar, 1962, p. 38-40.
[119] Ibid., p. 40.
[120] Ibid., p. 48-49, 58-60.
[121] Ibid., p. 54-55, p. 74.
[122] Ibid., p. 53.
[123] Ibid., p. 63-64.
[124] Ibid., p. 41-42.

Tal processo continuou no pós-guerra, principalmente no contexto da Guerra Fria, pois o direcionamento das despesas governamentais com armamentos e a necessidade de rivalizar com um oponente que apresentava tanto uma expansão física, quanto um desenvolvimento interno, fizeram necessária uma nova política de coordenação[125].

A importância do planejamento econômico estendeu-se, ainda, até os anos 60, pois, conforme Myrdal, nenhum país ocidentalizado abriria mão do planejamento econômico. Ou seja, "país algum está em posição de permitir que os assuntos monetários fiquem fora da política econômica ou, mesmo, fora da Política"[126]. A idéia de planejamento econômico é posta por Myrdal como "as tentativas conscientes feitas pelo governo de um país para coordenar as políticas públicas mais racionalmente, a fim de atingir mais completa e rapidamente os fins desejados para desenvolvimento futuro, determinados pelo processo político em sua evolução"[127]. Ela, portanto, pouco se diferencia do planejamento mais geral proposto por Kahn e Wiener. A diferença se dá, pois, no planejamento econômico, a ênfase está na questão econômica, fazendo com que a política se torne um acessório. Contudo, ambos os planejamentos não fogem da previsão, pois, quanto mais o Estado coordena e normatiza a economia, mais ele tende a elaborar previsões de curto e longo prazo, visando alterar as diretivas em relação ao comércio, às finanças, ao desenvolvimento e à reforma social[128].

Portanto, essas duas primeiras bases identificadas pelos futuristas são bases gerais para outros planejamentos também, pois elas são indissociáveis, complementando-se nessa idéia de como o planejamento acaba se tornando previsão, uma vez que se projeta para o futuro. Isso ocorre pela continuidade, o que, por sua vez, dá respaldo para os eventos chamados de cumulativos. A idéia de acúmulo refere-se às decisões e à coordenação das mesmas. Assim, os eventos cumulativos seguem limites determinados e que precisam ser refeitos com relativa constância, seguindo o resultado dos estudos e planejamentos. São, portanto, eventos que se realizam conforme o acúmulo de planejamentos que são elaborados e de decisões que são tomadas.

Então, os autores aproximam as duas idéias distintas que foram trabalhadas até agora. Uma, o planejamento político baseado no caráter acumulativo dos eventos e, portanto, na continuidade e, a outra, o hiato temporal causador das incertezas. Frente a isso, para os

---

[125] MYRDAL, G., 1962, p. 47, 61.
[126] Ibid., p. 46.
[127] Ibid., p. 40-41.
[128] Ibid., p. 78-80.

autores – e voltando a questão do "por que" – a preocupação não é somente antecipar os eventos futuros e fazer o desejável mais possível e o indesejável menos possível, mas – e como complemento disso – tentar expor quaisquer futuros que possam emergir. Por isso, afirmam que não há uma satisfação com planejamentos lineares, mas sim com planejamentos que permitam que um conjunto amplo de futuros possa ser considerado. Essa defesa se dá, pois, mesmo que a possibilidade seja pequena de que um desses futuros se concretize, é importante conhecer os problemas, perigos e oportunidades se tais futuros vierem a existir[129], abrangendo, com isso, um número maior de opções de como proceder e decidir.

Esse não era um problema novo com qual Kahn lidava. Ao pensar, ainda na época da RAND, sobre os jogos de guerra, entendidos como um conjunto de simulações de situações de guerra, que eram "jogadas" e desenvolvidas conforme suas diferentes possibilidades[130], ele afirmava que não bastava os jogos tratarem de situações prováveis, mas que deviam abordar, também, situações interessantes. Procedendo dessa forma, por mais que as situações fossem de baixa probabilidade, caso ocorressem, seria algo extremamente importante conhecer. Assim, o jogo deveria ser elaborado como um estudo de situações para alguém que gostaria de se instruir sobre as mesmas e não somente pela possibilidade de se tornarem reais. A proposta dos jogos não era, portanto, ser um oráculo[131].

Um elemento necessário para se delinear diversas possibilidades futuras seria um conhecimento amplo. Essa necessidade já era conhecida de Kahn também desde a época da RAND. Ao comentar, por exemplo, sobre a teoria dos jogos, como forma de simular e definir planejamentos, ele argumentava que não se poderia prognosticar as ações dentro de um jogo, sem conhecer a história e a personalidade de cada um dos envolvidos. Assim, ao simular um jogo, não era apenas matemática que os especuladores levavam em conta, mas também princípios de economia, política, sociologia, psicologia, história e etc[132]. Isso, então, resultou em um ambiente interdisciplinar, ainda na época da RAND[133].

Essa questão da interdisciplinaridade remete, ainda, a outra prática que Kahn conheceu ainda na RAND, a qual foi denominada de método Delphi. Desenvolvido em 1954 e usado inicialmente em questões militares, consistia na estruturação de um processo de comunicação igualitária entre todos os membros dentro de um grupo que visava abordar questões

---

[129] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p.3.
[130] KAHN, H.; MANN, I. **War Gaming**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008. p. 3.
[131] Ibid., p. 11.
[132] KAHN, H.; MANN, I. **Game theory**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008, p. 36-37.
[133] Conforme mostrado na introdução e cf. GHAMARI-TABRIZI, S., 2005 e cf. BRUCE-BIGGS, B., 2000.

complexas de forma ordenada[134]. Esse diálogo integrado intentaria um consenso aproximado a partir do conhecimento específico de cada um dos envolvidos. Kahn parecia preferir, contudo, o trabalho coordenado e com um responsável pelas decisões[135]. O futurista defendia a necessidade desses trabalhos conjuntos, pois um analista de sistemas ou planejador político acabava lidando com um contexto amplo e, por isso, deveria se cercar de *experts* de diferentes áreas e trabalhar de forma ativa e integrada[136], evitando que o planejamento se tornasse um simples conjunto de relatórios[137].

Frente a todas essas influências, e pela própria necessidade do que propõem como planejamento, os autores defendem a importância do trabalho interdisciplinar. Assim, afirmam que os estudos, se interdisciplinarmente bem conduzidos e integrados, têm maior capacidade de "incorporar introspecções relevantes", além de serem mais capazes de enfrentar questões reais da política. Contudo, os futuristas sugerem que, apesar de um estudo interdisciplinar exemplar não possuir mais chances de chamar a atenção dos tomadores de decisão do que uma fantasia política, ele deveria ser feito tendo a finalidade de dar recomendações aos mesmos[138].

1.2.2. A questão moderna e a quarta base: os fatores inalteráveis

Com a idéia de planejamentos flexíveis, seqüenciais – fruto de um conhecimento amplo e integrado – e que consideram as diversas possibilidades futuras, atenua-se a questão da incerteza do futuro, uma vez que ele acaba sendo ou a continuidade do presente ou planejado de forma ampla. Todavia, isso não resolve outro problema relativo à incerteza do devir: o da imprevisibilidade. Ela decorre do que os futuristas identificam como a origem das incertezas: mudanças rápidas aconteciam, motivadas pela inovação tecnológica e pelas problemáticas mudanças políticas, sociais e econômicas que acompanhavam a rápida expansão mundial da população[139].

Essa característica de rapidez das mudanças é um indicativo não só de um problema em relação à confiabilidade do planejamento do futuro, mas também de uma dada forma de se ver o tempo, pois as mudanças rápidas caracterizam a modernidade.

---

[134] LINDSTONE, H., 1975, p. 3 apud. MARIANO, C. A., 1995, p. 33.
[135] KAHN, H.; MANN, I. **Ten commom pitfalls**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008, p. 50-51.
[136] KAHN, H.; MANN, I. **Ten commom pitfalls**., 1957, p. 49.
[137] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 4-5.
[138] Ibid., p. 4.
[139] Ibid., p. 3.

Os tempos modernos significavam os novos tempos e, dentro do Ocidente cristão, remetiam a um porvir do mundo, que se concretizaria no Juízo Final[140]. Dessa maneira, o futuro do mundo pertencia à Igreja e a sua história e servia como elemento de poder[141]. Porém, pouco a pouco, essa posição se desgastou em virtude da incapacidade da religião encerrar as guerras civis religiosas, travadas ao longo do século XVI, na Europa. A religião agiu, inclusive, no sentido contrário, ou seja, acirrou as guerras, as quais existiam devido ao surgimento das diversas formas protestantes do catolicismo. Tais disputas só foram sanadas por meio da "política", ou seja, a partir de acordos políticos que visavam a igualdade religiosa, e, então, do esgotamento desses Estados religiosos. Com isso, a paz, atribuída ao Juízo Final, não veio após o período de guerras violentas, mas só se concretizou pela intervenção humana[142]. Presenciamos, assim, em um primeiro momento, a ascensão da idéia de política, no sentido administrativo e organizacional, dirigindo o relacionamento entre os Estados.

Essa prorrogação do Juízo Final resultou também no adiamento do fim do mundo, tanto pelos visionários cristãos, quanto pela astrologia. Frente a isso, os Estados religiosos, que se viam como guias da linha escatológica, perderam sua função. Isso produziu uma alteração na visão de história, começando pela separação da história sacra da história natural, sendo que a última, agora, que guardaria um fim para a humanidade. E, finalmente, a separação da história sacra da humana, esta, então, feita pelos homens, sem um fim pré-determinado e não dissociada da ascensão da política e, portanto, do Estado moderno. Com isso, o Estado moderno tornou-se o novo detentor do futuro, lançando-se contra as profecias. Mudanças, portanto, ocorreram, "o cálculo político e a contenção humanista delimitaram um novo horizonte para o futuro"[143] e a visão de fim do mundo foi substituída por outra, que permitia identificar uma Idade Antiga e uma Média, em oposição à Moderna que se anunciava e enunciava. "Desde então o homem passou a viver na modernidade, estando ao mesmo tempo consciente de estar vivendo nela"[144]. Esse novo tempo profano voltou-se para o futuro, sendo, assim, uma época "que está aberta ao novo que há de vir"[145]. Ou seja, crê-se que o

---

[140] HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade:** doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 9.
[141] KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2006, p. 26.
[142] KOSELLECK, R., 2006, p. 26-27.
[143] Ibid., p. 28-30.
[144] Ibid., p. 31.
[145] HABERMAS, J., 2000, p. 9.

futuro já começou e, portanto, orienta-se para ele e ao novo que parece acompanhá-lo[146].

Para Habermas, é essa abertura para o futuro que caracteriza particularmente esse "novo tempo". Assim, há um contínuo recomeço, já que "o início de uma época histórica repete-se e reproduz-se a cada momento do presente, o qual gera o novo a partir de si". Dentro dessa visão, o presente acaba ganhando uma posição de destaque, como aquilo que há de mais imediato e novo. É o contemporâneo[147].

Essa abertura para o futuro está claramente presente no *O Ano 2000*. Os eventos cumulativos pressupõem uma interconexão temporal e uma continuidade, as quais têm como conceitos centrais o momento de decisão e o momento da realização da decisão. Contudo, os autores se ocupam do momento de decisão como a situação do presente e, por isso, o mais importante momento. O presente adquire essa importância, pois se expande para o futuro como concretização da decisão, ou seja, abre-se para o futuro.

Apesar dessa tentativa de estabelecer uma continuidade, Kahn e Wiener reconhecem que a mudança constante que acompanhava a tendência para o futuro sempre novo minava a confiança na experiência prática como norteadora das políticas públicas e diminuía a utilidade do julgamento convencional no tratamento dos problemas sociais[148]. Dessa forma, para os autores, o conhecimento tradicional e os julgamentos intuitivos não aparentavam mais dar conta das questões, dificultando a mensuração do efeito das mudanças[149]. Ou seja, com a inovação constante centrada no presente, "o tempo é experienciado como um recurso escasso para a resolução dos problemas que surgem"[150], uma vez que há, então, por outro lado, um rompimento contínuo com o passado. Portanto, a aceleração do tempo mina a capacidade do presente como experiência, pois não pode ser vivenciado[151]. O tempo é comprimido e a modernidade não deseja e não consegue utilizar modelos anteriores para orientá-la, restando-lhe "extrair de si mesmo sua normatividade"[152].

Kahn e Wiener perceberam esse processo na tecnologia e na técnica. Como Benjamin apontou, uma grande manifestação que, produto da técnica, desmoralizou a experiência, foi a I Guerra. Não havia mais experiências para narrar, pois o que o homem encontrou foram formas de reduzir o ser humano a apenas mais um número entre os mortos por bombas ou

---

[146] HABERMAS, J., 2000, p. 9.
[147] Ibid., p. 11.
[148] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 3.
[149] Ibid., 1967, p. 3.
[150] HABERMAS, J., 2000, p. 10.
[151] KOSELLECK, R., 2006, p. 37.
[152] HABERMAS, J., 2000, p. 12.

outras técnicas de guerra[153]. O próprio Kahn foi artífice e testemunha de processo similar, agora, durante a II Guerra, quando percebeu – e mais tarde escreveu – que muito dos combatentes não tinha muita experiência com o equipamento, que, na maioria, era novo. Alguns, conforme Kahn, nem existiam antes da Guerra e, por isso, os militares não puderam se beneficiar de exercícios nem de discussões sobre eles. Sendo assim, o futurista defendia, nos anos 50, que, nesses casos, uma abordagem teórica ou analítica, com caráter quantitativo, poderia ser mais proveitosa do que confiar na experiência e conhecimento dos combatentes[154].

Após a Guerra, ao se inserir no contexto da substituição da experiência militar pelo conhecimento técnico-especulativo, Kahn indicou o aparecimento de áreas nas quais ninguém tinha experiência ampla e profunda. Portanto, conforme ele expunha, não bastava somente conhecer a tecnologia, era preciso saber as implicações das mudanças tecnológicas sobre as concepções estratégicas e operacionais[155]. Além disso, afirmava que havia se atingido um alto nível de cálculo relacionado às questões de planejamento militar. Para ele, esse conjunto de conhecimentos seria uma invenção intelectual, a qual estaria no mesmo nível de invenções técnicas, como o motor a vapor ou o telégrafo. Sustentando essa tese, argumentava que os conceitos necessários para esse refinamento no cálculo político-militar – como a função e a geometria analítica, por exemplo – surgiram no mesmo período dos inventos técnicos mencionados e da economia clássica. Contudo, para Kahn, foi só no fim do século XIX e, principalmente, após a II Guerra, que houve uma expansão dessas ferramentas intelectuais, da habilidade de computação e dos problemas adequados para este tipo de análise, as quais se tornaram populares por causa de sua utilização nos planejamentos militares[156].

Com isso, os primeiros analistas da RAND ganharam poder político, porém, as relações entre os militares e os analistas civis pioraram. Dessa maneira, durante o período de McNamara, a autoridade das políticas e estratégias de defesa saiu da experiência de combate dos militares veteranos para as simulações de combate dos analistas civis. Na visão dos técnicos da RAND, a longa familiaridade com sistemas de armas obsoletos ou não-atômicos retardou a adaptação militar à ameaça dinâmica da Guerra Fria. Isso os fazia crer, como Kahn disse, que o analista civil estava em melhor posição para lidar com problemas futuros e novos. Assim, as armas atômicas inauguraram uma colossal mudança de autoridade[157]. Não só elas, mas também toda a questão técnica sobre guerras, que ia desde o cálculo da relação custo-

---

[153] BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1. p. 115.
[154] KAHN, H.; MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p.4
[155] KAHN, H.; MANN, I. **Ten commom pitfalls**, 1957, p. 31.
[156] KAHN, H.; MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p.1-2, 36-37.
[157] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 47-49.

benefício na compra de mísseis, até os cálculos dessa relação de acordo com o número efetivo ideal para furar defesas inimigas, o qual era obtido a partir das simulações dos jogos de guerra[158]. Essa mudança refletia-se na resposta que Kahn dava aos que questionavam sua capacidade de decidir sobre guerras: "Quantas guerras termonucleares você lutou recentemente?"[159].

Dessa época do planejamento militar, Kahn, então, trouxe duas coisas: os conceitos e um problema. Houve, claramente, uma adaptação de conceitos da época militar para o planejamento mais abrangente da época do livro. Portanto, além da necessidade de vender um método inteligível para seus clientes, alguns conceitos foram ampliados e transformados, decorrentes de um conhecimento prévio, uma vez que o planejamento mais abrangente lidava com problemas semelhantes que o militar possuíra. Algumas adaptações feitas foram, por exemplo, os conceitos de analista de sistemas[160], *design* de sistemas[161] e elaborador de modelos[162], que se transformaram em planejamentos futuros e elaboradores de políticas.

O problema, por sua vez, foi a imprevisibilidade das mudanças, as quais, como os autores perceberam na época do *O ano 2000*, não se restringiam às questões militares. Frente a isso, afirmam que os elaboradores de políticas tinham muitas informações novas e variações a considerar e, por outro lado, pouca experiência diretamente relevante para os novos problemas[163].

Assim, tem-se uma interessante contradição. O planejamento, na época militar tido como uma mudança inovadora, encontrava, nas mudanças, um problema crucial. Frente a isso, Kahn e Wiener adaptam outros dois conceitos trazidos da época militar: os julgamentos intuitivos e a opinião embasada. Com julgamentos intuitivos, Kahn referia-se às decisões cotidianas e, portanto, que se baseavam na experiência e formação individuais. Kahn opunha-os à opinião embasada, a qual demonstra sua lógica normalmente por meios quantitativos. A opinião embasada foi apresentada por Kahn, em duas formas: 1) o melhor caso: é um exame razoável e imparcial de fatos conhecidos com descontos devidos e explícitos por causa das incertezas; 2) o pior: pode ser uma racionalização extensa e má conduzida de posições pré-julgadas. Em todo caso, as duas partem do elemento "racional", entendido como algo palpável, passível de ser exposto por cálculos e números, a partir dos quais a pessoa pode

---

[158] KAHN, H.; MANN, I. **Game theory**, 1957, p. 31; KAHN, H.; MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 16-26.
[159] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 49, tradução nossa.
[160] Cf. KAHN, H.; MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957.
[161] KAHN, H.; MANN, I., **Ten commom pitfalls**, 1957, p.5-6.
[162] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 130.
[163] KAHN, H.; WIENER, A.J., 2005, p. 3.

formar sua opinião[164]. Sendo assim, o julgamento intuitivo é algo muito mais "livre", não embasado, a não ser em uma experiência ou intuição individual e, quiçá, intercambiável.

Kahn, então, presenciou a força da inovação, no seu caso, o método especulativo – e suas diversas ferramentas – como a alternativa frente ao novo perfil das guerras e das questões militares. Todavia, esse rompimento com a antiga experiência militar e, portanto, o rompimento constante com o passado de forma geral, poderia tornar a previsão inviável. Contudo, a idéia de presente dos autores resolve esse problema, já que é não é um presente que se volta para o futuro como algo novo, mas como continuidade. Nesse sentido, a idéia de acúmulo de decisões e de planejamentos que cercam os eventos cumulativos visa fugir do escopo das mudanças. Esta continuidade se assenta, ainda, em outra fórmula, a qual os autores recorrem para resolver o problema da aceleração da mudança. Eles afirmam que há fatores inalteráveis e tradicionais nos homens, nas sociedades e nas culturas, os quais continuam a desempenhar papéis importantes e até mesmo decisivos[165].

Seguindo essa idéia de perenidade de alguns fatores humanos, e pensando no papel dos elaboradores de políticas e da dificuldade em avaliar a importância de todos os desenvolvimentos do século XX, os futuristas apontam que cabe a quem projeta o futuro distinguir as mudanças das continuidades e o que é contínuo nas próprias mudanças[166].

Com isso, os autores apresentam o que identificamos como as quatro bases, em cima das quais eles desenvolverão o método. Elas são: 1) há dois tipos de acontecimentos: os únicos e os que cabem dentro de uma continuidade, sendo em cima deste segundo tipo que as previsões devem se basear; 2) o presente, no qual se decide, está preso ao passado que o decidiu, mas, por outro lado, ele determinará o futuro – como resultado da decisão; 3) a previsão deve ser feita de forma interdisciplinar e integrada; 4) existem fatores perenes nos homens, que subjazem as mudanças rápidas que ocorrem. Tais bases visavam vencer alguns problemas que poderiam inviabilizar o planejamento, como a rapidez das mudanças e as incertezas do futuro.

Há, todavia, uma questão ainda: a substância da continuidade. Se, por um lado, há uma defesa, por parte dos autores, de que o planejamento é algo inovador, o qual tem como base os eventos cumulativos e o *timing*, por outro, a continuidade no sentido apresentado de acúmulo de planejamentos e de decisões não deveria existir, pois o próprio planejamento é ainda incipiente, uma inovação. Sendo assim, o elemento de perenidade é outro que não aquele

---

[164] KAHN, H.; MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 5.
[165] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 3.
[166] Ibid., p. 3-4.

relacionado somente aos eventos cumulativos. São, portanto os próprios fatores humanos que sustentam essa continuidade. Cabe, agora, entender como o método se constitui em cima dessas duas questões que se contrariam: a perenidade e as mudanças.

1.3. Os conceitos básicos: tendência múltipla, projeção livre de surpresas, mundo padrão, variações canônicas e cenários

Na segunda parte do primeiro capítulo, chamada *Método: projeções padrão e tendências múltiplas*, os autores iniciam a apresentação dos conceitos básicos para a realização e a exposição das previsões. Kahn e Wiener desenvolvem todo o trabalho a partir de cincos conceitos: tendência múltipla, projeção livre de surpresas, mundo padrão, variações canônicas e cenários[167].

O conceito fundamental é *tendência múltipla*. A partir dele, os outros conceitos adquirem significado e relevância. A tendência múltipla surgiu da necessidade de identificar tendências longas, importantes e que aparentam uma possível continuidade, servindo, ainda, como elemento congregador. Centrada na sociedade ocidental, a tendência múltipla se estende desde o século XI ou XII e é dividida, pelos autores, em 13 tendências. Elas não são nem fixas, nem fechadas e possuíam grandes chances, na visão dos autores, de se estenderem além de 1967 e alcançar o ano 2000, apesar de poderem apresentar alguma saturação ou recessão[168]. Portanto, é a partir da tendência que a história é delineada, estabelecendo-se os padrões e permitindo, assim, a projeção e a especulação do futuro. O encerramento da exposição da tendência se dá com uma pergunta: como, a partir das tendências, extrapola-se para um ponto várias décadas à frente?[169]

Visando responder a pergunta lançada, os autores apresentam outros dois conceitos: *mundo padrão* e *projeção livre de surpresas*. A projeção livre de surpresas é a projeção mais clara, pois, conforme o próprio nome diz, ela pressupõe uma continuidade sem grandes alterações. Porém, como os autores argumentam, seria bastante surpreendente se ela ocorresse, uma vez que seria pouco provável o não aparecimento de mudanças tecnológicas ou eventos surpreendentes na política. É considerada, portanto, uma projeção ingênua, apesar de razoável. A partir dessa projeção se delineia o mundo padrão, ou os mundos padrões. Esses

---

[167] Usei os temos conforme a tradução brasileira. Cf. KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968.
[168] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 5-7.
[169] Ibid., p. 7.

mundos são usados com a intenção de servir como veículos para discussões, suposições e apontamentos futuros, e para a consideração de alternativas futuras. Reconhecendo, ainda, uma possível crítica, os autores afirmam que o critério de escolha de alguns mundos futuros em detrimento de outros é arbitrário, porém necessário para poder elaborar os planejamentos[170].

Além da arbitrariedade, os autores também recorrem a certezas probabilisticamente subjetivas[171]. Para, por exemplo, expor a ocorrência de algo, os futuristas argumentam que é interessante, em alguns momentos, estabelecer algumas estimativas quantitativas, sem, contudo, crer que elas apresentam um resultado exato. Dessa forma, se há a consideração de variação de uma dada projeção entre cinco e dez, não significa que ela não poderá ser menor que cinco ou maior que dez. Essa estimativa reflete somente a crença na chance de 2 contra 1, ou de 5 contra 1, ou, ainda, de 20 contra 1, de que a variável em estudo poderá oscilar entre 5 e 10. Todavia, para os autores, essa aposta não significa total confiança no resultado. Os autores recomendam e utilizam (pouquíssimas vezes) esse método de exposição como um recurso para comunicar suas especulações sobre o futuro de forma quantitativa e com relativa precisão sobre o que se pensa, principalmente quando essas se referem a aspectos quantitativos[172].

Partindo do mundo padrão, há as *variações canônicas*. Elas também são resultado da projeção livre de surpresas, ou seja, não fogem do modelo que é o mundo padrão, apenas apresentando algumas variações. Denominam-nas de canônicas, pois suas características foram escolhidas de forma ponderada, seguindo mais critérios de conveniência metodológica do que critérios realistas, sempre tentando possibilitar, assim, a comparação entre os mundos[173]. Essa variedade de opções é defendida no livro como uma fuga de abordagens únicas, as quais tenderiam a ser "procustianas", ou seja, tentariam encaixar as diferenças dentro de sua estrutura para o mundo futuro. Assim, para os mundos padronizados e os contextos canônicos, assume-se apenas pequenas variações das tendências seculares básicas[174].

Dessa forma, o mundo padrão e suas variações canônicas seriam a envergadura mínima para as projeções sistemáticas e possíveis para os próximos 30 anos. Esse limite de tempo se impõe, conforme os autores, pois é difícil optar por qualquer conjunto de tendências

---

[170] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 8, 38.
[171] Ibid., p. 37.
[172] Ibid., p. 37-38.
[173] Ibid., p. 249.
[174] Ibid., p. 9.

constantes e sustentar que elas serão elementos dominantes além de 30 anos. Por mais que tendências lineares ou exponenciais não sejam impossíveis, para Kahn e Wiener, a história moderna parece apresentar características cíclicas que abarcam períodos curtos, como decênios. Sendo assim, esse conjunto formado pelo mundo padrão e as variações canônicas abrange desenvolvimentos não implausíveis em relação às condições existentes. Ele é mais vantajoso, na opinião dos autores, porque está mais adaptado às discussões sobre o futuro, já que não considera grandes surpresas. Por outro lado, quando usado em projeções mais longas, essa ausência de surpresas o torna insustentável, mas não inútil, já que pode oferecer casos específicos ou exemplos que podem servir para a elaboração de hipóteses[175].

Um método complementar de lidar com as variações, e que os autores consideram valioso para o estudo e avaliação de como fatores complexos e incertos podem interagir, é o *cenário* e os *futuros alternativos*. Os cenários são definidos como a construção de seqüências hipotéticas de eventos com o propósito de focar os processos causais e os pontos de decisão de forma que se culmine em uma situação pensada. Servem, dessa forma, para abordar dois tipos de questões: como uma situação hipotética poderia ocorrer, passo a passo, e que alternativas existem, para cada ator, e em cada passo, para facilitar, alterar ou prevenir o processo. Sendo assim, alguns cenários podem destacar grandes problemas, como uma crise ou um acontecimento que culmine em uma guerra. O foco, portanto, pode ser em acontecimentos militares, na dinâmica interna de países, nas negociações entre rivais, na relação de aliados, etc. Outros cenários podem servir como projeção do desenvolvimento do mundo no futuro, tanto do todo, quanto de partes, como, por exemplo, a cultura, alguma nação ou alguma classe[176].

Sendo assim, o cenário está adaptado ao tratamento de eventos pensados em conjunto, integrando vários elementos com algum grau de simultaneidade. Dessa forma, o cenário, trabalhado de forma ampla, permite ao analista obter uma noção dos acontecimentos e dos desenvolvimentos conforme as escolhas críticas. Esses desenvolvimentos podem ser utilizados ou como um contexto para discussão, ou uma possibilidade "designada", à qual é possível se referir para vários fins. Com essa utilização, Kahn e Wiener concebem a oportunidade de destacar as possibilidades do futuro, o qual é mutável e, portanto, desconhecido. Outras vantagens do cenário é que ele força o analista a trabalhar certos detalhes e integrações e levanta problemas que poderiam ser negligenciados. Por fim, os

---

[175] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 12-13.
[176] Ibid., p. 6, 262.

cenários servem como "anedotas históricas", que podem substituir a falta de exemplos concretos e reais[177].

Os futuros alternativos, por sua vez, complementariam os cenários, gerando variações deles que serviriam como fundamentos para exposição e discussão, para a comparação sistemática de políticas alternativas ou para análise e exame de questões específicas. O conjunto de cenários e futuros alternativos levaria a rotas alternativas, que ajudariam a perceber o que pode ser evitado e o que pode ser facilitado, auxiliando, assim, nas decisões a serem tomadas[178].

Dessa forma, com a utilização do cenário e dos futuros alternativos, os autores acreditam alcançar um espectro de contextos futuros que não inclui somente as expectativas principais dos planejadores políticos, mas também outros casos de interesse. Portanto, ao elaborarem uma série de futuros, Kahn e Wiener esperam não apenas compreender os fatores isolados e suas interações, mas as conseqüências destes. A construção desses contextos, por fim, pode clarificar os destinos e melhorar o entendimento da importância do atual e de como ele poderia ser diferente[179].

O cenário e os futuros alternativos complementam o mundo padrão e suas variações, pois focam em pontos mais específicos, pensando os eventos particulares e imaginando suas possíveis continuidades. O mundo padrão, por sua vez, oferece uma visão estrutural de todo o processo. Sendo assim, o cenário também acaba servindo para especular sobre algumas situações além do mundo padrão e para projetar possíveis desenvolvimentos além dos esperados, servindo como hipóteses. Todavia, todos partem da tendência múltipla e resultam de desdobramentos dela.

A idéia por trás das projeções livres de surpresas, das variações e dos cenários, assim como alguns problemas, foram transportadas do período de planejamento militar e readaptadas ao novo contexto. Ao realizar as análises de sistema, Kahn se preocupava com as incertezas que estavam associadas com a tentativa de predizer qual seria o meio no qual o sistema estudado se estenderia. Todavia, reconhecia, já naquele período, que era inevitável a ocorrência de algo improvável, sendo, portanto, o mais improvável que nada improvável acontecesse. Frente a isso, defendeu a elaboração de sistemas bastante flexíveis, que fossem capazes de trabalhar sob uma grande variedade de circunstâncias[180]. As variações canônicas e

---

[177] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 262-263.
[178] Ibid., p. 6.
[179] Ibid., p. 6.
[180] KAHN, H.; MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 87.

os cenários também não fogem dessa idéia, pois elas são essa variedade de circunstâncias possíveis. Além delas, Kahn e Wiener ainda desenvolvem outras variações, como por exemplo, a tabela de possíveis causas de mudanças surpreendentes[181], ou mesmo o capítulo VIII, chamado *Outros pesadelos do século XX*[182].

O termo cenário também já era usado nesse conjunto de trabalho com variações futuras desde a época militar. Pensando nos jogos de guerras, Kahn afirmou que uma das maiores fraquezas deles era serem custosos tanto em tempo, quanto em esforço humano, quando se considerava as variações de um cenário de guerra. Apesar disso, era notório que um grupo que trabalhava em um cenário adquiria um conhecimento valioso sobre as variações[183]. Esses problemas das diversas variáveis também apareceram, para Kahn, ao trabalhar com a teoria dos jogos. Pensando na classificação dos jogos, uma distinção feita foi entre jogos finitos e infinitos. Os infinitos apresentavam duas formas: 1) um número infinito de escolhas possível em um movimento e 2) a possibilidade de o jogo continuar indefinidamente[184]. Não é muito difícil perceber algumas semelhanças entre a forma de trabalhar esses jogos e a especulação do futuro. O futuro seria, à primeira vista, um jogo infinito em sua continuidade, e com possibilidades infinitas em um movimento. Porém, como já vimos, Kahn e Wiener tentam limitar essa infinitude em relação, por enquanto, às possibilidades de lances em cada jogada, ou de coisas que podem acontecer em cada momento de decisão.

Finalizando a apresentação dos conceitos básicos, os autores fazem uma interessante auto-reflexão histórica. Afirmam que o mundo padrão construído não está fora do momento em que foi pensado e, por isso, reflete as esperanças e os temores do momento, resultando na ênfase de tendências que já estão se esvaecendo ou de eventos com importância diminuída[185]. Frente a isso, fazem uma advertência:

> quase todos os dias há alguma chance de vir à tona alguma nova crise ou algum acontecimento não esperado, o qual se torna um ponto de virada histórico, mudando a direção das tendências atuais de tal forma que as expectativas para um futuro distante devem mudar[186]

Ao longo das décadas, para eles, algumas dessas mudanças poderiam ocorrer, ocasionando a obsolescência de qualquer estudo futuro[187].

---

[181] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 24.
[182] Cf. KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967.
[183] KAHN, H.; MANN, I. **War Gaming**, 1957. p. 13-14.
[184] KAHN, H.; MANN, I. **Game theory**, 1957, p. 22.
[185] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 13.
[186] Ibid,, p. 13.
[187] Ibid., p. 13.

Dessa forma, mudanças podem ocorrer no futuro e, por fugirem do que foi planejado e serem, portanto, desconhecidas, ainda constituem um problema. Como vimos, o cenário pode ser uma maneira de lidar com isso, já que cria exemplos ilustrativos de situações que talvez não existiram, nem nunca existirão. Essa questão do exemplo que instrui tem, dentro do método de planejamento de Kahn e Wiener, uma atenção própria, constituindo, assim, outro conceito: a metáfora heurística.

1.4. A metáfora heurística

A metáfora heurística tem duas utilizações complementares, mas distintas. Ambas referem-se à história, porém, uma, às teorias, outra, aos acontecimentos. Com isso, os futuristas retomam uma distinção comum à história, enquanto disciplina e ciência. Dray e Martins pontuam bem essa distinção, ao pôr que a palavra história possui diferentes sentidos: 1) a sucessão dos acontecimentos, sobre os quais os historiadores fazem seu trabalho, 2) o trabalho, o estudo do historiador e 3) o conjunto de trabalhos produzido pela ciência histórica, historiografia[188]. O estudo do historiador sobre a sucessão dos acontecimentos tem, ainda, outra clivagem possível. Dray entende a história, nesse sentido, com duas possibilidades filosóficas: a Filosofia Especulativa da História e a Filosofia Crítica da História. A primeira busca um sentido, um significado para o curso dos acontecimentos[189], sendo mais conhecida como Filosofia da História somente. A segunda intenta esclarecer a natureza da investigação do historiador, visando um estatuto científico e uma base epistemológica para a história[190], mais comumente chamada de Teoria da História. Como veremos, os autores recorrem à Filosofia da História ou aos diversos sentidos dados à sucessão dos acontecimentos, pouco discutindo questões da Teoria da História, usando o termo, inclusive, como sinônimo de Filosofia da História.

Retomando o problema de especular tantos anos à frente, Kahn e Wiener reconhecem a manifestação de mudanças que fogem da vontade ou do gosto do especulador. Afirmam, então, que essa mudança imanente à história já foi objeto de macro-historiadores e filósofos da história. Porém, alertam que a aproximação que realizarão dessas formas não significa que

---

[188] DRAY, W. H., 1977, p. 9; MARTINS, E.C. de R. História. **Crítica**: revista de Filosofia 30 ago. 2004. Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_historia.html>, 29 set. 2008.
[189] DRAY, W. H., 1977, p. 9.
[190] DRAY, W. H., loc. cit.

a tendência múltipla dependa de alguma teoria da história. Sendo assim, tais teorias são usadas como elemento esclarecedor para algumas questões que surgem na tendência múltipla[191]. É um acordo complicado esse que os autores estabelecem, pois, apesar de afirmarem que sua tendência múltipla independe das teorias, estas clarificam aquela, constituindo, com isso, uma forma de relação de dependência.

Os autores, demonstrando um conhecimento relativo sobre história, afirmam que as especulações sobre o futuro possuem uma trajetória longa e variada, indo desde as literárias, como de Julio Verne e Edward Bellamy, até escritos humanísticos e filosóficos, como os de Arnold Toynbee, Oswald Spengler, Pitirim Sorokin e Jacob Burckhardt. Iniciando uma análise dos modelos de teoria, Kahn e Wiener identificam, inicialmente, dois tipos de padrões nos diferentes autores: o progressista e o cíclico. Esses padrões são obtidos, conforme os futuristas, por três meios: 1) estudos históricos, como o caso de Edward Gibbon, 2) filosofias da história, como o caso de Toynbee e 3) teorias histórico-sociológicas, como o caso de Sorokin. Prosseguem, argumentando que, apesar de algumas observações e suposições terem diferido nessas teorias, alguns dados empíricos têm muito em comum[192].

Há, aqui, certa precipitação de Kahn e Wiener ao categorizarem uma forma de obtenção de um padrão histórico como "baseados em estudos históricos" em contraposição àqueles baseados em filosofias da história ou em uma teoria histórico-sociológica. Toynbee, por exemplo, várias vezes afirmou que suas conclusões eram fruto de um trabalho empírico. Sendo assim, essa distinção parece equivocada. O que cabe, em defesa de Kahn e Wiener, é que, talvez, eles pensassem o caso de Gibbon como um estudo histórico destituído da busca de um padrão geral e universal, já que estava restrito ao universo romano. Não pensava as ascensões e quedas de impérios, mas sim a ascensão e queda do caso romano especificamente. Portanto, Gibbon não tinha a intenção de delinear um padrão, enquanto Sorokin e Toynbee fizeram disso seu objeto. Dessa forma, Gibbon realizou um estudo histórico crítico – conforme distinção de Dray – enquanto os outros tenderam à filosofia especulativa. Porém, os autores não esclarecem o que pensam sobre esses temas.

A preocupação deles em relação às diferentes teorias da história parte das aproximações tanto teóricas quanto empíricas, as quais, então, são chamadas de *metáforas heurísticas*. Eles entendem esse processo como comparar as diferentes suposições e conclusões dos diferentes autores – afora suas intenções – obtendo, com isso, uma sugestão de

---

[191] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 26-27.
[192] Ibid., p. 27.

possíveis padrões para o futuro. Porém, ressalvam que se deve rejeitar as defesas autorais de que determinada teoria forneça respostas precisas para as mudanças a longo prazo. Um exemplo desse trabalho heurístico seria a comparação entre os padrões de flutuação das culturas de Sorokin e a descrição do período de declínio de Roma de Gibbon[193]. Os autores não são claros em que se assemelha essa comparação, porém, veremos um possibilidade no próximo capítulo, quando discutirmos os padrões possíveis para a tendência múltipla.

Por ora, todavia, essa mesma comparação, para os futuristas, tem outro valor: a constituição da "opinião embasada". Ela permite, então, delinear os padrões para o futuro, pois as exposições condizem em alguns pontos, sendo que os estudos empíricos e especulativos da história complementam e autorizam o estabelecimento de alguns padrões. Assim, aproximamo-nos da segunda aplicabilidade da metáfora heurística. Para defender esse ponto de vista, Kahn e Wiener recorrem a uma comparação com a previsão climática.

Tal como a história, as condições do clima também não se repetem exatamente. Contudo, uma forma simples e bem confiável de predizer o tempo consiste em examinar os padrões anteriores, que se assemelham aos de hoje, e contar a porcentagem de vezes em que eles produziram e não produziram chuva. O resultado seria uma predição probabilística do tempo – relativo ao clima – futuro. O tempo (ainda relativo ao clima) é determinado por fatores materiais, entretanto, até nesse caso, não se poderia conhecer as variáveis ocultas que resolvem as indeterminações do tempo. A indeterminação, no que se refere às questões humanas seria, na concepção dos autores, mais básica e mais complexa. Para os futuristas, não existe uma coleção tão grande de protótipos análogos para serem selecionados e há importantes mudanças seculares básicas na estrutura geral na qual os acontecimentos ocorrem. No entanto, situações parcialmente semelhantes ou análogas podem, em parte, reproduzir resultados parecidos. Com isso, afirmam o *motto* da metáfora heurística: "A História pode não se repetir, mas pode parafrasear-se"[194].

Os autores reconhecem, contudo, que as analogias devem ser baseadas em uma experiência muito limitada devido a uma situação rapidamente cambiante. O uso de tais analogias é um processo inerentemente incerto e não confiável e, quando aplicado ao futuro, poderia ser até sistematicamente enganoso. Além disso, e opondo-se às visões de ascensão e queda, Kahn e Wiener afirmam que os acontecimentos históricos cruciais normalmente carecem de padrão e são acidentais. Todavia, isso não impede que muitos acontecimentos, ou

---

[193] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 27.
[194] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 32 (*History may not repeat itself, but it may paraphrase*); KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 64.

aspectos de acontecimentos, caiam em padrões empíricos ou teóricos. Qualquer que seja o mecanismo por trás desses padrões, os autores acreditam que eles podem ser usados para se trabalhar em analogia, ou pelo menos, por metáfora, para o levantamento de temas, questões, conjecturas e hipóteses, ou apenas para tornar as discussões mais ricas e mais claras[195].

Assim, a partir do momento que o livro é pretendido como uma estrutura para especulação a longo prazo, os autores acreditam que estariam errados tanto em ignorar as visões que poderiam ser recolhidas das filosofias da história, quanto tratá-las muito seriamente, como teorias rigorosas. Tratar as teorias de maneira desdenhosa, poderia causar uma injustiça com os historiadores sem eliminar, contudo, o risco de ser mal orientado por eles. Frente a isso, Kahn e Wiener acreditam que o uso heurístico e metafórico encaixa-se melhor nos trabalhos especulativos[196], principalmente no sentido de fornecer exemplos instrutivos, funcionando, dessa forma, como cenários do passado.

Tem-se, assim, a constituição metodológica básica do planejamento proposto por Kahn e Wiener. Ela visa refrear a rapidez de mudança própria do mundo moderno. Isso se dá, primeiramente, pela continuidade estabelecida pelos eventos cumulativos e pelo *timing* que regula o funcionamento do planejamento. Contudo, isso não romperia com a imprevisibilidade de algumas mudanças futuras desconhecidas. Então, contra isso, há, inicialmente, os fatores humanos inalteráveis e as tendências e os padrões seculares. Porém, por mais que isso não garanta o fim das surpresas decorrente das mudanças, os autores pensam um conjunto de ferramentas, como os cenários, as variações canônicas e a metáfora heurística, as quais permitem antecipar, se não a manifestação futura do problema, as formas possíveis de conhecê-lo e enfrentá-lo. Isso tudo, portanto, visando vencer ou minimizar os efeitos nocivos das mudanças futuras.

Apesar disso, não é possível dissociar o pensamento de Kahn e Wiener da modernidade, pois a estrutura do planejamento que eles propõem não é totalmente inédita, já que, dentro da modernidade e do tempo aberto para o futuro, uma abordagem semelhante ganhou destaque: o prognóstico racional.

---

[195] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 32.
[196] Ibid., p. 27.

1.5. O planejamento futuro de Kahn e Wiener como um prognóstico racional

O prognóstico racional destacou-se no momento do declínio da visão sacra da história e, assim, opôs-se às antigas profecias e funcionou como uma previsão racional. Conforme Koselleck, ele alcançou seu maior refinamento na Itália, nos séculos XV e XVI, e nas demais cortes européias, nos séculos XVII e XVIII. A base essencial para o prognóstico não era mais a de um futuro maniqueísta e marcado pelo Juízo Final, mas a de um futuro com um número limitado de possibilidades, tendo, algumas, mais probabilidades de ocorrer que outras. Precaver-se às surpresas vindouras foi outra característica desta visão, já que fez o planejador conhecer as diferentes possibilidades e não somente aquelas que pareciam mais óbvias. Além disso, com o advento de um tempo voltado para um futuro sempre novo, as incertezas cresceram e, portanto, este tipo de planejamento tornou-se mais importante, acompanhando a importância do futuro em relação ao presente. O próprio prognóstico oferece indicativos disso, já que ele se origina do e origina o futuro, no qual se projeta. É, portanto, uma abertura para o porvir[197].

Kahn e Wiener se aproximam, então, desse pensamento anterior, mas elaborado em outro contexto, e que indica, por outro lado, um contexto mais amplo que permite tais aproximações. Richelieu, um dos principais responsáveis pelo sucesso do absolutismo francês no século XVII, por exemplo, acreditava que os governos deviam prever os acontecimentos, pois, assim, conseguiriam antecipar muitos males, preparando-se, portanto, contra possíveis surpresas. Tal idéia fez o cardeal também afirmar que era mais importante pensar no futuro do que no presente. Dessa forma, Richelieu foi um dos homens que trabalhou com os prognósticos na Europa[198] e suas afirmações nos permitem perceber que a proposta de Kahn e Wiener pouco se diferencia dos prognósticos das cortes européias, constituindo-se, assim, um fenômeno que se encaixa na modernidade. Inicialmente, os dois compartilham a idéia de um futuro como passível de escolha e estatisticamente mensurável em diferentes graus de probabilidade. Além disso, ambos estão atrelados à política na tentativa de controlar o tempo, pois, a partir do planejamento, o futuro passa a ser decidido no presente e projeta-se a partir deste. É o novo que é capturado e dirigido pelo prognóstico. E, assim como é no prognóstico,

---

[197] KOSELLECK, R., 2006, p. 31-32.
[198] Ibid., p. 32.

é no futurismo, ou seja, o Estado – ou a empresa – é o elemento de integração e ultrapassa o mundo ao qual está limitado, projetando-se e determinando o futuro[199].

As semelhanças não cessam. Koselleck, ao expor o *motto* da arte do prognóstico, cita Aristóteles, que diz: "permanece indeterminada a verdade sobre os acontecimentos"[200]. Essa idéia condiz com aquela da dificuldade de perceber padrões em acontecimentos isolados e cruciais que Kahn e Wiener reconheceram. Koselleck utiliza a afirmação de Aristóteles para ilustrar que, apesar de o elemento de inovação no tempo existir, ele é passível de ser mensurado probabilisticamente. Isso se deve, pois, nos séculos já citados de prática do prognóstico, as forças políticas estavam limitadas pelo número de reinados, os quais possuíam, ainda, alguns elementos contabilizáveis, como número de tropas e de população e uma economia quantificável. Dessa forma, o futuro era, de alguma maneira, delimitado em suas possibilidades pela concretude do presente, a qual determinava, por sua vez, o alcance do prognóstico, que também tinha, como limite, o período de vida do governante[201].

Se os prognósticos de antanho visavam aplainar rivalidades militares dentro da Europa[202], no futurismo não há elementos muito diferentes, uma vez que os planejamentos, agora, não mais se limitam ao tempo de vida dos governantes, mas visam a manutenção de um dado tipo de Estado ou de uma empresa. Dessa forma, o planejamento tem fins sociais, políticos, econômicos, tecnológicos e culturais, intentando o estabelecimento de uma organização regional, nacional e até mundial.

Além da previsão do futuro estar determinada pelo contexto delimitado dos recursos e das disponibilidades materiais e pelo tempo de vida dos governantes, no prognóstico racional, a história era vista como um desenvolvimento natural. Com isso, ele re-aproximava o futuro do passado. "Um político poderia tornar-se mais inteligente ou mais esperto, refinar suas técnicas, tornar-se mais sábio ou mais cuidadoso; entretanto, a história jamais o levaria a regiões novas e desconhecidas do futuro"[203]. O prognóstico, portanto, não rompeu definitivamente com o passado, pelo contrário, se a modernidade se caracteriza por esse rompimento, o prognóstico trabalha no sentido de restabelecê-lo. Ele se projeta para o futuro, mas não realiza o rompimento com o anterior. Isso se dá por ele não ser um produto próprio da modernidade, mas de ser um elo entre a Idade Média e as repúblicas soberanas

---

[199] KOSELLECK, R., 2006, p. 32-33.
[200] Ibid., p. 31.
[201] Ibid., p. 33-35.
[202] Ibid., p. 33.
[203] Ibid., p. 35.

modernas[204].

Assim, a idéia de continuidade e a questão do passado como instrução, que se dão na proposta de Kahn e Wiener pelos acontecimentos cumulativos e pela metáfora heurística, respectivamente, também estavam presentes no prognóstico racional. Todas, então, visavam estabelecer alguma ligação entre o passado, o presente e o futuro. No caso do prognóstico, enquanto ele trabalhava com referências naturais, as quais tinham potencial de repetição, sua estrutura temporal permanecia estática, já que não se livrara do ciclo. Dessa forma, "o prognóstico implica um diagnóstico capaz de inscrever o passado no futuro"[205]. Logo, como o passado estava incluso no futuro, o Estado tinha seu campo de ação reduzido, uma vez que o passado só podia ser objeto de experiência por possuir um elemento do devir. É, portanto, um tempo com "capacidade estática de movimentação"[206]. Por outro lado, a história reuniria um conjunto de experiências de outros, o qual seria usado como instrução, como uma forma de repetir os acertos e evitar os erros[207]. Portanto, o prognóstico não tinha rompido, ainda, com o antigo conceito grego de *ktema es aei* (aquisição para sempre) e o posterior conceito romano de *historia magistra vitae* (história mestra da vida).

Aqui é importante fazer uma distinção. Há um argumento que, entre os gregos, existia uma visão cíclica. Assim, os filósofos gregos, de forma geral, não se preocupavam em encontrar um sentido básico para o mundo, pois estavam extasiados com a ordem e a beleza do Cosmos. De forma geral, portanto, havia uma visão circular, que seguia as estações do ano ou a alternância dos dias. As mudanças tinham uma regularidade, uma constância, que dava, ao todo, uma aparência de imutabilidade. Frente a isso, o acontecimento histórico, único e incomparável, não recebia atenção[208]. Era, portanto, a visão de um ciclo que nunca levaria a um lugar novo, pois era um eterno retorno[209]. Contudo, esse era um pensamento da maioria dos filósofos e não dos historiadores[210].

Por mais que Löwith aponte uma imutabilidade cíclica no pensamento de Tucídides, no que se refere à história[211], Momigliano a contradiz. Como Löwith expõe, o acontecimento

---

[204] KOSELLECK, R., 2006, p. 34-35.
[205] Ibid., p. 36.
[206] Ibid., p. 36.
[207] Ibid., p. 43.
[208] LÖWITH, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 17-18.
[209] Cf. MOMIGLIANO, Arnaldo. Time in ancient hitoriography. **History and Theory.** v.6, beiheft 6: History and the concept of time, p.1-23, 1966. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2504249>. Acesso em: 14 set. 2009.
[210] MOMIGLIANO, A., 1966, p. 13.
[211] LÖWITH, K., 1991, p. 19-21.

histórico parecia não possuir a aura cíclica, pois era único e irreprodutível[212]. Porém, com Tucídides, a história teria se cercado com a idéia de reprodutibilidade, já que tudo, de alguma forma, estaria predeterminado, pois pertenceria a um ciclo constante. Tudo aconteceria, uma vez que já aconteceu. Sendo assim, "ver" o futuro seria remeter-se à lógica cíclica presente no cosmos[213]. Porém, Momigliano, baseado em afirmações de Tucídides como: "(…) quem quer que deseje ter uma idéia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em conseqüência de seu conteúdo humano(…)"[214], não vê o aspecto do eterno[215]. Assim, a história era vista por Tucídides, por exemplo, como *ktema es aei*[216]. Ou seja, acreditava-se que os homens, conforme sua natureza, tendiam a assemelhar suas ações no decorrer do tempo, fazendo com que as ações futuras fossem análogas as do passado. Com Tucídides, a história ganhou, então, a característica de uma coleção de exemplos que serviriam como diretrizes da vida, tendo, assim, uma valia para o futuro[217]. Entre os romanos, Cícero, ao se referir aos modelos helenísticos, usou a expressão *historia magistra vitae*. Pensada dentro da oratória, significava a eternidade que o orador podia imprimir à história por expô-la como instrução para a vida. A história também seria, então, uma coleção de exemplos, sendo possível aprender com ela[218].

De forma geral, portanto, os historiadores gregos optaram por um método de história, posteriormente utilizado também pelos romanos, que consistia – como um dos critérios – selecionar uma série de eventos valiosos, evitando deixá-los ao esquecimento[219]. Isso, conforme Momingliano, não refletia o eterno retorno, mas sim a idéia de que a história fornecia exemplos futuros e não padrões para eventos futuros. Assim, invocando a necessidade da rememoração dos acontecimentos, essa idéia se opunha àquele tempo eterno, que podia destruir tudo devido ao seu ideal de repetição[220]. Então, após o domínio cristão, e com a derrocada das visões apocalípticas, a *historia magistra vitae* e como exemplaridade voltou como principal visão, fato que é, por exemplo, perceptível nos escritos de Maquiavel[221].

---

[212] LÖWITH, K., 1991, p. 17-21.
[213] Ibid., p. 23.
[214] FINLEY, J.H, 194, p.83, apud MOMIGLIANO, A. 1966, p. 11. Tradução retirada de: TUCÍDIDES, **História da guerra do Peloponeso**. Brasília: UNB, 1982, p. 28 (I, 22).
[215] MOMIGLIANO, A. 1966, p. 11-12.
[216] PIRES, F. M., [20--].
[217] PIRES, F. M., [20--]; HARTOG, F., 1996.
[218] KOSELLECK, R., 2006, p. 43; MOMIGLIANO, A. 1966, p. 19-20.
[219] MOMIGLIANO, A. 1966, p. 14-15.
[220] KOSELLECK, R., 2006, p. 15-16.
[221] Ibid., p. 44.

Tal forma de entender o tempo, portanto, prolongou-se na Europa – porém, nem sempre isolada – fazendo com que os acontecimentos passados e a previsão do futuro possuíssem uma aproximação de exemplaridade e até de conhecimento[222]. É a essa história como coleção de exemplos que Kahn e Wiener recorrem para poderem constituir a substância sobre a qual poderão formar a opinião embasada. Pois, desde que os prognósticos apareceram como uma alternativa às profecias, eles eram inferidos do passado, por meio de pesquisa e, então, prolongados para o futuro[223]. No caso de Kahn e Wiener, não necessariamente como reprodutibilidade ou assemelhação, mas como metáfora e exemplo heurísticos, ou seja, uma forma de pensar possibilidades para o futuro.

Toda a proposta conceitual futurista pouco difere daquilo que foi exposto como prognóstico racional, pois o prognóstico e o futurismo compartilham as idéias de conhecer as diversas possibilidades do futuro, as quais, então, orientariam as escolhas. Também, em ambos, não há uma pretensão em se prever acontecimentos, mas sim em delimitar e se preparar para possíveis surpresas. Dessa forma, conceitos como *projeção livre de surpresas*, *mundo padrão*, *variações canônicas* e *cenários* são uma forma de refinamento do prognóstico. Porém, o uso dessas ferramentas de previsão acaba recorrendo não a uma objetividade do conhecimento histórico, mas a uma formulação de um conjunto de possibilidades hipotéticas que podem servir como exemplos instrutivos. Há, portanto, uma contrariedade sutil. Primeiramente, os prognósticos estavam restritos a um período relativamente curto, enquanto que o futurismo de Kahn e Wiener visa ampliar seu planejamento para uma duração maior. Além disso, os futuristas acreditam em possibilidades não cogitadas para o futuro, o que não existia com tal ênfase no prognóstico, por isso, não falam de reprodutibilidade, mas de possibilidade heurística de aproximação. Portanto, o futurismo está além do prognóstico e é isso que veremos a partir de agora, ao entrarmos nas especulações do futuro dos autores.

---

[222] KOSELLECK, R., 2006, p. 314-327.
[223] Ibid., p. 318.

2. A TENDÊNCIA MÚLTIPLA: UMA ESTRUTURA HISTÓRICA

A tendência múltipla é a base e a estrutura sobre a qual se desenvolvem a história e o futuro para Kahn e Wiener. Ela é composta por 13 elementos que se estendem desde o século XI ou XII e que funcionam de forma integrada. Os elementos são:

1) Culturas cada vez mais sensate (empíricas, mundanas, seculares, humanísticas, pragmáticas, utilitárias, contratuais, epicuristas ou hedonistas, etc); 2) elites burguesas, burocráticas, "meritocráticas", democráticas e nacionalistas; 3) acumulação de conhecimentos científicos e tecnológicos; 4) institucionalização da mudança, principalmente da pesquisa, do desenvolvimento, da inovação e da difusão; 5) industrialização e modernização em escala mundial; 6) aumento da riqueza e (recentemente) do lazer; 7) crescimento demográfico; 8) urbanização e (em breve) o crescimento das megalópoles; 9) diminuição da importância das ocupações primárias e (recentemente) das secundárias; 10) alfabetização e instrução; 11) aumento da capacidade de destruição em massa; 12) aumento do ritmo de mudança; 13) aumento da universalidade da tendência múltipla[224].

Partindo delas, e usando os conceitos desenvolvidos no capítulo anterior, os futuristas trabalham de duas maneiras: inicialmente, constroem a história do século XX, que funciona como uma experiência para retirar exemplos e padrões para a continuidade do século, depois, pensam algumas situações sobre o futuro. Muitas vezes, no texto, isso aparece junto e de forma complementar. Porém, antes de entrarmos na projeção do futuro, veremos os padrões possíveis que os autores pensam para a história e, então, como a tendência múltipla pode ser entendida e como esses padrões servem para pensar seu desenvolvimento.

2.1. Os padrões da tendência múltipla

Os autores afirmam que o impacto da continuidade da tendência pode ser esclarecido por referência às teorias macro-históricas. Frente isso, justificam que a comparação com tais teorias é pretendida para auxiliar a especular, explorar e levantar questões, sem o comprometimento com nenhuma teoria particular[225]. Essa afirmação dá uma autonomia

---

[224] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p.7.
[225] Ibid., p. 27.

estranha à tendência múltipla, pois sua elaboração é justificada por si mesma, mas não consegue ser explicada sem referência a outras teorias. Assim, a autonomia da tendência múltipla se dá pela sua polivalência. Não é sua relação com nenhuma teoria que a faz própria, mas é sua relação com várias, sem estar comprometida com nenhuma, que permite os autores proclamarem esse espaço de manobra. Ou seja, a tendência múltipla não está restrita a uma teoria, pois ela mesma, formulada e apoiada nas metáforas heurísticas, carece de um elemento teórico forte. Essa carência também resulta do objeto sobre o qual ela se volta: o futuro. Não há uma teoria certa sobre o futuro. Há possibilidades, então, nada mais coerente, dentro da visão do *O ano 2000*, do que conhecer diferentes formas de padrões e pensá-los para o devir.

Essa confluência de referências ficará mais clara ao longo deste e dos próximos dois capítulos, quando analisarmos a tendência mais pormenorizadamente, mas já é possível adiantar que alguns itens são pensados pelos próprios autores, enquanto outros derivam de quatro autores principais: Sorokin, Toynbee, Quigley e Boulding. Assim, ao se apoiarem nas teorias e filosofias da história, Kahn e Wiener comentam que a discussão pretendida será mais real, evitando, portanto, uma boa dose da carga metafísica ou cosmológica que os defensores de suas teorias costumam imprimir a elas. Conforme os autores, ainda, muitos dos que se prendem de forma passional a certa visão vêem o elemento místico e carismático da *Weltanschauung* como o que fornece à teoria o significado emocional e a atratividade. Porém, a partir do momento que os dois futuristas afirmam que tal qualidade é irrelevante para suas pretensões, assim como também um obstáculo, evitam realizá-la[226]. É uma ressalva muito interessante esta. Interessante e necessária ao planejamento.

Por mais que careça de uma teoria consolidada e firme sobre o futuro, a proposta futurista do *O ano 2000* não pretende fugir de uma teoria de como especular sobre o futuro. Contudo, Kahn e Wiener apresentam receio, ao falar da tendência múltipla como um processo histórico, em cair na armadilha metafísica, o que impediria, então, as pretensões pragmáticas do seu método. Cabe tentarmos perceber se conseguem fugir desse suposto problema em prol de uma forma científica ou, pelo menos, não mística e emocional de ver o futuro. Porém, já é possível adiantarmos alguns pontos. A negação dessa aura metafísica é a negação de um futuro pronto, dado. Crê-se, então, em um futuro construído. Ao negarem uma teoria válida sobre o futuro, eles agem de acordo com sua lógica, pois o futuro não é algo pronto para ter uma teoria própria. Todavia, ao formularem uma teoria sobre a especulação do futuro, eles retomam o elemento de controle do futuro, não como algo pronto, mas como algo a se

---

[226] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p 28.

construir a partir de potencialidades conhecidas. É um futuro que pode ficar pronto, se planejado. O que cabe discutir é se isso afasta o elemento metafísico. Para isso, devemos, no entanto, aprofundar-nos um pouco mais no método e no trabalho propostos por Kahn e Wiener.

Então, as perspectivas históricas pensadas pelos autores são: 1) Estática, tradicional e/ou repetitiva; 2) Progressiva. Exemplos: tendência múltipla, utopia, quiliasmo, etc; 3) Decadência. Exemplos: conservadorismo, idade do ouro perdida, etc; 4) Ascensão e queda. Exemplos: cíclica, crescimento e decadência (cenário de Quigley), flutuação (cenário de Sorokin), etc; 5) Sem padrão e imprevisível; 6) Padrões típicos (empíricos): tendência múltipla, exame empírico e analítico das tendências, fluxo e refluxos irregulares, etc; 7) Eclética e sincrética: tendência múltipla, algumas especulações correntes sobre o declínio e/ou renascimento, ou até mesmo cripto-historicismo, etc[227].

Os autores acreditam que a tendência múltipla encaixa-se melhor nas categorias 6 e 7, embora acreditem que a 5 sempre está presente de alguma forma. Afirmam, ainda, não rejeitar totalmente os elementos 1, 2, 3 e 4, realizando apenas uma apropriação cética e limitada deles. E retomando, então, a idéia de continuidade, Kahn e Wiener argumentam que as coisas não mudam, mesmo que isso seja pouco percebido na atualidade. Ou seja, o passado continua indefinidamente no futuro. Isso é evidente, conforme os autores, em algumas questões: pessoas ainda nascem com a mesma carga inata genética, devem crescer, normalmente aprendem a tratar seus impulsos de alguma maneira pré-estabelecida e vivem em algum tipo de comunidade. Espera-se, de forma geral, que constituam novas relações familiares e tenham filhos. Então, em poucas décadas, encaram a morte. Todavia, os autores reconhecem que mesmo essas constâncias poderiam ser alteradas pelas mudanças tecnológicas e sociais nos próximos 33 ou 66 anos, e que vários outros aspectos significativos da vida mudariam ou seriam afetados por mudanças diversas. Estas, conforme os autores acreditam demonstrar pela tendência múltipla, estariam ocorrendo em uma taxa crescente, apesar de, ao mesmo tempo, várias coisas continuarem basicamente imutáveis[228].

A questão que cabe, então, é pensar os padrões ou os sentidos dessas mudanças e das continuidades e como elas, então, são projetadas no desenvolvimento da tendência múltipla. Os autores esclarecem as perspectivas 2, 3, 4 e parte da 7, mas não as outras. Porém, uma análise baseada no que temos ajuda a esclarecê-las. A estática não pressupõe, portanto,

---

[227] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 27; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 58.
[228] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 28-29.

nenhuma grande mudança. A sem padrão, por sua vez, carece de qualquer tentativa racional de explicação. A eclética reúne elementos das outras. Por fim, os padrões empíricos são os mais obscuros. Provavelmente referem-se a estudos de caso, que podem ser longos, mas que apresentam somente padrões que não são gerais.

2.1.1. Perspectivas de progresso e decadência

Os autores entendem progresso como a crença em um futuro melhor do que o passado, a qual estava difundida pelo mundo como um dos reflexos do impacto da cultura ocidental. Contudo, refutando parcialmente essa crença, Kahn e Wiener afirmam que a visão do progresso é, por um lado, juízo de valor e, por outro, um julgamento empírico e assentado sobre a realidade. Contrariando esse último aspecto, argumentam que estava cada vez mais claro que as mudanças, embora produzidas, na maioria das vezes, por esforços propositais, poderiam conduzir não só a melhores resultados, mas também a resultados mistos, indesejados e ambíguos[229].

Os futuristas identificam, ainda, que algumas das vertentes progressistas apresentam visões utópicas sobre o futuro, as quais têm como ponto final ou o paraíso na Terra, ou, de forma mais transcendental e quiliástica[230], o fim de um processo teleológico. Conforme os autores, essas visões foram associadas a conceitos e movimentos políticos, filosóficos ou religiosos e persuadiram várias pessoas inteligentes. Porém, como para os futuristas nem todas as mudanças são progressistas, eles afastam a tendência múltipla da idéia de um progresso imanente[231].

Esse afastamento também ocorre pela própria atividade de especulação e planejamento do futuro proposta por Kahn e Wiener, a qual se diferencia do progresso compreendido como uma transcendentalidade. Assim, os autores esboçam alguma consciência da ligação entre a escatologia judaico-cristã e o progresso moderno, o qual remete, portanto, a uma raiz mais profunda do sentimento de redenção da humanidade.

Para judeus e cristãos, a história consistia na salvação. É a este fator que Löwith atribui a busca de um sentido e um objetivo transcendentes para a história, dotando-a de uma

---

[229] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 29.

[230] Os autores entendem quiliasmo como uma idéia da Idade Média que trata da tensa expectativa de um fim para a história, com a luta decisiva em que a tirania do mundo seria superada pelas "pessoas escolhidas" e através das quais o mundo seria renovado e a história chegaria a sua consumação. COHN, Norman, 1961, p.309, apud KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 275.

[231] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 29.

finalidade. Essa meta final tende a ser escatológica e futura, pendendo à esperança e a um momento aguardado – por exemplo, o Juízo Final. Assim, a visão judaico-cristã é voltada para o futuro, o qual difere do passado e revela-se somente conforme a vontade de Deus. O passado seria, com isso, uma preparação para os elementos vindouros[232]. É, portanto, uma visão escatológica e teleológica[233], pois a história desenvolve-se para um fim, preenchendo-se, então, com um objetivo[234].

Löwith atribui às mentalidades hebraica e cristã o elemento de preocupação moderna com o futuro. Inicialmente, afirma que a escatologia serve como uma conquista do fluxo temporal, o qual, sem um fim, simplesmente acaba e consome suas próprias criações. Além disso, dá um caráter universal à história, pois une toda a humanidade no mesmo sentido final. Sendo assim, o progresso, conforme Löwith, não rompeu com tais aspectos e, portanto, não abandonou o caráter profético, apenas secularizando-o[235].

Todavia, houve um rompimento do progresso em relação à história cristã. Esta última não pressupunha ação, já que a vinda de Cristo – o acontecimento por excelência, que representou a revelação de Deus em um homem – deu origem à história como espaço da sucessão de pecado e morte à espera da redenção. O nascimento de Jesus representou o princípio do fim. Já a concepção moderna vê a história como o palco do destino humano, ganhando, assim, o caráter moderno e secular, redundando naquela sensação já comentada de mudanças constantes e importantes. Além disso, a história se tornou ciência, sendo, assim, passível de realização e, por isso, elemento de controle e direção[236].

Portanto, o pensamento histórico moderno deriva do pensamento cristão, porém, por conseqüência disso, deixa de ser cristão. A modernidade preservou a idéia de um fim e de uma concretização, mas não mais como um processo em vias de acontecer. Se para os cristãos, então, a história era algo de pouca importância, para os modernos, com a não concretização da redenção, ganhou destaque a sucessão dos acontecimentos e a história como a preservação e o aprimoramento da sociedade existente[237].

Porém, se a secularização rompeu com a escatologia cristã, não conseguiu livrar-se da visão voltada para o futuro como momento de consumação[238]. Portanto, parte do receio de Kahn e Wiener com o progresso está nesse aspecto religioso, teleológico e até fatalista que ele

---

[232] LÖWITH, K., 1991, p. 18-19, 22.
[233] Ibid., p. 22.
[234] Ibid., p. 30.
[235] Ibid., p. 30-31.
[236] Ibid., p. 194-195.
[237] Ibid., p. 197-198.
[238] Ibid., p. 199-202.

possui como herança. Isso causa o afastamento, pois, se levado ao extremo, contrariaria a idéia de planejamento. Se o progresso é um processo inevitável com um fim definido, pouco importa, então, o grau ou a forma da intervenção humana.

Portanto, os autores pensam o progresso não como uma decorrência imanente ao desenvolvimento do Ocidente. Além disso, põem-no também como um juízo de valor, que é mais bem explicado quando os autores tratam da idéia de decadência. Kahn e Wiener argumentam que a decadência pode resultar de uma falta de competição, pois, qualquer indivíduo, instituição, nação ou cultura que não compete com outros, pode, não só cair, como causar uma decadência global[239]. Essa idéia será retomada mais à frente, quando pensarem, para o futuro, a importância do desenvolvimento da Guerra Fria como uma competição pacífica. Porém, a decadência pode advir, também, de um juízo comparativo.

Conforme os futuristas, a Inglaterra passaria por uma decadência em comparação com outras nações de seu porte. Seguindo suas projeções, afirmam que se as tendências da época se mantivessem, a Inglaterra sairia, antes do ano 2000, das 5 nações mais ricas. Todavia, desenvolvem um argumento baseado em dois pontos: 1) se nos outros países as taxas de crescimento descessem ao nível da inglesa, o crescimento inglês pareceria muito mais animador e a decadência desapareceria; 2) se a Inglaterra continuasse em queda, haveria muitas críticas contra o governo e lamentações sobre a situação, parecendo, portanto, que nenhuma solução seria possível – apesar dos esforços dobrarem a taxa de crescimento. Com isso, os autores retomam o problema da competição, porém, agora, por outro enfoque. Talvez não haja uma decadência real, mas apenas uma decadência relativa. Como eles mostram, é possível que a Inglaterra, por exemplo, continue a crescer, o problema é a possibilidade de esse crescimento ser menor do que o das nações competidoras, o que resultaria em uma queda aparente e relativa. Há, aqui, de forma obscura, uma refutação da idéia de decadência econômica, pois o crescimento não parece deixar de existir. O que ocorre é um crescimento menor se comparado com outras nações, podendo causar a aparência de decadência. Porém, não é somente a decadência econômica que preocupa os futuristas[240].

Kahn e Wiener identificam como outro elemento de decadência as próprias idéias humanas acerca da história, como, por exemplo, a idéia de uma idade de ouro perdida. Destarte, para os autores, teorias de decadência poderiam surgir da nostalgia dos conservadores a partir da erosão ou do desaparecimento de certos valores ou instituições.

---

[239] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 29.
[240] Ibid., p. 29-31.

Frente a isso, certa parcialidade afetaria os estudos de história assim como os do futuro, refletindo as preocupações dos historiadores ou dos futuristas, que podem tender ou ao otimismo utópico, ou a busca de evidências inumeráveis da ruína[241].

Dessa forma, os autores crêem que ou a queda ou a ascensão de qualquer cultura pode se basear tanto em tendências absolutas, quanto em competidoras[242]. Ou seja, a decadência é tratada como uma contraparte do progresso, dando outro sentido à história. Portanto, tanto a sensação de progresso como a de decadência podem ter bases gerais e absolutas, ou seja, pode, de fato, haver um melhoramento ou uma piora em certos aspectos gerais. Por outro lado, pode ser que tais sensações sejam apenas relativas e que certos aspectos continuem a se desenvolver, porém de uma forma mais lenta em relação a outros. Todavia, não é a tendência múltipla que determina se há progresso ou decadência, absoluta ou relativa, mas é o próprio fazer humano, porque a tendência múltipla, em seus componentes, não é necessariamente progressista ou decadente – como veremos nos próximos capítulos.

Não dá para negar, por fim, o receio e a descrença, após o término da Segunda Guerra, com certos aspectos do racionalismo e do progresso. Kahn e Wiener compartilham desse sentimento. Eles não mais acreditam em um progresso próprio da história. Pelo contrário, como vimos, possuem reservas frente a tal pensamento.

2.1.2. Os ciclos

Na seqüência, a atenção dos autores se dirige às visões cíclicas. Os autores não crêem que os ciclos representem um processo infalível da história, mas sim um conjunto heurístico e instrutivo para pensar as possibilidades do futuro. É, portanto, uma forma de opinião embasada que permite pensar prováveis desenvolvimentos para a tendência múltipla.

Kahn e Wiener apresentam dois esquemas cíclicos complementares. O primeiro é político e baseia-se nos estudos de Aristóteles de 158 constituições das cidades gregas, presentes no *A Política*. Conforme os futuristas, Aristóteles concluiu que não havia forma melhor de governo e que uma forma de governo tenderia à decadência, ou a mudar para outra forma. Em cada etapa do ciclo, a maioria das pessoas sentir-se-ia satisfeita com o sistema, o qual seria considerado como um ponto final[243]. O segundo esquema é correspondente ao

---

[241] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, 31.
[242] Ibid., p. p. 31.
[243] É importante ressaltar, ainda, que as alterações de governo em Aristóteles não são necessariamente fixas. Isso fica claro quando ele fala do fim das formas de governo, quando nem sempre o encerramento de uma leva

primeiro, mas foca-se nos sistemas de crença correspondentes na sociedade[244] e baseia-se, principalmente, em Sorokin. Há, ainda, já na fase "final" do ciclo, uma recorrência às idéias de Oswald Spengler.

Contudo, não há, por parte de Kahn e Wiener, um cuidado com os conceitos dos autores. Eles não estão preocupados, muitas vezes, em seguir o que os autores entenderam com seus conceitos. Todavia, não devemos nos surpreender com isso, pois eles já tinham anunciado essa falta de fidelidade às diversas teorias da historia que consultaram. Essa falta de cuidado teórico decorre da metáfora heurística, que é como essas teorias são utilizadas para a formulação dos ciclos.

Por exemplo, conforme a teoria de Aristóteles e a de Sorokin, parece um tanto descabido fazer o tipo de comparação e de associação que são feitas nos ciclos. Percebe-se que o ciclo de Aristóteles é de viés político, enquanto o de Sorokin submete a política às culturas. Dessa forma, uma associação de um com outro, tal como é feita, não é um amálgama teórico, mas sim uma nova teoria baseada heuristicamente em outras duas. Kahn e Wiener, portanto, recorrem àqueles elementos semelhantes e que servem como modelos ilustrativos. Assim, aproximam autores como Sorokin e Spengler, ignorando as críticas do primeiro em relação ao segundo[245]. Em Spengler, por exemplo, os ciclos ocorrem sempre com organismos diferentes, mas da mesma forma. Já em Sorokin – e em Kahn e Wiener – há um ciclo constante, que não conduz o "organismo" em uma trajetória de nascimento e morte. Porém, apesar das diferenças, Kahn e Wiener pensam as semelhanças – e somente elas.

Maior reflexo disso tudo é que os autores não se preocupam em esclarecer cada uma das partes do ciclo. Por exemplo, a associação de Rei Sagrado com o Stalinismo, Hitlerismo e Maoísmo só se esclarece quando os autores fazem as especulações do futuro. Assim, aqui, durante o ciclo, ela não será explicada. Porém, iremos condensar a explicação de cada uma das etapas dos ciclos agora, pois, além de ficar mais organizado, ajudará no posterior entendimento dos outros capítulos e de como, então, os ciclos são utilizados nas previsões do futuro.

Seguem, então, os dois esquemas:

---

necessariamente a outra. Tal variação depende das causas das quedas dos governos. ARISTÓTELES. **A política.** Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d, p. 303-355, Livro VIII.

[244] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 31-32.

[245] Em uma de suas obras, Sorokin dedica um capítulo à análise (e algumas críticas) às teorias de Spengler, Toynbee e Danilevsky. Cf: SOROKIN, P.A., **Social philosophies of an age of crisis**, Boston: The Beacon, 1950, p. 205-243.

1º: Rei Sagrado (Stalinismo, Hitlerismo, Maoísmo) → Aristocracia → Oligarquia → Democracia → Anarquia, Igualitarismo ou Impasse → Tirania, Cesarismo, Bonapartismo → Príncipes → Rei, chefe ou outro déspota legal → Rei Sagrado ...[246]
2º: Fé e verdade revelada → Teologia e racionalismo → Deísmo, empirismo e ciência → Relativismo e ceticismo → Cinismo, alienação, anarquia ou niilismo → Facções oportunistas ou militaristas → Elites ou líderes carismáticos ou messiânicos → Verdade messiânica ou carismática → Fé e verdade revelada …[247]

2.1.2.1. A decadência da certeza

Começando pelo primeiro elemento do ciclo, temos o Rei Sagrado que se alinha com fé e verdade revelada. Apesar de partirem de Aristóteles, não devemos esquecer que o ciclo apresentado é uma forma alterada do que Aristóteles propôs. Além disso, não cabe entendermos um ciclo separado do outro. Por exemplo, a idéia de Rei não basta, é um Rei Sagrado, pois é pensado dentro da ótica da fé.

Pensando os conceitos de Aristóteles, veremos que os autores pouco o seguem, aproveitando-se mais de suas terminologias. O filósofo grego, ao definir as formas de governo, não adentra no aspecto religioso, limitando-se a definir o que é *realeza* no campo político. A realeza é uma das formas de governo, conforme Aristóteles, que visa o interesse geral[248]. Além disso, ela intenta preservar a classe abastada dos ataques da multidão, pois é daquela que sai o rei, que é um homem destacado, ou pessoalmente, ou pela descendência, pela sua nobreza de ações e pela sua virtude[249].

Ao porem como correspondente da realeza a crença na verdade revelada e na fé, os autores recorrem, indiretamente, ao conceito de sistema de verdade de Sorokin. Este conceito, por sua vez, articula-se com os 3 tipos de cultura que o autor identifica e que os futuristas voltarão a se referir em outros momentos.

Uma das duas obras citadas de Sorokin é a volumosa *Social and Cultural Dynamics*. Nessa obra, o autor procura demonstrar que toda a história do Ocidente – que começa na Grécia Antiga e estende-se até o século XX d.C. – consiste na sucessão de três culturas: a *Sensate*, a *Ideational* e a *Idealistic*. Por mais que as variações dessas três culturas não sejam

---

[246] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 33; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1960, p. 63.
[247] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 33; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 63.
[248] ARISTÓTELES, s/d., p. 115.
[249] ARISTÓTELES, s/d., p. 334-335. Virtude, aqui, é entendida como uma qualidade própria, no caso, daquele que governa. ARISTÓTELES, s/d., p. 105-109, Livro III, cap. II

necessariamente fixas, elas apresentam, dentro da história ocidental, conforme o estudo do autor, um padrão repetido[250]. Inicialmente, Sorokin define cada uma. Na Ideational, a realidade é percebida como uma perenidade do Ser. As necessidades e os fins são principalmente espirituais e o método para realização da satisfação é uma auto-imposição para minimização ou para a eliminação das necessidades físicas. Por sua vez, a cultura Sensate apreende a realidade como aquilo que se apresenta aos sentidos. Não há nem a crença nem a procura por uma realidade sobre-sensória. É, portanto, assentada no tornar-se, na transformação, na evolução, tendo objetivo, necessidade e satisfação baseadas principalmente nas questões físicas. Dessa maneira, a Sensate e a Ideational são opostas em suas características principais. Por fim, há a Idealistic, que é uma forma mista, apresentando uma integração equilibrada das outras duas, porém, com um predomínio Ideational. Os elementos das outras duas culturas estão, nesta, sintetizados em uma unidade harmoniosa e consistente. Sendo assim, a realidade é multifacetada, possuindo tanto aspectos do Ser perene quanto de mudança e transformação. As necessidades são espirituais e materiais, sendo, todavia, as últimas subordinadas às primeiras. A realização se dá, destarte, pela modificação pessoal e do mundo exterior[251].

Definidas as culturas, Sorokin trabalha o conceito de sistemas de verdade, os quais são constituídos pelos pensamentos religioso, filosófico e científico, formando, assim, o principal compartimento de uma cultura. Dessa forma, a cultura Ideational tem como sistema de verdade dominante a fé, a qual se baseia ou em uma fonte sobre-empírica ou não-empírica exposta por um Deus ou deidade por meio de revelação, inspiração divina, intuição ou experiência mística. Há, ainda, outro sistema de verdade dentro da cultura Ideational, que é o da razão e da lógica da mente humana[252], porém, por enquanto, deter-nos-emos no primeiro.

Conforme Sorokin, em uma cultura puramente Ideational, a verdade da fé tem que ser mais infalível que a razão humana, sendo o critério de validação da verdade a revelação, relacionando-se, em alguns casos, com a escritura sagrada. Desse modo, os objetos desta

---

[250] Cf. SOROKIN, Pitirim A. **Social and cultural dynamics**: a study of change in major systems of art, truth, ethics, law and social relationships (abridged by Sorokin, P.A.). Boston: Extending Horizon/Porter Sargent, 1970. Não entro aqui nos aspectos mais particulares dessas mudanças, por não interessar, por ora. É importante atentar para o fato que Sorokin trabalha com grandes pensadores e, a partir disso, tira suas conclusões sobre sistemas de verdade, padrões culturais e afins. Não é realizando uma defesa do autor, mas é bom termos em mente que ele não está preocupado com o pensamento popular ou com coisas do gênero, mas sim em definir a dinâmica social e cultural de forma mais ampla e geral. É a essa proposta que esta dissertação se limita. Não há a preocupação em discutir se são válidos ou não o trabalho e a abordagem de Sorokin, mas em perceber como eles foram utilizados por Kahn e Wiener e a que conclusões levaram.

[251] SOROKIN, P.A., 1970, p. 27-29.

[252] Ibid., p. 226.

cultura são as realidades além dos sentidos e além da razão, como Deus, demônios, pecado, salvação, inferno, paraíso, etc. Devido a isso, os fenômenos empíricos e sensórios são pouco estudados, sendo reduzidos a símbolos visíveis de uma realidade invisível, e a exposição da verdade, portanto, é simbólica e concludente. Os órgãos do sentido e a razão acabam tendo um papel secundário, só sendo válidas quando não contradizem o texto sagrado[253].

No campo político, a cultura Ideational suporta um governo e uma liderança que representam seus valores, ou seja, não valorizam a riqueza, a força física e os administradores econômicos e políticos. São reconhecidos, portanto, os que têm algum contanto com a realidade que está além dos sentidos. Apesar de, para Sorokin, a monarquia não ser a única forma de governo dentro deste tipo de cultura[254], a idéia de rei sagrado advém da análise do período Ideational grego. Antes do século VI ou V a.C, conforme Sorokin, o governo entre os gregos era uma comunidade religiosa comandada por uma monarquia sacerdotal que tinha o rei como o maior sacerdote [255]. Assim, acompanhava-a uma mentalidade religiosa, baseada em várias "instituições da verdade", como oráculos e visionários[256].

A primeira movimentação do ciclo, conforme Aristóteles, ocorre quando um povo possui mais do que um homem com virtudes para governar, não precisando, dessa forma, de um único. Torna-se preferível, então, um número maior de líderes, o que evitaria a corrupção ou outras paixões que poderiam afetar a capacidade de decidir e deliberar sobre as leis. Com isso, estabelece-se a aristocracia[257].

A *aristocracia* é, portanto, o governo de um número pequeno de homens ou de vários (portanto o governo que não seja de um), no qual a autoridade ou está nas mãos de diversas pessoas de bem ou na mão de pessoas que fazem uso desse poder para o melhor do Estado[258]. Há pouca explicação sobre a aristocracia, pois é uma parte perdida do livro de Aristóteles[259]. Kahn e Wiener alinham com o estágio político da aristocracia a teologia e o racionalismo. O último dos dois conceitos nos leva, novamente, a Sorokin.

Como foi mencionado, a cultura Ideational suporta um sistema de verdade baseado na razão e na lógica humana. Inicialmente, Sorokin expõe o racionalismo como o sistema que entende a verdade como conhecível e em que a realidade pode ser exposta com alguma certeza, tendo, para isso, o pensamento e a mente papéis importantes. Dessa forma, a razão, a

---

[253] SOROKIN, P.A., 1970, p. 226-229.
[254] Ibid., p. 474-477.
[255] Ibid., p. 477-478.
[256] Ibid., p. 257.
[257] ARISTÓTELES, s/d., p. 140-141.
[258] Ibid., p. 115.
[259] Ibid., p. 148, 367 (nota 145, que corresponde à página 243).

lógica e as inferências matemáticas são mais importantes do que os sentidos. Todavia, no racionalismo Ideational (ou religioso) tais aspectos ficam subordinados à verdade da fé, não podendo contradizer esta sem serem considerados errados, inválidos ou heréticos[260].

Há, ainda, outra forma de racionalismo, esta ligada à cultura Idealistic. Aqui, tal como o racionalismo anterior, segue-se a razão humana e a lógica, todavia, não se dispensa nem o testemunho dos órgãos do sentido, nem a revelação, desde que elas pareçam associáveis com as leis advindas da razão e da lógica[261]. Assim, a base da verdade da cultura Idealistic é o racionalismo filosófico, que incorpora o empirismo, no sentido da ciência contemporânea. A exposição da verdade se dá de forma dialética e dedutiva. Há sempre um confronto dialético entre os dados e os órgãos dos sentidos e as citações das Escrituras ou equivalentes[262]. Dessa forma, o sistema de verdade racionalista Idealistic difere do Ideational pelo papel principal da razão e do intelecto, além disso, ele dá uma maior consideração aos sentidos. Todavia, o conhecimento superior ainda é destinado à fé, sem, contudo, descartar as outras formas de conhecimento. Se a verdade da fé é suprema, seu poder está na verdade da razão[263]. É nesse sentido da verdade racional subordinada a da fé que Kahn e Wiener provavelmente se referem ao termo teologia – que Sorokin não utiliza – relacionado com o racionalismo.

Apesar dessa diferenciação entre as formas de racionalismo, Sorokin afirma que é difícil realizá-la quando se estuda o racionalismo, o que se evidencia na parte quantitativa do seu trabalho, nas quais ele trata somente de racionalismo[264]. Para ilustrar isso, referimo-nos, novamente, à Grécia antiga. Temos insistido nesses exemplos antigos, pois eles também serão usados pelos autores em outras partes. Portanto, conforme Sorokin, na Grécia, até o século V a.C., existiu o racionalismo religioso, não predominando uniformemente a cultura Ideational pura. Já no começo do século IV a.C., prevaleceu, então, a verdade da razão com seu racionalismo Idealistic, funcionando em harmonia com as outras formas de verdade[265]. Para Sorokin, neste período grego existiu, no campo político, tanto a aristocracia quanto a monarquia, enquanto que em Roma, em transição semelhante, a monarquia foi sucedida pela aristocracia, tal como no século XIII, quando, após um período de influência religiosa sobre os reis, as monarquias foram substituídas por aristocracias mais secularizadas[266].

---

[260] SOROKIN, P.A., 1970, p. 237.
[261] Ibid., p. 227.
[262] Ibid., p. 228-229.
[263] Ibid., p.230.
[264] SOROKIN, Pitirim A. **Social and cultural dynamics.** New York/ Cincinnati/ Chicago/ Boston/ Atlanta/ Dallas/ San Francisco: America Book Company, 1937. v.2, p. 41.
[265] SOROKIN, P.A., 1937, p. 47, 61-63; SOROKIN, P.A., 1970, p. 249, 258-259.
[266] SOROKIN, P.A., 1970, p. 475-480.

Esse processo de verdade da fé seguida do racionalismo corresponde à descida da cultura Ideational para a Idealistic. Conforme Sorokin, a mudança de uma cultura para outra seguiu, dentro da história ocidental, a mesma ordem: o estágio Idealistic, e não o Sensate, sempre sucedeu o Ideational, pois, da cultura Ideational, cujos valores são resultado de um maior desprendimento do mundo, é mais fácil "descer" para os valores Idealistic, que estão em uma posição intermediária[267].

2.1.2.2. O fim da certeza

O ciclo político de Kahn e Wiener tem como estágio seguinte a oligarquia e sua contraparte no das crenças é deísmo, empirismo e ciência. No que concerne a Aristóteles, os autores mantêm o ciclo "original", pois, após o estabelecimento da aristocracia, alguns dos aristocratas se corrompem e começam a enriquecer a partir do bem público, formando, com isso, as *oligarquias*[268]. A oligarquia é, então, um dos governos viciados, no caso, a aristocracia corrompida, que eleva ao poder os possuidores de fortuna, que normalmente são minoria[269], os quais governam apenas para atender seus interesses[270].

Seguindo na direção do Ideational para o Sensate, passando pelo Idealistic, o próximo passo no sistema de crenças é uma acentuação da questão dos sentidos. A cultura Sensate baseia-se na verdade dos sentidos (e nos instrumentos que os potencializa[271]), sendo a realidade sensória a única realidade. Assim, uma teoria só é válida se corroborada pelos sentidos[272]. Nesta cultura, desenvolve-se, então, a ciência como centro. Quando o fenômeno estudado não possui uma forma somente sensória (como culturas, ou psicologia), a ciência volta-se aos seus aspectos materiais, os quais determinam os aspectos não materiais. Frente a isso, ou não existe uma realidade sobre-sensória ou ela não é passível de conhecimento. A verdade é exposta, neste caso, experimentalmente e indutivamente, sendo complementada, ainda, pela lógica matemática. Porém, as teorias só saem da categoria de hipótese uma vez confirmadas pelos sentidos e seus instrumentos[273].

O principal elemento e indicador da verdade dos sentidos é o empirismo. Conforme Sorokin, dentro do empirismo, a única fonte de conhecimento e verdade é a percepção

---

[267] SOROKIN, P.A., 1970, p. 697-698.
[268] ARISTÓTELES, s/d., p. 141.
[269] Ibid., p. 233.
[270] Ibid., p. 117.
[271] SOROKIN, P.A., 1937, p. 7.
[272] SOROKIN, P.A., 1937, p. 5; SOROKIN, P.A., 1970, p. 227.
[273] SOROKIN, P.A., 1937, p. 8-9; SOROKIN, P.A., 1970, p. 228-229.

sensória dos objetos e dos eventos, sendo isso que fornece às pessoas a experiência interior e exterior. Qualquer princípio lógico ou *a priori* seria mera associação dessas experiências[274]. Com o auge do empirismo, que indica a predominância da verdade Sensate, declina o racionalismo. No caso do exemplo grego, no século III a.C., a cultura Sensate alcançara seu zênite[275].

Na questão política, Sorokin argumenta que, desde o século VI a.C., essa característica Sensate já se destacava, em detrimento das características Ideational. Este processo durou até o século II a.C., acompanhado pela queda da aristocracia, do prestígio e da liderança, características da base religiosa-teocrática, e pela ascensão da riqueza, do poder militar, da força física e da habilidade política. Os regimes que surgiram neste processo foram as tiranias, as oligarquias, as democracias e as monarquias, possuindo características mais utilitárias e hedonistas[276]. Serão essas características, para Sorokin, que prevalecerão até a retomada de um governo novamente centrado na figura de um rei sagrado. Assim, ele não realiza maiores distinções políticas nesta etapa Sensate.

O que permanece solta é a idéia de deísmo associada a tudo isso. Kahn e Wiener não explicam e nenhuma das referências se aprofunda no termo. Dessa forma, devemos entendê-la apenas como uma parte da concepção Sensate que acredita que, por mais que exista outra realidade além da sensória, ela não é alcançável. Tal idéia corresponde ao que Sorokin entende como criticismo ou agnosticismo, apresentado como a teoria que defende apenas o mundo fenomênico ou empírico como conhecível. Em contrapartida, a realidade transcendental (quer exista, ou não) é inacessível e não precisa ser conhecida. Para Sorokin, essa teoria estaria entre o empirismo, o racionalismo e o ceticismo, mas mais próximo do primeiro[277], sendo, portanto, uma idéia de um período de transição das culturas.

O próximo giro nos conduz, na política, à democracia, e, nas crenças, ao relativismo e ao ceticismo. Aqui, Kahn e Wiener fogem um pouco da seqüência proposta por Aristóteles, já que para este, após o abuso de poder da oligarquia, poderiam ocorrer revoluções que conduziriam à tirania, que, por sua vez, culminariam na democracia[278]. Inicialmente chamada por Aristóteles de demagogia[279], a democracia é o governo viciado que contrasta com a

---

[274] SOROKIN, P.A., 1937, p. 24; SOROKIN, P.A., 1970, p. 236-237.
[275] SOROKIN, P.A., 1937, p. 65-66; SOROKIN, P.A., 1970, p. 259-260.
[276] SOROKIN, P.A., 1970, p. 478.
[277] SOROKIN, P.A., 1937, p. 27; SOROKIN, P.A., 1970, p. 238.
[278] ARISTÓTELES, s/d., p. 141.
[279] Começa a usar democracia como sinônimo na página 117 e elucida a relação em outros momentos do texto.

república[280], uma vez que só visa o interesse dos pobres, que são a maioria, elevando ao poder, então, esses homens livres[281]. Para Aristóteles, não existiria demagogia se a soberana fosse a lei, porém, quando esta soberania fosse transferida para o povo, surgiriam os demagogos, pois o povo, em tal estágio, é como um monarca que quer se livrar da obediência à lei e tornar-se déspota. Tal democracia equivaleria à tirania e o demagogo seria a pessoa que adularia a vontade do povo, adquirindo, assim, influência[282]. Esse encadeamento que dá início às etapas seguintes do ciclo político[283].

Relativismo e ceticismo são termos emprestados de Sorokin. O autor russo-americano entende ceticismo como "uma dúvida sistemática e metódica sobre a possibilidade de conhecimento válido"[284]. Para Sorokin, o ceticismo apareceria no declínio da cultura Sensate e do empirismo. Retomando o exemplo grego, após o século IV a.C., não havia mais segurança e paz, pois partidos tomavam o poder e matavam os opositores, tiranos apareciam, aventureiros estrangeiros buscavam poder e prazer, mercenários agiam sem ligação e respeito pelas leis, nações, moralidade ou religião, e exilados, que reuniam ódio há anos, chegavam ao limite[285]. A velha certeza dos sentidos, que trabalhava com a alteração do mundo exterior, já não fazia mais sentido para os gregos. Além disso, ela solapara as outras formas de verdade e, então, a moral e a religião antigas estavam enfraquecidas, assim como as certezas racionais. Nesse contexto geral, no qual nem mais o empirismo era garantia, o ceticismo ganhou espaço. Ele foi um indicativo da falta de esperança e funcionou como uma ideologia para o *carpe diem* sensual e niilista. Defendia, por fim, a realização da felicidade e da paz mental não pela modificação do ambiente externo, mas pela modificação do próprio homem e de sua mente[286].

O termo relativismo aparece com ênfase em Sorokin na análise dos ciclos dos sistemas de crença após o século XIV d.C. e também está ligado à queda da verdade empírica da Sensate, acompanhando o ceticismo e outras formas de pensamento que questionam a certeza e a concretude do conhecimento Sensate[287]. A questão é mais bem esclarecida quando

---

[280] Na tradução aqui usada de Aristóteles, traduziu-se como "república". Todavia, Bobbio chama essa forma de governo boa – em contraste com a democracia – de *politia.* Cf. BOBBIO, Norberto. **A teoria das formas de governo na história do pensamento político.** Brasília: UNB, 1980, p. 47-54.
[281] ARISTÓTELES, s/d., p. 115-116, 231-233; BOBBIO, N., 1980, p. 52-53
[282] ARISTÓTELES, s/d., p. 238.
[283] Aqui, Kahn e Wiener claramente recorrem a uma idéia de democracia que não coaduna com o conceito contemporâneo da mesma, o qual se fortaleceu no século XIX, como Celso Lafer comenta ao tratar dos trabalhos de Bobbio. LAFER, C. Prefácio In: BOBBIO, N., 1980, p. 17-18. Alteração semelhante ocorreu com a idéia de aristocracia, como Bobbio apenas indica. BOBBIO, N., 1980, p. 48.
[284] SOROKIN, P.A., 1937, p. 26; SOROKIN, P.A., 1970, p. 238 (tradução nossa).
[285] SOROKIN, P.A., 1970, p. 260.
[286] SOROKIN, P.A., 1937, p. 67-69; SOROKIN, P.A., 1970, p. 260-261.
[287] SOROKIN, P.A., 1937, p. 108; SOROKIN, P.A., 1970, p. 272.

Sorokin trata da oposição entre o eterno e o temporário. Esse par antagônico reflete outro: o do ser e o do tornar-se. O primeiro, associado à Ideational, entende que a realidade é o imutável e o eterno, logo, o que está além do temporário. Sendo assim, qualquer mudança é secundária ou de pouca importância. Já, o outro, está ligado à mentalidade do temporário e, assim, à Sensate. Acredita que a mudança é constante e essa é a realidade[288]. O relativismo seria, então, uma forma mais pura dessa mentalidade do temporário, na qual as coisas mudam constantemente, impossibilitando as certezas, as quais passam a existir apenas dentro de critérios relativos[289].

A democracia, espaço do relativismo e do ceticismo conduziria, então, na questão política, ao estágio de Anarquia, Igualitarismo ou Impasse, enquanto nas crenças, ao cinismo, alienação, anarquia ou niilismo.

Aristóteles, ao analisar o fim da democracia, assim como das outras formas de governo, não tem uma visão de anarquia, pois alguma outra forma de governo se estabeleceria. Porém, Aristóteles nos fornece algumas pistas importantes para entender esta etapa do ciclo. Ao discutir sobre as causas das revoluções nos Estados, o filósofo antigo aponta que a revolta ou pode ocorrer por uma aspiração à igualdade de privilégios, quando há igualdade de direitos, ou pelos privilegiados acreditarem não possuir igualdade de poder. Na seqüência dessa explicação, já encontramos o próximo estágio do ciclo, ou seja, a questão das facções oportunistas, pois há, nesse processo, a vontade de manutenção dos privilégios e, então, de querer a superioridade. Dessa forma surgem as discórdias[290]. Com base nessa argumentação aristotélica, é possível entender a idéia de Anarquia, pois, em um Estado no qual não há uma forma de distinção de méritos ou de direitos de governo, há uma igualdade imposta. Tal igualdade geraria alguma espécie de anarquia, pois não há quem mande e nem quem obedeça, ou queira obedecer, mas, talvez, só quem queira mandar[291], gerando, com isso, um impasse.

Na questão das crenças, é importante ressaltar que Kahn e Wiener imprimem uma continuidade às filosofias e às formas de ver o mundo que não está presente em Sorokin. Pelo contrário, em Sorokin o cinismo, o ceticismo, o relativismo e outros são manifestações diferentes de um mesmo processo: o esgotamento das certezas científicas. O niilismo e o cinismo também não fogem desse contexto, nem daquele do relativismo. O niilismo

---

[288] SOROKIN, P.A., 1937, p. 211-217; SOROKIN, P.A., 1970, p. 303-306.
[289] SOROKIN, P.A., 1937, p. 229-239; SOROKIN, P.A., 1970, p. 315-322.
[290] ARISTÓTELES, s/d., p. 306-307.
[291] Diferindo daquela idealização aristotélica de poder pela lei e não pelos homens, a não ser que haja um homem de tremenda virtude, ARISTÓTELES, s/d., p. 143-147.

representa a ausência de qualquer baliza absoluta para a moral, que culminaria em uma anarquia de valores, ou seja, em uma falta de direção moral mais geral[292]. O cinismo, por sua vez, é apresentado como uma negação filosófica de qualquer existência pós-morte e uma valorização da morte como o descanso eterno e um fim das preocupações e tristezas[293]. De forma genérica, há uma alienação de valores e de autoridade, que permite, então, rumar para o próximo estágio.

2.1.2.3. O re-estabelecimento da certeza

No novo estágio político, Kahn e Wiener inicialmente retomam uma das formas de governo de Aristóteles, a tirania. A tirania é o governo viciado da realeza, pois é uma monarquia que só visa o interesse do monarca[294]. A tirania alocada após a democracia, e dentro do contexto que estava sendo exposto, remete a um tipo específico de queda dentro do ciclo de Aristóteles, que é aquela quando o demagogo é também chefe militar, o qual, sob a confiança do povo, torna-se tirano. Conforme o filósofo grego, essa forma de revolução da democracia era mais antiga e rareara com o desenvolvimento da eloqüência[295]. Persiste, então, a idéia de que, em meio à confusão da liderança, resultado de uma confusa igualdade, surge uma forma de tirania, de poder que se aproveita dessa situação. A partir dessa idéia, os estágios subseqüentes podem ser mais bem compreendidos.

Associada a essa idéia de tirania, aparece o Cesarismo e o Bonapartismo. Esses dois conceitos remetem a outro trabalho e a outro historiador: *A decadência do Ocidente*, de Oswald Spengler[296]. Ao discutir questões políticas, Spengler apresenta uma sucessão de tipos de governo que acompanha os ciclos do par cultura-civilização. Esse par, conforme o historiador alemão, surge, decai e "morre" – ou seja, um mesmo processo não se repete dentro de uma dada cultura-civilização. A primeira forma de organização política é o Estado Feudal. O Estado só existe dentro das relações feudais e amplia-se somente com a aceitação de vassalos estranhos. É entre as nobrezas desse Estado que surgem as nações e a idéia de Estado autêntico. Há, portanto, a sensação de uma vida só: a da nobreza. Porém, essa concepção muda quando a nobreza não é mais vista como o único elemento, e as multidões começam a

---

[292] SOROKIN, P.A., 1970, p. 427-428.
[293] SOROKIN, P.A., 1937, p. 76-77; SOROKIN, P.A., 1970, p. 262.
[294] ARISTÓTELES, s/d., p. 117.
[295] Ibid., p. 316-317.
[296] Acabei optando por uma utilização menos aprofundada de Spengler, simplificando algumas de suas idéias. Fi-lo por dois motivos. Para não estender demasiadamente a dissertação e porque Kahn e Wiener também não se aprofundam, ficando aquém dessa apresentação superficial que foi feita.

se submeter a uma monarquia, a um líder, que representa um sentimento comum da multidão, criando, com isso, uma contrariedade entre povo e Estado. Aparece, portanto, o Estado de Classes[297].

No Estado de Classes, as segundas só existem em função do primeiro. Todos pertencem à nação, porém, à classe, só uma seleção, a qual tem alguma importância política. Todavia, conforme o Estado se absolutiza e, portanto, afasta-se de algum ideal exterior a si, mais a idéia de nação se confronta com a de classe social. Assim, a nação torna-se objeto de governo e as classes restringem-se às diferenças sociais. Tal processo se dá pelo embate das classes contra o poder do Estado. O Estado, por meio da dinastia, que surge a partir do líder único e da vontade hereditária[298], coopta o povo, aqueles que não fazem parte de classe nenhuma, dando-o valor político. Isso, para Spengler, constituiria a primeira tirania[299].

A intervenção dos desprovidos de classe os faz, além de adquirir poder, idealizarem-se como a classe da liberdade, que se opõe às outras, as quais tinham no Estado absoluto seu suporte. Essa nova classe mistura diversos elementos, entre eles, a burguesia. Nesse contexto, surge o dinheiro – que não está ligado somente aos valores que advém da produção da terra – e impõe-se a democracia[300]. Com a ascensão dessa classe dos sem classe, a política, que antes, conforme Spengler, era uma forma em evolução, estagna-se e torna-se, ela mesma, objeto de disputas, nas quais as classes dão lugar aos partidos, que funcionam como representantes de profissões. Essa idéia de partido é indissociável da idéia de igualdade. Todavia, como Spengler demonstra e argumenta, no fim, há só um "partido", que é o liberal, o da burguesia, que se orienta pelo dinheiro. A massa, na democracia, então, funciona como um corpo de súditos, pois é apenas um objeto para um sujeito que se manifesta na luta entre candidatos de partidos[301]. E, mais contemporaneamente, Spengler vê na imprensa esse poder do sujeito sobre as massas[302]. A semelhança com o demagogo – o qual vimos anteriormente – é visível.

Disso, surge o que Spengler chama de Napoleonismo, ao que Kahn e Wiener parecem corresponder com Bonapartismo. Spengler entende-o como o aparecimento de poderes sem forma, que caracteriza a decadência política. Mais especificamente, ele remete à questão

---

[297] Das classes, aqui, fazem parte somente a nobreza e o clero, pois operários, artesãos, artistas e funcionários públicos não constituem classes, por não possuírem nenhum simbolismo histórico, nenhuma capacidade de movimento no tempo. Em suma, por não terem história – tal como Spengler a entende, ou seja, de realizar o movimento orgânico das civilizações. SPENGLER, Oswald. **A decadência do Ocidente:** esboço de uma morfologia da História Universal. Rio de Janeiro: Zahar, 1964, p. 380-386.
[298] SPENGLER, O., 1964, p. 391-394.
[299] Ibid., p. 395-396.
[300] Ibid., p. 400-404.
[301] Ibid., p. 419-421.
[302] Ibid., p. 422-425.

daquelas transformações rápidas próprias da modernidade, que extirpa a tradição e a experiência do governo, no qual a sucessão não está mais ligada a uma minoria educada, mas à tentativa casual de achar um bom sucessor[303]. Esta busca leva àquele estado que Kahn e Wiener reconheceram como anarquia e impasse e que Spengler apresenta como a transição do napoleonismo ao cesarismo. A busca por um líder faz surgir os Estados em luta, o que sucede o Estado absoluto. Esse novo Estado reduz-se à vontade e à ordem pessoal que causa a luta dos Estados e, então, alguma forma de imperialismo. Isso seria, destarte, outro aspecto do Napoleonismo[304].

O Cesarismo seria um processo posterior, uma transformação que acompanha o fim da democracia e que ocorre não pelo desaparecimento do partido burguês, mas pelo seu desmantelamento, que acaba tornando-o um séqüito de um senhor e, portanto, o Cesarismo[305]. É o triunfo do império, que encerra o poder da política e do dinheiro[306]. Acompanhando o Cesarismo, há a segunda religiosidade. Ela ocorre logo após um conjunto de cultos que carecem de uma profundidade religiosa e corresponde ao fim do período de auge das civilizações. Por fim, ela ressuscita a religiosidade primitiva, porém com um forte sincretismo. Tal processo culminaria na religião dos felás e na inércia não-histórica que existia antes do início da cultura-civilização[307].

Sorokin apresenta um processo similar de desmantelamento do governo no período Sensate. Ao falar da atualidade, o sociólogo defende que os governos possuem suas autoridades sobre critérios Sensate, como, por exemplo, a classe proletária, a vontade das pessoas ou a nação. Assim, a liderança é constituída pelos ricos ou pelo proletariado, tanto o fascista, o nazista, o socialista, quanto pelas facções liberais, com algumas contribuições da aristocracia Sensate dos regimes anteriores e de vários intelectuais também Sensate. Não há, portanto, nenhuma referência a valores Ideational. A força é o único parâmetro e ela é empregada para resolver as rivalidades. Qualquer resistência passa a ser eliminada ou afastada, não importa se é a ciência, a religião, a arte, a ética ou a lei. É assim que as facções que se apossam do poder agem. Conforme Sorokin, as ações destas facções, quando obtêm o poder, são: eliminar as leis que são inconvenientes; proibir qualquer crença, teoria, opinião e convicção religiosa, moral ou científica que as contradigam; tentar criar suas próprias ideologias, as quais intentam substituir os valores solapados; ensinar para os jovens suas

---

[303] SPENGLER, O., 1964, p. 404-405.
[304] Ibid., p. 409-414.
[305] Ibid., p. 420.
[306] Ibid., p. 414-416.
[307] Ibid., p. 369-374.

doutrinas; silenciar todos os oponentes através da imposição de penalidades, censuras, privação dos meios de comunicação e de organização; apossar-se de todos os meios de comunicação e usá-los exclusivamente para a propaganda da doutrina governamental. Há, ainda, as guardas especiais, com sua disposição em locais estratégicos, com o extermínio físico dos oponentes e etc. A arte e as teorias, então, acabam sendo reverenciadas, por pior que sejam, quando exaltam o governo. Tal prática leva a um constante desejo e usurpação do poder e, portanto, a revoltas e guerras entre as facções que não seguem qualquer verdade específica[308].

Essas, então, podem ser as facções que Kahn e Wiener preferiram chamar de oportunistas ou militaristas e que sucedem a igualdade anárquica do período da democracia, resultado de um relativismo que permite as ações das facções. A solução para isso acaba sendo as tiranias do tipo bonapartista ou cesarista.

A próxima fase do ciclo político são os príncipes, correspondendo, então, na crença, a elites ou líderes carismáticos ou messiânicos. Se, por um lado, o termo político remete a Maquiavel, por outro, pouco se aprofunda na teoria dele. A idéia de príncipe, aqui ligado à crença, está no líder que começa a atrair pra si um *status* que culminará, por fim, no rei sagrado. Ou seja, é um líder que está atrelado a uma verdade transcendental e é visto como um libertador, alguém conduzirá a uma nova era, tal como é o Cesarismo. Aqui, há, portanto, o abandono definitivo da teoria de Aristóteles para explicar o processo.

As próximas fases do ciclo são apenas variações leves desse mesmo processo. O próximo estágio político, então, seria: rei, chefe ou outro déspota legal, o qual estaria inserido no estágio da crença da verdade messiânica ou carismática, que será sucedida, por fim, pela verdade revelada, a qual sustenta, no campo político, o Rei Sagrado. No momento que, para Spengler, morreria a cultura-civilização, para Kahn e Wiener, recomeçaria o processo todo, tal como é para Sorokin. Mais uma vez, é baseado em Sorokin que os autores conseguem constituir essa fase final dos ciclos.

Conforme Sorokin, a reação contra a decadência política da Sensate só pode ser Ideational ou Idealistic. Após um período de constantes substituições de facções diferentes no governo, como, por exemplo, radicais e conservadores, ricos e pobres, aristocratas e democratas, e outros, resta uma poeira Sensate, a qual não consegue sustentar uma sociedade. Frente a isso, os valores sociopolíticos passam por uma restauração, saindo da relatividade imposta em direção a um universalismo, que significa uma mudança ou para a Idealistic ou

---

[308] SOROKIN, P.A., 1970, p. 480-482.

para a Ideational[309]. Para Sorokin, na história ocidental, o retorno sempre foi à Ideational, pois, após o declínio da Sensate, o homem se torna tão selvagem que não consegue – ou não quer – mais se controlar e é conduzido, pelos seus sentidos, a um castigo e uma tragédia catastróficas. Após tais períodos, costuma-se, então, instaurar uma mentalidade Ideational, caracterizada por um ressurgimento de valores e por um controle sobre os sentidos. Há, portanto, pouco espaço para os aspectos mistos da Idealistic, já que a ascensão da Sensate para o Ideational, conforme Sorokin, faz-se de forma muito severa e árdua, sendo uma negação rigorosa, portanto, das características Sensate, dificultando ainda mais o aspecto intermediário[310].

Esse processo é evidenciado, por exemplo, pelo surgimento do Cristianismo, como Sorokin expõe e que permite alguma comparação com Gibbon, como os autores sugeriram anteriormente.

Sorokin entende que a passagem do Império Romano para o período Medieval foi uma transição da Sensate para a Ideational. No período de dominação romana, houve uma renovação empírica e um crescimento de descobertas e invenções. Todavia, de forma geral, entre os séculos I a.C. e I d.C., essa renovação empírica não conteve o sentimento de desespero de antanho, pois, desde o período helênico, a cultura Sensate já não mais sustentava certezas e as diversas revoltas e acontecimentos deste período de Roma contribuíram para esse sentimento. No fim do século II e início do I a.C., por mais que Roma parecesse vitoriosa, as lutas sociais intestinas culminaram em revoltas e guerras civis, dificultando a vida e abalando a sensação de segurança. Isso, somado às invasões inimigas, à impossibilidade de expansão imperial e a uma difundida idéia de fim de mundo, conforme Sorokin, levou à desmoralização e ao crescimento da sensualidade e do materialismo, contribuindo com a queda do Império. Sorokin afirma, portanto, que os efeitos mentais de tal situação desesperada são quase sempre um enorme crescimento do fideísmo apocalíptico e do misticismo, de um lado, e do cinismo, do ceticismo niilista e do *carpe diem* sensualista do outro. As diversas formas de ressurgimento Ideational culminaram, então, em uma tendência principal: o Cristianismo. No século III d.C., o empirismo, por fim, enfraqueceu definitivamente, desaparecendo nos séculos seguintes e, no século V, o misticismo e o

---

[309] SOROKIN, P.A., 1970, p. 282-283.
[310] Ibid., p. 697-698.

fideísmo, até então fortes, começaram a dar espaço para uma mentalidade Ideational menos desesperada[311].

Gibbon, por sua vez, não compactua, em seu *Declínio e queda do Império Romano*, com os objetivos de Sorokin. Contudo, o historiador inglês também não escapa do entendimento de Roma como uma continuidade, no referente à cultura, dos gregos[312], sendo que esta cultura já apresentava sinais de degenerescência, no século I d.C., em relação ao vigor cultural do passado[313]. Gibbon aponta, ainda, que, nesse período, o Império era opulento e buscava a satisfação dos prazeres de seu povo[314], o que resultava em outra forma de decadência: a dos valores[315]. Todos esses pontos condizem com a análise mais generalista de Sorokin sobre a decadência da cultura Sensate.

Sobre esses rachos, que, com o passar do tempo, colapsaram o Império, Gibbon afirma que se ergueu o Cristianismo.

> Enquanto esse grande organismo (o Império Romano) era invadido pela violência sem freios ou minado pela lenta decadência, uma religião pura e humilde se foi brandamente insinuando na mente dos homens, crescendo no silêncio e na obscuridade; da oposição, tirou ela novo vigor para finalmente erguer a bandeira triunfante da Cruz por sobre as ruínas do Capitólio[316]

Gibbon busca, na sequência, entender as razões específicas para o sucesso do Cristianismo. Todavia, por mais que elas existam, a afirmação citada de Gibbon não contraria, mas apóia a explicação de Sorokin. Ou seja, as causas particulares de como, das ruínas, fez-se um novo edifício, não importam. Por ora, é importante percebemos que, pensando em uma estrutura para delineação de um padrão histórico, ela está, dentro de certo recorte, dada. Assim, apesar de Sorokin não ter feito um estudo próprio sobre o período de decadência do Império, ele partiu de outros trabalhos e delineou a oscilação que ele apresenta. Essa comparação, para os futuristas, então, tem outro valor: a constituição da "opinião embasada" que permite delinear os padrões para o futuro, uma vez que as exposições condizem. Aos olhos dos futuristas, a exposição factual de Gibbon sustenta a exposição geral de Sorokin. É esta a substância prática da metáfora heurística de Kahn e Wiener. Não há a preocupação, portanto, de entender se e como Sorokin leu Gibbon[317].

---

[311] SOROKIN, P. A., 1937, p. 69-79; SOROKIN, P.A., 1970, p. 260-263.
[312] GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano.** (Edição abreviada). São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 63-64; 81-82.
[313] Ibid., p.. 82-83.
[314] GIBBON, E., 2005, p. 68-74.
[315] Ibid., p. 80-81.
[316] Ibid., p. 235.
[317] Sorokin inclui Gibbon entre suas referências, apesar de não o citar diretamente nesta análise da transição do Império Romano para o domínio Cristão.

Portanto, esses dois ciclos que Kahn e Wiener apresentam são elementos chaves para entendermos as especulações que ocorrerão ao longo do livro. Com essa explicação feita aqui, buscou-se entender, inicialmente, a base teórica para elaboração de tais processos históricos, os quais serão recorrentes nas especulações sobre o futuro. Todavia, esses ciclos também nos permitiram conhecer um pouco mais de como funciona a metáfora.

2.1.3. O cripto-historicismo

A última palavra que os autores usam para categorizar os padrões macro-históricos é cripto-historicismo. Este termo serve para descrever um possível elemento de aproximação sincrética e eclética que os autores aprovam. Argumentam que alguém que é cripto-algo tende a sustentar alguma ideologia, mas está relutante em admitir, pois está incerto, envergonhado ou inconsciente de seu comprometimento implícito. Com isso, os autores afirmam que tentaram abandonar a posição cripto e serem explícitos. Ou seja, afirmam que não tentaram usar analogias históricas ou teorias como evidência ou como modelo. Porém, admitem que, ao utilizar analogias ou teorias históricas, existe o risco de elas terem uma forte carga psicológica além da pretendida[318]. É, portanto, uma reafirmação daquele caráter autônomo da tendência múltipla, que é pensada sob influência de várias teorias, sem dever exclusividade a uma especificamente.

A questão da tendência múltipla em seus aspectos teóricos não está finalizada ainda. Ao fim desta parte, temos que a tendência múltipla possui uma aparência de progresso, porém, relativiza-o, já que ela não intenciona, aparentemente, que as coisas estejam providencialmente ou imanentemente dadas, mas, pelo contrário, ela é concebida como uma estrutura para pensar e, então, construir o futuro. Todavia, reconhece a existência de padrões, sobre os quais pode delinear as possibilidades futuras. Tal delineação se dá, essencialmente, pelas metáforas heurísticas, as quais, todavia, não são infalíveis, já que existem fatores acidentais e incertos na história. Porém, até contra tais fatores, é possível se preparar, já que a tendência é eclética e considera vários aspectos distintos das diferentes teorias, criando um conjunto amplo de possibilidades imaginadas para o futuro.

Complementando esses padrões – já que no texto do *O ano 2000* aparece anteriormente – os autores experimentam a tendência múltipla no século XX. É a isso que nos dedicaremos agora.

---

[318] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 32-34.

2.2. O século XX e a experimentação da tendência

A experimentação da tendência que os autores realizam fornece alguns padrões para pensar o devir, constituindo uma trajetória histórica do século XX até o século XXI e um conjunto de exemplos e metáforas para pensar possibilidades futuras. Além disso, serve como material para a constituição dos componentes da tendência e para delinear seu desenvolvimento[319].

A experimentação é realizada a partir da segmentação do século XX em três terços praticamente iguais. Assim, os autores pensam como seria uma projeção, feita em 1900, sobre os 33 anos vindouros e outra projeção, agora em 1933, que alcançaria até 1967, que era o ano do livro. Dessa forma, a experimentação funciona também como a opinião embasada, já que fornece elementos para pensar a continuidade do século XX no terço faltante. Os autores procuram, ainda, contrastar as possíveis projeções com o que de fato aconteceu, reunindo, assim, uma coleção de acontecimentos surpreendentes e possíveis[320]. Com isso, os autores realizam aquilo que é uma das características do prognóstico: o passado como exemplaridade para o futuro.

2.2.1. A história do século XX

Para os autores, o mundo, em 1900, esteve perto de constituir uma unidade política, cultural e econômica, já que ele era dominado pelos maiores poderes da Europa Ocidental e Central, os EUA e duas sociedades não-ocidentais ocidentalizadas: Japão e Rússia. Constituía-se, dessa forma, um império do mundo ocidental, permitindo que todas as partes do mundo estivessem em íntimo contato[321]. Esse império tinha como representantes a Grã-Bretanha e a França, as quais, todavia, já perdiam forças para a Alemanha, semi-periférica, para os EUA, para o Japão e para a Rússia, totalmente periféricos[322].

Esse bloco se caracterizava pela industrialização e pela modernização, sendo essas duas características que lhe davam força e que o faziam como exemplar, já que aderir a esses

---

[319] Acabei inserindo nessa parte da experiência trechos de outros capítulos que complementavam essa questão. Novamente, isso foi feito com o intuito de deixar a exposição dos autores menos fragmentária, aproximando, então, partes espacialmente distintas do livro, mas que se complementavam analiticamente. O leitor mais atento poderá ver quando essas aproximações foram feitas ao seguir as notas de rodapé que mostram os números correspondentes às páginas do livro *O ano 2000*.

[320] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 13-26.

[321] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 13.

[322] Ibid., p. 15.

dois processos era sinal de autonomia. Sendo assim, os futuristas argumentam que as industrializações da Rússia e do Japão ocorreram mais por questão de segurança nacional do que pela necessidade da elevação do padrão de vida. Tinha-se, então – e excetuando a Turquia, o Irã, a Tailândia, a Etiópia e alguns países da América Latina – que toda a nação que não se industrializara, em 1900, era ou colônia, ou protetorado, ou território dependente. Para Kahn e Wiener, no começo do século XX, uma industrialização bem sucedida era encarada como questão de independência, de sobrevivência nacional, ou uma combinação de patriotismo e ambição[323].

Por essas condições, algumas características próprias do bloco ocidental passaram a ser disseminadas também como exemplares. Na religião, por exemplo, o cristianismo estava em quase toda parte, ou instaurado ou em ascensão – exceto nas sociedades modernizadas, que eram tradicionalmente cristãs e nas quais a secularização já conquistara espaço. Contudo, para Kahn e Wiener, era possível que o sucesso, tanto do parlamentarismo, quanto do cristianismo, desse-se, talvez, menos pela aparência intrínseca desses sistemas, e mais pelo poderio e carisma do Ocidente, que passava por uma fase de êxito inédita[324].

Assim, vemos que o item 5 da tendência (industrialização e modernização em escala mundial) tem um papel fundamental, pois é dele que os futuristas partem para entender o século XX. Os autores entendem os dois processos como característicos do Ocidente e, assim, recuperam uma idéia de Toynbee. Conforme o historiador inglês, a palavra "moderno", associada com outras duas, a saber, ciência e democracia, seria um eufemismo para ocidental. Apropriado, então, por Kahn e Wiener, Toynbee argumenta que essa trindade, para os não-ocidentais, funcionava como uma forma de ocidentalização. A preferência por essas características deveu-se ao sucesso do Ocidente desde o século XVII[325].

Como resultado dessa modernização, os autores apontam que existia entre os ocidentais e ocidentalizados um sentimento de auto-satisfação nacional, de otimismo e de fé no futuro. O que suportava esse otimismo, em 1900, na opinião dos futuristas, era a conjunção da aceitação das teorias de Darwin e de Adam Smith com os valores políticos e as premissas filosóficas do Iluminismo – portanto, a crença no progresso, na evolução e em uma lógica inerente à economia que a faria se desenvolver. Tudo isso fornecia uma base consistente para a organização e a utilização de valores e práticas burguesas e imperialistas. O êxito (aparentemente) real do sistema e suas perspectivas cooperaram também. A *belle époque*

---

[323] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 14.
[324] Ibid., p. 15.
[325] TOYNBEE, Arnold. **A América e a revolução mundial.** Rio de Janeiro: Zahar, 1963, p. 149-157.

(1901-1913) foi, para os futuristas, um exemplo disso, uma vez que se caracterizou pelo crescimento e prosperidade da economia em escala praticamente mundial, assim como por um estonteante avanço científico e tecnológico. Tal período, então, foi o ponto culminante de um progresso material, tecnológico, científico e, quiçá, ético[326].

Para Kahn e Wiener, o grande divisor foi a I Guerra, pois ela estilhaçou não somente a *belle époque*, mas também a estrutura moral e política da Europa. Não só a guerra fez isso, mas o aparecimento de várias táticas de guerra insensatas, o efeito moral de vários escritores e revisionistas anti-guerra e a desilusão com o consenso do pós-guerra. A perda de moral e prestígio da Europa após 1918 foi profunda e mundial. Ou seja, toda a crença do início do século foi solapada e, com isso, o otimismo se transformou em pessimismo, o qual se refletiu na popularidade de autores como Spengler, por exemplo[327].

Assim, conforme Kahn e Wiener, a maioria dos Europeus esperava que os russos ou os asiáticos fossem os sucessores do poder ocidental. A Rússia, por já ter produzido um fenômeno que os autores consideraram como surpreendente: a ascensão do comunismo e da URSS. No caso da Ásia, tinha-se o Japão, por exemplo, que, em outro evento considerado surpreendente, iniciara o século XX vencendo uma nação branca (Rússia) em seu próprio território, provando, assim, que os 400 anos de supremacia militar ocidental não eram necessariamente permanentes. Porém, como os autores expõem, foi uma aberração da cultura ocidental – o Nazismo – que esteve perto de conquistar toda a Europa e, em aliança com o Japão, tornar-se predominante no mundo. Os futuristas compreendem, ao lado do Nazismo, o Comunismo e o Fascismo, todos possuindo uma relação paradoxal com o Ocidente, pois, por um lado, eram produtos deste, porém, por outro, contrariaram-no[328].

Para Kahn e Wiener, esses movimentos foram ocidentais, pois funcionaram como reações à crise européia. Os primeiros líderes do Fascismo e do Comunismo representavam a tradição política e intelectual romântica anti-burguesa, anti-capitalista e anti-plutocrata que se rebelou contra o liberalismo europeu desde antes de 1848. Por idos de 1918, tal tradição incluiu a maioria dos intelectuais e artistas europeus. A crise européia, portanto, aconteceu no momento em que a estrutura formal da sociedade liberal foi tida como falha ou desacreditada em alguns dos seus aspectos cruciais, já que produzira a I Guerra e foi incapaz de agir contra a inflação e o colapso econômico do entre-guerras. Com isso, os autores afirmam que os primeiros líderes nazistas provinham das margens aventureiras e foras-da-lei, estando suas

---

[326] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 15-16.
[327] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 18. Essa análise condiz com a de Sorokin. Cf: SOROKIN, 1970, p. 3-9.
[328] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 16-19.

pretensões dirigidas por ideologias "populistas" com características do movimento romântico contrário à burguesia. As crises da I Guerra e seus resultados permitiram, então, que as grandes massas apoiassem tais líderes[329].

Esses movimentos de massa, considerados como totalitários messiânicos, ocorreram, conforme os futuristas, nas quatro nações (Japão, Rússia, Alemanha e Itália) mais próximas de alcançar ou até passar as forças industriais avançadas[330]. Assim, eles surgiram dentro do Ocidente, como resultado do estado "totalitário", o qual forneceu uma demonstração não planejada e sem precedentes de recursos de organização das massas, de produção industrial, de mobilização social e de militarização disponível ao Estado Moderno. A guerra também acelerou a transformação social européia, que começou com a revolução tecnológica do século anterior. Decorrente disso, a perda das raízes ao longo da guerra por milhões de europeus juntou-se às tradições intelectuais, antiliberais e revolucionárias, resultando nos movimentos românticos e violentos que atingiram a Europa e que defendiam caminhos irracionais e fins visionários. Essa característica atraiu inclusive os grupos sociais que pareciam ser menos suscetíveis a tais ações e argumentos. Portanto, para os autores, os movimentos messiânicos totalitários contrariaram o Ocidente ao refutarem a razão[331].

Sendo assim, a continuidade do fracasso se deu quando os alicerces básicos da sociedade ocidental européia foram ignorados por grandes grupos que faziam parte dela. Muito dos trabalhadores que, anteriormente, vitimados por crises econômicas e sofrendo exploração, organizaram-se em partidos e exerceram alguma influência governamental, nas crises européias dos anos 20 e 30, abandonaram o sindicalismo e o socialismo democrático e dirigiram-se ao pendor visionário do fascismo, do nazismo e do comunismo. Paralelo a isso, os partidos conservadores, liberais, socialistas e agrários, que representavam interesses de classe, foram trocados por movimentos fascistas, que não lutavam por nenhum interesse particular de classe e, por isso, encontraram algum apoio em todas. Junto a isso, o isolamento individual, a anomia e a alienação dentro das sociedades urbano-industriais contribuíram para essa adesão de membros de todas as classes[332].

Os futuristas argumentam que esses novos movimentos não foram somente além da estrutura estabelecida na política européia, mas realizaram isso a partir do estabelecimento de

---

[329] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 267-268.
[330] Ibid., p. 19.
[331] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 269-270. Para construir essa análise do surgimento dos totalitarismos, os autores se basearam nas seguintes obras: FINER, Herman. **Mussolini's Italy**; NOLTE, Ernst. **The european right**; MOSSE, George L. **The crisis of german ideology**; ARENDT, Hannah. **The origins of totalitarianism**.
[332] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 267-270.

objetivos visionários e historicistas e de justificativas irracionais para seus atos, sem, contudo, abandonar elementos ocidentais já conhecidos. Assim, na Itália, tal tendência apresentou uma forma militarista, imperialista e socialista e prometia uma renovação social e econômica. Na Alemanha, foi militarista, socialista, racista e revisionista. Kahn e Wiener argumentam, ainda, que o Nazismo, diferentemente do Fascismo, não se satisfez com a concretização de um império nacional, desejando, portanto, uma reorganização radical, assim como limpar a Europa, acabar com os Estados-nações e unificar o continente. O Comunismo europeu tendeu ao socialismo, ao militarismo e ao internacionalismo, ou seja, tinha como objetivo acabar com a organização em nações. Cada um dos movimentos tinha seus bodes expiatórios. A Alemanha e os Balcãs tinham a raça, enquanto que o Comunismo e o Fascismo, os representantes de classes. O elemento mágico também estava presente, por exemplo, na Alemanha, na Romênia e na Hungria, a partir da criação ou da assimilação de religiões nacionalistas "populares" que recuperavam o paganismo, o qual decorria, por sua vez, das lembranças populares do movimento romântico europeu anterior à guerra[333].

Aqui, portanto, os autores deixam a fase "final" dos ciclos, que vimos anteriormente, mais elucidada, já que explicam como, no caso específico do século XX, a partir da guerra entre os Estados, formaram-se as massas que puderam e dispuseram-se a seguir um líder que consideraram messiânico, tal como no Nazismo, no Fascismo e no Comunismo. Portanto, em torno da figura de líderes, como Hitler e Stalin, ocorreu um processo típico do estágio de líderes carismáticos e messiânicos que se apossam de uma massa ávida por tais saídas. Dessa forma, o Comunismo, o Nazismo e Fascismo podem ser comparados, nos ciclos, com o estágio do Rei Sagrado.

Esses movimentos acabaram resultando na II Guerra e em uma nova devastação da Europa e, então, em uma ascensão dos EUA como potência mundial, ao lado da URSS, estando, logo atrás das duas, outras cinco nações: Japão, Alemanha Ocidental, França, China e Reino Unido[334]. Todavia, para os futuristas, um aspecto importante do segundo terço do século XX foi o crescimento econômico sustentado conquistado no período após a II Guerra. Isso fez surgir como uma possibilidade real a industrialização mundial e a emergência, em nações mais avançadas industrialmente, do que pode ser chamada de a cultura pós-

---

[333] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 270.
[334] Ibid.,p. 16-17, 20.

industrial[335]. Por fim, o segundo terço do século terminou tal como o primeiro, ou seja, com o destaque de uma nação não-branca, nesse caso, a China obtendo armas nucleares[336].

Além disso tudo, os autores notam que, desde o primeiro terço do século XX, várias novas teorias surgiram, como as de Bohr, de Broglie, Einstein, Freud e Schroedinger, as quais eram profundamente perturbadoras. Argumentam que os Vitorianos, autoconfiantes, racionalistas, moralistas e mecanicistas, confrontaram-se com outras realidades, como as de que a matéria sólida é quase toda vazia, que o tempo é relativo, que os relógios precisos correm em velocidades diferentes, que o mundo é governado mais por leis probabilísticas da mecânica de ondas do que pelo simples determinismo de "causa e efeito", e, finalmente, que o comportamento considerado racional é, na realidade, motivado por impulsos inconscientes e sentimentos de caráter socialmente inaceitáveis ou repreensíveis. Conforme os futuristas, de início, tais idéias despertavam bastante interesse, pois não incomodavam ninguém, todavia, por várias razões, tal interesse, atrelado ao conflito entre religião e ciência, praticamente desapareceu desde a II Guerra[337].

É interessante pensar essas novas concepções científicas como equivalentes ao relativismo e ao niilismo dos ciclos. Elas indicam, assim, o início do período de mudança no ciclo, quando as certezas são enfraquecidas e os governos começam a apontar na direção teocrática e para uma verdade geral e imposta. Representam, também, o desenvolvimento das tendências científicas da tendência múltipla.

2.2.2. A experiência para o fim do século

Os autores, a partir da experiência histórica retirada do século XX, desenvolvem uma lista de eventos surpreendentes para o fim do século. São eles: 1) Invasão e guerra; 2) Conflito civil e revolução; 3) Fome; 4) Peste; 5) Despotismo (opressão); 6) Desastre natural; 7) Depressão ou estagnação econômica; 8) Desenvolvimento de máquinas (próximas do ou) "do fim do mundo" baratas[338]; 9) Desenvolvimento da tecnologia de armas nucleares portáteis[339]; 10) Ressurgimento do comunismo, ou renovação do fascismo; 11) Polarização racial, norte-sul, rica-pobre, leste-oeste, ou outra forma de rompimento; 12) China economicamente

---

[335] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 21.
[336] Ibid., p. 16-18.
[337] Ibid., p. 16, 20.
[338] Referência à idealizada máquina do fim do mundo, tal como expusemos na introdução, vide p. 5.
[339] Os autores chamam, no original, de "nuclear 'six gun' weapon technology". Uma arma de seis tiros é um tipo de revólver que possui um tambor com espaço para 6 balas. O tipo mais conhecido de revólver.

dinâmica; 13) EUA, URSS, Japão, Alemanha Ocidental, Brasil e outras potências politicamente dinâmicas; 14) Novas filosofias religiosas e/ou outros movimentos de massa; 15) Desenvolvimento das Nações Unidas, ou de outras organizações mundiais; 16) Possíveis organizações regionais ou multinacionais; 17) Impacto psicológico perturbador de novas técnicas, idéias, filosofias e afins[340]. Além disso, esses eventos também servem como pontos de partida e categorias para pensar os possíveis cenários e variações canônicas que veremos mais à frente

Conforme os autores, os seis primeiros itens constituem tipologias de eventos retiradas da Bíblia. Os autores definiram as 4 primeiras tipologias de eventos a partir dos 4 cavaleiros do apocalipse (conquista, guerra, fome e morte). Já todas as 6 primeiras estão associadas com os 6 selos do livro que é o objeto do Apocalipse. Os outros itens, eles identificam como possibilidades modernas[341]. O item 10, por exemplo, aponta um ressurgimento que anteriormente se concretizou como o surgimento. Assemelha-se com os dois terços iniciais do século, ainda, a questão do aparecimento de novas potências e a mudança possível de eixos de liderança. A surpresa também aparece como possibilidade decorrente da tecnologia e da ciência, assim como da questão ideológica.

2.3. A dinâmica da tendência múltipla

A tendência múltipla é, portanto, a base e a estrutura sobre a qual se desenvolvem a história e o futuro para Kahn e Wiener. Partindo da tendência e usando os recursos metodológicos do método de especulação, os futuristas pensam uma situação geral para o futuro: a sociedade pós-industrial. Para a concretização dessa sociedade, ou de possíveis desvios que acabariam não culminando nela, os autores apresentam um conjunto de análises que podemos dividir em quatro grupos: questões econômicas e sociais, questões culturais, questões tecnológicas e questões de política internacional. Todavia, essas divisões são apenas sistemáticas e expositivas, pois há uma grande integração entre isso tudo, tal como existe entre as tendências da tendência múltipla. Assim, cada um dos elementos da tendência múltipla será explicado nos dois próximos capítulos, conforme as projeções. Já percebemos, contudo, na experiência sobre os dois terços iniciais do século XX a importância do item 5, ou

---

[340] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 24.
[341] Ibid., p. 23.

seja, da industrialização e da modernização. Porém, dois itens merecem atenção agora, pois tratam particularmente da dinâmica da tendência múltipla.

Kahn e Wiener acreditavam na soberania da tendência para o futuro, o que é evidenciado pelo item 13: *aumento da universalidade da tendência múltipla*. Apesar de, no começo do século XXI, alguns de seus aspectos poderem ser diminuídos ou estabilizados[342], isso decorreria do próprio desenvolvimento da tendência. Conforme os autores, os aspectos dela praticamente explicam a si mesmos, além de serem complementares, sem hierarquia e funcionalmente equivalentes. Frente a isso, argumentam que há mais ou menos dois séculos era difícil determinar o que era a causa e o que era o efeito dentro da tendência múltipla. Depois, com o maior desenvolvimento tecnológico e econômico, as causas e os efeitos pareceram mais visíveis. Assim, a acumulação de conhecimento científico e tecnológico, a institucionalização da mudança através da pesquisa, desenvolvimento, inovação e difusão, a industrialização, a modernização e o aumento das riquezas mundiais puderam acontecer somente dentro de um contexto cultural e estrutural muito especial que era: por um lado, uma cultura que tendia a se tornar Sensate, empírica, secular, utilitária e manipuladora da natureza e, por outro, uma estrutura social caracterizada pelo aumento da dominação da mentalidade econômica (burguesa), burocrática e das elites democráticas[343]. Ou seja, os autores relacionam os elementos da tendência múltipla, afirmando que os itens 3, 4, 5 e 6 surgem dentro de um contexto que é exposto nos itens 1 e 2. Esses processos todos ficarão mais claros conforme formos nos aprofundando nos itens da tendência e nos seus desenvolvimentos.

Essa relação estabelecida pelos autores de tendências gerando tendências poderia parecer contraditória, pois, como foi exposto na experimentação, a modernização e a industrialização foram os elementos que fortaleceram e disseminaram outros aspectos da cultura ocidental. Todavia, agora, Kahn e Wiener afirmam que foi a cultura Sensate e a mentalidade burguesa que permitiram o desenvolvimento da industrialização e da modernização, da riqueza, da mudança e etc. Porém, isso se esclarece quando os autores reconhecem que as mudanças sociais no mundo são mais complexas do que as tendências e as explicações podem fazer parecer. E, pondo a seqüência de acontecimentos em termos históricos, entendem a Renascença como a manifestação da tendência Sensate e a Reforma, como manifestação da tendência burguesa. Dessa forma, a Revolução Industrial e o

---

[342] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 24-25, vide listas.
[343] Ibid., p.64-65.

crescimento econômico e tecnológico seriam tendências posteriores também muito importantes e que poderiam gerar outras tendências[344].

Assim, o que parece haver aqui é uma complementaridade de processos. Se a base Sensate e burguesa permitira a industrialização, a modernização, o acúmulo de riquezas e a institucionalização da mudança, foi a partir desses fatores e dessas manifestações que a base se reafirmou em outros territórios e em outros momentos. Dessa forma, os autores atribuem aos três últimos elementos da tendência (aumento da capacidade de destruição em massa, aumento do ritmo de mudança e aumento da universalidade da tendência múltipla) a possibilidade de apresentarem, no futuro, as conseqüências mais espetaculares e desestabilizadoras. Nesse sentido – e já entrando no 12º item da tendência: o aumento do ritmo de mudança[345] – Kahn e Wiener tocam na questão de como a mudança pode ser um fator definitivo para o futuro, pois ela resultaria da operação cumulativa e da longa duração da própria tendência. Portanto, a rotina rápida e cumulativa do desenvolvimento econômico e tecnológico, característica da sociedade industrial ocidental, poderia ter feito surgir uma instituição da mudança. Todavia, pensam, por outra ótica, que tal desenvolvimento poderia conduzir a pontos finais e reversíveis – ou irreversíveis – das tendências[346]. É interessante percebemos como a tendência é dinâmica na visão dos autores, pois antigos elementos geram novos que podem afetar a tendência. Nesse sentido, a mudança, característica da modernidade, acaba sendo entendida como próprio processo dessa modernidade. Portanto, a própria mudança constante é resultado de um processo cumulativo e contínuo de ações que foram executadas, que pode, ou não, ser reversível.

Definindo essa dinâmica da tendência múltipla, os autores partem dela e delineiam o mundo padrão, suas variações canônicas e os cenários. O desenvolvimento livre de surpresas da tendência múltipla conduziria à sociedade pós-industrial. No entanto, para ela se concretizar, algumas condições econômicas, sociais, tecnológicas e de política mundial teriam que se realizar. É isso que veremos agora.

---

[344] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 65.

[345] Não dá para entender esse item distinto do 4º (institucionalização da mudança). A instituição da mudança e o aumento do seu ritmo, que decorre do avanço tecnológico, é uma idéia baseada em Kenneth Boulding, que expõe esse desenvolvimento tecnológico como algo que ocorria desde o século VI, atingindo um alto grau, todavia, após o século XV, com a invenção da imprensa. No século XIX, esse processo se intensificou a partir da institucionalização da pesquisa e do desenvolvimento científicos. BOULDING, Kenneth E. **O significado do século XX:** a grande transição. São Paulo/Rio de Janeiro/Lisboa: Fundo de Cultura, 1966, p.12, 15.

[346] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 65.

3. A TENDÊNCIA MÚLTIPLA E OS DESENVOLVIMENTOS POLÍTICOS

Para entendermos os desenvolvimentos políticos possíveis propostos por Kahn e Wiener, algumas questões tecnológicas, econômicas e sociais precisam ser pensadas. Assim, como veremos a seguir, não é somente de política que os autores tratam ao pensar as possibilidades para as nações no futuro.

3.1. A questão tecnológica

Um ponto de partida para a questão tecnológica, tanto no entendimento da projeção política, quanto da cultural, é o aspecto da institucionalização da mudança, tal como aparece no item 4 da tendência múltipla. Além desse item, os autores, ao pensar sobre as inovações tecnológicas, consideram ainda a acumulação de conhecimentos científicos e tecnológicos[347].

Ao pensar os desenvolvimentos tecnológicos, os futuristas não consideram as possíveis interações entre eles, apesar de acreditarem que essas relações poderiam se estabelecer. Essas interações poderiam se dar ou por estímulo a outras áreas, ou por possibilitar soluções inesperadas, ou para serem usadas em conjunto com outras, formando um todo, ou, finalmente, por conduzirem a inovações inesperadas. Então, os efeitos de cooperação e de interação, os autores chamaram *synergism*, enquanto que as inovações e descobertas imprevistas, de *serendipity*[348].

Esses dois conceitos permitem os futuristas pensar o aspecto surpreendente que cerca as inovações científicas e tecnológicas. Inicialmente, reconhecem a dificuldade de determinar os desdobramentos de qualquer descoberta científica, já que a pesquisa científica não visa necessariamente um fim prático. A respeito do *synergism*, os autores afirmam que ele pode ocorrer de forma cumulativa, com um conjunto de interações se sobrepondo. E, por fim, essas relações das descobertas e inovações podem trazer, ainda, a *serendipity*[349]. Assim, cada uma das inovações pensadas poderia produzir uma mudança significativa nos próximos 33 anos. Essa mudança pode se caracterizar por ser ou espetacular, ou onipresente, ou que permita alguma relação *sinergística* – que possibilite, portanto, que uma grande quantidade de coisas

---

[347] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 57.
[348] Ibid., p. 66-67.
[349] Ibid., p. 68-70.

diferentes possam ser feitas – ou que aumente a produtividade, ou tenha importância para indivíduos específicos[350]. Além disso, pensam que o desenvolvimento tecnológico deveria se pautar no que ele poderia trazer de novo, qual o benefício, como ele influenciaria o inimigo, os aliados e a corrida armamentista como um todo, e qual a relação de custo e eficiência[351].

Além desses critérios para considerar algo inovador, os autores pensam, ainda questões práticas e éticas. Assim, alguns avanços poderiam ser encarados como exemplos de benefícios não ambíguos do progresso humano. Todavia, eles poderiam, apesar de tudo, apresentar dificuldades em outros sentidos, como o aumento do poder da URSS, ou uma mudança no eixo de poder. São exemplos: novas fontes de energia, novos materiais para equipamentos e etc. Outras tecnologias novas poderiam ter conseqüências controversas, as quais poderiam ser evitadas ou desencorajadas pelas políticas governamentais. Algumas dessas questões a serem enfrentadas possivelmente seriam referentes ao desenvolvimento nuclear, ao poder governamental e/ou privado excessivo sobre os indivíduos e às decisões, que seriam complexas, importantes, incertas ou amplas, porém essencialmente necessárias. Alguns exemplos de tecnologias que poderiam suscitar tais questões seriam as técnicas novas e mais seguras de educação e propaganda para afetar o comportamento humano, armas e sistemas bélicos disponíveis e baratos, etc. Há, ainda, tecnologias que, além de interessantes, acarretariam conseqüências não triviais. Exemplificando: satélites permanentemente habitados e instalações lunares, alta capacidade de comunicação mundial, regional e local sem ser onerosa, conferências por TV, luas artificiais e outros métodos de iluminação noturna para grandes áreas, etc[352]. Há, finalmente, algumas possibilidades radicais, umas, importantes, e, outras, que fariam pouco sentido. Qualquer uma dessas dificilmente ocorreria. Exemplos são: crescimento artificial de membros e órgãos, viagem interestelar e modificações grandiosas da espécie humana (não mais homo sapiens)[353].

Seguindo esse raciocínio, os autores pensam o desenvolvimento tecnológico de duas formas. Por um lado, como influência decisiva na questão militar, por outro, alterando o cotidiano social. Essas alterações terão papel fundamental nas especulações que fazem para o futuro, tanto da sociedade, como da política internacional. Aqui, centrar-nos-emos, por enquanto, apenas nas tecnologias que poderiam ter algum efeito sobre a política internacional.

---

[350] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 50.
[351] Ibid., p. 82.
[352] Ibid., p. 51. As listas das diversas inovações nas páginas 51-55.
[353] Ibid., p. 56-57.

3.1.1. A tecnologia concernente à política internacional no mundo padrão

São diversas as maneiras como a tecnologia poderia influenciar a política internacional, mas todas acabam girando em torno da tendência do aumento da capacidade de destruição em massa e da acumulação de conhecimentos científicos e tecnológicos. Os autores consideram, por exemplo, que os diferentes avanços tecnológicos, como a utilização dos *lasers*, o desenvolvimento da holografia, o avanço médico e o desenvolvimento da informação e comunicação poderiam afetar tanto a política internacional quanto a guerra central, entendida como a guerra que envolve duas grandes potências e seus territórios. Partindo disso, afirmam a existência de um ritmo de mudança significativa nas estratégias e tecnologias militares de 5 anos. Este ritmo foi definido pelos autores a partir da experimentação e da comparação com o desenvolvimento já existente. Kahn e Wiener prevêem também a necessidade de adaptação da tecnologia às guerras de guerrilha, preocupação, esta, decorrente dos insucessos no Vietnã. Inquieta-os, ainda, a possibilidade de tais guerrilhas tirarem proveito dessas novas tecnologias, criando, portanto, a necessidade de se pensar contramedidas a isso. Essa possibilidade da difusão tecnológica poderia acirrar a corrida armamentista indiretamente entre os EUA e a URSS, porém, poderia, por outro lado, conduzir a uma política tecnológica mais prudente[354].

Além disso, havia a questão da energia nuclear, a qual suscitou muitos questionamentos no período. O que inquietava os futuristas era a possibilidade de difusão dessa tecnologia, uma vez que a pesquisa e o desenvolvimento, por parte dos governos e das usinas nucleares, acabaram facilitando a fabricação de armas atômicas, fato que tenderia a aumentar até o ano 2000. Frente a isso, questionam o quanto foi pensado sobre tais programas e planejamentos, pois esses desenvolvimentos poderiam criar um impasse entre as utilidades práticas desse tipo de energia e suas capacidades destrutivas quando aplicadas no campo bélico. Como forma de resolver isso, cogitam outras formas de energia, inclusive a possibilidade de represas no Rio Amazonas[355].

Assim sendo, a preocupação central com o desenvolvimento da energia nuclear era, portanto, a possibilidade de armas nucleares. Isso se evidenciava pelos 10 anos que seguiram a II Guerra, quando os 5 principais países que triunfaram ou construíram ou testaram armas nucleares (EUA, URSS e Reino Unido), ou iniciaram programas com esse fim (França e

---

[354] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 75-86.
[355] Ibid., p. 71-75.

China). Por outro lado, contra isso, os autores apontam que após o início do programa francês ou chinês – nos anos 50 – nenhuma outra nação iniciou programas que não fossem pacíficos. Concluem, então, que a ausência de conflitos poderia contribuir com a não proliferação. Contudo, caso houvesse uma retomada, ela aconteceria por fatores próprios do terço final do século XX e provavelmente se iniciaria por Israel, Índia, Alemanha Ocidental e Japão. Assim, Kahn e Wiener afirmam que os programas poderiam proliferar até o fim do século, chegando a 50 nações, o que aumentaria as chances de uma guerra entre países menos desenvolvidos, como também poderia resultar em maior controle e cuidado, funcionando, portanto, como uma forma justa para a solução da defesa nacional[356].

Na questão geral da tecnologia de guerra, os futuristas afirmam que as 3 principais nações da Europa (Reino Unido, Alemanha Ocidental e França) pareciam estar dez ou quinze anos atrás dos EUA. Todavia, os autores acreditam que elas poderiam alcançar um desenvolvimento, por méritos próprios e equivalente à tecnologia dos anos 60 dos EUA, até os anos 70. Essa capacidade poderia também ser relativizada, conforme a capacidade de defesa soviética ou conforme o próprio desenvolvimento tecnológico bélico mundial. Sendo assim, se os soviéticos não desenvolvessem alguma defesa mais elaborada, as nações européias poderiam ter a *deterrence* contra qualquer ataque nuclear da URSS. Por outro lado, se a URSS conseguisse desenvolver fortes defesas, talvez a força militar das nações européias ficasse menor. Contudo, se a Europa tivesse ajuda, poderia resolver esse atraso de forma mais rápida e vencer essas incertezas. Kahn e Wiener cogitam, ainda, a possibilidade de trabalho em conjunto da Europa, que poderia alcançar uma boa defesa de solo, assim como uma defesa nuclear propícia[357].

No concernente à relação dos EUA com a URSS, os autores afirmam que a competição para a obtenção, a pesquisa e o desenvolvimento de armas continuaria. Contudo, apesar dos dois países, conforme os autores, poderem obter uma proteção leve contra mísseis, nenhum dos dois possivelmente alcançaria um programa tão vigoroso e efetivo que conseguiria abalar o equilíbrio entre as duas nações ou até mesmo deflagrar uma maior corrida armamentista. Isso, no entanto, não significa, para os futuristas, que caso a *deterrence* falhasse e estourasse uma guerra, as diferenças entre os programas não seriam importantes. Essa situação traria à tona, então, questionamentos tais como se as perdas seriam de 5 a 10 milhões ou de 30 a 100 milhões de pessoas. Contudo, afirmam que só o acontecimento de

---

[356] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 242-247.
[357] Ibid., p. 228.

algo improvável resultaria em uma grande guerra, pois, na projeção livre de surpresas, as diferenças que produzem os detalhes militares têm pouca probabilidade de serem significativas. Por fim, os futuristas afirmam que os soviéticos, desde o fim dos anos 40, tiveram um relativo atraso em relação à tecnologia de guerra, sendo que isso colaborou com seus posicionamentos mais conservadores no que tangia aos riscos. Assim, havia o temor de que, se os soviéticos se tornassem iguais ou superiores aos EUA nessa área, eles poderiam se dispor a assumir certos riscos, sem o receio de precisarem recuar[358].

Delineado esse panorama tecnológico-político, podemos, agora, rumar às questões econômicas e sociais do mundo padrão. É importante ressaltar que não há uma determinação tecnológica para o mundo padrão, sendo que a divisão feita aqui é apenas expositiva. Assim, é prudente sempre pensar as partes como complementares e, como veremos, perceber que, no mundo padrão, a previsão e o planejamento para o futuro seguem a idéia de coexistência entre as duas potências.

3.2. Aspectos econômicos e sociais

Os itens 5, 6, 7, 8 e 9[359] da tendência múltipla remetem a aspectos econômicos e sociais. Devemos pensar esses itens se desdobrando nas características referentes ao crescimento econômico, ao desenvolvimento dos países e aos distúrbios sociais que os autores consideram possíveis para o fim do século XX e início do XXI, assim como nos eventos surpreendentes, tais como os dos itens 2, 3, 5, 7, 11, 12, 13 e16[360]. As questões econômicas e sociais, dessa forma, acabam refletindo no mundo padrão, na sociedade pós-industrial, nas questões políticas e nas possíveis surpresas para o futuro.

3.2.1. O desenvolvimento econômico da projeção livre de surpresas

A sociedade pós-industrial depende, inicialmente, do desenvolvimento das tendências 5 (industrialização e modernização em escala mundial) e 6 (aumento da riqueza e (recentemente) do lazer) da tendência múltipla. Assim, pensando a industrialização, os autores

---

[358] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 226-227.
[359] Vide página 47.
[360] Vide página 75 da dissertação.

apresentam 5 categorias estritamente econômicas nas quais as nações podem ser encaixadas e que permitem pensar os efeitos da industrialização e da modernização:

1. Pré-industrial	50 a 200 dólares per capita
2. Parcialmente industrializada ou em transição	200 a 600 dólares per capita
3. Industrial	600 a +ou- 1500 dólares per capita
4. Consumo em massa ou industrial avançado	1500 a +ou- 4000 dólares per capita
5. Pós-industrial	+ de 4000 a +ou- 20000 dólares per capita[361]

Segundo os autores, os países pré-industriais estão em uma condição que pode ser considerada historicamente normal, pois nos dez últimos milênios, excluindo-se os dois ou três últimos séculos, nenhuma grande sociedade humana produziu menos que 50 ou mais que 200 dólares de renda per capita por ano. Por isso, a Indonésia, por exemplo, representava uma civilização normal, já que possuía uma população de 100 milhões de pessoas, aproximadamente igual a do Império Han ou do Império Romano, e uma renda média per capita de 100 dólares. Então, os indonésios viviam de maneira semelhante a dos romanos antigos[362].

Todavia, na opinião dos autores, a industrialização alterou o parâmetro do parágrafo anterior, fazendo surgir as sociedades parcialmente industrializadas. Essas sociedades são caracterizadas por um estágio de transição, sem, todavia, indicar que continuarão a se industrializar. As sociedades industrializadas, por sua vez, estão próximas do estágio de consumo em massa. Exemplos fornecidos pelos futuristas seriam os EUA na década de 20, ou a Europa imediatamente após a II Guerra[363].

Após a II Guerra, conforme os futuristas, o mundo presenciou o surgimento da sociedade de consumo em massa, inicialmente nos EUA e, depois, na Europa Ocidental e no Japão. O Japão podia ser considerado como tal, apesar de possuir uma renda inferior a 1000 dólares. A Rússia, por sua vez, apesar de possuir uma renda em torno de 1500, parecia estar longe de tal grupo[364].

Para alcançar a sociedade pós-industrial, na opinião dos autores, uma renda de 4000 per capita provavelmente seria suficiente em países como a Grã-Bretanha ou o grupo escandinavo. Todavia, as nações com objetivos mais ambíguos, como o desejo por poder mundial (por exemplo, a União Soviética), ou com tradição de luta árdua para o crescimento

---

[361] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 58.
[362] Ibid., p. 57.
[363] Ibid., p. 58.
[364] Ibid., p. 59.

econômico (exemplo: a Alemanha ocidental), ou com expectativas maiores de produção de riqueza (exemplo: EUA), dificilmente se tornariam pós-industriais até que níveis de riqueza maiores fossem alcançados[365].

Essa situação que propiciaria a sociedade pós-industrial seria possível, conforme os autores, pelo crescimento ocorrido entre 1952 e 1967, o qual, como vimos, é comparado com a *belle époque*. Todavia, a diferença, agora, aos olhos dos futuristas, era que as taxas mais recentes tenderiam a continuar de forma regular até o ano 2000[366]. Essa projeção econômica otimista seria a livre de surpresas e os autores a sustentam como possível até o ano 2000 a partir de quatro motivações: 1) o "culto do crescimento" que existia entre as nações, sendo a expansão econômica o principal objetivo; 2) o crescimento exponencial e um conjunto "exportável" de conhecimento técnico, ou seja, o conhecimento da ciência administrativa e de técnicas produtivas estava disponível e crescente e podia ser exportado das áreas tecnologicamente ricas para as deficientes; 3) o controle, a partir do uso dos déficits governamentais, por parte dos países avançados, e das flutuações econômicas, inclusive das depressões, poderia aumentar o Produto Nacional Bruto (PNB)[367], o que permitiria, então, uma melhor difusão e inovação das técnicas e tecnologias; 4) melhoramentos nos programas institucionais mundiais, como a eliminação ou a redução das barreiras comerciais, a criação e o aperfeiçoamento de mercados comuns e o desenvolvimento do conhecimento acerca da teoria e da execução do crescimento, a partir de técnicas de planejamento e do uso de recursos para os países menos desenvolvidos[368]. Ou seja, há, acima de tudo, uma defesa da prática especulativa e de planejamento como importante para esse crescimento econômico.

Para os autores haveria, ainda, fatores temporários que poderiam ocasionar um crescimento acelerado. Alguns deles poderiam ser a mudança da força de trabalho do âmbito rural para o urbano, ocasionando um aumento do lucro nacional, a alocação de trabalhadores desempregados e sub-empregados em atividades produtivas e a imigração de trabalhadores estrangeiros sem famílias. A respeito das nações menos desenvolvidas, os autores expõem como algumas dificuldades possíveis para o crescimento: o fluxo inadequado de poupança e investimento, a falta de mão de obra qualificada, a administração governamental inepta, a

---

[365] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 59.
[366] Ibid., p. 127-128.
[367] Entendido como a relação da estimativa aproximada do total de número de horas trabalhadas e do valor médio de bens e serviços que são produzidos por hora de trabalho, KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 123
[368] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 119-123.

indisposição política e a pressão demográfica constante. Todavia, os futuristas acreditam que tais problemas não seriam permanentes[369].

Esse crescimento permitiria, então, desenvolvimentos em outros sentidos, como o aumento da produtividade por hora, a qual, conforme as referências dos autores, já vinha aumentando desde a II Guerra. Paralelo a isso, Kahn e Wiener demonstram que a média de horas trabalhadas diminuíra, a que poderia corresponder um aumento do número de horas de lazer. Frente a isso, delineiam uma projeção livre de surpresas exposta por gráficos, a qual possui um espaço de manobra, que opera com duas variáveis: horas trabalhadas e aumento de produtividade, sendo que essas variáveis oscilam conforme o PNB desejado[370]. Esses, então, são os fatores essenciais, na questão econômica, que conduziriam à sociedade pós-industrial, sem nenhuma surpresa. Todavia, os autores consideram, ainda, possíveis conseqüências desse processo.

3.2.2. A dicotomização como efeito político e social da industrialização

O principal problema decorrente do desenvolvimento econômico seria a dicotomização. Dentro das nações, ela poderia ser a possibilidade de economias dualistas (ou até triplas). Os autores argumentam que esse problema consistia no contraste do grande desenvolvimento das maiores cidades em relação ao pequeno desenvolvimento das menores cidades e das áreas rurais, o qual era ainda pior em áreas como a América Latina. Argumentam que esse problema poderia se agravar no ano 2000, nos 6 países mais populosos do mundo (China, Índia, Paquistão, Indonésia, Brasil e Nigéria), que continham e conteriam metade da população mundial. Além disso, esses países eram pouco desenvolvidos, sendo pré-industriais nos anos 60 e, conforme a projeção dos autores, parcialmente industrializados no ano 2000[371].

Haveria, ainda, conforme as projeções, diferentes taxas de crescimento entre as nações e os continentes. Assumindo, então, que os programas de ajuda estrangeira, acordos de tarifa, padrões de comércio, instituições econômicas internacionais e outras políticas econômicas continuassem como eram, a disparidade seria cada vez maior entre os países. Assim, a

---

[369] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 123.
[370] Ibid., p. 123-127.
[371] Ibid., p. 58-59.

América do Norte, a Oceania, a Europa e o Japão equivaleriam, em relação ao desempenho econômico, à praticamente o resto do mundo, ou seja, América Latina, Ásia e África[372].

Essa disparidade também se refletiria na questão demográfica. O crescimento populacional, portanto, é um dos itens ao qual os futuristas se dedicam, já que compõe uma das tendências da tendência múltipla. Sendo assim, até o ano 2000, os autores contabilizam uma população mundial de 6 bilhões e 400 milhões[373]. Destarte, buscando entender o crescimento populacional, os autores defendem que, por volta de 8500 e 7000 anos a.C., ocorreu a Revolução Agrícola, permitindo, então, a produção de alimentos, a multiplicação dos seres humanos e o surgimento das civilizações[374]. Dessa forma, afirmam que a população do mundo aumentara de 10 milhões de pessoas, em 8000 a.C., para 3 bilhões e 300 milhões de pessoas em 1965, indicando uma taxa próxima de 80% de crescimento por milênio[375]. Porém, o crescimento não fora linear, havendo um aumento considerável após 1650. Até então, a taxa de crescimento fora de 50% a cada mil anos. Após 1650, subiu para 2000% por milênio. Todavia, acreditavam que essa taxa de crescimento provavelmente se estabilizaria ao alcançar entre 10 e 50 bilhões de pessoas[376].

Realizando-se, portanto, o crescimento populacional previsto para o ano 2000[377], o mundo, conforme os futuristas, presenciaria um agravamento da disparidade econômica, pois os países menos desenvolvido teriam ¾ da população mundial, porém só teriam em torno 14,5% da produção do mundo inteiro. Entretanto, até mesmo as nações pobres desfrutariam de grandes melhoras nos seus tradicionais padrões de vida, pois presenciariam um aumento do PNB per capita. Além do mais, 40% da população mundial viveria em sociedades pós-industriais e industriais e mais de 90%, em países que abandonaram a histórica faixa de renda que variava entre 50 e 200 dólares per capita. Contudo, haveria um hiato ainda maior nos padrões de vida entre os países ou setores dos países com economias desenvolvidas (industriais, pós-industriais e de consumo de massa) e aqueles nos níveis pré-industriais, ou seja, subdesenvolvidos[378].

---

[372] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 141.
[373] Ibid., p. 59.
[374] MCNEILL, 1967, p. 1, apud KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 150. Essa associação de crescimento da população, aumento da produção e algum crescimento do conhecimento também é devedora do que Quigley conceitua como Idade da Expansão, como veremos no próximo capítulo.
[375] HAUSER, P.M., 1965, apud KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 150.
[376] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 150-152.
[377] Tal como aparece na tabela de KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 60; KAHN, H.; WIENER, A.J, 1968, p. 94.
[378] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 59-61, 141-143.

Além da dicotomização, Kahn e Wiener afirmam que os países menos desenvolvidos estariam passando pelos rompimentos do começo da industrialização, da urbanização e do resto da tendência múltipla, além de experienciarem as expectativas que seguem o progresso econômico. Dessa forma, as reações dos países menos desenvolvidos de ou satisfação pelo progresso geral, ou inveja e ressentimento pelas discrepâncias crescentes entre pobre ricos, dependeria, então, de fatores econômicos, culturais e políticos. Essas discrepâncias ficariam ainda mais visíveis pelo desenvolvimento e barateamento da comunicação e dos transportes no mundo[379].

3.3. O mundo padrão político

É importante entendermos as possibilidades futuras que os autores apresentam para o mundo, pois elas são pensadas, entre outras coisas, como possibilidades de desenvolvimento da sociedade pós-industrial, que seria, na visão dos autores, o desenvolvimento pretendido e derivado da tendência múltipla para a sociedade ocidental. Portanto, o mundo padrão, como resultado das projeções livres de surpresas, é um mundo que segue a tendência múltipla, sem grandes modificações.

Essa configuração mundial, conforme Kahn e Wiener pensaram, baseia-se, na maior parte, em suposições explícitas de extrapolações livres de surpresas das tendências internacionais dos anos 60. Assim, assuntos que não eram passíveis de consenso foram deixados de lado, ou seja, preferiu-se a opinião corrente. O mundo padrão projetado é, portanto, pouco surpreendente, sendo que os problemas que ele encontrará serão muito semelhantes aos da época do livro, embora intensificados ou em novas dimensões. Contudo, os autores apontam as variações canônicas como mais interessantes, pois elas apresentam algumas mudanças significativas do mundo padrão, sem serem implausíveis[380].

3.3.1. A coexistência pacífica: a experiência do passado

A defesa dos autores, na questão política, ao longo de todas as variações canônicas, dos cenários e aqui no mundo padrão é a coexistência pacífica entre URSS e EUA. A defesa

---

[379] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 141-143.
[380] Ibid., p. 221.

ocorre, primeiro, como uma atestação de uma situação presente que é desejável, para, depois, serem pensadas as possibilidade de sua continuidade para o futuro. Assim, Kahn e Wiener concluem que uma primeira característica possível do mundo padrão é que os territórios das velhas nações permaneceriam iguais, ou seja, livre de invasões e de violências internas[381]. Para ilustrar esse ponto, os autores pensam conforme a metáfora heurística.

Assim, para eles, o mundo, em 67, não era muito diferente daquele da Europa de 1815. Portanto, após um quarto de século de intenso conflito ideológico, dos sérios distúrbios revolucionários em 1830 e 1848 e da expectativa de mais conflitos, os anos vindouros não foram tão intensos como muitos temiam. Porém, para os futuristas, quando uma mudança no equilíbrio de poder ocorreu, em 1866 e 1871, ela veio de uma fonte mais ou menos inesperada: a Prússia. E, por fim, veio a I Guerra, que acabou com uma era de quase 100 anos de paz relativa e estabilidade resultantes diretamente das mudanças inesperadas do equilíbrio de poder. Assim, na Europa, foi um desequilíbrio de poder que conduziu, ao fim de todo um processo, à I Guerra. Justamente por desconsiderar processos similares a esse, os autores afirmam que o mundo padrão possui uma aparência estática e até irreal. Porém, por outro lado, acham difícil selecionar qualquer nova possibilidade que poderia ser razoavelmente incluída no mundo padrão[382].

Kahn e Wiener recorrem à outra metáfora heurística para entender o que estava em jogo e quais as forças em tensão em 1967. Os futuristas iniciam uma comparação que será retomada em outros momentos, que é com a Antiguidade. Os EUA são comparados com Roma, a Europa, com a Grécia e a URSS ou a China com a Pártia ou a Pérsia. Os autores ressalvam, contudo, que tais analogias, apesar de sugestivas, não prediriam nada com certeza[383].

Pensando nos gregos/europeus, os autores afirmam que eles penderam avidamente à idéia de um império mundial, mas falharam. A Grécia, por exemplo, colonizou as costas do Mediterrâneo e do Mar Negro e as ilhas de Marselha até a região do Cáucaso – e, incluindo a Macedônia Helenística, é possível contar a Índia. Mas, segundo os futuristas, a Grécia não pôde manter esse império conjunto, o qual colapsou antes do impacto do Império Romano. Similarmente, conforme os autores, as forças européias colonizaram o mundo subdesenvolvido e, até 1914, elas dominavam todos os países, exceto os EUA (que já fora uma colônia), alguns países da América Latina e o Japão. Até mesmo países

---

[381] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 221-222.
[382] Ibid., p. 221-222.
[383] Ibid., p. 222.

denominadamente independentes, como China e Egito, foram marionetes das potências da Europa Ocidental. No entanto, nos anos 60, conforme os futuristas, todos os países, exceto os menos desenvolvidos, eram independentes da Europa Ocidental e, em alguns, casos hostis a ela[384].

Os romanos, por sua vez, e mais ou menos contra suas vontades, para os autores, foram forçados a intervir três vezes no mundo grego para impedir sua dominação por um único poder. Fizeram-no sob a alegação ou de uma ameaça ou de uma afronta aos seus aliados. Nas duas primeiras vezes, durante a primeira metade do século II a.C., eles lutaram duas campanhas seguidas contra os Macedônicos e uma campanha vitoriosa contra a Síria e retiraram-se após cumprirem sua missão. A terceira intervenção aconteceu quando o postulante ao trono da Macedônia (agora fragmentada em 4 repúblicas) obteve alguns sucessos locais contra as forças romanas da ocupação. As cidades gregas (Tebas, Atenas e Coríntio) acreditaram que aquele momento era oportuno para juntar forças com o postulante. Todavia, em 146 a.C., logo após o saque de Cartago, os gregos foram derrotados e Coríntio demolida. Sob o pretexto de proteger as forças mais fracas, os romanos acharam necessário permanecer e administrar metade da área que fora conquistada pelos gregos, anexando, então, a Grécia e a Macedônia ao Império, o qual já contava com as colônias asiáticas tomadas anteriormente da Síria. A outra metade da Grécia coube a Pártia, com quem os romanos tinham uma coexistência incômoda[385].

Pensando, então, o paralelo atual, os autores afirmam que os EUA lutaram duas guerras na Europa no século XX e tornaram-se o poder mais destacado do mundo sem desenvolver uma proximidade ou um gosto pelo imperialismo agressivo. Todavia, Kahn e Wiener acreditavam que se os EUA achassem necessário intervir em mais uma grande guerra Européia no século XX, e se eles considerassem – tal como os romanos fizeram – os aliados mais ou menos abertos ao inimigo, pareceria plausível que medidas permanentes pudessem ser tomadas para tentar prevenir uma IV Guerra Mundial, até mesmo se isso significasse a ocupação permanente da Europa. Porém, se os EUA pacificassem a zona européia por ocupação permanente, a forma que isto ocorreria seria sem dúvida bastante diferente da romana sobre a área helenística. Conforme os futuristas, havia pouco, na história americana

---

[384] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 222-223.
[385] Ibid., p. 222-223.

recente, ou no atual cenário internacional, para sugerir uma semelhança de tal resultado. Portanto, essa situação não seria parte do mundo padrão[386].

Definidas, então, as duas potências na Antiguidade, os futuristas afirmam que a relação entre Roma e Pártia foi como uma Guerra Fria pontuada com campanhas "quentes". Nenhum dos lados esteve apto a ganhar a decisão e a coexistência conturbada continuou por séculos, até o Islã finalmente conquistar ambos. Roma estava, na visão dos autores, muito menos disposta que a Grécia a colonizar o mundo. Sua política era uma forma de "equilíbrio do poder": prevenir o crescimento de um poder único, grande e suficientemente forte para representar uma ameaça a si. Para realizar este objetivo, os romanos, tal como os americanos nos anos 60, trabalharam através de um sistema de alianças[387]. É, portanto, a política de equilíbrio de poder que, como veremos, concretiza-se pela coexistência pacífica com a URSS.

3.3.2. A coexistência pacífica: a situação política para o futuro

A situação política mundial é pensada por Kahn e Wiener a partir de uma divisão mundial que considera os EUA e a URSS como duas superpotências, e a Europa (Ocidental), o Japão e a China logo em seguida, como elementos potencialmente decisivos. Por fim, a Europa Oriental, a América Latina, a Ásia e a África aparecem como coadjuvantes. Essa divisão é a base para todas as especulações, tanto as do mundo padrão, quanto as variações canônicas.

O aspecto político mais crucial do mundo padrão, conforme os autores, seria a continuação ou o declínio de interesse na coexistência e na *détente*. A idéia de coexistência pressupõe não somente a existência de forças que realizem uma cooperação e uma tolerância vantajosas para todos, mas também a existência de forças que possam produzir situações de confrontação competitivas. Dessa maneira, Kahn e Wiener defendem um equilíbrio, de forma que as forças que causam a divisão não se tornem predominantes, culminando em conflito, nem que as tensões diminuam ou os interesses comuns cresçam, transformando-se em uma combinação de indiferença, completa tolerância, cooperação ou *entente*. Conforme os autores, é, portanto, a ameaça sempre presente de que as hostilidades existentes levarão a um grau mais perigoso de hostilidade que distingue a coexistência da competição acirrada, da

---

[386] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 223-224.
[387] Ibid., p. 222-223.

indiferença ou da cooperação. Ou seja, com o equilíbrio das forças divisórias com as forças coesivas, a coexistência se manifestaria sob as condições de competição pacífica[388].

Há claramente na visão de Kahn e Wiener uma defesa da e pela continuidade da competição entre URSS e EUA. Essa defesa é justificada, primeiramente, pela promoção que tal situação dá a outros interesses, evitando, assim, o conflito armado, apesar de não evitar os conflitos ideológico e político. Para os autores, essa coexistência estaria ameaçada se um dos países acreditasse ter alcançado uma superioridade militar. Contudo, dificilmente alguém atingiria tal superioridade, ou mesmo a confiança nela. Assim, a competição acabaria se limitando às imagens de cada país em relação à base industrial, ao crescimento econômico, ao desenvolvimento tecnológico, ao poderio militar e etc. Os futuristas sintetizam, então, o mundo padrão como o equilíbrio entre os EUA e a URSS, o qual poderia ser abalado se um dos lados sofresse uma perda de prestígio, acompanhada ou por um sentimento de recuperação dessa perda ou pelo oportunismo do adversário, que tentaria tirar vantagem[389]. É, portanto, uma competição que traz algum incentivo conforme o desenvolvimento do adversário, o qual, porém, possui avanços mais imagéticos do que concretos. Assim, os próprios avanços também podem ser ilusórios, de forma que acirrem as concretudes e as imagens do adversário, para que, então, possam-se fomentar as próprias.

Uma vez que a coexistência benéfica para os EUA dependeria do desenrolar do antagonista, os autores ocupam-se da URSS. Apontam-na, inicialmente, como um país recente, que tendeu ao autoritarismo e representou alguma desilusão para os marxistas, resultado do afrouxamento do partido e do abrandamento da crença na revolução mundial, que se refletia no pouco e ineficaz apoio soviético às revoltas pelo mundo. Porém, apesar da desagregação contínua do Estado policial e do aburguesamento progressivo do governo e das massas, os autores acreditavam que dificilmente a URSS tornar-se-ia um país democrático. Também não retornaria, todavia, a algo como o totalitarismo de Stálin. Essa queda da URSS na representatividade do movimento comunista faria, então, com que ela disputasse a liderança internacional do movimento com a China. Além disso, seria acusada de temer enfrentar os EUA, de estar se aproximando de práticas capitalistas, de estar enriquecida e, portanto, virando as costas aos pobres, e de ser dominada por brancos – que pouco compactuam com africanos e asiáticos. Para os futuristas havia uma tendência da URSS de fato se aproximar do Ocidente, porém, não se chegaria a *entente*. No entanto, essa situação

---

[388] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 224-225.
[389] Ibid., p. 225-226.

poderia causar a fragmentação do comunismo e, portanto, da unidade de propósito do movimento. Além disso, afirmam que o comunismo soviético era datado e, portanto, o comunismo como um todo estava desviando seu centro de gravidade da Europa para a Ásia e a África. A descaracterização do comunismo, para Kahn e Wiener, tenderia a aumentar ainda mais conforme as derrotas diplomáticas da China e da URSS continuassem[390]. Todavia, essas mudanças não afetariam o estatuto de potência da URSS.

Pensando sobre os outros participantes, afirmam que China, por 2000 anos (até 1800, aproximadamente), foi a cultura mais destacada. Assim, a atualidade poderia ser apenas mais um hiato chinês[391]. Sobre a posição da China no mundo padrão, os autores a desmistificam em vários sentidos. Primeiramente, dirigem-se contra o que consideram a superestimada capacidade política, militar e econômica da enorme população, a qual era majoritariamente camponesa e considerada uma fraqueza pelos futuristas. Outro mito seria a idéia de uma perfeita disciplina na China e um desenvolvimento industrial exemplar. Por mais que acreditassem em um crescimento, os autores não o viam produzindo resultados que seriam muito impressivos se comparados com os países vizinhos ou com os EUA e a URSS. Um terceiro mito era a concepção dos chineses como irracionais, o que os tornaria incontroláveis por meios materiais e militares. Esses três mitos resultavam em uma ilusão sobre o tamanho possível do exército chinês. Contudo, os autores argumentam que a capacidade financeira, alimentícia e produtiva da China para sustentar esse exército era baixa. Isso se refletiria em um baixo poder ofensivo, mesmo com o desenvolvimento de armas nucleares. Além disso, persistiriam os problemas relacionados à moral, à disciplina e à autoridade. Um último mito é a crença de que os chineses teriam uma capacidade fantástica de animar revoluções imediatas em regiões próximas e distantes. Os autores contrariam essa idéia, baseando-se em um discurso de Lin Piao, no qual foi afirmado que os movimentos revolucionários deveriam se sustentar sozinhos, sem a ajuda externa ser decisiva. A concretização cada vez mais clara dessa idéia poderia fazer a China perder parte de seu carisma internacional, ainda mais somasse o fato de que o regime não era tão fechado, sendo que, até 66, existiram mais empresas livres e escopo para a iniciativa privada na China do que na URSS[392].

Dessa forma, Kahn e Wiener asseguram que as características da China, pelo menos no nível retórico, e desde que os contornos do mundo padrão se mantivessem, permaneceriam por um longo tempo, independentemente dos desenvolvimentos específicos. Isso se daria, em

---

[390] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 233-234.
[391] Ibid., p. 22.
[392] Ibid., p. 230-232.

partes, pelos líderes chineses serem como qualquer outro: por mais que fossem introspectivos, chauvinistas, sujeitos a preconceitos e, talvez, tão agressivos quanto práticos, poderiam, por essas razões, tornarem-se apenas razoáveis e racionais. Portanto, nem o crescimento da capacidade de mísseis, nem a admissão na ONU fariam muita diferença. Os problemas poderiam advir da contrariedade chinesa aos EUA e à URSS, fruto de excesso ideológico e do nacionalismo, que se refletia na vontade de afastar as duas potências da Ásia. Outras questões apareceriam a respeito do poder chinês exercido sobre a Ásia, América Latina e África e do grau de sucesso econômico e militar que a China alcançaria[393].

Os autores acreditavam que a política dos EUA de contenção à China continuaria, todavia, poucas nações européias poderiam concordar em condenar a China como um mal extraordinário e uma força mundial ilegal e, caso houvesse o apoio a isso, restringir-se-ia apenas à esfera militar. Assim, se existisse essa política de contenção geral, ela seria um fardo dos EUA e de seus aliados, enquanto vários europeus não estariam muito interessados, chegando até a uma oposição leve, desde que eles e seus aliados não fossem diretamente ameaçados. Todavia, Kahn e Wiener asseguram que, havendo o apoio de outros países, a URSS e os EUA poderiam conter a China[394]. Ou seja, a China é desmistificada pelos autores, fazendo-os concluir que ela não ameaçaria o equilíbrio pacífico e positivamente competitivo entre EUA e URSS.

O Japão é visto pelos autores como um possível substituto do poder dominante chinês na Ásia. Contudo, conforme os futuristas, o Japão, em 67, era ainda uma nação invisível na Ásia, apesar de possuir um reconhecido potencial econômico e uma passividade política que podia estar chegando ao fim. Argumentam, então, que, apesar do Japão ter saído derrotado da II Guerra, ele possuía uma população e uma produção industrial grandes, sendo que esta última continuaria a crescer. Além disso, Kahn e Wiener defendem que o Japão não encontrava qualquer pressão de aliados apreensivos ou passava por questões de reunificação. Baseados nisso, os autores apostavam na possibilidade, na década de 70, do Japão surgir como um colosso na Ásia, fazendo, então, frente à China. Por outro lado, afirmam que se alguma depressão séria acontecesse, o Japão provavelmente seria afetado[395]. Ou seja, o Japão aparece, nessa visão, como um aliado seguro para os EUA – e sua ideologia – na Ásia. Porém, em algumas variações, como veremos, ele poderia se tornar um problema para a coexistência.

---

[393] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 231-232.
[394] Ibid., p. 232.
[395] Ibid., p. 237.

Sobre a Europa, viam-na como uma facilitadora da coexistência, já que oferecia máquinas e tecnologias aos soviéticos, e recebia, em troca, petróleo, ouro e outros produtos. Então, a importância da Europa na coexistência cresceria, tal como cresceria o comércio entre EUA e URSS. O que poderia afetar esse comércio, conforme os futuristas, seria a sua compatibilidade com os interesses políticos. Assim, além de evitar o conflito, asseveram que outros interesses comuns poderiam aparecer no mundo padrão. Contudo, um fator decisivo, inclusive para variações que aparecerão mais adiante, seria a possibilidade da Comunidade Econômica Européia poder atingir alguma unidade política[396]. A Europa, portanto, aparece como um intermediário vantajoso para que a coexistência não atinja a cooperação, a qual impediria a competição benéfica.

Os autores dedicam uma atenção especial à Alemanha como símbolo geral da divisão resultante da Guerra Fria. Acreditando na persistência da divisão, para os autores, a Alemanha Oriental cada vez mais se tornaria um país legítimo e viável e os regimes futuros não mais precisariam de apoio das tropas soviéticas, sendo que eles poderiam aumentar o prestígio do país se realizassem uma oposição efetiva aos soviéticos. Os autores cogitam ainda a possibilidade da retirada de tropas também da Alemanha Ocidental, sem, contudo, afetar o equilíbrio sobre Berlim. Todavia, os futuristas acreditavam na possibilidade do surgimento de um nacionalismo na Alemanha Oriental, o qual defenderia que sua construção como nação aconteceu sem ajuda alguma e sob a égide do comunismo, diferente da sua vizinha, que dependeu do sistema capitalista – e de toda sua corrupção – assim como dos EUA. Com isso, ela poderia constituir o verdadeiro espírito alemão, ou seja, uma cultura espartana, socialista, com uma personalidade austera, resoluta e disciplinada, restabelecendo a tradição do socialismo prussiano[397]. Haveria, ainda, o medo europeu da possibilidade de revitalização da Alemanha Ocidental, a qual era vista como um país que se sentia isolado e menos inclinado a acreditar que suas vontades seriam satisfeitas pela OTAN. Por outro lado, dentro da Alemanha, haveria uma preocupação maior com a ameaça soviética, por isso, então, a manutenção do alinhamento com os EUA. Todavia, os autores apontavam que o fato de a questão da reunificação da Alemanha estar ficando de lado, em prol da manutenção da

---

[396] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 229.

[397] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 236; KAHN, H.; WIENER, A.J, 1968, p. 292. Aqui, segue-se a idéia de Spengler, que Kahn e Wiener citam através de Bruce Mazlish e seu livro *The Riddle of History*. Spengler entende esse Socialismo prussiano como o sistema proposto por Frederico Guilherme I, que precedeu a teoria marxista e estava ligado intimamente com o sistema do Egito Antigo. Defendia, portanto, relações econômicas permanentes, o treinamento do indivíduo para seus deveres com o todo e glorificava o trabalho como uma afirmação do Tempo e do Futuro. SPENGLER, Oswald. **The decline of the West**: form and actuality (vol. 1). London: Allen & Unwin, 1918, p. 138.

détente, poderia incomodar os alemães ocidentais, para quem a reunificação aparecia como a principal questão do país[398].

O papel da Ásia e da África seria o de perturbações, as quais decorreriam do contato entre civilizações desiguais. Para os autores, uma das manifestações mais recorrentes nessas regiões era o socialismo de vertente nacionalista – duas doutrinas trazidas da Europa que, porém, sofreram modificações. Sendo assim, os governos ditos socialistas dessas regiões pouco tinham de semelhante com a URSS ou a China. Ou seja, além da volição básica por liberdade e identidade, a revolução afro-asiática possuía elementos anteriores, como a xenofobia, o ódio racial e o exclusivismo cultural, assim como elementos novos com algumas qualidades romantizadas, como a "revolução social", as religiões asiáticas ou as culturas africanas. Isso resultava em slogans socialistas que não eram somente contra as antigas potências coloniais, mas também uma forma de afirmação semi-talismânica com a pós-modernidade e uma rejeição a um sistema capitalista obsoleto. Contudo, esses socialismos tinham alguma forma de apoio da URSS ou da China e, então, conforme fossem bem sucedidos, a aproximação poderia se fortalecer. Porém, os autores acreditavam que esses fenômenos seriam transitórios e raros dentro do mundo padrão. Além disso, Kahn e Wiener não viam essas vertentes talismânicas como soluções aos problemas modernos, além de a rejeição à cultura não parecer, para os autores, algo racional ou praticável para grande parte do mundo em desenvolvimento. Por isso, a tendência, no mundo padrão, seria de sínteses semitalismânicas ou inteiramente racionais[399].

Ao usarem a idéia e o conceito de talismânico, os autores novamente se alinham com Toynbee. Esse termo, o autor inglês utilizou para descrever a busca das civilizações não-ocidentais por valores ocidentais. Assim, a busca por ideais científicos e democráticos não existiria pelos méritos intrínsecos deles, mas pela eficiência, real ou imaginária, que faria tais ideais parecerem como talismãs que dotariam "seus usuários" de poder[400]. Kahn e Wiener entendem, então, que essas sociedades tradicionais, ao recorrerem ao socialismo, não fugiam dessa apropriação talismânica.

Outro participante desse jogo mundial é a América Latina, que, desde a metade do século XIX, conforme os autores, era anti-EUA. Atribuem essa antipatia a motivos racionais e irracionais, os quais foram re-afirmados pela tendência dos EUA em interferir política e militarmente em assuntos latino-americanos. As causas irracionais dessa antipatia foram

---

[398] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 234-236.
[399] Ibid., p. 237-238.
[400] TOYNBEE, A., 1963, p. 157.

diversas, sendo a principal – e a qual acreditavam que continuaria pelo século XXI – a necessidade da América Latina se distinguir, como cultura, da civilização protestante, comercial e agressiva. Existia, ainda, a ameaça desta civilização engolfá-los. Além do medo, havia o ciúme pelo poderio estadounidense. Apesar disso, os autores acreditavam que algumas modificações estavam acontecendo, como, por exemplo, a autoconfiança que brasileiros, mexicanos e colombianos adquiriram. Ela decorreu principalmente do êxito da industrialização, a qual propiciou uma sociedade multi-racial, uma revolução social de sucesso e uma dada perícia em lidar com os EUA, sem precisar apoiar seu inimigo. Dessa forma, Kahn e Wiener criam que a modernização mudara e mudaria a imagem dos americanos dentro da América Latina. Supunham, ainda, que os setores urbanos da América Latina e dos EUA tenderiam a uma assemelhação, embora nunca chegassem a uma cultura gêmea[401].

Por fim, os autores acreditavam que os problemas da América Latina pareciam mais solúveis e toleráveis do que os afro-asiáticos. Isso se daria pela proporção mais favorável, na America Latina, de pessoas em relação aos recursos, além de ela ser produto da cultura européia ocidental, evitando, então, a adaptação cultural das elites. Mas isso, conforme os futuristas, não excluiria os problemas culturais, como a implantação de governos parlamentares, ou as mudanças sucessivas, violentas e ilegais de governo que ocorriam e tenderiam a continuar. Afirmam, ainda, que o comunismo, se instaurado na América Latina, dificilmente se coadunaria com os moldes da URSS ou da China, já que tenderia ao caudilhismo, ou seja, mais ao líder que à ideologia. Frente a tudo isso, era provável que a América Latina conseguiria, no fim do século, padrões de vida comparáveis ao da Itália em 67. Todavia, passaria pelo problema italiano amplificado, ou seja, uma disparidade na renda média entre as classes sociais, talvez seguindo a questão urbano-rural, ou do êxodo rural para as favelas urbanas. Os autores acreditavam na solução desse problema, porém com o surgimento de grandes tensões. No mundo padrão, conforme os futuristas, tais disparidades originariam grandes tumultos, mas não movimentos opressivos e violentos[402], o que aconteceria somente em algumas variações canônicas e cenários.

Assim, temos um panorama geral das questões geopolíticas que cercariam o mundo. Essa projeção geral é livre de surpresas, porém deixa vários ganchos possíveis para os autores pensarem as surpresas que poderiam acontecer, afetando, portanto, a coexistência pacífica e a possibilidade, então, da concretização da sociedade pós-industrial. Para os autores, uma das

---

[401] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 240-241.
[402] Ibid., p. 241-242.

questões cruciais necessária para a manutenção da coexistência eram o conhecimento e o controle das guerras.

3.3.3. A manutenção da coexistência pacífica e a ciência das guerras

Ao dedicar-se às guerras, Kahn e Wiener pensam mecanismos para manter o sistema mundial estável, conservando o equilíbrio de poder e a coexistência competitiva e pacífica. São, portanto, conclusões a respeito das ameaças mais imediatas, assim como das situações que estavam instauradas na época e como concebê-las para o futuro. Kahn e Wiener identificam a estrutura básica das relações internacionais composta, no período, por países independentes, possuidores de armas de destruição em massa e juízes da escalada em qualquer disputa, o que tornaria possível uma "explosão" à curto e à longo prazo[403].

O primeiro aspecto analisado é a corrida armamentista. Apesar de ela poder produzir guerras, os autores acreditam que isso não é um padrão, pois existiram corridas armamentistas que não foram seguidas por guerras e guerras que não foram precedidas por corridas armamentistas. Nos casos em que tais corridas precederam as guerras, não ficou claro se elas foram a causa – ou a maior causa. Kahn e Wiener acreditam, ainda, que uma guerra nuclear só aconteceria por falta de opção e que dificilmente as armas nucleares, se fossem usadas, seriam de forma descuidada e incontida. Sendo assim, os futuristas cogitam a possibilidade de a corrida armamentista diminuir a si mesma, principalmente no caso da defesa possuir alguma vantagem sobre o ataque, ou se existir restrições políticas, doutrinárias ou orçamentárias, ou se for interessante prevenir a escalada. Isso estava claro na relação EUA-URSS, que relutavam em cruzar o limiar nuclear ou até mesmo entrar muito profundamente em uma crise não-nuclear. Além disso, qualquer crise nas nações afro-asiáticas não representaria o início da III Guerra, mesmo que as armas nucleares caíssem na mão de governos irresponsáveis e instáveis. Porém, a difusão seria inevitável, o que poderia criar problemas para a administração política em escala regional ou mundial[404]. Todavia, os futuristas enxergam a corrida armamentista como uma prática restrita a poucas nações poderosas e ambiciosas, mas prudentes. Além do mais, acreditavam que a maioria das nações ganharia mais com o crescimento doméstico do que com a expansão estrangeira[405].

---

[403] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967,. 359-360.
[404] Ibid., p. 360-362.
[405] Ibid., p. 365.

Preocupados, então, com a possibilidade de guerras, os autores buscam desmistificá-las. Refutam, inicialmente, a visão de que as grandes guerras modernas iniciaram-se por causa dos instintos agressivos dos homens, apesar de acreditarem que a capacidade para a agressão existe – e provavelmente sempre existirá. Defendem, portanto, que as guerras requerem certa forma de organização social. Para os autores, o esforço estaria em aumentar a estabilidade inerente da coexistência e diminuir tanto as ocasiões ou as causas da guerra dentro do sistema, quanto a destrutividade e as outras inutilidades de qualquer guerra que possa ocorrer[406].

A própria mudança sobre a concepção da guerra seria, na opinião de Kahn e Wiener, responsável por pequenas modificações no sistema mundial. Para entender como essas modificações operariam, os autores iniciam pela exposição de uma possibilidade sobre as dinâmicas das guerras, que entende uma alternância entre períodos de guerra total e de guerra limitada. Assim, por exemplo, entre 1815 e 1914, existiu um período de guerra limitada caracterizada pela política colonial e comercial. Porém, de 1914 até 1945, fez-se um período de guerra total, de cunho nacionalista e ideológico. Com o fim da II Guerra, iniciara-se, então, um novo período de guerra limitada, agora "fria" e revolucionária. Conforme esse entendimento, as armas nucleares somente acentuaram este novo período, o qual poderia se estender até o século XXI, já que a tendência era que as nações se tornassem cada vez mais cautelosas, cuidadosas e hábeis em evitar ou controlar o conflito nuclear. Assim, os autores apostavam na continuidade da estrutura de *deterrence*, de defesa, de egoísmo nacional e de guerras ocasionais tal como era nos anos 60. Porém, por mais que acreditassem na manutenção da cautela, mesmo que uma grande guerra nuclear acontecesse, ela não representaria, necessariamente, o fim da história. Contudo, consideram que nações poderiam se dispor a correr o risco de utilizar tal poder bélico, já que frustrações, insatisfações e rivalidades no mundo, decorrentes das disparidades entre as nações, suportariam tais usos, que poderiam ser de uma potência desenvolvida contra uma menos desenvolvida, ou mesmo entre as potências menos desenvolvidas[407].

Caso tal uso ocorresse, seria difícil saber o que aconteceria, cabendo, então, pensar conforme os cenários. Porém, os autores acreditavam que, caso duas pequenas nações lutassem e sofressem grandes danos, o resto do mundo ficaria cauteloso. Sob essas circunstâncias, poderia existir uma estabilidade fortalecida no sistema internacional, assim como pressões para a reforma do sistema e para impedir que algo assim se repetisse. Por outro

---

[406] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 362-363.
[407] Ibid., p. 366-368.

lado, se uma grande nação usasse armas nucleares contra uma pequena potência e não sofresse nenhum efeito material ou político posterior, crêem que poderia se apresentar uma tendência de as grandes nações ameaçarem ou coagirem as pequenas. Isso, por sua vez, aceleraria a corrida armamentista entre as pequenas, acentuando as rivalidades internacionais. Asseguram que um efeito semelhante poderia ocorrer se uma pequena nação usasse, com sucesso, armas nucleares contra outra nação pequena – ou mesmo grande. Qualquer que seja a situação, afirmam que o próximo uso nuclear poderia ser um momento decisivo para o século XXI[408].

Porém, caso cessasse a ameaça de guerra, poderia se instaurar uma estabilidade internacional. Assim, para os futuristas, mesmo que as relações internacionais continuassem a se basear nas soberanias nacionais, fortes restrições no uso da violência poderiam se desenvolver, definhando o sistema de guerra total e o uso de armas de destruição em massa. Assim – e reconhecidamente se apoiando na teoria de Kenneth E. Boulding – afirmam que se iniciaria, então, a era da pós-civilização[409]. Conforme o economista inglês, a humanidade passara por uma grande transição há cinco ou dez mil anos, e, então, o século XX seria o momento de uma segunda transição[410].

A primeira transição consistiu na passagem da pré-civilização para a civilização e ocorreu com o desenvolvimento da agricultura e de um sistema de coerção que permitia controlar a produção e o excedente. Esse conjunto de fatores resultou na cidade, o elemento característico da civilização. A segunda transição, por sua vez, seria a da civilização para a pós-civilização. Essa passagem se daria pelo avanço tecnológico, pelo desenvolvimento da ciência e pela invenção social, as quais causariam profundas mudanças sociais[411].

Para Boulding, a guerra seria, então, um elemento da fase da civilização e, portanto, indistinta do surgimento das cidades. Com a produção maior de excedentes, tornou-se possível a formação de exércitos. Porém, a coerção, própria para a utilização desse excedente, tinha uma área limitada de alcance, permitindo o aparecimento de outros sistemas coercitivos na periferia que, então, rivalizavam com os primeiros. Estando este sistema assentado em ameaças, para ele funcionar, algumas deviam ser concretizadas, o que, então, resultava em guerra[412].

---

[408] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 368.
[409] Ibid., p. 368-370.
[410] BOULDING, K.E., 1966, p. 9. Além da análise da pós-civilização, vários dos mecanismos pensados sobre a coexistência pacífica também são baseados em Boulding, cf. BOULDING, K.E., 1966, p. 51-67 (capítulo 4).
[411] BOULDING, K.E., 1966, p. 9-16.
[412] Ibid., p. 52-56.

Todavia a própria civilização, com seu desenvolvimento científico, fez a guerra alcançar padrões inéditos de alcance da destruição, o que passou a exigir uma paz estável. Boulding, então, acreditava que as armas nucleares poderiam representar a revisão definitiva da guerra como uma forma de relação entre as nações. Além disso, todos os acontecimentos do século XX e o sistema de relação internacional que se instaurou transformaram a guerra em algo intolerável[413]. Para Kahn e Wiener, portanto, a era da pós-civilização se caracterizaria pelo fim da guerra[414].

Vários mecanismos poderiam ser usados para apoiar esta tendência. Primeiramente, a guerra continuaria, mas agora limitada ou por considerações instrumentais, ou por restrições agonísticas. Outras possibilidades seriam a resolução dos conflitos por outros meios e a impossibilidade da escalada ou por alguma lei, ou pela existência de uma comunidade de segurança pluralista e mundial[415].

Essas possibilidades evidenciam, primeiramente, a crença dos autores de que haveria uma aceitação cada vez maior de noções e conceitos de guerra instrumental, ou seja, uma guerra conduzida com atenção ao lucro e à perda, evitando o desastre e, portanto, baseada no cálculo racional. Os objetivos dessas guerras acabariam fixados pelo medo da escalada e todos os lados barganhariam, negociariam e ameaçariam, mas sempre com controle sobre seus compromissos. Esse sistema, persistindo por um longo tempo, faria as regras, então, ganharem contornos éticos, ocasionando uma perda da qualidade instrumental, transformando-as mais em fins do que em meios e aproximando-se, assim, de conceitos religiosos ou de questões de honra[416].

Os autores embasam essa possibilidade argumentando que todos vertebrados possuem regras sobre o combate, tornando-o raramente fatal. O conflito, assim, é praticamente um ritual, assemelhando-se mais a uma competição do que uma batalha mortal, pois, se fosse o contrário, a batalha poderia representar o fim da espécie. Isso também aconteceria entre homens, uma vez que, na história, quando duas civilizações se reconheceram como tal, elas submeteram-se, na maioria das vezes, a regras agonísticas para limitar suas táticas e objetivos de guerra. As exceções quase sempre envolveram a negação, de um dos lados, sobre a civilidade do oponente. Então, a guerra total entre civilizados seria uma invenção do século XX. Contudo, isso não impediria um retorno às restrições agonísticas, principalmente na era

---

[413] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 56-60.
[414] Ibid., p. 370.
[415] Ibid., p. 370.
[416] Ibid., p. 371.

pós-civilizada e em uma época na qual a guerra total se tornou algo impensável. Frente a isso, poderiam surgir várias agências especializadas em atender, portanto, essas necessidades internacionais complexas. Essas regras agonísticas poderiam ser ameaçadas, entretanto, se as armas continuassem a crescer e se disseminar, ou se "outsiders" entrassem no sistema sem estarem dispostos a obedecerem ou sem conhecerem as regras. Contudo, essas nações poderiam ser contidas pelas nações que quisessem a paz, a partir da manutenção de uma capacidade militar módica, ou mesmo de uma capacidade de se mobilizar militarmente de forma rápida[417].

Um dos fatores que poderia colaborar com essa situação de abrandamento beligerante, conforme Kahn e Wiener, seria a falta de interesse na agressão territorial e a consciência de que o imperialismo já não era mais tão lucrativo. Porém, também reconhecem a força da ideologia para distorcer as percepções das nações sobre os eventos e converter impulsos para paz em fontes de violência[418].

Outra questão tratada pelos autores é a aparência de uma anarquia internacional. Os autores acreditam que essa aparência podia ser atribuída ao poder limitado que os órgãos legislativos e judiciários existentes no sistema internacional tinham, fazendo com que a maioria das nações continuasse como juízes, promotores e júri de suas causas. Contudo, essa visão, para os futuristas, ignorava os mecanismos auto-reguladores e as regras de comportamento que poderiam surgir e ser mantidas em organizações informais. Essas constrições reguladoras poderiam derivar dos interesses imediatos dos participantes, quando confrontados com os interesses contrários e ações de outros atores no sistema, e do interesse indireto em manter o sistema de acordo com as necessidades e as vontades dos participantes. Sendo assim, o que fazia o sistema parecer anárquico eram as violações da lei, que sempre tinham mais atenção do que o cumprimento delas. Contudo, Kahn e Wiener argumentam que a evidência mostra que o sistema funcionara mais do que falhara e mesmo as violações da lei eram, na maioria das vezes, decretos unilaterais consentidos por outros Estados, pois eles satisfaziam as necessidades dos membros do sistema. Até mesmo o sistema bipolar estava evoluindo para padrões reconhecidos de comportamento, incluindo alguns que eram gerais e que vinham a ser explicitamente estabelecidos e outros que eram relativamente particulares e permaneciam tácitos. Esta regulamentação internacional, conforme os futuristas, não era algo

---

[417] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 371-373.
[418] Ibid., p. 372-373.

inédito, já que, como afirmam, a maioria do século XIX foi caracterizada por guerras limitadas e pelo regulamento das leis internacionais[419].

Dessa forma, para Kahn e Wiener, a questão não era de impor leis, mas saber se o tipo de sistema internacional conhecido oferecia a ordem necessária ou mesmo ideal. Assim, os autores contrariam a caracterização do sistema atual como "sistema de guerra", preferindo, então, guerra-limitada ou mesmo de produtor de paz, pois se encaixaria melhor na questão da competitividade. A retórica, conforme os autores, sustentava a esperança de escapar desse "sistema de guerra" para um "sistema de paz". Tal perspectiva, para os futuristas, afastava a atenção do que mantinha a ordem, assim como dos aspectos que produziam a desordem no sistema internacional, diminuindo, então, o entendimento do sistema e, portanto, dos caminhos pelos quais ele poderia ser mudado e administrado[420].

Ou seja, era a expectativa da guerra que poderia gerar a situação de coexistência pacífica e benéfica. Dessa forma, os autores defendem o conhecimento dos processos que manteriam a situação estável, para que eles pudessem ser administrados. Portanto, nas questões políticas expostas aqui, os autores pensam como manter a coexistência benéfica para seus participantes, considerando como proceder e evitando, assim, a queda em qualquer uma das variações integradas ou perturbadas que veremos a seguir. O meio para evitar isso seria a racionalização ou o fim da guerra enquanto fato. Ou seja, insistem na importância de trabalhar a ansiedade pela guerra como forma de controlá-la. Nesse sentido, as armas nucleares teriam papel de destaque como elemento de ameaça. Contudo, se esse sistema alcançasse um alto grau de efetividade, a coexistência pacífica poderia ser ameaçada pelo incremento do sucesso, consolidando, assim, as variações canônicas integradas.

3.4. As variações canônicas

Até aqui, os autores perceberam e planejaram uma situação mundial futura de coexistência pacífica e competitiva, que contribuiria com o desenvolvimento industrial e a modernização, concretizando, assim, a sociedade pós-industrial. Contudo, ao delinear o mundo padrão e a projeção livre de surpresas, os autores apontaram situações – ou conjuntos delas – que poderiam alterar, tanto de forma negativa como de forma positiva, alguns desses

---

[419] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 363.
[420] Ibid., p. 363-364.

processos. Dessa forma, apesar da estrutura estável do mundo padrão, os futuristas acreditam que alguns problemas poderiam surgir, levando a resultados surpreendentes e que alcançariam o século XXI. Afirmam que surpresas a curto prazo também existiriam, como algumas crises intensas antes do final do século XX, perturbando o equilíbrio delicado que mantinha a aparência calma do mundo padrão. Argumentam que até mesmo essa calmaria poderia gerar problemas, uma vez que períodos longos sem grandes desafios tendem a criar tensões próprias que podem resultar em forças destrutivas, as quais, todavia, podem ser controladas[421].

Aqui, então, exporemos algumas visões gerais sobre isso e apenas algumas específicas (ou seja, os cenários), para ilustrar, então, alguns pontos metodológicos que consideramos importantes, como, por exemplo, a metáfora heurística e a função do cenário. Além disso, também tivemos como critério as variações e situações que afetariam a concretização da sociedade pós-industrial, ou mesmo a configuração geral do mundo no futuro.

Os futuristas desenvolvem três variações canônicas gerais, as quais possuem, ainda, outro conjunto de variações. Elas são: Mundos Mais Integrados: 1. Orientados para a estabilidade ou para o *status quo*; 2. Orientados para o desenvolvimento ou para a ajuda. Mundos Mais Introspectivos: 1. Com o movimento comunista desintegrado; 2. Com o moral democrático desintegrado e com algum dinamismo comunista; 3. Com uma Europa e/ou Japão dinâmico(s). Mundos com grande desordem: 1. Com o movimento comunista desagregado; 2. Com o movimento comunista dinâmico e alguma desintegração do moral democrático; 3. Com a Europa e/ou Japão dinâmicos[422].

3.4.1 Os mundos integrados

Os autores entendem os mundos integrados como aqueles com um alto nível de coordenação ou integração entre as maiores potências. Haveria, também, o controle sobre as armas e os programas de ajuda internacional, existindo um baixo nível de conflito, tanto real, quanto potencial. Assim, o principal objetivo seria a estabilidade, que resultaria da cooperação internacional[423].

A característica principal do mundo orientado para a estabilidade ou para o *status quo* é a coordenação política e econômica existir principalmente entre as potências adiantadas (incluindo a URSS ideologicamente revisionista). Essa coordenação seria realizada por essas

---

[421] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 248-249.
[422] Ibid., p. 249.
[423] Ibid., p. 250.

potências com a finalidade de assegurar e melhorar suas posições, fazendo com que estabelecessem relações estreitas. Essa relação poderia existir entre EUA, URSS, CEE (Comunidade Econômica Européia, incluindo Reino Unido, Dinamarca e Noruega), Europa Oriental (sem a cortina de ferro), Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Argentina, Brasil e México, os quais participariam de todas as decisões importantes neste mundo. Os insucessos chineses e a ascensão do Japão afastariam a obsessão ocidental com a revolução asiática. O terceiro mundo estaria excluído das influências de maior vulto e das múltiplas possibilidades de seu desenvolvimento, apesar de existir alguma intenção de melhorá-lo. Portanto, as nações afro-asiáticas não teriam qualquer importância, excetuando-se alguma pequena força nuclear (Japão, China ou Índia). Programas de auxílio ao desenvolvimento existiriam, embora como uma questão de caridade, pouco influenciando a riqueza. Turbulências estariam presentes, mas seriam ou controladas pelas nações avançadas, ou seriam deixadas para se resolverem sozinhas. Haveria, também, relações neo-colonialistas, todavia, elas seriam vistas, pelas nações mais avançadas, como um ato de benevolência[424].

Dessa forma, os países ricos estariam alcançando uma base suficiente para serem caracterizados como pós-industriais. As tensões dentro das nações existiriam mais entre grupos. O terceiro mundo seria uma mistura de regimes conservadores, com fermento revolucionário, mas ineficaz e com alguma quantidade de colapso político e moral. Além disso, as nações afro-asiáticas estariam desiludidas em relação ao seu desenvolvimento, pois os problemas populacionais, a falta de especialização e de recursos, as doutrinas econômicas, as políticas não apropriadas de auxílio e as mudanças políticas dificultariam os seus desenvolvimentos de diversas maneiras. Além da frustração econômica, a força política e militar também seria pouca. Frente a isso, programas de mercados comuns ou de livre comércio poderiam ter algum resultado, porém, as potências acabariam colaborando mais com os países da Europa ocidental, erradicando a pobreza dessa área. Ou seja, as instituições de cooperação internacional seriam usadas, em grande parte, para preservar o *status quo* condizente com as potências industriais estabelecidas. Tal *status quo* poderia contribuir com o crescimento do terceiro mundo, apesar do pouco compromisso que as potências dirigentes assumiriam com essa finalidade[425].

O outro mundo integrado é o orientado para o desenvolvimento ou para a ajuda. A característica deste mundo é a organização mundial bem sucedida para fins de

---

[424] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 250.
[425] Ibid., p. 251-252.

desenvolvimento e de bem-estar, com a subordinação da política e da ideologia ao pragmatismo. Assim, diferentemente do anterior, este mundo uniria as nações ricas com as pobres, além de ter um número crescente de organizações internacionais que cuidariam das finanças internacionais, da ajuda exterior, do comércio e da defesa nacional. Haveria, ainda, tentativas mundiais planejadas, comprometidas e de sucesso para o desenvolvimento do terceiro mundo. O terceiro mundo, por sua vez, teria um bom comportamento e desfrutaria de relações saudáveis e edificadoras com o mundo desenvolvido. Assim, o ritmo econômico deste mundo ultrapassaria a maioria dos descontentamentos políticos. As vontades dos Estados do terceiro mundo não só satisfar-se-iam, como também existiria uma sensação geral de que a mudança poderia acontecer e que as nações trabalhariam em conjunto para esse fim. Nesse sentido, o comunismo seria encarado como um meio de modernização econômica ao invés de um credo político. Assim, apareceriam economias misturadas na maioria dos países, fazendo com que o comunismo tornasse-se um concorrente fraco. Seriam poucos os países revolucionários por convicção no terceiro mundo. Esses Estados seriam mais empobrecidos e com menos recursos para modificações. A China poderia encontrar-se em uma situação conturbada, mas provavelmente já teria abandonado sua posição revolucionária, reconciliando-se com a comunidade mundial, com os EUA e com a URSS[426].

Haveria, ainda, uma federação política entre estados da Europa Ocidental e os da Europa Oriental. Na Alemanha, a retirada das tropas dos EUA e da URSS daria uma solução provisória para a situação. A URSS considerar-se-ia, cada vez mais, uma potência européia, com interesses consoantes com as outras nações avançadas e sua ideologia manteria apenas uma forma alternativa de economia planificada, apesar de ser, ainda, uma oligarquia dominada pelo partido comunista. Enquanto isso, os programas de desenvolvimento executados pela comunidade internacional seriam realizados pelo livre comércio ou por grupos de mercados comuns na América Latina, África e Ásia. O Japão, no desenvolvimento da Ásia, seria um líder e um banqueiro. Tal como o mundo anterior, a pobreza seria eliminada nos Estados avançados, na URSS européia e no norte do Mediterrâneo. Haveria, portanto, um senso geral de progresso[427].

Ou seja, nestes dois mundos há, praticamente, uma *entente*, no sentido de favorecer, no primeiro caso, as grandes potências, e, no segundo, o mundo como um todo. Todavia, em ambos os casos, o comunismo apareceria enfraquecido, com um aparente sucesso capitalista,

---

[426] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 252.
[427] Ibid., p. 252-253.

mas que também não teria um grande antagonista para poder se reinventar. E, então, nos dois mundos, a sociedade pós-industrial se concretizaria em questão de décadas no mundo inteiro, levando, então, àqueles problemas decorrentes dela, como ainda veremos. O terceiro mundo poderia, ainda, apresentar problemas decorrentes da polaridade e da dicotomização, porém, nada tão grave como em outras variações que veremos.

3.4.2. Os mundos introspectivos

Os mundos mais introspectivos, conforme os futuristas, são caracterizados pelo pluralismo de poder e de influência política, pela preocupação geral com os interesses nacionais e pelo baixo nível de conflito (o que não significa que não exista potencial para que eles ocorram no futuro). São, assim, mundos estáveis. Tal estabilidade resultaria de preocupações internas, de desilusões políticas, de desconfiança política, de prudência ou de declínio ideológico[428].

No caso da variação que considera o comunismo desintegrado, existiria um sistema multipolar, com relativa estabilidade, tendo os EUA e a URSS influência reduzida, resultado de prováveis períodos "neo-isolacionistas" de consolidação e reavaliação após uma série de desapontamentos e frustrações. Os EUA, por exemplo, cortariam o envolvimento no exterior, evitando intervenções militares na América Latina, pois as que fizeram, visando torná-la mais ordenada, criaram relações diplomáticas e econômicas difíceis e até hostis. Assim, a coexistência competitiva estaria mais frágil, estando cada uma das duas potências "fechadas", abrindo espaço para outras forças e deixando dependentes e aliados sem muito respaldo. Contudo, os temas principais da primeira fase da Guerra Fria ainda estariam presentes, de forma mais tímida, nas questões entre EUA, URSS e China[429].

As duas Alemanhas ainda existiriam, mas de forma menos acirrada, e isso, para Europa, não seria problema. Esta, por sua vez, teria boas relações políticas e econômicas com o Oriente e o Ocidente, todavia, não possuiria uma liderança. O Mercado Comum Europeu funcionaria bem, mas a comunidade política não. Isso ocorreria pelo medo que alguma ação política afetasse o MCE. A China possuiria ganhos econômicos consideráveis e faria parte da ONU, tendo relações diplomáticas com grande parte do mundo, inclusive os EUA. Haveria, ainda na China, uma base social mais estável e poderosa que sustentaria políticas exteriores

---

[428] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 255.
[429] Ibid., p. 255-256.

mais afirmativas, conforme o contexto revolucionário, tendendo, contudo, mais à prudência do que ao risco, posicionamento, este, que também resultaria da ascensão de tecnocratas ao poder. Porém, haveria uma reivindicação, disputada com os soviéticos, sobre a liderança dos movimentos revolucionários pelo mundo, apesar de os partidos revolucionários de países do terceiro mundo tenderem a ser pós-comunistas e democráticos e a realizar apenas alinhamentos táticos com os soviéticos ou os chineses. O Japão seria autônomo e teria consciência disso, apesar de desconfiar de sua posição internacional. Os seus principais interesses estrangeiros ainda seriam o comércio mundial e as relações econômicas[430].

Neste mundo, as ambições tanto do Japão, quanto da Europa, seriam, na maioria, econômicas, mas que tenderiam a uma afirmação futura. Portanto, os dois poderiam entrar seriamente no terceiro mundo, no sentido do desenvolvimento e da ampliação do comércio exterior. Seria possível, ainda, novas afirmações políticas do Japão e da Europa, porém, sem serem perturbadoras e perigosas. Contudo, para a URSS e os EUA, tais atitudes poderiam parecer perturbadoras na questão do equilíbrio, fazendo com que os dois saíssem de seus estágios de "neo-isolacionismo" visando recuperar o lugar e o prestígio que tiveram anteriormente. O terceiro mundo, por sua vez, seria problemático e pouco alterado, com muita instabilidade, ainda que regional. Desse modo, apresentaria vários movimentos revolucionários recentes e muitos governos autoritários e tecnocráticos, que estariam mais interessados na estabilidade interna e no crescimento, do que em conseguir um destaque no cenário internacional[431].

Outro mundo introspectivo é o da moral democrática desintegrada e com algum dinamismo comunista. Haveria, nele, o pluralismo de poder devido ao recuo dos EUA e da URSS e à desconfiança política dos europeus e dos japoneses em relação aos precedentes. Assim, este mundo se assemelha ao anterior, exceto pelo comunismo, que, como força ideológica e revolucionária, estaria longe da extinção, continuando a ser o fundamento da revolução do terceiro mundo. Os soviéticos, dessa forma, exerceriam uma influência real no seio desse movimento e continuariam hostis aos EUA[432].

A Europa Ocidental, por acreditar possuir boas relações com a Oriental, não consideraria o comunismo uma ameaça política, mas uma disposição mais ou menos legítima para revoluções em países atrasados. Os europeus ainda se oporiam a qualquer intervenção ocidental nessas situações. Os EUA aceitariam esse posicionamento, tanto por existir alguma

---

[430] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 255-256.
[431] Ibid., p. 256.
[432] Ibid., p. 257.

validade nessas revoluções, quanto pela influência diplomática e intelectual européia. O resultado, no terceiro mundo, seria que alguns países usariam algumas variações do marxismo e considerar-se-iam alinhados com a URSS e com a China. Assim, haveria grandes controvérsias entre as nações comunistas, sem nenhuma centralização, tendo, todavia, em comum, a hostilidade aos EUA. A URSS, após um recuo, teria boas relações com esses vários comunismos, podendo ter dois papéis: 1) de líder ou 2) de "estadista mais velho" de um movimento revolucionário importante. Os EUA, por outro lado, estariam isolados na posição de Estado anticomunista, podendo ter se envolvido em um conjunto de intervenções sem resultado na Ásia e na América Latina. Seriam, portanto, uma força, porém, isolada. Dessa forma, o mundo estaria bipolarizado politicamente e multipolarizado na questão do poderio material. A rivalidade entre comunistas e os EUA não chegaria a ser militar, restringindo-se às esferas política, moral e material. Sendo assim, os confrontos militares entre os EUA e a URSS e entre os EUA e a China já não existiriam[433].

O último mundo introspectivo é o que considera a Europa ou o Japão dinâmico. Assim, a URSS e os EUA seriam ultrapassados em iniciativas políticas e em ambição pela Europa e/ou Japão. Portanto, este seria um mundo plural, próspero e estável tal como o primeiro dos introspectivos. Todavia, aqui, surgiria uma Europa ou um Japão agressivo. A Comunidade Européia poderia estar unida e com a Europa Oriental integrada. Esse dinamismo europeu apareceria a partir da rivalidade pela influência sobre o terceiro mundo e pela manutenção de uma independência agressiva em relação aos EUA e à URSS. O Japão, por sua vez, penetraria economicamente na África e na América Latina, mas com papel político maior na Ásia, principalmente no Sul e Sudeste. Poderia existir, ainda, uma vontade de se sentir independente dos EUA. O bloco comunista poderia estar em estágio avançado de desintegração ideológica. Este mundo se distinguiria pelo pluralismo, que seria maior do que os de outras projeções, já que o Japão e/ou a Europa também estariam na disputa com as superpotências[434].

Esses três mundos representam um possível caminho para um desequilíbrio grave à *detente* exposta no mundo padrão. Esse desequilíbrio aconteceria ou pela desintegração do comunismo, que fecharia as duas potências, ou pela dinamicidade do comunismo, causando um isolacionismo americano, ou por uma ascensão da Europa e do Japão ao estatuto de potências no nível dos EUA e da URSS. Assim, os autores novamente cogitam possibilidades

---

[433] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 257.
[434] Ibid., p. 258.

que abalariam a situação padrão defendida e considerada como ideal pelos autores: a coexistência pacífica.

3.4.3. Os mundos perturbados

Por fim, há os mundos perturbados, que são instáveis e se caracterizam pela distribuição multipolar do poder ou por uma bipolaridade mundial renovada. A instabilidade poderia surgir dos conflitos de interesses e ambições nacionais ou pela influência ideológica renovada nos assuntos mundiais[435].

A primeira variação pensada pelos futuristas é a do comunismo desintegrado, não sendo ele mais uma força mundial importante. A potência mundial mais forte, nesta variação, possuiria programas intervencionistas, visando a formação de um bloco disciplinado de países aliados, clientes ou conquistados. No período de 1975, os candidatos claros seriam a URSS e os EUA. Para o fim dos anos 70 e começos dos 80, alguma forma de união européia ou o Japão poderia assumir tal papel. O que motivaria a URSS a agir dessa forma seria o engrandecimento nacional, sendo a ideologia comunista um meio para garantir a expansão da influência internacional. Contudo, o manto revolucionário poderia ser tomado pela China, pois, para ela e para o terceiro mundo, a URSS poderia parecer conservadora ou até contra-revolucionária. As outras grandes potências poderiam: 1) responder no mesmo nível ao agrupamento defensivo ou competitivo, existindo, assim, um nível alto de tensão, chegando à guerra; 2) sentir falta de dinamismo e de orientação, reagindo de forma defensiva, buscando o isolamento e sendo seriamente vulneráveis às potências agressivas. A tensão poderia ser alta, podendo resultar, a qualquer momento, em conflito[436].

Outra versão do mundo com o comunismo desintegrado seria possível se as tensões sino-soviéticas tivessem como resultado uma guerra entre 1967 e 1975. Com isso, o movimento comunista receberia um golpe fatal e várias formas contrárias de comunismo poderiam sobreviver, tais como as doutrinas revolucionárias dos países do terceiro mundo. Os EUA e a Europa poderiam querer isolar a China e a URSS em suas crises. Um conflito entre os comunistas poderia surgir, também, de uma guerra entre China e EUA, na qual a URSS se recusasse a apoiar a China e que os europeus se recusassem a apoiar os EUA. Resultaria,

---

[435] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 258.
[436] Ibid., p. 258-259.

disso tudo, um sistema multipolar, com o comunismo desintegrado internacionalmente e tensão entre as potências[437].

As ambições nestes mundos com o comunismo desintegrado seriam dadas pelos limites das crises. Os antagonistas procurariam cegamente defesas contra as tensões, ou fugir de seus desafios e talvez formular suas posições sobre articulações messiânicas. O terceiro mundo poderia, novamente, desmantelar-se a partir de pressões externas e intervenções, tendo menos recursos para enfrentar a situação. Poderia acontecer, ainda, um colapso de novas nações em algumas áreas, principalmente na África, com intervenções neo-imperialistas, visando restaurar a ordem, realizadas pelas maiores potências ou por países secundários no papel de criados[438].

Outro mundo perturbado é aquele no qual o comunismo possui dinamismo. Existiria, então, um renovado poder ideológico e uma ambição dos comunistas, mas sem necessariamente restabelecer um mundo de conflito bipolar. O mundo comunista poderia estar ainda dividido em diversas "seitas", apesar de unificado por pressupostos básicos. A unificação política poderia acontecer a partir da URSS e da liderança de uma nova "esquerda", que não seria como a stalinista, mas sim um ressurgimento romântico, entre os elementos mais jovens do partido comunista soviético, com fins de gerir uma sociedade forte em uma política exterior revolucionária e disposta aos riscos. Esse espírito renovado poderia resultar de uma reação contra a deserção de certos países do leste europeu do Bloco Comunista, que motivaria uma nova aliança comunista, mais coerente e dinâmica, voltando a ter controle sobre partidos estrangeiros. A China, então, pelo sucesso do novo "esquerdismo" do partido soviético e por falhas chinesas internas, ou por crises estrangeiras, procuraria ajuda ou proteção dos soviéticos[439].

A Europa não-comunista poderia ter passado por alguns fracassos econômicos ou sociais ou por alguma estagnação e, então, pelas relações que possuiria com a sua parte oriental, poderia aceitar bem o comunismo – ainda que com um posicionamento neutro – opondo-se, inclusive, a boicotes contra ele. Assim, se existisse uma nova liderança soviética, algumas tendências sociais e políticas desfavoráveis dentro da Europa, assim como uma nação pró-EUA, poderia sofrer um revés em um confronto com a China ou com a URSS. Isso poderia resultar em um mundo em desordem, no qual o comunismo, aproveitando-se dela, retomaria sua marcha. Mesmo que o comunismo estivesse enfraquecido no seu centro, esse

---

[437] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 259.
[438] Ibid., p. 259.
[439] Ibid., p. 259-260.

mundo poderia se concretizar se ele possuísse vigor na periferia, aproveitando-se também de uma oposição ainda mais desunida. Isso resultaria em um pessimismo crescente na Europa Ocidental e nos EUA, assim como em políticas exteriores muito passivas. Então, apesar da desunião, o moral dos estados comunistas poderia estar alto e, conforme a *commonwealth* comunista tornasse-se realidade, ela poderia ser vista como a onda do futuro[440].

Por fim, há o mundo perturbado que considera um dinamismo europeu ou japonês. O ponto principal deste mundo é a afirmação do poder e da ambição da Europa ou do Japão em condições de tensão e de conflito potencial. Pensando no dinamismo europeu, os autores defendem que o fim das divisões no continente poderia resultar de uma afirmação do poder europeu contra a inércia ou a resistência ou dos EUA ou da URSS. Então, a OTAN poderia ser repudiada pela Europa, assim como os EUA, os quais retirariam suas tropas em meio a uma atmosfera de ameaças. Da mesma forma, a Europa poderia exigir que a URSS retirasse as tropas da Europa Oriental, o que também aconteceria sob uma atmosfera crítica. Surgiria, na fronteira com a URSS, uma cortina de ferro, com pesadas fortificações. Uma organização militar européia poderia se tornar um órgão militar efetivo e comandado pela França e pela Alemanha. Os EUA poderiam estar se fortificando e o Japão poderia estar isolado e rearmando-se. A Ásia experimentaria um desenvolvimento silencioso, com uma maior penetração européia, tanto econômica, quanto politicamente. Se a potência agressiva fosse o Japão, Kahn e Wiener esperavam um novo esforço com o fim de mobilizar a Ásia, sob o pretexto anti-comunista e anti-chinês, e assumindo um caráter ocidental. Poderia surgir, ainda, uma comunidade nuclear asiática, com fins de contenção. Frente a isso, a China poderia buscar uma reconciliação com a URSS ou com a Europa, já que cada vez mais o Japão apareceria como uma ameaça. Assim, as características deste mundo seriam a distribuição multipolar de poder militar, político e econômico, com a Europa ou o Japão sendo os principais protagonistas da dinâmica política do mundo[441].

Assim, os mundos perturbados são aqueles nos quais a coexistência pacífica foi completamente abalada e substituída por uma situação constante de tensão e de competição acirrada e até mesmo belicosa. É interessante perceber a importância dada ao comunismo, tanto nos mundos introspectivos, quanto nos perturbados. Nos dois, a queda do comunismo seria acompanhada por uma perda de força dos EUA. Além disso, os autores consideram que uma crise na URSS também não seria algo benéfico. Portanto, a defesa pela coexistência

---

[440] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, ., p. 260-261.
[441] Ibid., p. 261-262.

pacífica, que se dá também a partir da exposição dos prejuízos que seu fim traria, passa pela questão da importância da existência da URSS como o concorrente que estimula o crescimento americano. Dentro da dinâmica política concebida pelos autores, a ascensão do Japão e da Europa só adviria, contudo, das ações políticas americanas e soviéticas. Ou seja, somente ações equivocadas dessas duas potências poderiam abalar a situação de equilíbrio. Destarte, faz-se importante o planejamento tal como é realizado no *O ano 2000*.

3.5. Os cenários

Os cenários expostos aqui foram selecionados para mostrar aspectos que parecem mais significativos para a construção e a projeção geral da tendência múltipla. Eles demonstram, processualmente, como as variações canônicas poderiam se concretizar ou mesmo como catástrofes poderiam ocorrer.

3.5.1. Um cenário possível para os mundos perturbados ou os introspectivos

Um ponto bastante ilustrativo não é exatamente um cenário político, mas como um conjunto de situações poderia conduzir a um mundo perturbado ou introspectivo. Essa exposição que segue também esclarece bastante como os autores usam a história para construir suas especulações e de como as tendências se imbricam na sucessão pensada para o futuro.

Os futuristas argumentam que a maioria das análises voltadas para problemas políticos futuros pressupõe seqüências lógicas ou tradicionais de acontecimentos. Então, até em cenários que são montados em cima de possibilidades pouco pensadas, presume-se que os Estados não terão comportamentos irracionais na promoção e na conquista de interesses e objetivos, por mais que tais interesses e objetivos sejam egoístas, megalômanos ou mesmos perigosos à estabilidade mundial. Contudo, os autores defendem que a possibilidade de atitudes irracionais deve ser considerada e apontam a história do nazismo e do comunismo stalinista como exemplos disso, ou seja, de como, sob a égide da ideologia, decisões que feriam o Estado foram tomadas. Exemplificam com o massacre dos judeus e dos poloneses

promovido pelos nazistas, que representou a destruição de uma mão-de-obra potencialmente útil[442].

Assim, os autores acreditavam que, entre o ano de 1966 e o de 2000, poderia haver um período de conflitos socioculturais na Ásia, em detrimento de conflitos políticos tradicionais. Esses novos conflitos ocorreriam por movimentos políticos e ideológicos irracionais, os quais estariam presentes pelo mundo. Dessa forma, o desenraizamento cultural e a alienação individual – além das tensões raciais, da ameaça nuclear e das crises econômicas – nas sociedades em transição, assim como nos estados urbano-industriais avançados, produziriam ansiedades que poderiam encontrar alguma vazão nos movimentos políticos messiânicos, totalitários e românticos. O resultado disso poderia ser uma guinada ao poder elitista ou oligárquico, de caráter tecnocrático, totalitário e baseado em personalidades românticas. Esse argumento pode ser sustentado, conforme os autores, por 3 afirmações: 1) as experiências totalitárias de 30 e 40 mostraram um novo tipo de revolução que poderia acontecer no futuro; 2) dever-se-ia esperar reações violentas contra o Ocidente (principalmente EUA e Europa), as quais viriam de países econômica e tecnologicamente avançados da Ásia; 3) o messianismo revolucionário ou quiliástico seria importante na Ásia e na África[443].

Os autores recorrem, então, à experiência histórica por meio da metáfora heurística. Assim, toda aquela situação que permitiu a ascensão do Fascismo, Nazismo e Comunismo, como vimos na experimentação do século XX, poderia se repetir nessa nova fase de modernização e industrialização. Com isso, os autores também retomam indiretamente os dois ciclos desenvolvidos anteriormente, pois a possibilidade de movimentos messiânicos e totalitários surgirem acontece dentro de um contexto de perda de valores e de alienação e, como vimos na experimentação e na questão econômica, a industrialização, a modernização e os insucessos políticos poderiam causar isso. Assim, a metáfora heurística se faz útil, pois o aparecimento desse tipo de movimento político não é um processo que foge da tendência múltipla e, portanto, daquela estrutura histórica pensada desde o século XI ou XII. Não é, portanto, um exercício profético, mas um trabalho pretensamente científico de projeção das tendências históricas.

Kahn e Wiener argumentam que uma realização significativa, na sociedade e na economia, que vinha desde a II Guerra, era a absorção, por parte de elementos das classes trabalhadoras americanas e européias, de valores e padrões burgueses. Dessa forma, ocorria

---

[442] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 266-267.
[443] Ibid., p. 267.

uma integração social que fazia a Europa e os EUA estarem mais próximos da sociedade sem classe do que os países comunistas. A integração social, todavia, conforme os futuristas, não levaria à absorção econômica da classe trabalhadora pela sociedade burguesa, podendo ocorrer o contrário. Ou seja, a contínua urbanização das nações industriais poderia aumentar a incidência do isolamento e da alienação social, acompanhados pelo enfraquecimento das sociedades rurais e das pequenas cidades por causa da migração para as grandes cidades, principalmente para guetos da classe média baixa. Pensando, então, comparativamente, argumentam que a Europa antes da II Guerra tinha os maiores grupos de trabalhadores alienados economicamente e isolados socialmente, enquanto que os EUA dos anos 60 poderiam possuir um dos maiores grupos desses trabalhadores, somando-se, ainda, ao problema urbano, o problema racial, o que dificultaria ainda mais a integração[444].

Os futuristas percebiam ainda uma despolitização, que ocorria na Europa desde 1945, quando ela praticamente se tornou um protetorado americano. Porém, isso estava próximo de acabar, já que vários dos estados europeus eram governados por uma coalizão permanente de partidos baseada em um consenso nacional, que era essencialmente econômico e apenas minimamente político. Isso se dava, pois vários Estados experienciaram uma separação significativa da administração nacional, que era conduzida por burocratas ou tecnocratas, dos mecanismos parlamentaristas e políticos que estabeleceram a política nacional, mas que foram inábeis ou incompetentes para darem continuidade a ela[445].

Além dessa época de despolitização e de drásticas mudanças sociais no Ocidente, os autores acreditavam que novos problemas e crises se mostrariam muito graves para serem solucionados pelas estruturas e práticas políticas existentes. A guerra nuclear ou a ameaça da mesma poderia ser uma delas. Uma crise econômica que as técnicas existentes de economia e de administração financeira poderiam não resolver seria outra. As crises oriundas da dicotomia, como negro-brancos, norte-sul, Ásia-Ocidente, outra. Sem contar aquelas desconhecidas, mas que deveriam ocorrer nos próximos 33 anos. Uma crise – ou várias em conjunto – poderia ser para o futuro da Europa, como o dos EUA, o que a I Guerra, a inflação e depressão foram para a Europa no passado recente. Ou seja, argumentam que, por mais que os anos 60 fossem um período de calmaria, nada impedia que crises devastadoras ocorressem[446], tal como já ocorrera no passado recente.

---

[444] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 270-271.
[445] Ibid., p. 271.
[446] Ibid., p. 271-272.

Então, conforme os autores, se as estruturas políticas existentes não conseguissem resolver tais crises, era possível esperar que as pessoas buscassem remédio além da política. Uma resposta romântica poderia ser uma alternativa, ou, ainda, uma resposta meta-política para uma crise que evidencia falhas políticas. Dificilmente, para os autores, as novas respostas seriam a fascista ou a comunista, já que ambas estavam desacreditadas ou fora de moda, porém, seriam, tal como as duas, movimentos modernos. Além da capacidade de manipulação das massas, eles foram "modernos" em sua habilidade para parecer como tal, e assim alistar e mobilizar os elementos mais socialmente modernos: as classes médias urbanizadas, trabalhadores da sociedade industrial, as classes socialmente móveis e os artistas e intelectuais alienados. Ou seja, a resposta que tais movimentos produziram para as crises de seus dias foram visionárias e morais: frente a inumeráveis e visíveis problemas, eles optaram por constituir uma "nova" sociedade na qual as crises seriam superadas, atingindo seus fins pela violência. E, para os futuristas, nada indicava que os homens não recorreriam a essas visões novamente[447].

Fenômeno semelhante também era perceptível nos Estados asiáticos que se industrializavam. Os autores não apostavam em um conflito oriundo das disparidades econômicas entre as nações industriais avançadas e as sociedades da África e Ásia, ou mesmo norte e sul, rico e pobre. Preferiam apostar na possibilidade de tensão ou conflito entre os estados não-Europeus[448] em desenvolvimento ou mais desenvolvidos e as potências industriais estabelecidas. Criam mais nesta possibilidade, pois ela reflete um choque: os desenvolvimentos econômico e político no Ocidente foram trabalhados progressivamente conforme idéias e instituições dentro da sociedade, enquanto que na África e na Ásia, a modernização se manifestou como idéias e instituições de origem estrangeiras. Esse processo foi resultado da superioridade industrial ocidental e das técnicas de poder usadas pelo Ocidente para subjugar e enfraquecer as civilizações asiáticas, que no século XVI tinham conquistas, em diversos campos, iguais ou superiores a Europa do período. Porém, a China, o Japão, a Índia e o Islã foram desacreditados, desde o século XVI, como culturas hábeis em lidar com o mundo contemporâneo em termos nativos e próprios e, frente a isso, para possuírem ciência, tecnologia, significados modernos de organização política, formas modernas de organização social e poder militar, elas tiveram que assimilar idéias e instituições de origem ocidentais. Isso acarretou mudanças imensas nas vidas particulares, nos

---

[447] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 272.
[448] Não inclui a América Latina, pois são Estados oriundos da cultura européia.

valores sociais, nas suposições políticas, na educação dos jovens, assim como na revalorização da cultura[449].

Esse fenômeno não era inédito na Ásia, conforme os autores, que usam o exemplo japonês para ilustrar o ponto que querem defender. Assim, identificam um primeiro momento de desenvolvimento japonês no século XIX, quando, frente à Europa economicamente, militarmente e socialmente mais forte, tentou adotar as instituições liberais. A evidência disso não estava apenas na reforma das instituições públicas, mas, e mais importante, nas mudanças privadas – a adoção de roupas européias, a utilização de modelos de literatura estrangeiros e muitas conversões ao cristianismo. A evidência política apareceu na tentativa do Japão obter o status europeu, ou seja, imperialista, em oposição à China e à Coréia[450].

Porém, a tentativa liberal no Japão acabou em 1920, pois falhara. Os esforços japoneses para ganhar direitos coloniais sobre a China – equivalentes àqueles que a Inglaterra tinha sobre a Índia – foram bloqueados pelas forças ocidentais. Mas, mais importante que as negações que o Japão recebeu dos estados liberais que ele tentou emular, foi o sentimento de desenraizamento dentro do Japão. Uma "correção" violenta resultou em uma nova xenofobia e nacionalismo na política, além da retomada do Xintoísmo e a formulação de uma nova política estrangeira: a pan-asiática. O Japão foi para a guerra, em 1941, com um nacionalismo, um culto autoconsciente de império divino e uma xenofobia praticamente inéditas[451].

Para os autores, o Japão era um exemplo extremo de um processo que também ocorreu na Índia, na Indochina, na China, na Indonésia e nas ideologias nacionalistas afro-asiáticas. Então, retomam o Japão, o qual, segundo eles, desde 45, esteve sob uma nova acomodação com o Ocidente, especificamente com os valores liberais da versão americana. Frente a isso, Kahn e Wiener acreditavam que o Japão assumiria um papel ativo na política em um futuro próximo, pois um estado com tal poder e com a posição geopolítica que possuía não poderia evitar uma política estrangeira ativa. E questionam se seria demais esperar que, a partir desta retomada do ativismo político, poderia surgir uma nova "correção" na orientação cultural e social japonesa[452].

Os autores acreditavam que a China, nos anos 60, já apresentava uma situação semelhante, ao renunciar não somente aos EUA, mas também à URSS, o que ocorria a partir de elementos nacionalistas contra as acomodações estrangeiras forçadas sobre o país. A

---

[449] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 272-273.
[450] Ibid., p. 273.
[451] Ibid., p. 274.
[452] Ibid., p. 274.

revolta, conforme os autores, contra os EUA, devia-se aos atribuídos imperialismo e exploração mundial. Já contra a URSS, pelo seu suposto "revisionismo moderno" e suas ocupações em territórios trans-siberianos, além de outros assuntos não muito claros. Então, frente a isso, os autores afirmam que tais reações nacionais e nacionalistas poderiam ser um padrão para eventos futuros. E se esses tipos de reações sócio-culturais estivessem aliados a efeitos da urbanização e do deslocamento social ocasionados pela revolução industrial, seria possível prever movimentos "modernos" messiânicos ou visionários que usariam métodos modernos de política e violência em massa[453].

Para os futuristas, essa recorrência aos movimentos messiânicos ou quiliásticos era histórica nas sociedades perturbadas ou frustradas do Ocidente e da Afro-Ásia. Identificam variações dessa idéia, na Europa, desde o século XII até a Revolução Francesa e, também, no Nazismo e no Bolchevismo. Argumentam que a existência de fatores explicitamente escatológicos nos movimentos políticos asiáticos e africanos é indiscutível, constituindo, portanto, movimentos nativistas que reivindicam tradições nacionais contra as influências estrangeiras. A maioria é sincrética, sintetizando símbolos cristãos ou "mágicos" – portanto, elementos da religião ou da cultura estrangeiras – com suposições nacionalistas e raciais. Esse conjunto os faz influentes no desenvolvimento e na expressão do nacionalismo político revolucionário em suas sociedades. A diferença é que os movimentos asiáticos possuem uma doutrina, uma organização e objetivos políticos um pouco mais sofisticados e têm alguma efetividade que não se encontra na África[454].

No caso ocidental, os autores apontam que os movimentos messiânicos, os quais possuem influência judaico-cristã, são um fenômeno de comportamento das massas em situações de pressão. Essa reação, contudo, não está limitada a uma única tradição cultural. Assim, esses movimentos resultam do descrédito de valores estabelecidos, o qual decorre do crescimento populacional e do aumento da indústria e do comércio. Foram essas condições que minaram, por exemplo, a sociedade camponesa medieval européia, que produziram a Reforma protestante ou que levaram à colisão do Ocidente com as culturas asiáticas e africanas nos tempos modernos[455].

Esses movimentos, que poderiam acontecer entre 1967 e 2000, são, ainda, passíveis de distinção. Por um lado, alguns movimentos propõem trazer mudanças redentoras através de uma série de medidas políticas específicas e realizáveis, visando, por exemplo, alterar a base

---

[453] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 275.
[454] Ibid., p. 275-276.
[455] Ibid., p. 276-277.

econômica da nação, acabar com as classes reguladoras, substituindo-as por agentes de outras classes, eliminar elementos sociais ou raciais que levariam à degradação ou que eram obsoletos, entre outras coisas; por outro lado, alguns movimentos não possuem os meios e os fins distinguíveis, defendendo, então, uma ação revolucionária iminente, que é mais espiritual que política, já que a transformação redentora da sociedade advém da mudança de consciência dos homens. Dentro deste tipo, ainda, os objetivos da revolução são de difícil definição, atribuindo ao advento da salvação sobrenatural a eliminação do trabalho forçado, da humilhação e da frustração[456].

Os futuristas concluem que nas sociedades primitivas em situação de grande pressão, o fenômeno de movimentos de massa redentores foi mais claramente mágico e ingênuo, ou seja, elas seguiram mais o segundo tipo. Já os movimentos totalitários da Europa moderna têm (ou tiveram) razões altamente sofisticadas, embora seus objetivos finais negassem a razão. Todavia, os autores acreditavam na possibilidade de existir um impulso comum em todos esses movimentos, resultado de um tipo de crise social que seria mais profunda na Ásia durante os 30 anos que viriam. Porém, argumentam que esperar o fim desses movimentos, mesmo em sociedades avançadas, é mais um ato de fé na razão humana e no progresso do que um argumento baseado na evidência[457].

Esse foi um entendimento, de forma geral, de como a situação mundial poderia alcançar a desintegração ou a introspecção. Essa situação geral remete aos ciclos do capítulo anterior, mostrando, assim, como a desintegração dos valores e a alienação, decorrentes da industrialização e modernização, podem gerar os movimentos messiânicos. Porém, esse é só um cenário, já que os autores desenvolvem vários outros cenários na questão da política internacional, para explicar processualmente como o mundo poderia alcançar um estado introspectivo. Uma possibilidade seria, por exemplo, uma atitude cética e indiferente do Ocidente e da URSS com os países menos desenvolvidos, resultado de uma revalorização dos interesses nacionais e da desilusão com os resultados dos programas de ajuda e intervenção militar no terceiro mundo[458].

---

[456] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 276-277.
[457] Ibid., p. 277.
[458] Ibid., p. 278-280.

3.5.2. Outras situações de distúrbio mundial

Por fim, os autores, retomando outros aspectos da tendência múltipla além da industrialização e da modernização, pensam elementos dela que poderiam se tornar pesadelos para o futuro. Assim, consideram que dentro da atividade especulativa, seria absurdo e perigoso ignorar as possibilidades referentes a uma grande guerra, à depressão, aos novos movimentos políticos violentos e outros desenvolvimentos menos agradáveis. Por mais que tais acontecimentos parecessem improváveis, os autores argumentam que o otimismo, como característica da vida intelectual e política do Ocidente, facilitaria a tendência a acreditar que as catástrofes do passado seriam mais aberrações do que características recorrentes na história[459].

Um caminho para uma situação catastrófica seria a disseminação dos artefatos nucleares. Assim, consideram que seria absurdo tratar do futuro sem refletir explicitamente sobre a possibilidade de utilização dos sistemas nucleares. A guerra nuclear, portanto, poderia ser acidental ou irracional ou, dentro de algumas circunstâncias incomuns, racional ou deliberada[460].

Inicialmente, os autores reconhecem a dificuldade em elaborar cenários de guerra nuclear dentro de qualquer contexto do mundo padrão e de suas variações canônicas. Isso se deve, primeiramente, às mudanças de concepção sobre as forças nucleares nos anos 50 e 60, tendendo, nesse período, a uma posição menos propensa a acidentes e menos vulnerável a ataques surpresas. Isso conduziria à crença de que os que decidem seriam possivelmente mais prudentes e sentiriam a pressão da iniciativa, em uma crise, por medo que o oponente revidasse. Outra razão é que os governos não mais tendiam a pensar que as armas nucleares deveriam ser usadas de acordo direto com cálculos de necessidade ou como vantagem militar. Parecia possível, portanto, que qualquer solicitação militar para usar tais armas seria indeferida tanto pelos EUA como pela URSS. Mas, para os autores, a mais a importante das razões para a mudança se assentava no contexto político, tal como já vimos, na questão da coexistência. Dessa forma, os futuristas defendem que os cenários mais plausíveis de guerras nucleares seriam as sino-americanas[461].

Contudo, se para uma crise nuclear acontecer seria necessário um processo implausível, os autores lembram que a sequência de eventos que produziu a I Guerra foi

---

[459] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 316-317.
[460] Ibid., p. 317.
[461] Ibid., p. 317-318.

bastante implausível, não se encaixando em padrões. Pensam, ainda, que uma guerra nuclear poderia iniciar-se de maneira semelhante à II Guerra. Inicialmente, ocorreria uma importante mudança no governo de uma grande potência. Algo como a indicação de Hitler como Chanceler da Alemanha em 1933. Esse governo, aos poucos, tornar-se-ia mais agressivo e ofereceria uma série de indicativos dos perigos que estariam prestes a acontecer, como, por exemplo, a saída da Alemanha da Liga das Nações, ou a campanha contra os elementos judeus e liberais. Então, avisos flagrantes surgiriam, como a *Anschluss* (anexação da Áustria), por exemplo. Nesse ponto ficaria claro, para a maioria, que a guerra seria possível, porém, para aqueles que ela ainda seria impensável, esperar-se-ia outras crises, que logo esclareceriam o perigo, tal como a ocupação da Tchecoslováquia, em março de 1939. Seria esperado, então, o rearmamento, a corrida armamentista e um incidente no qual um aliado de uma grande potência nuclear seria atacado ou ameaçado sob circunstâncias que levariam a força nuclear a declarar guerra sem, contudo, usar suas armas nucleares. Elas, de fato, ficariam de prontidão enquanto a "Polônia" seria destruída. Poderia surgir, então, um período de guerra convencional ou "falsa", de modo que ambos os lados, assustados pela escalada, sondar-se-iam, provocar-se-iam, barganhariam, bajular-se-iam e ameaçar-se-iam. Poderia haver ações limitadas e contra-ações, represálias e, finalmente, a escalada para algum nível da guerra nuclear[462].

Os autores acreditam que, em qualquer ponto, essa seqüência poderia ser interrompida, restabelecendo-se, assim, um *status* normal. Argumentam também que a duração dessa seqüência de eventos faria o comportamento "hitleriano" do futuro mais prático. Isso aconteceria, pois enquanto o equilíbrio do terror é um grande desencorajador para as potências conservadoras, para uma potência ousada, esse equilíbrio, e a cautela que ele gera nos outros, poderia parecer uma oportunidade ou um escudo atrás do qual essa potência poderia ficar impune. Os autores pensam, então, outros cenários decorrentes dessa situação, como um conflito Europeu, ou entre China e EUA, ou URSS e EUA, ou China e URSS, ou mesmo pequenas guerras nucleares e uma grande guerra convencional. Independente da maneira, esse tipo de guerra acabaria com qualquer possibilidade de coexistência pacífica e competitiva, que permitiria outros desenvolvimentos, como a sociedade pós-industrial. Instaurar-se-ia, portanto, um conflito aberto e destrutivo que poderia tanto culminar em novos regimes ou novas potências, assim como em uma política mais contida de armas nucleares[463].

---

[462] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 318-319.
[463] Ibid., p. 319-332.

Aqui temos, então, um problema claro do desenvolvimento da tendência do aumento da capacidade de destruição em massa da tendência múltipla.

Outra possibilidade que Kahn e Wiener aventam é um mundo de ciclos econômicos. Nesses mundos, as projeções econômicas lineares ou exponenciais do mundo padrão são interrompidas por problemas maiores no ciclo de negócios. Para os autores, se a depressão ocorresse nos anos 60 ou 70, causando declínios graves na atividade econômica e bastante agitação social e política, as previsões feitas anteriormente seriam bastante alteradas. Conforme os futuristas, agitações populares poderiam se manifestar de diversas formas, incluindo novos movimentos políticos redentores em Estados avançados e semi-avançados, ou movimentos de "protesto primitivo" nos Estados menos desenvolvidos e semi-avançados. Portanto, são cenários que consideram possibilidades de concretização daqueles movimentos de cunho messiânico decorrentes dos insucessos da industrialização e modernização, além das possibilidades de interrupção do desenvolvimento econômico que impediria ou retardaria a concretização da sociedade pós-industrial[464].

Além dos problemas dos ciclos econômicos, as disparidades resultantes do desenvolvimento econômico poderiam também trazer problemas morais. Essa amplitude de problemas decorreria da apropriação, por parte das elites das nações subdesenvolvidas, não dos modelos históricos dos países desenvolvidos, mas sim dos estágios presentes de desenvolvimento destes países. Isso, então, estabeleceria um padrão tão alto que até mesmo as políticas efetivas de desenvolvimento poderiam causar desapontamento. Por outro lado, políticas sem sucesso poderiam de fato ocorrer, causando uma estagnação e um retrocesso, que poderiam conduzir tanto à apatia ou à indolência, quanto a movimentos políticos radicais[465].

Porém, essa dicotomia dificilmente resultaria em conflito, pois os países subdesenvolvidos, conforme os autores, dificilmente possuiriam recursos econômicos e militares para empreender campanhas contra as nações mais desenvolvidas. Kahn e Wiener acreditavam, ainda, que, em um futuro próximo, uma ou mais nações subdesenvolvidas poderiam incorrer em um ataque irracional contra outras, como resposta a suas inseguranças domésticas ou fazer ataques suicidas contra uma nação desenvolvida. Por outro lado, o medo de tais ameaças poderia criar uma opinião sobre a necessidade de controle dos estabelecimentos militares dos países subdesenvolvidos. Porém, os futuristas não

---

[464] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, ., p. 333-334.
[465] Ibid., p. 364.

identificavam uma forma de prevenir tal eventualidade ou seqüência de eventos, pois várias das medidas necessárias poderiam soar como neo-colonialistas aos países subdesenvolvidos e, persistindo essa crença de neo-colonialismo, guerras entre norte e sul poderiam acontecer. Ou seja, a integração internacional talvez não resolvesse a questão. Por outro lado, não fazer nada também teria algum impacto[466].

Outra possibilidade cogitada é uma nova onda pan-européia, a qual poderia surgir, por exemplo, de uma crise do desenvolvimento econômico, ou estagnação. Nesse contexto, protestos entre a classe de pequenos empreendedores e administradores da Europa Ocidental e dos EUA eclodiriam, rompendo com o governo parlamentarista e dramatizando a incompetência ou a irrelevância de vários dos partidos e instituições do Ocidente. Desta classe, aliada com, por exemplo, classes trabalhadoras insatisfeitas com a crise, poderia nascer um novo sentimento pan-europeu contrário aos EUA, condenando o espírito burguês e comercial. Esse grupo retomaria, assim, ideais romantizados da aristocracia e de cavalaria, além de defenderem uma unidade européia. Esse movimento fortaleceria algum país inicialmente, para, depois, unir a Europa Ocidental e Central. A Europa seria muito hostil à URSS e aos EUA, tornando-se, então, resistente às influências estrangeiras e atacando os interesses e as políticas americanas na África, Ásia e América Latina. A Europa também se militarizaria, podendo se estabelecer, com isso, uma aliança EUA-URSS contra a Europa. Frente a isso, qualquer conflito seria muito violento[467]. Ou seja, além de uma variação possível para qualquer mundo com o dinamismo europeu, é uma fuga contra alguma forma de desilusão com a ideologia ocidental e, então, uma reação extremada e que buscaria fugir dos aspectos ocidentais modernos. É interessante ver como a maioria desses cenários decorre de experiências e problemas do passado, sem, contudo, eliminar algo de um elemento ficcional e imaginativo.

3.5.3. Novas configurações políticas

Esse conjunto de possibilidades poderia, por fim, alterar a configuração política do mundo. Os autores discutem que essas predições que consideram grandes mudanças soam utópicas e tendem a um problema tal como o de Cassandra. Porém, qualquer um desses possíveis arranjos políticos para o futuro poderia ser natural ou mesmo uma reação a algum

---

[466] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 364-365.
[467] Ibid., p. 339-341.

desenvolvimento específico, sendo que poucos resultariam de escolhas. Os planos de grande mudança, dessa forma, tendem a fracassar, e, segundo os autores, mesmo quando estão em processo, as pessoas submetidas à evolução ou à revolução têm grandes dificuldades, até mesmo quando prevêem o resultado, de reconhecerem o que está acontecendo[468].

Os autores identificam oito caminhos possíveis para se chegar a essas configurações futuras, os quais dividem em dois tipos. Um primeiro tipo é o pacífico, que possui três rotas: evolução natural, evolução assistida e negociação. O outro tipo é o violento, possuindo cinco rotas: crises e pequenas guerras, guerras controladas, guerras descontroladas, mas com sucesso, guerras sem sucesso e armagedão. Assim, conforme os autores, em qualquer cenário realista, mais de uma dessas possibilidades poderia ocorrer. Contudo, acreditavam ser difícil saber o que adviria após uma guerra, pois se ela não representasse o fim, as nações envolvidas em breve estariam barganhando de novo por vantagens unilaterais. Destarte, acreditando que alguma forma de violência precederia a mudança no sistema, Kahn e Wiener defendem o estudo da violência como uma ferramenta ou agente da transição, ou seja, para usá-la, quando inevitável, para fins desejáveis. Portanto, asseveram o argumento de que a melhor maneira para evitar crises e guerras é entendendo-as. Uma vez isso feito, seria possível, então, influenciar as suas consequências[469].

Aqui, trataremos apenas de algumas possibilidades de mudança política radical. Além das mencionadas a seguir, os autores também consideram o sistema de condomínios limitados entre algumas das maiores potências, que funcionaria como organizações que imporiam regras referentes às questões cruciais[470]. Outra possibilidade é a de arranjos informais, que poderia ser um sistema acessório e benéfico para a coexistência tal como defendida pelos futuristas. Seria, portanto, um acordo mais informal que o condomínio e envolvendo mais que duas ou três potências[471].

Uma primeira possibilidade de mudança política radical pensada é o desenvolvimento do sistema de blocos. Os blocos que os autores consideram possíveis seriam: América do Norte (EUA-Atlântico Norte ou EUA-Atlântico-Pacífico), Europa, América Latina, Soviético, Africano, Árabe, Indiano, Chinês e outros. Cada um deles escolheria sua forma de governo e os métodos de sucessão, existindo um alto nível de soberania em cada bloco, além de que, se

---

[468] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 373.
[469] Ibid., p. 383-384.
[470] Ibid., p. 374, 376-377.
[471] Ibid., p. 377-380.

cada bloco adquirisse tamanho considerável, poderia ser tornar virtualmente inconquistável[472]. Contudo, não parece que isso atrapalharia, por exemplo, uma política de *detente*, a qual estaria, então, em outro nível geopolítico, assim como todas as relações internacionais.

O desenvolvimento da ONU poderia apresentar algumas possibilidades de regulamentação mundial. Uma forma que poderia manifestar esse controle seria a coletividade de pequenas potências, como um desdobramento da Assembléia da ONU. Ela seria o único arranjo neutro disponível e que as grandes potências permitiriam arbitrar questões. Todavia, essa coletividade conteria uma quantidade de novos estados, de sociedades relativamente primitivas e de governos instáveis, podendo dificultar, então, a disposição das grandes potências a se submeter aos julgamentos dessa coletividade. Assim, os autores argumentam que seria mais fácil às potências confiar esta tarefa às nações pequenas e avançadas (Suécia, Irlanda, Noruega, Dinamarca, Finlândia e alguns países balcânicos). Mesmo assim, dificilmente as maiores nações aceitariam tal possibilidade, resultando, com isso, em um sistema que poderia aliviar tensões, mas que não seria confiável[473].

A própria ONU, desenvolvendo-se, poderia constituir uma possibilidade. Com, ou uma gradual conquista de força e novos poderes, ou por acordos e negociações, ela poderia ter papel central na regulamentação do mundo. A esse processo também acompanharia o aumento da importância das agências internacionais associadas à ONU. Um momento que poderia propiciar esse novo estatuto à Organização poderia ser uma guerra longa e de magnitude, ou, ainda, a necessidade de competir com outra organização regional que surgisse. Assim, a ONU poderia funcionar como um canal de ajuda internacional, já que desenvolveria, em alto grau, jurisdições sobre questões das áreas subdesenvolvidas, ganhando, então, o apoio dessas áreas[474].

Outra possibilidade, para os futuristas, seria o ponto final do desenvolvimento da ONU, ou seja, o governo mundial. Ele se concretizaria ou por parlamento ou por sistemas legislativo, executivo e judiciário. Esse governo poderia ser criado, ainda, se começasse como um centro de estados aparentados e crescesse por acréscimo. Todavia, a sua criação só poderia ocorrer em um período de guerra ou de crise, ou seja, a partir de uma emergência que oferecesse uma combinação apropriada de motivações de medo e oportunidade[475]. Todas essas três formas que derivam da ONU decorreriam, provavelmente, de uma má sucessão da

---

[472] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 373-376.
[473] Ibid., p. 380.
[474] Ibid., p. 380-381.
[475] Ibid., p. 381-382.

coexistência defendida pelos autores, uma vez que ela não conseguiria sustentar o equilíbrio e a regulamentação internacional, abrindo, espaço, então, para o desenvolvimento da ONU.

Outra possibilidade que Kahn e Wiener consideram é retirada diretamente da história. Afirmam que o estudo da história da civilização revela que, na maior parte do tempo, ela viveu sob impérios. Assim, no mundo atual, e do ponto de vista tecnológico, o raio de um império seria limitado pelo tamanho do planeta. Esse império contemporâneo poderia se desenvolver a partir de uma guerra termonuclear, com uma terceira potência emergindo relativamente sem danos e tomando o poder. Ou, ainda, os participantes de tal guerra poderiam empatar e decidir que nunca mais enfrentariam uma guerra assim e, unidos por essa convicção, poderiam confiscar ou destruir as armas de qualquer pequena nação que discordasse deles. Os futuristas pensam, ainda, na possibilidade de vários impérios coexistindo[476]. Aqui há pouca diferença para a questão dos blocos, podendo, então, existir o equilíbrio, porém, em outro nível. Todavia, uma má condução do equilíbrio do terror poderia novamente abrir espaço para uma terceira força.

Outra possibilidade são as regras agonísticas. Dessa forma, a tecnologia moderna possibilitaria um sistema não oficial para punição de violações da ordem estabelecida pela comunidade internacional. Ou seja, um míssil poderia ser uma arma anônima. O ataque poderia surgir ou por um senso de ultraje, ou pela responsabilidade de preservar o sistema, ou por conta do medo de se tornar a vítima no futuro. Formar-se-ia, então, um comitê de vigilância internacional que – formalmente organizado, ou não – poderia fazer parte de uma aliança, ou ser, ainda, uma pequena força militar estratégica da ONU. A retaliação poderia tanto ser automática, ou seja, por doutrina, quanto poderia se tornar parte da evolução de uma lei mundial ou de um sistema legislativo[477].

A última possibilidade que aventam é o recuo da civilização, que poderia acontecer pelo desaparecimento das armas de destruição em massa. O retrocesso da civilização poderia advir também de uma guerra, impossibilitando, então, a fabricação ou a manutenção de armas de destruição em massa. Por fim, essas próprias armas poderiam causar uma imensa repulsa[478]. Essa possibilidade deriva da idéia geral de Boulding, como já vimos, ou seja, da civilização associada ao desenvolvimento tecnológico. Porém, ao invés de esse avanço conduzir à pós-civilização, aconteceria alguma forma de retrocesso.

---

[476] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 382.
[477] Ibid., p. 382-383.
[478] Ibid., p. 383-384.

Vimos, portanto, neste capítulo, a situação política mundial ideal para o desenvolvimento futuro da cultura, sociedade e economia pós-industriais. Contudo, essas condições não são perfeitas e apresentariam problemas cruciais. Aqui, analisamos os problemas políticos, tais como os autores entendem e percebemos, então, a defesa pela continuidade da Guerra Fria como forma de manter em atividade a tendência múltipla, otimizar os desenvolvimentos decorrentes dela e permitir, então, o surgimento da sociedade pós-industrial.

4. A SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

No capítulo anterior, iniciamos a análise da tendência múltipla e vimos como a acumulação de conhecimentos científicos, a institucionalização e o aumento de ritmo da mudança, a industrialização e a modernização, o crescimento demográfico e o aumento da capacidade de destruição em massa poderiam alterar a configuração geográfica e política do mundo, afetando a concretização da sociedade pós-industrial. Agora, exporemos especificamente a sociedade pós-industrial em dois aspectos: tanto os elementos necessários e presentes nessa sociedade, quanto os problemas que poderiam advir de sua concretização.

4.1. A questão tecnológica referente à sociedade pós-industrial

Uma das questões chaves para entender o advento da sociedade pós-industrial, assim como de sua cultura e economia, é compreender o avanço tecnológico que a precede e acompanha-a. Assim, não devemos esquecer os conceitos e os mecanismos que os autores desenvolveram, como expusemos no capítulo anterior, para pensar o desenvolvimento tecnológico, como o *serendipity* e o *synergism*[479]. As questões tecnológicas aqui pensadas não apenas influenciariam a concretização da sociedade pós-industrial, como também levantariam questões éticas e vitais para a humanidade.

4.1.1. Os computadores

De forma geral, a sociedade pós-industrial, na visão dos autores, representaria um novo momento. Se, antes, existiram a idade do ferro, da energia elétrica, do automóvel, a nova era que se anunciava seria a da eletrônica, dos computadores, da automação, da cibernética, do processamento de dados e afins. Assim, Kahn e Wiener acreditavam que o computador poderia efetuar uma extensão dramática da força humana sobre o ambiente, além de várias mudanças sociais e econômicas. Todavia, não arriscavam qualquer previsão mais precisa devido a pouca certeza que tinham, a qual decorria do ritmo de mudança instaurado nessa área, já que, se a capacidade dos computadores continuasse a crescer nas mesmas taxas até o

---

[479] Vide página 79 da dissertação.

fim do século, os conceitos sobre as suas limitações teriam que ser reconsiderados. Assim, os computadores poderiam chegar a igualar, simular ou até mesmo superar algumas das habilidades intelectuais humanas, inclusive a estética e a criatividade, além de poderem adquirir capacidades que os homens não possuem[480].

Um ponto que poderia incomodar seria a questão da inteligência artificial. O que incomodaria não seria a possibilidade de os computadores superarem os homens em várias funções relacionadas à inteligência, mas a de adquirirem idéias e respostas emocionais aos novos dados inseridos ou às suas próprias produções e propriedades que seriam análogas – ou operacionalmente indistinguíveis – de propósitos auto-gerados. Conforme os computadores, então, tornassem-se auto-programáveis, eles tenderiam a "aprender" com a experiência e o treino, desenvolvendo métodos e processos sutis que poderiam desafiar a compreensão do programador humano[481].

Contudo, para os autores, o computador acabaria sendo utilizado como uma ferramenta para algumas necessidades individuais, constituindo-se, assim, uma simbiose homem-máquina. Essa simbiose poderia ocorrer, por exemplo, no ensino, possibilitando o auxílio individual a vários estudantes. Frente a essas e a outras utilidades, os futuristas concluem que a indústria dos computadores se tornaria fundamental tal como a indústria de energia, uma vez que os computadores se tornariam a principal ferramenta para o último terço do século XX. Teriam destaque nesse contexto os computadores pessoais, que seriam equipamentos essenciais para casa, escola, negócios e profissões, havendo a exigência, então, de habilidade para utilizá-lo[482].

4.1.2. A automação e a mecanização

Outro processo decisivo nessa nova fase tecnológica se estendia desde a industrialização, quando, então, dois novos fatores apareceram: o primeiro foi uma melhor organização do trabalho, especialmente pela crescente especialização e, o segundo, o aumento da mecanização e da automação da produção. O primeiro fator resultou na reorganização do trabalho e na sua divisão em partes pequenas e especializadas. O segundo foi um conjunto de operações que passaram a ser realizadas pelo uso de dispositivos simples ou máquinas mais complexas. Dessa forma, a mecanização serviu, inicialmente, para o aumento da capacidade

---

[480] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 86-87, 89.
[481] Ibid., p. 89-90.
[482] Ibid., p. 90-91.

dos músculos humanos e animais. Os autores pensam o primeiro processo como um precursor do segundo, já que a reorganização do trabalho foi um elemento necessário para a mecanização e a automação[483].

Nesse processo incipiente de mecanização, os autores afirmam que técnicas cibernéticas foram usadas. Mecanismo cibernético é entendido como: a partir de algum método de expressão de informações saídas de um sistema, compará-las com uma norma desejada e então usar essa diferença para ativar algum mecanismo que tenta ajustar o sistema à norma desejada. Assim, um termostato em uma casa seria um exemplo típico de sistema cibernético. Destarte, essa técnica poderia ser aliada ao computador, fazendo-o o elemento cibernetizador, o que acarretaria a eliminação do papel de supervisor. Um dos efeitos dessa automatização poderia ser, portanto, a eliminação de 40 a 50 mil empregos por semana, totalizando entre 2 e 2,5 milhões de empregos em um ano. Todavia, os futuristas asseveram que a economia estava apta a fornecer empregos que substituiriam os perdidos pela automação e a acomodar a expansão da população trabalhadora, excetuando a taxa oficial de 4 a 5% de desempregados. Portanto, a taxa de desemprego existia na indústria, nos anos 60, por causa da seletividade de empregados em uma grande força de trabalho, já que algumas indústrias estavam encontrando dificuldade para contratar trabalhadores peritos. Assim, afirmam que a taxa de desemprego era baixa e os problemas, portanto, não decorriam da automatização ou da re-adequação a ela, já que a indústria necessitava de empregados, mas sim de políticas públicas para gerar empregos alternativos[484].

Os autores acreditavam, portanto, que a automação e a cibernetização poderiam criar tantos empregos quanto elas eliminavam, contribuindo, então, com o aumento da produtividade e com o crescimento econômico, não se dissociando, assim, do processo que conduziria à sociedade pós-industrial. A automação, dessa forma, influenciaria ou consolidaria sua base em muitas áreas, por exemplo, nos correios, ou mesmo no ambiente doméstico. Os autores reconhecem, contudo, que existia um grande exagero sobre o desenvolvimento da automação, não estando ela, de fato, disseminada quanto alguns faziam parecer. Este comportamento dúbio, conforme os autores, é comum no início de uma inovação, uma vez que várias afirmações exageradas são feitas, seguidas, então, por uma desilusão, uma tendência a previsões conservadoras e um pessimismo e um ceticismo

---

[483] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 91-92.
[484] Ibid., p. 92.

generalizados. Depois disso tudo, com um grau razoável de desenvolvimento alcançado, essas reações exageradas cessam. Processo similar poderia acontecer na questão da automação[485].

4.1.3. Tecnologias para a informação e comunicação

Conforme Kahn e Wiener, o próximo passo da automação seria aplicá-la à informação. Tal processo estaria vinculado aos computadores, porém, de forma mais específica: às formas de adquirir, processar, guardar, recuperar e usar informações. Os autores, então, pensam diversos usos desses sistemas de obtenção de informação no ato de governar e no controle das práticas coletivas e individuais dentro de cidades e países, levando a novas doutrinas legais para regulamentar essas novas formas de se "olhar" a vida alheia[486]. Há, portanto, tanto uma possibilidade de incremento das satisfações cognitivas, quanto um perigo de um governo autoritário, ou um dilema de governo, entre um controle e um conhecimento que ajudariam o ato administrativo e uma forma de autoritarismo que obscureceria as individualidades.

Uma das tecnologias que colaboraria com o processamento e o acesso à informação seriam os *lasers*. Além disso, eles também serviriam à indústria. Assim, seriam utilizados para construção de túneis em rochas, para armas táticas, otimização no processamento e armazenamento de dados, melhoramento no sistema de defesa, etc. Porém, sua utilização mais valiosa se daria nas comunicações, resultando em um aumento da quantidade de informações transmitidas e em uma redução dos custos. Tal fluxo praticamente ilimitado de informações, resultado da combinação dos *lasers* e das funcionalidades do computador, acarretaria uma sociedade rica em informações, modificando o estilo de vida ocidental[487].

Outro elemento que os autores tratam é a holografia, a qual eles entendem como a reconstrução tridimensional de um objeto em uma imagem real e virtual. Pensam que a televisão e o cinema seriam as áreas de grande aplicação dessa tecnologia. Acreditavam também que ela poderia ser aplicada para fins de estudos atômicos e moleculares, no meio militar, principalmente no campo da espionagem. Viam, ainda, a possibilidade de aplicar tal tecnologia na exploração espacial, no tráfego aéreo, na exploração do petróleo, etc[488].

Ou seja, são a *serendipity* e o *synergism*, pois os vários avanços agiriam em conjunto e criariam situações inesperadas e novas, que poderiam tanto colaborar com alguns processos já

---

[485] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 92-94.
[486] Ibid., p. 94-98.
[487] Ibid., p. 98-102.
[488] Ibid., p. 103-105.

conhecidos, como criar novos. É interessante termos em mente que a tecnologia poderia criar toda uma situação de desfrute e aprendizado em graus inéditos, sem contar a possibilidade considerada de os avanços científico e tecnológico potencializarem a si mesmos. Essas duas características são essenciais, como veremos, na sociedade futura pretendida e prevista pelos autores.

4.1.4. Avanços médicos e biológicos

Outras questões éticas que derivariam dos avanços tecnológicos estariam ligadas aos desenvolvimentos da bioquímica e da medicina. Esses avanços afetariam não somente a psicologia, o vigor, a saúde e a longevidade, mas também a constituição genética dos seres humanos do futuro. Os futuristas acreditavam que diferentes desenvolvimentos aconteceriam, não só dos medicamentos, mas também da consciência sobre como prevenir alguns problemas. Na questão dos problemas do coração, tais avanços poderiam, por exemplo, reduzir o número de mortes na faixa dos 50 e 60 anos, ou mesmo resultar em corações artificiais ou de substitutos para algumas funções cardíacas. O câncer também poderia ter seu índice de mortalidade reduzido, como resultado da prevenção, da detecção nos estágios iniciais, da cirurgia, da radiação, da terapia por remédios e da estimulação do sistema imunológico. A possibilidade de re-implante de membros decepados, assim como o transplante de tecidos e órgãos e a aplicação de novos materiais – como os microeletrônicos ou órgãos e membros artificiais – também é considerada. Outra prática médica relevante seria a dedicada ao controle do envelhecimento. Contudo, ela não resultaria em um grande aumento da expectativa de vida, mas sim em uma queda dos efeitos debilitantes da senilidade. O aprimoramento de técnicas para salvar vidas prematuras também ocorreria, assim como o desenvolvimento da farmacologia e dos diversos remédios e vacinas contra vírus[489].

Dessa forma, os avanços influenciariam as taxas de mortalidade e as de nascimento. Um exemplo, para Kahn e Wiener, desse avanço na medicina e do controle do nascimento foram os métodos anticoncepcionais. Baseados nisso, acreditavam que, dentro de 15 anos, as técnicas de controle de nascimento se tornariam um fenômeno universal. O avanço dessas técnicas, assim como seu barateamento, poderiam alterar as previsões de 6,9 a 7 bilhões de

---

[489] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 105-109.

pessoas como população mundial do mundo no ano 2000, diminuindo este número em um ou dois bilhões[490].

O avanço genético também levantaria importantes dilemas éticos, pois, assim que a ciência permitisse às mães escolher como seriam os filhos, poder-se-ia, então, alterar a própria evolução e o destino humano. Frente a isso, os autores citam a idéia de "eugenia negativa", que não se dá pela manutenção de genes que parecem os melhores, mas por evitar reproduzir aqueles que são defeituosos[491].

Novamente, seguindo a integração das tecnologias, Kahn e Wiener admitem o impacto dos computadores na área médica, servindo para o controle e a monitoração dos pacientes, para dar ordens às estações de enfermaria, etc. No futuro, os computadores também serviriam para guardar o conhecimento médico e para executar programas que permitiriam ao médico consultar tal conhecimento para diagnósticos e prescrições. Porém, para os futuristas, seriam duas as áreas de grande implicação desse sinergismo: a constituição genética e o controle da mente. No caso da segunda área, pesquisas relacionadas à descoberta do funcionamento do cérebro seriam importantes, pois, a partir de seus resultados, seria possível desenvolver drogas e agentes químicos que poderiam controlar e aliviar os problemas de esquizofrenia, de esquecimento com a idade, entre outros. Haveria, ainda, a possibilidade de apagar a memória recente, tanto para esquecer lembranças ruins, quanto para os criminosos não lembrarem o que confessaram. A aplicação de tais técnicas para trabalhar com as massas a partir da alimentação ou do ar também seria possível. E, por fim, a tecnologia médica sobre a mente poderia ser usada, ainda, para produzir cérebros inferiores em contraposição aos com capacidades intelectivas superiores. Frente a isso, os autores concordam que há um ditame ético por trás dessas possibilidades, que foge, então, do âmbito da ciência[492].

Defronte, tanto aos avanços genéticos, quanto ao conhecimento sobre a mente, os futuristas questionam a necessidade e a vontade do controle sobre as doenças, o que poderia conduzir, então, a novas tendências de eugenia positiva. Na questão do controle da mente, por exemplo, perguntam: quem controlará os controladores de mentes? Ou, transportando para o campo da genética: quem controlará os engenheiros genéticos e de acordo com que valores[493]? Contudo, esses problemas provavelmente não atingiriam, em um curto espaço de tempo, os países subdesenvolvidos. Estes países passariam por um grande progresso,

---

[490] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, ., p. 114-115.
[491] Ibid., p. 111-112.
[492] Ibid., p. 109-111.
[493] Ibid., p. 113.

reduzindo algumas doenças, porém, tal processo, na visão dos autores, dependeria bastante de interações sinergísticas. Assim, o desenvolvimento médico nesses países seria diretamente proporcional à quantidade de investimento para nutrição adequada, para práticas sanitárias melhores e às clínicas de saúde pública[494].

Dessa forma, os autores encerram as considerações tecnológicas referentes tanto à questão nuclear, como abordado no capítulo anterior, quanto às abordadas aqui. Essas afirmações sobre o futuro da tecnologia remetem, claramente, aos itens 3, 4 e 12 da tendência múltipla. Kahn e Wiener reconhecem a dificuldade de trabalhar com os avanços tecnológicos, devido à amplidão do tema e das possibilidades dos inúmeros desenvolvimentos. De forma geral, portanto, a tecnologia traz os problemas da acelerada proliferação nuclear, da perda da privacidade e do poder privado ou governamental excessivo sobre o indivíduo. Tudo isso resultaria, então, em uma super-centralização vulnerável, ilusória e degradante, já que as decisões necessárias se tornariam muito amplas, complexas, importantes e incertas para serem deixadas aos meros mortais. Acompanhariam-nas, ainda, novas capacidades perigosas e que poderiam ser usadas desastrosamente, além de mudanças tão rápidas ou cataclísmicas para que se pudesse fazer um simples ajuste[495].

Ou seja, por conta desse incremento da mudança ser praticamente exponencial, os autores afirmam que as previsões tecnológicas atingiriam no máximo os anos 80. Haveria, portanto – e aparentemente sem limites de previsão – o crescimento das capacidades de realização, o crescimento econômico, o controle sobre o meio externo e interno e o aumento da inovação, aplicação e difusão tecnológica. As capacidades, portanto, da cultura e das instituições para se adaptarem a tais mudanças em um tempo relativamente curto se tornariam questões cruciais. Assim, os futuristas preocupam-se com essa busca constante e faustiana do homem, uma vez que ela poderia levá-lo a uma forma de desumanização ou de degradação política e ecológica[496]. Dessa forma, remetemo-nos ao capítulo anterior, sobre os diversos acordos possíveis e a utilidade de controlar esses avanços tecnológicos no sentido de não suprimir a coexistência e, então, as boas concretizações que poderiam advir dela. Esse conjunto de avanços seria fulcral também para as mudanças culturais que antecederiam e acompanhariam a sociedade pós-industrial. A essas mudanças culturais que nos dedicaremos agora.

---

[494] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 115.
[495] Ibid., p. 116.
[496] Ibid., p. 116-117.

4.2. A questão cultural

Os itens 1 (culturas Sensate), 2 (elites burguesas) e 10 (alfabetização e instrução) da tendência múltipla tratam especificamente da cultura. Todavia, não é possível entender as mudanças nesse campo dissociadas do avanço tecnológico e da prosperidade econômica. Desse conjunto de fatores poderia, ainda, advir eventos surpreendentes, alguns decorrentes da própria concretização da sociedade pós-industrial. Porém, antes de entrar na sociedade pós-industrial, os autores discutem a possibilidade de o Ocidente estar passando por profundas mudanças e como isso se evidenciaria pela cultura.

4.2.1. A passagem cultural iminente

Como comentamos no capítulo anterior, a industrialização, a modernização, a acumulação científica e a institucionalização da mudança se manifestaram como decorrência de duas outras tendências: culturas Sensate e elites burguesas. Assim, a primeira tendência da tendência múltipla é a de culturas cada vez mais Sensate, reunindo as seguintes características: empíricas, mundanas, seculares, humanísticas, pragmáticas, utilitárias, contratuais, epicuristas, hedonistas, etc.

Os componentes de uma cultura, para Kahn e Wiener, seguem a generalização de Sorokin[497]. Eles seriam, então: belas-artes, relações familiares, artes de representação, relações cívicas, arquitetura, literatura, verdade, ética, música, educação, lei, governo e economia[498]. Além disso, Kahn e Wiener concebem as culturas como, no seu zênite, sustentadas por uma elite, que é um grupo de classe-média, ou superior, educado e dominante. Portanto, é sempre uma alta cultura. Apesar disso, os futuristas optam por aceitar a suposição que acreditam existir entre a maioria dos filósofos da história: há uma congruência ou uma convergência considerável entre os diferentes setores de uma cultura[499].

Já sabemos que o termo Sensate é emprestado de Sorokin e funciona em oposição aos de Ideational e de Idealistic. Assim, os autores acreditam em uma continuidade dessa cultura Sensate para o século XXI, porém, conforme um conceito mais específico: o Sensate tardio[500]. Kahn e Wiener assentam-se no Volume I do *Social and Cultural Dynamics* para construírem

---

[497] Cf. SOROKIN, P.A., 1970.
[498] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 42.
[499] Ibid., p. 42-43.
[500] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 39; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 74.

seus argumentos. Como a maior parte desse primeiro volume da obra é dedicado à arte, os autores partem desse aspecto[501]. Então, pensado a cultura Sensate, expõem que algumas de suas características são: empírica, pragmática, mundana, científica, cética, falível, sensória, materialista, mecanicista, relativista, agnóstica, instrumental, etc. A Sensate tardia, por sua vez, apresentaria como características: cínica, desiludida, niilista, caótica, despreocupada, transitória, superficial, exaustiva, sofística, formalista, ateísta, trivial, mutável, sem sentido, alienada, conveniente, absolutamente relativista[502].

Sorokin, contudo, não utiliza, no *Social and Cultural Dynamics*[503], o termo Sensate tardio. Porém, essas características atribuídas a este período condizem com o da decadência Sensate, como vimos nos ciclos. Por isso, a exposição do Sensate tardio dos futuristas busca mostrar um período de mudança que poderia estar se delineando. Para reforçar a idéia da possibilidade de mudança, Kahn e Wiener recorrem a outros autores. Essa apropriação, entretanto, não foge de Sorokin, agora baseada na obra *Social philosophies of an age of crisis* (ou *Modern historical and social philosophies*). Dessa obra, citam mais especificamente o capítulo XIV, no qual Sorokin delineia uma comparação entre diferentes autores. Em cima disso, Kahn e Wiener construíram as comparações, as quais pensam ser úteis ou para descrever fenômenos empíricos ou para formular questões e hipóteses. Todavia, ressalvam que a utilização de termos de autores que elaboraram filosofias da história não significa a crença em um ciclo para as civilizações ou culturas, ou um compromisso com outras teorias da história formuladas por esses autores[504].

Essas comparações seguem, portanto, uma das possibilidades de uso da metáfora heurística, a saber, utilizar as teorias da história como exemplos para definir possíveis padrões. Contudo, a comparação construída é predominantemente baseada no trabalho de Sorokin. Por isso, é a partir deste que faremos a exposição que segue. Todavia, é importante a ressalva de que é possível que Sorokin tenha adaptado algumas idéias dos autores ao seu léxico e às suas idéias, tornando as comparações aparentemente mais fidedignas.

A comparação é feita, inicialmente, a partir de Sorokin, Schubart e Berdiaeff e visa mostrar como, em diferentes autores, existe uma correspondência de períodos.

---

[501] Os futuristas, portanto, não desenvolvem esses conceitos tal como Sorokin os faz: ao longo das diversas manifestações da cultura.
[502] SOROKIN, P.A., **Social and Cultural Dynamics** (vol. I), p. 84-91, apud KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 42. Esse primeiro volume não foi encontrado nas bibliotecas consultadas no Brasil
[503] Pelo menos, nem na versão condensada, nem no Volume II da obra completa.
[504] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 40-41.

Schubart apresenta sua visão de história na obra *Europa e a alma do oriente* (Europa und die Seele des Ostens). Nessa obra, defende que a história opera por ciclos sucessivos de quatro protótipos de cultura. Um primeiro protótipo é o harmônico. Nele, o homem encontra-se em harmonia com o Cosmos, pois é parte integrante dele, não havendo, com isso, idéias de progresso e evolução. Outro protótipo é o heróico ou prometéico, segundo o qual o mundo é um caos que precisa ser ordenado a partir da vontade e esforço seculares. Uma terceira forma seria a ascética, que entende o mundo como uma miragem e uma tentação do mal, buscando-se, então uma realidade mística, além do mundo. Por fim, há o messiânico, que visa estabelecer na Terra uma ordem divina suprema e a harmonia, já que a mudança é orientada por Deus[505].

Já Berdiaeff demonstra, no *The meaning of History*, que a cultura ocidental passara pelos estados bárbaro, medieval cristão e humanista-secular. Nessa visão, a fase medieval disciplinou, desenvolveu e espiritualizou o homem ou foi um acúmulo de reações espirituais no desenvolvimento da cultura ocidental. Essa fase terminou porque não conseguiu oferecer a base para a necessidade de alteração do mundo empírico. Assim, um renascimento místico sucedeu essa fase, dando vazão ao humanismo. O humanismo, posteriormente, tornou-se anticristão e, então, secular. O homem foi posto como centro do universo, a medida de tudo e o mais valioso. Foi o período da libertação humana, na qual o homem se guiou pelos seus próprios senso, razão e controle[506].

Dessa forma, o que Schubart chama de protótipo cultural heróico coaduna com o período tardio da cultura Sensate[507] e com um momento tardio da fase humanista-secular de Berdiaeff. Essa semelhança é identificada, pois, nos diversos autores, essas fases correspondem a um período secular, materialista, utilitarista, empirista, hedonista, cientificista, com desenvolvimento tecnológico, com destaque para a técnica e relativista em relação aos valores. Tudo isso resultaria em uma religiosidade decadente, com distúrbios internos e lutas de classe, urbanização, industrialização e comércio desenvolvidos, relações contratuais, domínio de uma minoria rica ou de Césares, ditadores, demagogos e outros líderes ou partidos[508].

Portanto, os autores novamente pensam as diferentes teorias de acordo com a metáfora heurística, buscando somente cogitar um possível padrão histórico geral para a

---

[505] SOROKIN, P.A., 1950, p. 121-125.
[506] Ibid., p. 139-141.
[507] Aqui, Sorokin utiliza o termo *late Sensate* (Sensate tardio), mas não exatamente como um conceito.
[508] SOROKIN, P.A., 1950, p. 292-295.

cultura, sem maiores preocupações com processos históricos específicos, ou mesmo com algum desenvolvimento mais pormenorizado das teorias. Então, afirmam que se a mentalidade Sensate tardia se disseminasse na sociedade, torná-la-ia praticamente ingovernável, além de funcionar como uma revolta contra o materialismo e o conformismo e como uma possível emergência de novos humanismo e criatividade. Ou seja, mudanças aconteceriam[509] como resultado de um contexto que lembra muito aquele que se iniciaria a partir da etapa do Impasse e da Anarquia dos ciclos.

Portanto, os futuristas concordam que a sociedade atual é Sensate, apresentando características que podem conduzir ao período "tardio" dessa cultura. Como contraposição a essa certeza do processo que, em Sorokin, é um inevitável ciclo das culturas[510], Kahn e Wiener argumentam que, por mais que a tendência Sensate tenha dominado a cultura Ocidental há 7 ou 8 séculos, seu desenvolvimento não foi ininterrupto. A Reforma, a Contra-Reforma, a era puritana na Inglaterra, algumas características do fim da era vitoriana, *la belle époque*, alguns fenômenos como o stalinismo, o hitlerismo e o fascismo foram acontecimentos contrários à tendência básica da cultura Sensate[511]. Todavia, apesar do desenvolvimento interrupto, a tendência Sensate parecia, na opinião dos autores, ter alcançado o mundo inteiro e sua continuidade nos próximos 33 ou 66 anos, poderia conduzir, então, ao Sensate tardio. Esse novo período poderia, ainda, chegar ao limite e estabilizar-se ou até mesmo se reverter[512].

4.2.2. A mudança cultural como uma mudança da civilização

Uma vez aventada a possibilidade de mudança cultural, os autores pensam essa mudança como uma possível alteração na civilização, a qual acompanha a visão de Toynbee e de Spengler. Esses dois historiadores identificaram um número de civilizações, as quais, então passaram por processos semelhantes. No caso de Toynbee, por exemplo: gênese, crescimento, colapso e desintegração[513]. Já Spengler, como vimos de forma bem resumida nos ciclos,

---

[509] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 41.

[510] O final do *Social and Cultura Dynamics* relativiza essa visão fatalista, pois Sorokin argumenta que se as forças Sensate iniciassem uma nova guerra, poderia ser o fim de toda energia humana, impedindo, com isso, a concretização de uma nova era. Ou seja, o que de fato aconteceria, conforme Sorokin, era algo que dependeria de nós. SOROKIN, P.A., 1970, p. 704.

[511] Apesar de listarem, os autores não explicam por que tais eventos contradizem a cultura Sensate, porém, como vimos no caso dos 3 últimos, pode ser por representar um retorno aos modos messiânicos.

[512] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 44.

[513] Não explicarei cada uma pormenorizadamente, para não me alongar e porque os autores não utilizam o conteúdo dessas idéias de Toynbee, Cf. SOROKIN, P.A., 1950, p. 114-120; Cf. TOYNBEE, A.J. **A study of**

entende, primeiramente, o par cultura-civilização, sendo a segunda um desenvolvimento da primeira, mais precisamente, a fase final de uma cultura. Esse processo se daria, então, tal como a vida de um organismo vivo: juventude, crescimento, florescência e declínio, ou, ainda, infância, juventude, maturidade e velhice, ou, também, primavera, verão, outono e inverno[514].

Kahn e Wiener reconhecendo o Ocidente como uma civilização, comparam, partindo de Spengler, aquilo que ele identifica como cultura com as fases Ideational e Idealistic de Sorokin. Já o que Spengler identifica como civilização, identificam com toda a fase Sensate[515]. Em outras palavras[516], há, inicialmente, uma associação, dentro de Spengler, das fases de juventude e crescimento com a da cultura e, por sua vez, com as fases Ideational e Idealistic em Sorokin. Já as fases de florescência e declínio, com a civilização e, por sua vez, em Sorokin, com a Sensate[517].

Não satisfeitos apenas com Spengler, os autores também "convidam" Toynbee para a roda. Conforme os autores, para Toynbee, a civilização deveria ser entendida, mais ou menos historicamente, "como a menor unidade independente de estudo"[518]. Partindo desses conceitos, os autores defendem que atualmente só há uma civilização, já que, devido à expansão geográfica da área de modernização, a história de cada país está ligada com a história da civilização ocidental. Sem entrar em maiores detalhes sobre outras civilizações, os autores reconhecem o apoio teórico sobre os exemplos das civilizações clássica e ocidental, já que são as mais importantes para nós, além de serem aquelas com as quais possuem maior familiaridade[519].

Pensando, então, a formação das civilizações, os autores afirmam que vários filósofos da História acreditam que novas civilizações surgem da mistura de duas culturas ou quando um grupo bárbaro invade e conquista uma cultura estabelecida. Com isso: 1) "pode prevalecer uma liberdade de escolha e uma flexibilidade de perspectiva que conduza a novos estilos de

---

history (Abridgement vol. I-VI, by D.C. Somervell). New York/ London: Oxford University Press, 1958. v.1.

[514] SPENGLER, O., 1964, p. 44 e a obra; Cf. SOROKIN, P.A., 1950, p. 72-112.

[515] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 44.

[516] E seguindo majoritariamente a exposição de Sorokin, para evitar entrar em pormenores teóricos de cada autor, o que alongaria a dissertação desnecessária e demasiadamente.

[517] SOROKIN, P.A., 1950, p. 292-293.

[518] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 44; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 76. Os autores não deixam claro de que texto de Toynbee tiraram essa definição. Todavia, ela difere um pouco de como o historiador inglês apresenta o conceito no *Study of History*. Na obra, civilização é posta somente como um campo inteligível de estudo histórico TOYNBEE, A.J., 1958, p. 35, 41; SOROKIN, P.A., 1950, p. 114.

[519] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 44.

vida, de trabalho, ou de guerra"[520]; 2) o novo grupo pode aceitar as instituições e/ou técnicas anteriores, sem, todavia, aceitar a maior parte das tradições e dos interesses; 3) as novas pessoas podem ter alguma espécie de vigor bárbaro; e 4) as condições podem conduzir ao aparecimento de líderes eficientes e carismáticos. A civilização clássica, conforme exemplo dos autores, surgiu da mistura da forma primitiva micênica com os conquistadores posteriores. Já a civilização Ocidental tem suas raízes no impacto dos invasores germânicos e do norte na civilização romana[521].

Assim, Kahn e Wiener argumentam – e já misturando cultura com civilização – que, em todo início de uma nova cultura, é perceptível uma área central quase nítida. No caso da civilização clássica, esse núcleo poderia ser a Jônia (basicamente Atenas), ou até mesmo toda a área grega, incluindo as colônias gregas na Itália, no Mar Negro e no Mediterrâneo Oriental. A área central da civilização ocidental seria a Itália Setentrional, a França, a Alemanha Ocidental, a Holanda e a Inglaterra. Alguns filósofos da história, segundo os futuristas, observaram que a área periférica muitas vezes torna-se mais dinâmica e agressiva que a central, e, então, conquista-a. No caso da civilização clássica, esse processo é exemplificado pela sequência Atenas, Macedônia e Roma. Na civilização ocidental, tal processo nunca foi realizado, apesar de a Inglaterra semi-periférica ter tentado conquistar o continente, assim como já tinha tentado a semi-periférica Alemanha e, de uma maneira um pouco diferente, os EUA totalmente periféricos[522].

Então, citando diretamente Quigley, os autores recorrem ao conceito de *instrumento de expansão*. Conforme o historiador americano, o instrumento de expansão marca a ascensão das civilizações. Assim, o instrumento se constitui quando uma sociedade reúne três características: 1) incentivo para inventar, 2) acúmulo de excedentes – ou seja, algumas pessoas possuem mais riqueza do que consomem – e 3) a utilização do excedente para financiar ou utilizar novas invenções. Quando, então, uma sociedade reúne essas três características e, logo, um instrumento de expansão, ela é posta, por Quigley, como civilização[523].

---

[520] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 77.
[521] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 44-45. Apesar de citarem vários filósofos, aqui os autores se baseiam em Quigley, como ficará mais claro à frente, quando vermos o caminho das civilizações conforme o autor, o qual se inicia também pela mistura. É inegável, ainda, a influência de Toynbee.
[522] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 45. Novamente, constroem essa análise assentados em Toynbee e, principalmente, em Quigley.
[523] QUIGLEY, Carrol. **A evolução das civilizações.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963, p. 88-92.

Na civilização clássica, por exemplo, a escravidão foi tal instrumento[524]. Já na civilização ocidental houve três fases e cada uma delas pode ser pensada como um renascimento da civilização. São elas: o sistema feudal (970-1270)[525], o capitalismo comercial e o mercantilismo (1440-1700)[526] e o industrialismo (1730-1929)[527]. Kahn e Wiener sugerem um acréscimo, para o futuro, de uma quarta e contemporânea fase de expansão, que se iniciara após a I ou II Guerra, nos EUA. Nesta, o instrumento de expansão poderia ser chamado de *técnicas modernas de administração e produção*[528]. Argumentam, ainda, que também poderia ser chamada "cibernetização e tecnologia", o que, para os futuristas, todavia, não parecia abrangente o suficiente para cobrir os fatores relevantes, especialmente a administração econômica pelo governo[529].

Porém, como Quigley mostra, os instrumentos de expansão invariavelmente passam pelo processo de *institucionalização*. Conforme Kahn e Wiener, esse processo consiste na, depois de algum tempo, subversão e corrupção do instrumento de expansão por aqueles que o operam, sendo transformado, então, em instituição cujo maior propósito é servir aos interesses dos operadores. Esse processo causa a sucumbência de um dos três componentes do instrumento, sendo, normalmente, o terceiro. Quigley defende que se essa instituição não for sobrepujada por um novo instrumento de expansão, a civilização começa a declinar[530].

É esse processo de ascensão e decadência de uma civilização que permite Quigley pensar o desenvolvimento das civilizações conforme o seguinte processo: Mistura → Gestação → Expansão → Era de Conflito → Império Universal → Decadência → Invasão[531]. A primeira fase consiste na mistura de culturas, a qual pode gerar civilizações. Se essa sociedade oriunda da mistura inventar, acumular excedentes e utilizá-los para novas invenções, então, ela desenvolverá o instrumento de expansão e tornar-se-á civilização. Após isso, inicia-se a fase de expansão. Entre a mistura e a expansão, ou seja, quando ainda está gestando o instrumento, tem-se a fase de gestação, que parece um período estável e sem grandes mudanças. A fase de expansão possui quatro formas, as quais ocorrem em conjunto: 1) maior produção de mercadorias, 2) aumento da população, 3) expansão geográfica e 4)

---

[524] Essa parte, assim como todo o parágrafo, KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 45; QUIGLEY, C., 1963, p. 92, 194-196.
[525] QUIGLEY, C., 1963, p. 260-261.
[526] Ibid., p. 266-272.
[527] Ibid., p. 284-294.
[528] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 45; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 78.
[529] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 45
[530] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 45-46; QUIGLEY, C., 1963, p. 93.
[531] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 46; QUIGLEY, C., 1963, p. 98.

aumento do conhecimento[532]. Quando, então, o instrumento se torna instituição, a expansão decai e a civilização entra na era de conflito. Essa decadência apresenta quatro aspectos: 1) diminuição da expansão, 2) crescente tensão e conflitos de classe, 3) guerras imperialistas e 4) aumento do pessimismo, da irracionalidade e do misticismo. Com a estagnação do instrumento, o que resta são as guerras imperialistas, ou seja, a conquista dos vizinhos, visando retomar a expansão. Isso, devido à sensação de insegurança e de incerteza, acentua a irracionalidade e o hedonismo. O império pode ser bem sucedido, dando uma aparência de Idade de Ouro, todavia, o instrumento de expansão não está mais presente e, em breve, faz-se a Decadência. Essa fase se caracteriza pela depressão econômica, pelos padrões de vida que decaem e pelas guerras civis, causando o enfraquecimento da sociedade. Em paralelo, movimentos religiosos ganham destaque. Tal processo, por fim, torna a civilização indefesa, concretizando, então, a Invasão, podendo, assim, dar vazão a uma nova mistura[533].

Outro cenário que os autores pensam para o desenvolvimento da civilização é o de Sorokin: caos Sensate tardio → aumento da polarização → crise → ordálio → catarse → carisma → uma nova religiosidade[534]. Esse processo apresentado por Sorokin (e que parece ordenado, tal como está, por Kahn e Wiener) é aquele da fase "final" dos ciclos. Assim, a crise, a qual já comporta a idéia do caos Sensate e do aumento da polarização, seria o momento da relativização dos valores, da ênfase nos aspectos materiais, da redução das liberdades, da decadência da criatividade, do enfraquecimento da segurança da vida, da divisão da população em dois grupos: os hedonistas e os ascetas ou estóicos indiferentes ou contrários aos valores Sensate. Após esse período, viria, então, o ordálio e a catarse. Portanto, após toda a crise, haveria um abandono dos valores Sensate e uma tendência aos valores Ideational ou Idealistic, o que ocorreria por sofrimento e purificação e por um retorno à razão, ao eterno e a valores absolutos. A catarse, então, encerraria a crise. Isso faria surgir um novo carisma, novas forças criativas e, portanto, uma nova cultura[535].

Pensando essas diferentes hipóteses, os autores percebem dois processos. Por um lado, existem os sintomas da Sensate, em sua forma tardia, expressando algum sentimento de possível declínio e revelando novas pressões que conduzem à desumanização, à anonímia e ao reforço do direito do indivíduo realizar seus próprios valores e propósitos, se necessário, até

---

[532] Essas 4 fases se assemelham há alguns elementos da tendência múltipla, como as tendências 3, 5, 7, 8 e 10 (vide p. 47).
[533] QUIGLEY, C., 1963, p. 98-109.
[534] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 47.
[535] SOROKIN, P.A., 1970, p. 698-702.

mesmo contra a vontade da comunidade. Por outro lado, há também a clara evidência de uma enorme expansão econômica usando a administração moderna e as técnicas de produção[536].

Frente ao primeiro processo, os autores cogitam a possibilidade do ressurgimento religioso, que é realmente comum a Sorokin, Quigley, Spengler[537] e Toynbee[538]. Os futuristas afirmam que Sorokin – assim como muitos filósofos da história dos séculos XIX e XX – acredita na possibilidade de um novo tipo de estágio religioso que apareceria após o fim da cultura Sensate. Segundo os autores, tal estágio poderia ser mais espiritual e intelectual, resultante da tecnologia, ou propriamente religioso. Poderia, também, desenvolver-se do Cristianismo, conforme Toynbee nas primeiras obras, ou ser uma síntese entre Leste e Oeste, conforme o mesmo autor, mas em obras tardias[539]. Por fim, poderia ser alguma coisa completamente diferente[540].

Contudo, seja uma mudança de cultura, ou uma mudança da civilização, para os autores, alguns eventos não agradáveis ocorreriam entre o caos do Sensate tardio e a nova religiosidade. Então, afirmam que a maioria dos macro-historiadores é unânime em afirmar que a civilização não continuaria seguindo qualquer tendência (até a múltipla), mas que ela acabaria ou teria um novo e difícil nascimento, após um período de caos, anarquia, niilismo e irracionalismo. Durante esse período, provavelmente alguns indivíduos se polarizariam ao redor de valores éticos e altruísticos, enquanto outros, em torno do materialismo, sensualismo, amor-próprio e egoísmo. Frente a isso, Kahn e Wiener defendem que eventualmente uma idéia nova e carismática surgiria e seria usada para criar uma sociedade ou Ideational ou Idealistic – uma nova cultura ou uma ressurreição da antiga[541]. É, portanto, uma nova referência aquele período de transição dos ciclos de uma fase niilista para uma nova religiosidade.

Então, os autores afirmam que seria possível construir uma imagem do futuro usando evidências plausíveis e contemporâneas, as quais adaptariam o novo "instrumento de expansão" ou o caos Sensate tardio. Porém, reconhecem a dificuldade em fazer qualquer predição muito persuasiva ou rigorosa sobre a maioria das questões básicas, embora acreditem

---

[536] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 46.
[537] A segunda religiosidade, como já vimos nos ciclos, e Cf. SOROKIN, P.A., 1950, p. 105.
[538] A Igreja Universal, que nasce do fim dos Estados Universais, e originam uma nova civilização. Cf, final do TOYNBEE, A.J., 1958, e início de TOYNBEE, A.J. **A study of history** (Abridgement vol. VII-X, by D.C. Somervell). New York/ Oxford: Oxford University Press, 1987. v.2; Cf. SOROKIN, P.A., 1950, p. 117-118.
[539] Não falam quais, mas provavelmente as após a *Civilization on Trial,* na qual Toynbee revê alguns conceitos, Cf. SOROKIN, P.A., 1950, p. 118-120.
[540] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 48.
[541] Ibid., p. 48.

que a predição possa iluminar alguns aspectos dessas questões, além de estimular o pensamento[542]. Ou seja, é como usar o próprio planejamento para aprimorar a tarefa de planejar e, com isso, conseguir o controle sobre o conjunto de manifestações características do que chamam de caos Sensate e aprimorar aquilo que identificaram como um instrumento de expansão. Todavia, essa possibilidade de mudança poderia trazer o problema da religiosidade decorrente do próprio desenvolvimento do Ocidente, podendo se concretizar como resultado da sociedade pós-industrial. Não seria somente, portanto, uma decorrência da modernização das sociedades tradicionais.

4.2.3. Outras implicações da mudança cultural decorrentes da tendência múltipla

Outra tendência que, conforme os autores, e em conjunto com a da cultura Sensate, deu origem às outras foi a que compreendia uma elite burguesa, a qual imprimiu à sociedade características burocráticas, meritocráticas, democráticas e nacionalistas. Porém, como veremos, dentro da dinamicidade da tendência múltipa, a prosperidade e os desenvolvimentos que decorreriam da industrialização e da modernização poderiam levar a um colapso dos valores burgueses. Por burguês, os autores entendem a defesa de valores econômicos e ideologias que caracterizaram as novas classes médias, as quais emergiram do colapso da sociedade feudal. Esses valores eram os de conquistas pessoais ou familiares, de prudência financeira, do cálculo econômico, da previsão comercial e do sucesso nos negócios e profissional como um imperativo moral[543].

Associada à burguesia, está a idéia de democracia. Dessa forma, a democracia burguesa tende a se assentar sobre o conceito de *contrato social* entre o povo e o seu governo. Assim, o povo pode "demitir ou contratar" seus governantes, e nenhum grupo específico possui direitos teocráticos (Ideational) ou aristocráticos (Idealistic) sobre o governo. Ou seja, o governo democrático é uma clara expressão da ideologia democrática, portanto, da idéia contratual e, logo, de consentimento dos governados. Significa, assim, uma base política popular, a qual pode ser totalitária ou tirânica, sem ser somente imposta por cima, e provém alguma mobilidade econômica e igualdade relativa no acesso às oportunidades. Essas

---

[542] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, ., p. 48.

[543] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 48. Os autores entendem essa ascensão burguesa a partir das seguintes obras referenciadas por eles: *Religião e o aparecimento do capitalismo*, de R. H. Tawney; *A ética protestante*, de Max Weber e *O manifesto comunista*, de Marx e Engels

administrações modernas também se caracterizam por serem meritocráticas ou burocráticas, independente se capitalistas ou comunistas[544].

Essa questão contratual é reconhecidamente baseada em Sorokin e se estende a toda sociedade Sensate. É o caso do casamento, por exemplo, pois se ambos os cônjuges acreditam que seja melhor acabar a união, a vontade deles se impõem à da Igreja ou à do governo[545]. Além disso, é perceptível, novamente, referência aos ciclos trabalhados no segundo capítulo. Os autores, aqui, estabelecem, diretamente, a relação das formas de governo com os sistemas culturais de Sorokin, o que não ficara muito claro anteriormente e, além disso, expõem aquela questão baseada em Spengler, sobre como a democracia é contratual e, assim, pode autorizar uma forma tirânica e totalitária.

A última característica burguesa seria o nacionalismo, que ascendeu junto à classe média, no mesmo processo pelo qual Spengler explica a ascensão da "classe", como vimos nos ciclos. Ou seja, reis usaram o nacionalismo para ganhar apoio entre as classes médias contra os nobres, a Igreja, o imperador ou os Estados inimigos. A idéia nacionalista reconhece que o povo (a nação) possui o direito, por contrato, a um governo de (e por) seu próprio tipo e, eventualmente, o direito ao auto-governo, que pode ser por meio de um representante da verdade do povo. Para os futuristas, os governos de Stalin, Hitler e Mussolini, por exemplo, encontraram seu apoio nas classes médias. Porém, os futuristas afirmam que a tendência nacionalista, pensada em projeção, estava em decadência, principalmente na área da OTAN. Porém, esse nacionalismo poderia ganhar outras dimensões, em uma política de blocos, por exemplo[546].

Outra tendência que decorre visivelmente das culturas Sensate e das elites burguesas, e que acompanha a industrialização e a modernização, é a urbanização. Assim, conforme os autores, as grandes cidades ao longo do mundo teriam alcançado condições similares de modernização. Isso seria um fenômeno do século XX que teria virtudes e problemas como: favelas, computadores, trabalhadores perdendo espaço para automação, grandes universidades, engenheiros peritos e cientistas, uma tendência em direção a ocupações terciárias e quaternárias, estruturas similares de preço para várias atividades e etc. E, então, conforme a dicotomia decorrente desse conjunto de processos, as áreas rurais poderiam ser consideradas como pertencentes ao século XVI modificado (pois havia luz elétrica, o transistor de rádio, o avião que espalhava inseticida, etc), mas largamente imutável ou

---

[544] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 48-49.
[545] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 49; Cf. SOROKIN, P.A., 1970, p. 436-473.
[546] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 49-50.

entrando, rapidamente ou vagarosamente, nos séculos XVIII e XIX[547]. Esse crescimento urbano tenderia a aumentar, formando-se megalópoles nos EUA, Inglaterra e Japão. Todavia, até o ano 2000, a maioria dos habitantes do mundo continuaria a viver em áreas urbanas tradicionais, e a maioria da população do mundo desenvolvido, entre 80 e 90%, estaria urbanizada no fim do século XX. Esta tendência, então, deveria estagnar[548].

Essas aglomerações urbanas produziriam, conforme os futuristas, uma diminuição da importância dos setores primários e secundários e o aumento da importância dos setores terciário e quarternário, tal como o item 9 da tendência múltipla aponta. Os autores definem o setor terciário como o conjunto de serviços prestados às ocupações primárias e secundárias. O quaternário, por sua vez, como o que presta serviço ao terciário ou entre si. Existiria, ainda, na opinião dos autores, uma mudança grande no setor quaternário, já que tal setor concentrar-se-ia fortemente em vários níveis e agências governamentais, em grupos profissionais, em grupos privados sem fins lucrativos e etc. Isso, então, tornaria, junto com outros fatores, a empresa comercial privada a principal fonte de inovação, proeminência e remuneração na sociedade. Essa diminuição da importância do setor primário seria acompanhada, ainda, por uma diminuição na dependência ao acesso a matérias-primas caras ou inconvenientes, o que tornaria a geografia e a localização questões menos cruciais[549]. Ou seja, é novamente uma referência à atividade planejadora e especulativa, pois o planejamento, como setor comercial, inserir-se-ia no setor quaternário.

Os autores afirmam que a distinção entre setor quaternário e terciário pode parecer descabida, já que tudo é indústria de prestação de serviço. Porém, defendem a distinção, pois acreditam que ela evidencia como pessoas acabam tendo ganhos a partir da atividade das outras ao invés da simples prestação de serviços ao setor primário e secundário, mostrando o extraordinário grau do setor de serviço da economia moderna. Assim, o extremo dessa visão seria: todos bens materiais são fornecidos automaticamente e sem taxas, e todas as atividades econômicas são serviços oferecidos para outros nas indústrias de serviços. Essa seria, portanto, uma economia puramente quaternária. Conforme os futuristas, se, no futuro, a importância do setor quaternário aumentasse, seria provável que as pessoas mais produtivas e criadoras estivessem neste setor[550].

---

[547] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 59.
[548] Ibid., p. 61-62.
[549] Ibid., p. 62-63
[550] Ibid., p. 63.

Esses desenvolvimentos da tendência múltipla, aliados com as mudanças tecnológicas, também afetariam a alfabetização e a educação. Os autores, afirmando a interatividade entre os elementos da tendência, argumentam que o aumento da alfabetização e da educação tem uma óbvia relação com todas as outras tendências, especialmente com a institucionalização da inovação e a ênfase nas funções quaternárias na estrutura ocupacional pós-industrial. Como resultado isso, a escolaridade suposta socialmente tenderia a crescer[551].

No entanto, para os autores, tal processo poderia apresentar dois caminhos: poderia abrir as possibilidades para o aumento da realização e da criatividade pessoal, contribuir com a continuidade do crescimento econômico, e, talvez, até mais importante, tornar a maioria das vocações interessantes, intelectualmente necessárias e recompensadas não só monetariamente. Por outro lado, poderia haver problemas sérios, pois uma ênfase exagerada na educação poderia resultar em um intelectualismo desinteressado, assim como em uma atenção demasiada ao mundo conceitual e à informação documentada, em detrimento do mundo existencial e oralmente percebido. Poderia haver, também, o problema da expansão e do prolongamento da sub-cultura adolescente, da meritocracia, do paroquialismo excessivo – tanto teórico, quanto intelectual – da alienação de sua própria cultura ou sub-cultura e da alienação do mundo prático. Por fim, os futuristas acreditavam que nem todos esses problemas poderiam ocorrer simultaneamente ou na mesma cultura ou sub-cultura, mas todos eles poderiam ocorrer e vários deles inclusive já ocorriam[552].

Temos, então, todas as tendências delineadas, as quais, conforme os autores, conduziriam à sociedade pós-industrial. Ou seja, a partir de grandes mudanças culturais, inerentes ao próprio processo histórico, os antigos valores burgueses, sobre o qual a sociedade se baseava, passaram a ser questionados. Os principais causadores desse questionamento foram a modernização e a industrialização das sociedades, que resultariam, na continuidade do processo, em mudanças tecnológicas constantes, no crescimento das cidades, na mudança da estrutura econômica e em uma sociedade com alta produtividade e que disponibilizaria bastante tempo para dedicar ao lazer e ao aperfeiçoamento pessoal e intelectual. Essa seria, então, a sociedade pós-industrial.

---

[551] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 63-64.
[552] Ibid., p. 64.

4.3. A experiência do passado

Para os autores, esse contexto que propiciaria o surgimento da nova sociedade não era, contudo, totalmente inédito. Dessa forma, recorrem à história para pensar exemplos que poderiam esclarecer os possíveis desenvolvimentos, voltando novamente à Antiguidade, mais especificamente, ao Império Romano.

Pensando conforme a metáfora heurística, os autores afirmam que as condições que poderiam se manifestar até o começo do século XXI nas nações desenvolvidas difeririam das do século XX de maneira semelhante à diferença que o Império Romano representou frente ao mundo pré-clássico. Assim, apesar dos clichês sobre a decadência de Roma, os autores afirmam que os primeiros 200 anos do Império foram um período de prosperidade, paz e bom governo. Porém, foi também o início de uma era de ansiedade e apreensão, já que, conforme várias argumentações[553], a "fibra moral" dos romanos degenerou pela falta de um desafio no período de estabilidade e prosperidade. Todavia, afirmam que essas relações de causa e efeito são inconclusivas, mas não impedem uma série de paralelos entre a atualidade e o período do Império[554].

Dando continuidade à comparação, argumentam que, quando Augusto ascendeu ao poder (entre 30 e 27 a.C.), Roma possuía 76 feriados por ano. Já no momento da morte de Nero (68 d.C.), 176. Assim sendo, acreditavam que, atualmente, se a produtividade crescesse 3 ou 4% ao ano, dificilmente ela seria usada em prol de maior produtividade, mas, tal como acontecera no Império Romano, esse aumento provavelmente se reverteria em lazer. Frente a isso, seria possível que, nos próximos 33 anos, os americanos – e provavelmente os outros cidadãos dos países pós-industriais – que eram populistas, burgueses e conformistas, tornar-se-iam relativamente elitistas, anti-burgueses e pluralistas. Um número significativo adquiriria características que permitiriam a comparação com sofistas, estóicos, epicuristas, cínicos, humanistas, materialistas, excluídos e marginais. Contudo, essas divisões não seriam fechadas, podendo um indivíduo transitar entre os diferentes grupos[555].

Reconhecendo a terminologia grega e romana, os autores centram-se nos estóicos e epicuristas. Essas duas linhas, segundo eles, eram contrárias à guerra e rejeitavam as ambições e pretensões mais mundanas, chegando a um nível escapista – em parte, como resultado do desapontamento com o que tinha acontecido com a cultura grega após sua

---

[553] As quais Kahn e Wiener não referenciam.
[554] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 189.
[555] Ibid., p. 189-190.

conquista da maior parte do mundo. Os estóicos e os epicuristas se caracterizaram, ainda, conforme os autores, pelo pessimismo em relação ao "significado e propósito" dos esforços humanos e por pertencerem ao círculo de cidadãos bons e respeitáveis. Os autores apontam, na filosofia do estóico romano, a paixão pela virtude e pelo cumprimento do dever; a compreensão de quatro virtudes: sabedoria, justiça, coragem e temperança e a crença de que apenas tais virtudes justificam o poder, sendo a virtude a própria recompensa; a necessidade de força e indiferença com a dor e a tristeza; a certeza de que uma lei natural rege a humanidade e que, sob essa lei, todos os homens são basicamente iguais. Os epicuristas, por sua vez, baseavam-se na ênfase das sensações, das emoções e do prazer da alma individual; acreditavam que o bem e o mal são dados pela sensação, ou seja, pelo prazer, e que o poder e a vida pública perturbam a alma; criam que quando o corpo morre, ele retorna aos átomos, quando a alma o abandona, ele não possui mais sensações, portanto, não deveria haver medo da morte, dos deuses ou de leis naturais; defendiam o prazer como a ausência da dor e a felicidade como a mente calma, sábia e a vida correta[556].

Assim sendo, os futuristas defendem que o estóico moderno corresponderia ao americano responsável, consciente dos deveres, que trabalha duro, dotado de espírito público, que se sente obrigado a exercer um bom trabalho para seu governo, companhia ou outra instituição, sem necessariamente obter muito reconhecimento ou recompensa. Distinguem, ainda, o grego epicurista do epicurista moderno pela falta de ênfase, deste último, na questão da ausência da dor como fonte do prazer e na questão da felicidade corresponder à mente calma, sábia e o viver correto. Sendo assim, definem trÊs formas atuais de epicurismo: o tradicional, o "hip" – da expansão da consciência, dos excluídos, das culturas da alegria pelo amor – e o hedonista ou estético. Por fim, identificam, ainda, outros dois tipos modernos: o *gentleman* e o humanista. Ambos estão interessados, basicamente, no auto-desenvolvimento, porém, o primeiro, na aquisição de experiências e habilidades aprovadas pela sociedade e por possuir um senso de honra com o Estado, enquanto o segundo, em habilidades e experiências idiossincráticas, além de ser mais comprometido com valores universais[557].

Então, os autores comparam os Europeus com os gregos antigos. Realizam essa comparação a partir das atitudes das elites, relacionando-as, ainda, com os romanos e

---

[556] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 190-191.
[557] Ibid., p. 190-191.

americanos, construindo uma analogia que servirá para destacar outros pontos da argumentação[558].

Características	**Romanos e americanos**	**Gregos antigos e europeus modernos**
O poder evoca	Respeito	Suspeita
A maior força política	Regida pela lei	Personalidade
Os maiores homens recebem	Admiração	Denigribilidade
Individualismo	Subordinado	Indomado
As massas primitivas são	Cidadãos	Bárbaros
Estrangeiros educados evocam	Leve admiração e temor	Surpresa divertida
A imagem do herói	Puritano, virtuoso, severo, conservador, devotado ao dever (George Washington)	Aventureiro, imprevisível, conquistador de homens e mulheres (Ulisses, Napoleão)
Áreas de maior proficiência	Técnica, organização civil e militar	Teórica, filosofia, matemática, ciência pura e artes
Maiores fraquezas	Conhecimento teórico em oposição ao aplicado	Unidade e colaboração
Diletantismo	Não apreciado	"Cavalheiresco"
Atitude com outras culturas	Compromisso	Desdém
Lazer	Um vício	Um objetivo
A ambição dos outros	Altamente aprovada, a não ser que ameace a República	Desaprovada

Feitas essas comparações, que servirão para ilustrar possíveis desenvolvimentos futuros, podemos, agora, seguir para sociedade pós-industrial.

4.4. A sociedade pós-industrial

Seguindo, então, os desenvolvimentos sociais e culturais, os autores constroem a especulação sobre a nova sociedade baseando-se, ainda, no conhecimento dos estilos de vida

[558] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 191-193; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 237-242.

do passado e do presente, aliados com algumas tendências dos anos 60[559]. Soma-se a isso, também, processos como a socialização da criança, o desenvolvimento e as mudanças de caráter, as maneiras pelas quais as estruturas social e cultural mudam e outros fatores que servem como base para tentar avaliar as conseqüências de algumas tendências básicas e simples que caracterizam o mundo padrão. Algumas dessas tendências são, como já vimos até aqui, a prosperidade relativamente tranqüila, as novas tecnologias, a falta de desafios internacionais – que decorreria da concretização de um mundo integrado ou de uma coexistência pacífica sem ameaças – e o crescimento populacional não desastroso. Essas tendências, então, poderiam gerar quatro fatores de mudança. O primeiro seria o aumento da disponibilidade de bens e de serviços de transporte e comunicação. O segundo, o aumento de lazer e a concomitante redução das pressões do trabalho. Outro fator seriam as mudanças tecnológicas em áreas como a psicofarmacologia, resultando em conseqüências radicais para a cultura e estilos de vida. E a quarta seria a falta de questões econômicas e de segurança nacional de "vida ou morte"[560].

Os autores reconhecem o caráter subjetivo dessas previsões sociais e psicológicas, afirmando que elas possuem uma qualidade dialética. Ou seja, é difícil saber se se deve extrapolar as tendências ou reagir contra elas. Exemplificam este problema expondo que, no futuro, o trabalho ocupará menos horas na vida média de uma pessoa. Frente a isso, seria plausível afirmar que o trabalho se tornaria menos importante. Por outro lado, seria igualmente plausível que essa mudança no papel do trabalho desse um novo destaque a ele, cercando-o de outros valores. As duas possibilidades poderiam, ainda, ocorrer em conjunto em partes diferentes da sociedade, causando conflitos. Para resolver este problema, os autores mencionam o método cenário, mas, mais enfaticamente, apostam em um julgamento intuitivo e subjetivo, podendo não haver uma possibilidade maior que outra[561].

Aqui, caímos em uma questão complicada, pois não há um critério científico e metodológico para especulação, o que resulta, então, em uma preferência pessoal. A questão é que esse pessoal está atrelado a compromissos políticos e sociais, deixando, então, a esfera da previsão e entrando na do planejamento. Ou seja, a questão é: o que é preferível e como trabalhar para sua concretização.

A sociedade pós-industrial, então, resultaria, economicamente, da expansão do produto nacional bruto, que levaria a um grande aumento da renda per capita e à redução

---

[559] Importante ressaltar que os autores se baseiam essencialmente no contexto dos EUA.
[560] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 193-194.
[561] Ibid., p. 194.

drástica da carga horária de trabalho por semana. Dessa forma, a aposentadoria seria obtida mais cedo, porém, em contraposição, as pessoas teriam uma vida ativa mais longa – que decorreria de todos os avanços médicos – assim como férias mais duradouras, já que a semana de trabalho seria reduzida para quatro ou cinco dias. Haveria, então, tempo tanto para o trabalho de maior vocação, quanto para um trabalho paralelo, e sobraria ainda alguns dias para outras atividades, sem representar uma diminuição das taxas de crescimento econômico. Tudo isso faria com que os valores relacionados ao lazer e à recreação ganhassem nova ênfase, sem, contudo, representar um decréscimo da produtividade, que se manteria igual ou aumentaria através da inclusão da tecnologia por meio de técnicas como a cibenertização, por exemplo[562].

Os autores concluem, então, que nessa sociedade voltada para o lazer, metade das pessoas trabalharia o tempo normal. 1/5 das pessoas trabalharia mais horas que o normal, o que poderia ser motivado ou por razões compulsivas, ou altruísticas, ou de renda. Seria pela contribuição dessas pessoas que o PNB se manteria alto, mesmo que 20 a 30% da força de trabalho contribuísse pouco ou nada. Os que produziriam pouco, trabalhariam poucos dias por mês, ou poucos meses por ano, e o fariam somente para obter uma renda que os permitisse continuar realizando seus *hobbies*. Outras características existentes seriam o aumento do desemprego friccional[563] e a possibilidade de existir o desemprego semi-friccional, que seria aquele das pessoas que perderam o emprego e usam, então, seu tempo livre "de direito" para procurar outro emprego. Existiriam, ainda, pessoas que viveriam de renda adquirida. Outro grupo possível seria aquele que rejeitaria qualquer tipo de emprego vantajoso, ou, ainda, aquelas pessoas que estariam mais inclinadas a viver de assistência, tanto por problemas pessoais, quanto por não quererem simplesmente viver à custa do governo. Dessa forma, os 20% pobres dos anos 60 poderiam se converter em 20% que não participariam da produtividade da nação[564].

As mudanças econômicas também afetariam as atividades. Kahn e Wiener argumentam que, no século XIX, a agricultura era o setor mais importante da nação, sendo que desenvolvimentos tecnológicos nessa área refletiam e chamavam a atenção de toda a sociedade. Todavia, mudanças diminuíram a importância da agricultura. Os autores, então, acreditavam que um efeito similar poderia acontecer na sociedade pós-industrial, pois, nela, um pequeno número de pessoas poderia estar ligado a negócios, resultado do próprio auge de

---

[562] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 194-198.
[563] Aquele desempregado que está em tal situação, pois saiu do seu emprego para procurar outro.
[564] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 196.

sucesso desse segmento. A isto, portanto, poderia acompanhar um desinteresse por essa área de atuação. Essa diminuição de interesse nos negócios, que os autores percebiam no fim dos anos 60, na sociedade pós-industrial poderia culminar em uma sociedade erudita[565].

Na visão dos futuristas, essa possibilidade de sociedade erudita poderia ser atribuída, ainda, a dois fatores: à explosão da informação e, principalmente, à rapidez de mudança. A rapidez de mudança está intimamente associada à tecnologia, pois esse incremento da mudança torna necessária uma constante atualização dos conhecimentos. Todavia, as mudanças decorrentes do crescimento econômico, ou mesmo do demográfico, também implicariam em novos conceitos, ampliando a taxa de mudança e, portanto, a necessidade de adaptação a ela e aos novos conhecimentos que as mudanças exigem. Kahn e Wiener acreditavam, no entanto, ser possível uma diminuição dessa taxa de mudanças, com a finalidade de facilitar as adaptações ou melhor aproveitá-las[566].

A prosperidade econômica, por fim, traria conquistas fáceis e com pouco esforço, o que poderia resultar em um tempo de lazer dedicado às práticas altruísticas ou ao desenvolvimento de virtudes. Porém, também poderia gerar personalidades infantis e narcisistas, que só amadureceriam se encarassem a necessidade de ganhar a vida, ou ainda, quando se deparassem com um desafio pessoal, ou mesmo o serviço militar. Portanto, conforme os autores, a falta do choque com a realidade, por meio do trabalho ou da guerra, poderia ter efeitos nefastos se não descobrissem outras maneiras de causar esse choque. A ausência desse fator poderia levar à decadência de valores de trabalho e do serviço à nação – portanto, dos valores burgueses – causando efeitos destrutivos. Dessa maneira, poderia haver o aumento do egoísmo e o declínio do interesse pelo governo e pela sociedade como um todo, assim como o aparecimento de formas infantilizadas de individualismo e de comportamentos anti-sociais decorrentes de um interesse extremado do indivíduo com ele mesmo ou com a família[567].

Esse conjunto de mudanças poderia causar, por sua vez, a desintegração do ego e sentimentos de desorientação. Assim, o "fim da ideologia"[568] levaria a um inevitável

---

[565] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 187-188.
[566] Ibid., p. 188.
[567] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 198-199.
[568] Aqui, Kahn e Wiener partem da argumentação de Daniel Bell. Bell entendia ideologia como o conjunto de idéias e paixões surgido no século XIX, mais especificamente aquele ligado ao pensamento de esquerda. Porém, a II Guerra pusera fim a todas as esperanças decorrentes desses pensamentos. Assim, as ideologias, que são um sistema de crenças que afetam o modo de vida, portanto, uma religião secular, possível de conduzir a resultados catastróficos, encontraram um fim. Por outro lado, Bell ressalva que as ideologias estavam ganhando força na Ásia e África. BELL, Daniel. **O fim da ideologia.** Brasília: UnB, 1980, p.12, 319-329. Assim, Kahn e Wiener inserem o ideal burguês nesse conceito de ideologia e, além disso, entendem a

desencantamento com os ideais e com as expectativas da democracia americana e da empresa livre que, somado ao declínio da religião tradicional e à falta da presença de qualquer ideologia de massa aceitável, contribuiria para o desenraizamento espiritual e político. Dessa forma, aos poucos, a cultura foi e continuará, conforme os autores, sendo alterada pela secularização, pela racionalização e pela inovação conduzida pelas normas Sensate e burguesas. Em contrapartida, como resultado desse processo, a influência da *Weltanschauung* tradicional parecia ter maiores chances de esvanecer do que ressurgir. Ou seja, haveriam mudanças da relação do homem com seu universo. As mudanças tecnológicas, como os mísseis nucleares, a exploração espacial e os avanços médicos são um exemplo, para Kahn e Wiener, do que poderia causar ao homem certo mal estar frente às inovações e às rupturas, e até um sentimento de horror no concernente às relações internacionais. Tais sentimentos poderiam servir como desculpa para uma vida sem objetivo e ao ressentimento, além de darem razão tanto para preocupação com a realidade quanto para o desespero e a ansiedade neuróticas. Assim, desde a II Guerra, conforme os autores, havia um sentimento misto em relação à tecnologia. Contudo, a falta do desafio tradicional do trabalho, a aprovação da comunidade e as necessidades nacionais seriam os fatores mais alienantes[569].

Os autores, então, pensam diversos desenvolvimentos e variações possíveis dentro da sociedade pós-industrial. Uma possibilidade é que o desenvolvimento de uma sociedade tecnológica, com alta produção e exigindo menos do indivíduo, poderia, por um lado, abrandar a frustrações econômicas, mas, por outro, aumentar as agressões contra a sociedade. Este contexto seria, na visão dos futuristas, um substrato valioso para o que chamam de *alienação*[570].

4.4.1. A alienação pós-industrial

Os autores entendem alienação, inicialmente, como resultado da riqueza, podendo se manifestar tanto na sociedade capitalista quanto na socialista. Então, independente do sistema econômico, a política e a cultura de abundância poderiam ser uma fonte de satisfação, mas também de cinismo, de distância emocional e de hostilidade. Cada vez mais a boa vida seria, na visão dos autores, definida em termos epicuristas ou materialistas, ou seja, de satisfação dos sentidos e busca do prazer, em detrimento de termos estóicos ou burgueses, portanto, do

---

ideologia como parte do elemento talismânico que comentamos anteriormente.

[569] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 211-213.

[570] Ibid., p. 199.

senso de dever, de trabalho e de serviço público. Dessa forma, a acentuação de valores privados, aliada com o crescente senso de futilidade sobre os valores públicos, poderia representar problemas para o futuro da sociedade[571].

Ou seja, as atitudes da classe média americana, que valorizavam o trabalho e eram voltadas ao avanço e à conquista, poderiam ser refutadas, primeiramente pelo ganho possível que o americano destacado poderia ter sem se desgastar no seu trabalho. Outro fator seria a facilidade para qualquer americano sobreviver com vários milhares por ano oriundos de amigos, parentes e outras fontes, sem ter que passar por qualquer necessidade real, a não ser a ausência de produtos de luxo. Além disso, os serviços de bem-estar social e os recursos públicos dariam uma base elevada para os padrões de vida. Tudo isso, então, diminuiria as pressões econômicas e sociais que ajustavam o indivíduo, afastando-o, assim, das virtudes que foram necessárias, anteriormente, para a construção da sociedade industrial. Dessa forma, se a ética puritana se tornasse obsoleta, o tipo de caráter dominado pela consciência que está associada a ela também tenderia a desaparecer. Por fim, a necessidade de justificar os novos padrões poderia existir e instigar uma reação exagerada contra os valores voltados para a conquista e o sucesso no trabalho[572].

Os autores acreditavam que outros fatores poderiam colaborar com esses efeitos da alienação, como, por exemplo, drogas que controlariam o humor sendo usadas para fugir da realidade cotidiana. Nesse sentido, o jovem que não possuísse responsabilidade social estaria cada vez mais alienado pela sociedade, que não conseguiria atender àquilo que ele acreditaria ser o mínimo necessário para suas finalidades e para justiça social. Isso poderia culminar em movimentos ideológicos que justificariam e organizariam a rebelião e a renúncia dos valores antigos. Os jovens menos articulados, mas também rebeldes, penderiam para o crime e à delinqüência. Outros indicativos de patologia social – doença mental, neuroses, divórcio, suicídio, etc – conforme os autores, tenderiam a crescer. Nesse cenário, as religiões tradicionais ou perderiam mais a força, ou seriam reinterpretadas, revistas e secularizadas, apresentando pouco obstáculo à vida social[573].

Esse processo de alienação também atingiria a questão social, pois, conforme os autores, nem todos desfrutariam dos benefícios da prosperidade, já que alguns pobres voluntários estariam em um nível mais inferior. Então, muitos vagabundos de rua, alcoólatras, viciados, esquizofrênicos errantes e outros marginais ou personalidades autodestrutivas

---

[571] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 200.
[572] Ibid., p. 200-201.
[573] Ibid., p. 201-202.

insistiriam em viver em um nível parcamente suficiente para a sobrevivência. Todavia, grande parte dos membros pobres seria amplamente subsidiada. Dessa forma, tais pessoas aceitariam o bem-estar como meio de apoio e a idéia de que o mundo deve sustentá-las não seria muito questionada. Assim, incentivos para a ocupação em empregos não qualificados seriam mínimos e ter um emprego não somaria muito ao amor próprio. Contudo, com o clima de alienação geral da estrutura de poder, poderiam ocorrer movimentos extremistas, fazendo com que muitos negros de classe-média e brancos vissem as revoltas raciais e os atos de destruição com indiferença ou até mesmo com simpatia e aprovação[574].

A alienação, portanto, estaria restrita a minorias que seriam importantes, as quais estariam concentradas nas cidades e atrairiam parte da intelectualidade, uma vez que seus membros seriam os letrados e os mais articulados dentro da sociedade, podendo, por isso, ter papel significativo[575].

4.4.2. A estrutura social

Outra fonte possível de problema para a nova sociedade seria a sua estrutura social. Como vimos, o estrato mais baixo da sociedade poderia advir do surgimento de um grupo formado por pessoas errantes, o qual poderia absorver as ideologias referentes à decadência e ao fim do modo de vida pós-industrial. Esse grupo tenderia a viver em cidades, onde provavelmente não conseguiriam controlar a política, apesar de exercerem forte pressão e vetarem alguns programas. Esse grupo poderia, ainda, aliar-se, de forma intranqüila e instável, com a classe-média superior, ou seja, com as pessoas que continuariam a controlar a estrutura econômica e a utilizar os recursos da cidade. Nas cidades também haveria, possivelmente, um aumento de concentração de negros, aumentando a incorporação deles à classe média, apesar da militância dos negros muçulmanos. Então, de forma contraditória, alguns valores dos negros muçulmanos, como aqueles voltados ao trabalho, poderiam fazer com que muitos negros saíssem da "cultura da pobreza"[576], adquirindo, assim, atitudes e ocupações da classe média americana. Então, com esse processo completo, o racismo islâmico poderia diminuir ou

---

[574] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, ., p. 202-203.
[575] Ibid., p. 208.
[576] Entendida como as perspectivas a curto prazo e a ênfase no prazer e na sobrevivência imediatos, KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 203.

desaparecer, reduzindo, com isso, o alto número, nos anos 60, de conflitos raciais sobre questões como moradia e educação[577].

A classe média inferior, por sua vez, teria uma semana de trabalho reduzida, dando uma atenção especial ao lazer. Apesar de ter as satisfações básicas atendidas, as pessoas dessa classe poderiam ter outros empregos para complementar a renda. Por outro lado, alguns poderiam não se motivar a esse ganho extra, estando mais preocupados em ocupar o tempo com lazer. Existiria, por fim, aqueles que poupariam dinheiro para poderem realizar passatempos mais custosos ou para imitar alguns comportamentos das classes mais altas. Todavia, os autores acreditam que esse grupo constituiria um mercado potencialmente consumidor de esportes, *hobbies* e de formas de recreação em massa. Tal fator, contudo, poderia causar a degradação e a vulgarização da cultura. Essa classe poderia, ainda, ser contrária aos direitos civis, assim como contrária às classes pobres e aos não-empregados, os quais seriam vistos como "seus sustentados". Eles, então, provavelmente apoiariam as políticas conservadoras[578].

A classe média superior tenderia a imitar o estilo de vida da aristocracia rural do século XIX, enfatizando a educação, viagens, valores culturais, residências caras, entretenimentos onerosos e um modo de vida erudito e de boas maneiras. Haveria, de forma geral, grandes esforços para acumular propriedades e renda. Porém, isso não significaria o abandono das cidades e dos grandes centros urbanos, pois, para tal, seriam necessárias grandes quantidades de dinheiro. O auto-aperfeiçoamento seria valorizado, assim como o diletantismo cultural, aproximando-se do modelo grego/europeu. Os autores esperavam, nesse grupo, uma continuidade das tendências de riqueza nos subúrbios, resultando em padrões de vida auto-indulgentes, com casamentos instáveis e filhos alienados. Além disso, o interesse por pensamentos políticos estranhos e exóticos, assim como pelo misticismo oriental, poderia crescer. O culto ao estético e uma recusa aos aspectos "sujos" ou "crassos" da sociedade também poderiam ocorrer. Atitudes de descaso poderiam aparecer aliadas com o desprezo à classe média inferior e com o medo dos pobres e de sua inclinação à violência. O nobre selvagem (ou o hippie), como aquele que vive fora dos valores da sociedade, em uma pobreza voluntária e até em alguma forma de criminalidade, poderia aparecer romantizado. Para os futuristas, as duas classes médias, apesar de poderem possuir uma renda superior a que

---

[577] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 203-306.
[578] Ibid., p. 206-207.

possuíam nos anos 60, não se sentiriam ricas e, por isso, poderiam manter valores, ainda que um pouco deteriorados, voltados para o trabalho, para o progresso e para a realização[579].

Os muito ricos poderiam comprar proteção contra as inconveniências, porém, não se veriam livres da confusão cultural e dos conflitos de normas. Além disso, devido ao seu poder social, teriam grandes responsabilidades, podendo existir, em alguns grupos, um senso de *noblesse oblige* que poderia ser compartilhado com alguns membros da classe média superior[580].

De forma geral, então, entre todas as classes, os conformistas trabalhariam, desejariam empregos rentáveis e pouco exigentes e aguardariam a aposentadoria prematura. O padrão de vida *hip* poderia vir a ser mais comum em todas as classes, menos na média inferior. Além disso, vários indivíduos se manteriam a partir dos recursos de amigos, de parentes e de outras fontes oportunistas de renda. No caso da classe média superior, haveria também os que se esconderiam por trás da pretensa criatividade artística[581].

Na esteira dos símbolos da rebelião e do inconformismo, os jovens, também como decorrência da alienação e da anomia, estariam inclinados a modismos extremos de comportamento, como a exageros nas idéias políticas, éticas e religiosas. Seriam, portanto, auto-indulgentes e alienados, características, estas, resultantes da identidade conturbada característica da adolescência, acrescida da confusão e da ausência de normas na sociedade. A falta de preocupação com valores morais e éticos e a falta de responsabilidade na conduta pessoal estariam combinadas com sentimentos de perturbação decorrentes das contradições entre as prósperas nações ricas e a falta de prosperidade das nações pobres. O pacifismo e os pensamentos antipatrióticos apareceriam, então, ao lado de um forte sentimento de que a vida dos americanos é muito preciosa para ser perdida fora dos EUA, ou mesmo lá[582]

4.4.3. O trabalho, o poder de compra e os valores

Outra preocupação dos autores decorrente da sociedade pós-industrial seria a redução do tempo dedicado ao trabalho, o que alteraria as expectativas em relação a ele. Primeiramente, existiria os que poderiam encarar o trabalho como um ato detestável, uma vez que conseguiriam sustento sem trabalhar. Para outros, o trabalho seria visto como uma

---

[579] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 207-208.
[580] Ibid., p. 207.
[581] Ibid., p. 207-208.
[582] Ibid., p. 207-208.

interrupção, servindo, então, como um meio de obter renda a curto prazo. Para outros, seria um meio de obter renda a longo prazo, ou seja, o trabalho seria uma tarefa, tendo, assim, alguns valores orientados para ele. Alguns o veriam, ainda, ou como uma ocupação, servindo como uma forma de satisfação e de realização, ou como uma carreira, havendo uma maior satisfação de valores para o trabalho e para a realização. Existiria aqueles que o encarariam como uma vocação. E, por fim, aqueles que o veriam como uma missão, havendo, então, um pendor praticamente fanático para realização e para o progresso: a idéia é que se vive para trabalhar[583].

Conforme os autores, muitos americanos tenderiam a ver o trabalho como uma interrupção. Outra quantidade de americanos, estes pertencentes à classe inferior e economicamente oprimidos, tenderiam a vê-lo como uma forma de obter renda, tanto a curto quanto a longo prazo, servindo, então como um meio de realização. Todavia, o homem que encarasse o trabalho como uma missão, como algo acima dos outros valores, seria encarado como um infeliz e até como um neurótico perigoso e destruidor. Já aqueles que vissem no trabalho uma vocação, provavelmente seriam considerados egoístas, limitados ou compulsivos[584].

Esses novos valores também afetariam as profissões. Dessa forma, os autores acreditam que as profissões prestadoras de serviço poderiam não passar por um aumento da produtividade horária. Uma possibilidade para isso era a existência de um limite para a extensão do crescimento da eficiência de professores, médicos, advogados, etc. Outra possibilidade era que tais profissões poderiam vir a ser automatizadas ou ter sua eficiência aumentada por meio da especialização, organização e do hábil uso de computadores. Apesar dessas possibilidades, Kahn e Wiener apostavam em um aumento do número de pessoas na prestação de serviço, devido à falta de necessidade de pessoas nas áreas manufatureiras e no dia-a-dia da administração pública. Isso poderia gerar alguns problemas, como, por exemplo, a dificuldade em conseguir pessoas com condições de realizar trabalhos complexos e cansativos que, ou requerem uma preparação longa e penosa, ou por serem trabalhos que se realizem sob condições perigosas, pouco satisfatórias e difíceis[585].

Os autores defendem, ainda, que os serviços de ordem pessoal, como os de profissionais peritos, administradores, empresários, artesãos, técnicos e artistas, que precisam de muito tempo e treinamento, seriam mais caros, tendo uma procura e uma oferta grandes.

---

[583] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 207-208; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 260.
[584] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 209.
[585] Ibid., p. 210.

Muitos desses profissionais pertenceriam à classe média superior mais instruída e seriam muito ocupados, mas bastante recompensados. Essa valorização decorreria do aumento do PNB, que não significaria, contudo, um aumento equivalente na produtividade per capita em todos os setores. Assim, essa produtividade seria maior nas indústrias de produção e nas atividades baseadas em escritórios, como a bancária, a de seguros e as funções governamentais em diferentes níveis. Devido a isso – e aliada à automatização – a estrutura de preços também poderia mudar, o que poderia ocasionar um aumento da disponibilidade, da variedade e da qualidade de bens e serviços. Apesar de o membro médio da força de trabalho ter acesso a uma tecnologia que atendesse suas necessidades e a vários luxos, isso não eliminaria os produtos mais caros. Tais artigos, todavia, estariam dentro do alcance daqueles que trabalhassem mais do que as horas exigidas pela sociedade[586].

A concepção de trabalho também seria diferente na Europa e nos EUA. Nos EUA, conforme os futuristas, existia uma hierarquia, no sentido de que, para alguém poder se dedicar às artes, é preciso, antes, assegurar as necessidades de segurança nacional e dos assuntos de Estado. Além disso, conforme os autores, para a maioria dos americanos, um homem preocupado com porcelana, ou qualquer outra forma de arte, seria considerado ou como efeminado ou como alguém não muito sério nem muito prático. Um paralelo da época para isso, conforme os futuristas, era a visão da classe-média superior sobre a relação entre trabalho e lazer. Um típico empresário ou profissional americano defendia suas férias como um meio para recuperar as forças, ou seja, o descanso servia para o melhor aproveitamento do trabalho. O europeu, por outro lado, desfrutava suas férias como um prazer e não hesitava em trabalhar para aproveitá-las no melhor estilo[587].

Dessa forma, os autores acreditam que as classes média e alta, na Europa, ao alcançarem a sociedade pós-industrial, retornariam ou adotariam o estilo dos *gentlemen.* Assim, apesar do argumento de que o impacto do consumo em massa e da cultura materialista estava causando a erosão ou o desaparecimento dos valores humanísticos tão característicos da Europa, os autores acreditavam em uma reação futura. Essa crença advinha do fato de que, nos anos 60, os europeus já pareciam tão preocupados com os aspectos vocacionais do trabalho, tal como eram os americanos com seus valores voltados para a família. Então, por mais que existisse a possibilidade dos americanos copiarem os ideais aristocráticos, dificilmente eles seguiriam o ideal dos *gentlemen* – ou seja, a busca pelo auto-

---

[586] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 210-211.
[587] Ibid., p. 213.

desenvolvimento, por habilidades aprovadas pela sociedade e um senso de honra com o Estado – o que aconteceria, provavelmente, na Europa, onde as classes média e superior têm essa aspiração. Por outro lado, nos EUA, quando alguém junta muito dinheiro, persiste, na família, a tradição do trabalho duro. Dessa forma, o prazer só é justificado, pelos americanos, por um rompimento ideológico ou moral com o trabalho. Assim, no futuro, a classe média tipicamente americana possuiria um senso de *noblesse oblige*[588].

Todavia, de forma geral, e pensando em comparação com a sociedade grega, os autores acreditam que haveria uma grande porcentagem de pessoas que se dedicariam a vários tipos de auto-desenvolvimento, que não seriam relacionados à cultura humanística. Ou seja, poderia haver uma ênfase no esporte, em jogos coletivos e competitivos, em música, artes, línguas, em viagens, no estudo de ciência e filosofia e etc. O ponto crucial, para os autores, era que uma grande parte da população poderia acreditar que seria importante desenvolver aptidões, atividades, artes e conhecimentos, para poder alcançar um patamar alto, enquanto que uma parte menor competiria para se tornar a elite das elites[589].

Haveria, portanto, a pressão pelo auto-desenvolvimento, a qual não seria simplesmente a aceitação do direito de um indivíduo gastar grande parte de seu tempo e do seu dinheiro no aperfeiçoamento pessoal, mas sim uma "exigência" para que o indivíduo se aperfeiçoasse, como forma de ele ser aceito nessa sociedade. Então, as pessoas que tivessem se enquadrado nessa forma de comportamento olhariam as que não o fizeram com menosprezo. Os autores já acreditavam existir essas pressões nas classes médias, que faziam com que os filhos tivessem lições de dança e de música, assim como outras práticas não utilitárias, que resultariam no gozo da vida e em ser socialmente desejado. Dessa maneira, as crianças da classe média americana recebiam um tratamento semelhante ao que os filhos dos aristocratas receberam, porém, com ênfase no que se referia às realizações artísticas, esportivas e outras socialmente importantes. Todavia, os autores afirmam que, apesar de na maioria das vezes as crianças gostarem de tais atividades, em alguns casos elas se sentiam sobrecarregadas pela quantidade de exigências cotidianas, sofrendo pressões para mantê-las[590].

Portanto, nessa próspera sociedade do ano 2000, a eficiência provavelmente não seria mais fundamental, apesar de manter-se importante. Fazendo um paralelo histórico, afirmam que, se até 29, os trabalhadores americanos migravam conforme a oferta de salário e as perspectivas de desenvolvimento, já nos anos 60, as preocupações principais eram a família, a

---

[588] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 213-214.
[589] Ibid., p. 217.
[590] Ibid., p. 218.

vizinhança e a qualidade das escolas. Os autores interpretam essa mudança como uma tendência para valores humanísticos em detrimento de valores voltados ao trabalho e vocacionais. Dessa forma, se não houvesse nenhuma grande interrupção, provavelmente os valores Sensate, humanísticos e epicuristas seriam predominantes, em detrimento das virtudes burguesas, chegando, inclusive, a uma reversão para critérios que eram anteriores aos burgueses[591].

Essas mudanças de valores poderiam também contribuir para o processo de alienação, já que os novos valores poderiam, conforme o julgamento de Kahn e Wiener, ser errados e prematuros. Sendo assim, as condições do ano 2000 poderiam produzir uma situação na qual a ilusão, o desejo e até atitudes irracionais existiriam em um nível inimaginável. Esses comportamentos irracionais e auto-indulgentes, na visão dos autores, são bastante possíveis em situações que os indivíduos estão superprotegidos e sem contato sistemático e objetivo com a realidade. Ou seja, para muitas pessoas, o trabalho servia como um contato com a realidade. Portanto, se, o trabalho fosse removido, essas pessoas teriam parte de seu contato com a realidade prejudicado. Os resultados disso poderiam ser famílias desorganizadas, tragédias pessoais, desarranjos políticos e a busca por valores humanísticos frívolos e irracionais. Assim, as ideologias humanistas poderiam se tornar bastante absurdas, adquirindo características sentimentais, auto-complacentes ou de racionalização de sentimentos altamente irracionais, de rebeldia e de egoísmo. Haveria, portanto, uma confusão entre comportamento humanístico e comportamento irracional ou indulgente[592].

Os autores apontam esse tipo de comportamento nos piquetes de Berkeley, em 1967. Os estudantes diziam: "eu sou um ser humano; por favor, não dobre, não perfure, nem mutile./ A vida, aqui, é um inferno vivo"[593]. Frente a isso, Kahn e Wiener argumentam que, apesar dos estudantes estarem solicitando um tratamento melhor, fazem-no de maneira equivocada, já que transformam dificuldades que complicam a vida de forma desnecessária em algo exagerado como o inferno. Assim, na visão dos futuristas, seria possível que um número cada vez maior de americanos não só rejeitassem atitudes orientadas para o trabalho e para o progresso, como também teriam atitudes de crianças mimadas, tais como as dos alunos de Berkeley. Apóiam esta crença em trabalhos de psicanálise da época, que destacavam que um nível razoável de disciplina benevolente, mas firme, é necessário à criança, e que a

---

[591] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 214-215.
[592] Ibid., p. 215-216.
[593] Ibid., p. 216; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 268-269.

permissividade excessiva teria grandes chances de gerar uma criança marcada pela irresponsabilidade e pela inadequação[594].

4.4.4. Os movimentos de massa

Como vimos anteriormente, movimentos de massa poderiam ocorrer nas sociedades que se industrializavam, porém, também poderiam decorrer do processo possível de alienação e de mudança de valores da sociedade pós-industrial. Inicialmente, os autores relativizam tais movimentos, dizendo que não é possível generalizá-los como maus para a humanidade, pois isso dependeria dos sistemas de valores e do julgamento individual. Os autores, então, afirmam que grandes e significativas universidades, como Berkeley, estavam, em parte, afetadas por esses movimentos, os quais desfrutavam de tolerância e até mesmo do apoio passivo da maioria dos corpos estudantis. Assim, tais movimentos poderiam ser uma tendência importante dentro dos EUA, oferecendo, até o ano 2000, solo fértil para novos movimentos radicais, alguns, inclusive, de cunho emocional ou irracional, que encontrariam apoio no contexto psicológico. Manifestar-se-ia, então, uma intensa reação, ainda que limitada, contra valores orientados para o trabalho, para o progresso e para a conquista, em prol de novas "culturas", algumas das quais enfatizariam valores estéticos e o companheirismo humano, talvez somados ao prazer e ao alto consumo, ou mesmo, substituindo-os[595].

Essa reação, contudo, para Kahn e Wiener, não era exclusiva das sociedades capitalistas, podendo ocorrer em qualquer sociedade que enfatizasse a economia. Ou seja, seria possível também na socialista. Dessa forma, a utopia pós-industrial antieconômica se assemelharia ao rompimento que a burguesia proporcionou como Marx aponta no Manifesto Comunista[596]. A sociedade pós-industrial, portanto, abandonaria a economia como parâmetro essencial para a sociedade, podendo representar, com isso, um retorno a vários valores pré-industriais ou um avanço a seus equivalentes pós-industriais[597].

Esse rompimento pós-industrial refletiria a mudança cultural mais geral. Existiria, conforme os futuristas, uma secularização praticamente completa da cultura e, então, uma polarização: de um lado, há a retomada de atitudes e atividades religiosas e/ou éticas e, no

---

[594] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 216-217.
[595] Ibid., p. 341-342.
[596] Os autores citam o trecho da célebre passagem: "Tudo o que era sólido se evapora no ar (…)"LASKI, Harold J. **O manifesto comunista de Marx e Engels.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p. 96-97.
[597] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 342-343.

outro, o egoísmo, o hedonismo e atitudes e atividades Sensate. Os autores, visando esclarecer ainda mais esse processo, comparam-no com o Império Romano, quando várias novas religiões varreram-no. Frente a isso, epicuristas, estóicos e até mesmo os romanos tradicionalistas ficaram aborrecidos e foram desdenhosos com "irracionalidade" e a "emotividade" desses novos movimentos, que incluíam o Cristianismo. A emoção e a irracionalidade da Nova Esquerda, dos hippies e de outros movimentos também aborreciam, nos anos 60. Destarte, essas analogias históricas permitiam, aos autores, cogitar que esses movimentos poderiam ser um sinal e uma causa da anarquia e, portanto, condutores para uma nova religiosidade[598].

Uma das características dos movimentos americanos que surgiam ou se destacavam nos anos 60 se relacionava à personalidade e às relações com os outros. Outro importante tema, para os futuristas, era a necessidade do companheirismo e o senso de pertencimento. Esse é um primeiro ponto essencial dos movimentos de massa, pelo qual um indivíduo foge de si mesmo e rende-se a um ideal abrangente, no qual ele pode submergir qualquer contradição interior dentro de uma idéia de certeza, de unidade de propósito e de ação das ideologias. Essa reação não deixa de fugir da carência de relações pessoais própria da sociedade ocidental mais recente, que advém, em parte, da quebra da família ampla e da comunidade estabelecida, em parte por causa da substituição das relações tradicionais e familiares pelas relações contratuais – que são economicamente calculadas. Todas essas mudanças, portanto, eram relativamente novas para a vida intelectual e secular do século XX[599].

Esses movimentos, dentro da sociedade pós-industrial, poderiam encontrar algum respaldo nas pequenas cidades ou no grupo desprotegido que migrava da zona rural para a urbana e que não encontrava um ajuste satisfatório. Minorias raciais ou de outros tipos que se sentiam excluídas da participação no país também poderiam ser um fundo possível. Os filhos da classe-média bem sucedida atormentados por um sentimento de culpa pela riqueza também poderiam ser outra fonte, assim como as mulheres da classe-média dos subúrbios. E, de forma geral, qualquer grupo que sentisse um nível insatisfatório de utilidade, virtude ou prestígio. Os autores criam na possibilidade de vários destes movimentos se manifestarem até o ano 2000, reforçando, então, o possível desenvolvimento do controle social e de seus problemas[600].

---

[598] KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 343.
[599] Ibid., p. 343-344.
[600] Ibid., p. 344-345.

4.4.5. O controle social e as questões tecnológicas

Uma forma, então, de lidar com esses movimentos de massa era uma maior eficácia do controle social. Os autores percebem que as obras sobre esse assunto, pelo menos as mais conhecidas, são romances escritos por novelistas e ensaístas talentosos, como Aldous Huxley e George Orwell, por exemplo. Apesar de serem consideradas obras fantasiosas, Kahn e Wiener afirmam que as tecnologias empregadas nessas antiutopias literárias não parecem absurdas como possibilidades resultantes da extrapolação do progresso das ciências. O controle social seria dificultado, no entanto, pela própria complexidade da sociedade moderna, pois, qualquer fratura em alguma parte da sua estrutura ocorreria de forma repentina e teria um efeito holístico, dificultando, assim, qualquer planejamento e controle intencionalmente mais longos. Ou seja, por mais que o desenvolvimento da riqueza e da tecnologia desse um amplo conjunto de alternativas, uma vez que a opção fora feita, muito controle e organização seriam necessários[601].

Pensando inicialmente o controle biológico, os autores defendem que os Alfas e Betas de Huxley, apesar de serem maravilhas científicas, poderiam ser cogitados como uma possibilidade real para o futuro[602]. Os autores argumentam, então, que o tratamento coercitivo para doenças mentais, por exemplo, poderia aumentar a probabilidade de pessoas terem vidas construtivas, ou que as adaptações biológicas do homem em uma sociedade extremamente complicada e super-populosa aumentariam a sua liberdade para viver de forma satisfatória e útil. Porém, o desenvolvimento desse processo poderia ser inconsistente com o que pode ser considerado liberdade ou dignidade humana. A evolução da sociedade poderia, portanto, produzir alguma forma de involução do homem, pois, se a adaptabilidade (e superioridade) do homem tem consistido em sua falta de adaptação especializada, em um futuro não muito distante, o homem poderia ser adaptado em um sentido especializado e "manufaturado" pela ciência genética. Dessa forma, a sobrevivência dos mais aptos poderia ser substituída pela adaptação dos sobreviventes[603].

Existiria, portanto, vários homens sob administração constante de drogas para que pudessem se adaptar à ecologia para qual foram designados. O governo central possivelmente dedicaria grande parte de seus esforços para manter o sistema funcionando apropriadamente,

---

[601] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 346.
[602] São dois tipos superiores – sendo o Alfa mais inteligente que o Beta – resultantes das manipulações genéticas, tal como aparece no romance *Admirável mundo novo*. Cf. HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo.** Rio de Janeiro: Bradil, 1969.
[603] Ibid., p. 346-347.

podendo preocupar-se apenas, então, com os problemas marginais e mais imediatos e não mais com questões básicas ou com contrariedades ao sistema. A saída para essa situação seria, talvez, a rejeição da tecnologia moderna, e, então, conforme os autores, o século XXI não conseguiria mais retornar ao mundo do século XX, assim como o mundo helênico não pode voltar à era de ouro de Péricles[604].

Outra grande questão decorrente da tecnologia médica seria definir o que é o ser humano, uma vez que poderia haver casos de indivíduos mantidos biologicamente vivos, visando evitar, com isso, conseqüências testamentais. Além disso, com o aumento dos recursos de partes humanas para substituição, incluindo estímulo artificial e substituição de certas funções cerebrais, os casos judiciários inevitavelmente cresceriam no sentido de delimitar quando o homem deixa de ser si mesmo. O último recurso a estas técnicas, então, teria que ser submetido ao governo. Se a superpopulação e a longevidade crescessem para algum limite não especificado, o direito a filhos e o recurso às técnicas de longevidade poderiam também ser regulamentados pelo governo. Tudo isso, portanto, afetaria enormemente o padrão civilizado humano[605].

No entroncamento da questão social com a biomédica estariam as drogas e outras formas de controle do comportamento humano. Caso se confirmasse esse controle, existiria, consequentemente, uma forte ênfase no ajuste ao coletivo em detrimento do individualismo. Destarte, o recurso às drogas, a religiões mundanas, à delinqüência, ao crime e às doenças mentais poderia crescer significativamente, requerendo sanções médicas, sociais e criminais para prever ou conter as formas de distúrbio que seriam excessivamente disfuncionais para os sistemas sociais e políticos. Além disso, mudanças de personalidade poderiam ser possíveis, por exemplo, por fluxos hormonais, visando, assim superar a objeção racional ou do ego à continuação de determinada atividade. Técnicas alternativas, como ondas de rádios, impulsos ultra-sônicos, alucinações induzidas e várias formas de dispositivos educativos operariam desde a infância. A justificativa para essas práticas se daria sob o argumento de higiene mental, por exemplo. Por mais que isso soasse absurdo, os autores argumentam que a cultura ocidental está afinada com o conceito de doença mental e com sua cura: o conceito moderno é mais de reabilitação do que de punição. Delinqüentes são guiados por trabalhadores sociais, crianças perturbadas são tratadas por conselheiros, pais lêem psicólogos para aprender como cuidar de seus filhos. É, portanto, a retórica do ajuste e do tratamento mental, por isso as

---

[604] KAHN, H.; WIENER, A.J., p. 351.
[605] Ibid., p. 348-349.

diversas formas de automedicação psicológica, como os tranqüilizantes. Assim, os autores afirmavam que mais do que duvidar se os americanos usariam tais técnicas, há razão para se duvidar se eles ofereceriam qualquer resistência efetiva a elas[606].

Esse conjunto de possibilidades médicas obviamente levantaria questões éticas que alcançariam, inclusive, as criaturas menores e as máquinas. Esse grupo de alterações do homem poderia abalar a confiança em si mesmo e o seu papel no mundo poderia ser seriamente limado. Em resposta a isso, religiões estranhas surgiriam buscando novas explicações para o universo. Tais religiões poderiam tentar glorificar o homem de várias maneiras que repudiariam as interpretações científicas e racionais que tinham florescido desde a Renascença, ou poderiam ser masoquistas e denigridoras do homem[607].

Dessa maneira, como a sociedade estaria mais suscetível a rupturas, abriria espaço para chantagens sociais ou à ação do crime organizado. Então, com a proliferação nuclear sendo uma tônica, seria possível que os criminosos tivessem acesso a armas poderosas. Além disso, as conspirações criminais e políticas poderiam atacar redes computadorizadas necessárias ao governo. Esses esforços poderiam, então, romper as funções do computador, ao menos temporariamente, e produzir crises e distúrbios que afetariam as operações e os sistemas de prognósticos. Os sistemas avançados de armas, que operariam sobre bases computadorizadas, fariam o consenso da população e o apoio dentro da força armada praticamente irrelevantes, pois muitas poderiam ser automáticas ou precisarem de pouca intervenção humana. Um exemplo disso seria a existência de algum sistema de vigia que rastrearia e ou destruiria ou incapacitaria os alvos[608].

Frente a isso, talvez a única alternativa fosse formas severas de controle e de vigilância. Meios tecnológicos para isso seriam, por exemplo, a monitoração de conversas pelas vibrações produzidas em vidros de janelas e a fotografia de documentos a grandes distâncias. Monitores de TV internos e externos poderiam se tornar comuns e baratos e sistemas de controle de acesso a contas e informações bancárias checados por voz e face poderiam existir. Todos esses avanços também seriam úteis para a checagem da população, assim como para rastrear frases perturbadoras. Isso poderia ter alguma contraparte econômica e social, uma vez que, apenas aqueles com grandes recursos poderiam – ou apenas por

---

[606] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 348-350.
[607] Ibid., p. 351.
[608] Ibid., p. 347, 352.

suborno e manipulação política – evitar alguma monitoração ou interferir na transmissão de dados[609].

Essa sorte de problemas e de rigidez do controle poderia racionar os acessos a locais de diversão, assim como aos recursos médicos. Substitutos de comida seriam desenvolvidos e acessos a novas formas de casas socializadas regulados. As conseqüências das desarticulações e erros nas funções de produção, distribuição e controle dos negócios e do governo poderiam ser tão grandes que os recursos para enfrentá-las deveriam ter primazia sobre as liberdades civis. Haveria, portanto, a utilização da tecnologia para atender essas necessidades de controle[610].

A solução para esse conjunto de problemas decorrentes do emprego da tecnologia na vida social poderia, contudo, ser pior caso se recorresse, por exemplo, ou à tecnocracia, ou à aristocracia, ou à oligarquia para controlar o sistema político. Isso poderia acontecer se as bases que legitimassem a democracia deteriorassem, não oferecendo resistência a essas formas de usurpação do controle por poucos. Porém, esse problema seria possível dentro do próprio processo do controle. Se, por exemplo, o sistema se tornasse tão complexo, podendo ser trabalhado apenas a partir do computador central e dos bancos de memória dos sistemas de computadores nacionais ou mundiais, as capacidades políticas e militares estariam, então, concentradas em um único centro de controle. Nesse sentido, o controle poderia passar dos homens à máquina e, sendo assim, embora a população pudesse ser limitada, uma vez que não exerceria uma função útil, ela poderia ser mantida em um estado constante de drogas e/ou subserviência. Isso poderia prevenir rebeliões e distúrbios ou outras interferências não desejáveis[611].

Com isso, os autores constroem, então, os possíveis cenários da sociedade pós-industrial. É importante percebermos que todos eles são pensados como alternativas e possibilidades ou desejáveis, ou reprováveis, visando, com isso, a própria constituição da sociedade pós-industrial antieconômica e um tanto utópica. Assim, encerram também a questão do planejamento para, então, retomar alguns aspectos metodológicos, os quais abordaremos a partir de agora.

---

[609] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 347-348.
[610] Ibid., p. 347-348.
[611] Ibid., p. 351-352.

5. A VISÃO DE HISTÓRIA NO MÉTODO FUTURISTA DE KAHN E WIENER

Antes de entrarmos na discussão final sobre a visão de história presente no método futurista de Kahn e Wiener, dedicar-nos-emos a algumas considerações e ressalvas que os autores fazem sobre o planejamento e o método de especular que propõem, as quais ajudarão na compreensão de como os autores entendem a história.

5.1. Considerações finais sobre o planejamento

5.1.1. As projeções sociais

Kahn e Wiener vêem os planejamentos sociais como um indicativo da auto-correção e do ajustamento da sociedade, o que, então, abriria espaço para políticas sociais. Portanto, o aprendizado das sociedades ao lidar com os problemas econômicos a partir do planejamento refletiu nos problemas sociais e psicológicos, permitindo planejamentos mais efetivos nesses campos[612].

Para os futuristas, o problema mais relevante trazido pelas especulações sociais era determinar se os resultados apresentados não eram somente manifestações modernas de um comportamento "aberrante" tradicional, ou se representavam um ajuste necessário ou um estado de transição para novas tradições e costumes. Contudo, para os autores, seria irônico se a multiplicação das forças de produção, ao invés de conduzir a humanidade à utopia (ou a algo equivalente), criasse problemas muito sérios e não resolvíveis. Dessa forma, esforços seriam necessários para inventar e implementar meios de enfrentar os novos problemas que certamente apareceriam. Porém, apesar dos melhores esforços, as políticas sociais freqüentemente dariam errado[613].

Parte desse insucesso decorreria das já comentadas incertezas e contingências do futuro. Assim, por mais que Kahn e Wiener trabalhem baseados na percepção e no entendimento da extensão das tendências – o que permitiria antecipar as crises e buscar as respostas apropriadas – eles reconhecem o papel da contingência. Portanto, só o mapeamento

---

[612] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 220.
[613] Ibid., p. 220.

das tendências não bastaria, tendo papel fundamental a sorte para escapar de desastres e de políticas sociais de pouca visão. Contudo, o azar também poderia ser decisivo, uma vez que, talvez, nem os melhores esforços poderiam ser suficientes[614]. Além disso, as possibilidades de escolha entre as hipóteses de desdobramentos das diversas situações poderiam levar a concretizações contrárias. Essa indeterminação se daria, em parte, pela incompatibilidade do pensamento contemporâneo social como base para generalização de possibilidades vindouras[615]. Preocupados, então, com os problemas do planejamento social, os autores pensam, de forma mais específica, fatores que poderiam causar erros nas especulações sobre o futuro.

5.1.2. Os erros de planejamento

5.1.2.1. As mudanças imprevistas

Os autores reconhecem quem deram muita atenção à possibilidade de que as forças tecnológicas, econômicas e sociais correntes poderiam ter conseqüências extremamente indesejáveis. Portanto, o aumento da riqueza e do lazer e o desenvolvimento tecnológico não teriam resultados exclusivamente benéficos, diferentemente do que é normalmente assumido. Frente a isso, Kahn e Wiener assumem que um perigo, nessa situação, é que uma série de decisões pode ser tomada por boas razões e ainda produzir uma condição final que ninguém desejara[616].

Um exemplo disso foram as grandes mudanças tecnológicas que, desde o começo da industrialização, resultaram em conseqüências imprevistas, inesperadas e, portanto, desconsideradas no começo do processo. Um dos resultados foi o dano ecológico feito pela acumulação de produtos desperdiçados da sociedade industrial. Assim, parte do preço a se pagar pelo progresso econômico, como os problemas da poluição e da depredação dos recursos, possivelmente se refletiriam nas gerações futuras. Outro exemplo do desenvolvimento ambíguo da tecnologia seria, novamente, os avanços da saúde pública, que auxiliaram na explosão populacional. Assim, uma contradição possível seria, por exemplo, que, nos países com altas taxas de nascimento, a queda da mortalidade infantil, como resultado do progresso médico, poderia causar mais sofrimento humano do que ocorreria sem

---

[614] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 65.
[615] Ibid., p. 198.
[616] Ibid., p. 386.

tal progresso. Contudo, os autores percebem que as pessoas não estavam dispostas a desistir do progresso médico ou a recusá-lo em populações com alta taxa de crescimento, pois muitos consideravam isso imoral, o que tornaria tais mudanças irreversíveis ou próximas disso[617].

Outro problema relativo à escolha é demonstrado pela seguinte expressão: se uma sociedade escolhe B ao invés de C, e A ao invés de B, não significa que A necessariamente fora escolhido ao invés de C. Um exemplo para isso é novamente buscado nos avanços biomédicos, agora sobre a questão de prolongar a vida humana: embora cada avanço na capacidade de prolongar vidas fosse bem vindo, existiria o perigo de obscurecer a diferença entre entidades humanas e não-humanas. Se isso ocorresse, uma visão desumanizada de parte dos seres humanos tornar-se-ia plausível. Assim, de forma contraditória, o que começara como uma expressão do valor à vida humana poderia facilmente ser um passo para o tratamento dos homens como objetos manipuláveis ou até mesmo disponíveis para propósitos sociais[618].

Então, retomando aquelas idéias básicas que permitiam o planejamento do futuro, como a concatenação das temporalidades e os eventos cumulativos, os autores expõem como uma sequência de eventos poderia fugir do planejamento. Inicialmente, uma série de mudanças relativamente pequenas é proposta e, então, em cada caso, a situação mudada é tida como preferível à velha situação. As mudanças são cumulativas, ou seja, sobrepõem-se. Porém, uma vez que a série de mudanças foi realizada, as pessoas pensam que a nova situação é indesejável ou desastrosa, ou a situação torna-se uma que, pra quem iniciou o processo, parece indesejável. Todavia, já é, agora, impossível reverter a seqüência, ou por causa da inalterabilidade das mudanças, ou por um grande investimento, ou por valores alterados[619]. Aqui, presenciamos a instituição da mudança operando em e por si mesma, já que ela pode gerar um novo que precisa ser mudado, que não satisfaz. Ou seja, é o próprio processo da modernidade.

Essa aceleração poderia inclusive aumentar a velocidade da deterioração e fazer o planejamento tornar-se inimigo de si mesmo. As mudanças, por exemplo, poderiam criar grupos de pressão que acarretariam novas mudanças, as quais, então, criariam novos grupos de pressão, e assim por adiante, acelerando, portanto, as tendências indesejáveis. Haveria pouco para fazer nesse caso, a não ser mobilizar, à frente do tempo, os grupos de pressão que seriam esperados, para que objetassem antes da conclusão do planejamento. Isso requereria,

---

[617] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 387-388.
[618] Ibid., p. 388.
[619] Ibid., p. 388-389.

todavia, que a questão fosse projetada plausivelmente ou com credibilidade e que as causas e as soluções fossem compreendidas pelas pessoas. Mas, a inevitabilidade das incertezas, a rigidez de qualquer conjunto de valores contemporâneos e sua possível resistência às condições futuras poderiam fazer com que a posteridade, em retrospecto, julgasse tais grupos de pressão como imprudentes e insensatos, principalmente se eles falhassem[620].

5.1.2.2. As dez ciladas

Além das mudanças imprevistas, os autores elencam dez ciladas que poderiam levar um planejamento a resultados indesejáveis. A primeira delas é utilizar critérios muito estreitos. Isso ocorreria pelo paroquialismo, pelo partidarismo e pelos interesses dos que decidem, desconsiderando, assim, os novos critérios que poderiam ser relevantes. Esses critérios novos decorreriam das novas tecnologias, das riquezas, das condições de vida e das relações internacionais. Porém, conforme os autores, havia pouco compromisso com esse novo na decisão, já que quem decide preocupa-se mais com suas responsabilidades imediatas. Assim, todos acabam preferindo aquilo que já está delineado pelo sistema. Além disso, não há grupo responsável por essas novidades, não sendo raro o caso de uma questão nova ser identificada, todos os envolvidos concordarem que ela é significativa, e ela, apesar disso, continuar negligenciada simplesmente porque ninguém na estrutura burocrática tem como função tratar do novo problema. Isso contrariaria, portanto, um dos principais objetivos da pesquisa política, que é tentar adequar o que é tradicionalmente conhecido às inovações[621].

Outra possível armadilha decorre de quem é que decide o que é "bom para a sociedade". Os autores exemplificam afirmando que um parque ou uma força policial são coisas boas. Isso, no entanto, não significa que as pessoas contribuirão, pois cada indivíduo estará em uma situação melhor, em um cálculo utilitário e individual, se outras pessoas estiveram contribuindo e ele não tiver que fazê-lo. Assim, uma vez que as decisões de todos os indivíduos são independentes, nenhum indivíduo espera que seu comportamento afete algum número significativo de outras pessoas, principalmente se a comunidade for grande. Além disso, existem várias instâncias nas quais as decisões que são racionais para membros de um grupo levam a resultados que são indesejáveis do ponto de vista do grupo inteiro. Por exemplo, se existe tensão entre duas nações, elas duas – em conjunto – poderiam concordar

---

[620] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 389.
[621] Ibid., p. 389-391.

ser melhor evitar uma corrida armamentista ou uma guerra. Porém, frente às incertezas, uma nação poderia racionalmente decidir que o melhor caminho seria entrar numa corrida armamentista, ou até mesmo lutar, e a outra poderia, então, acreditar ser melhor responder à altura. Nesse sentido, Kahn e Wiener apontam como um erro comum a crença de que a concordância dos objetivos significa a concordância dos meios para alcançá-lo. Dois estados a favor do desarmamento não necessariamente concordariam sobre as maneiras de como realizá-lo. Então, se estas assimetrias forem suficientemente grandes, elas podem barrar concordâncias até mesmo quando o final pretendido é o mesmo. Inversamente, nações podem estar aptas a concordar com os meios – por exemplo, derrotar o Nazismo – enquanto discordam sobre o fim – o regime para a Europa e para o mundo após a guerra[622].

O pensamento inadequado e as análises mal feitas são outra armadilha. Esse problema, conforme os autores, seria superado com dedicação de tempo suficiente e com a consideração das complexidades e das contingências. Porém, reconhecem que existem problemas para os quais nenhum "desenho de contingências" razoável é possível. Ou ainda, uma grande quantidade de planos que simplesmente não são pensados, porque doutrinas, costumes ou experiências desastrosas não criaram qualquer pressão para tanto. Frente a isso, somente a dedicação de tempo e trabalho em processos que consideram elementos novos e freqüentemente não levam a lugar algum poderia ajudar. A ausência da dedicação e da imaginação, conforme os futuristas, portanto, resultaria em uma tendência a tomar decisões importantes quase arbitrariamente, como se não houvesse meio para julgar se alguma opção seria melhor[623].

Outro fator que pode conduzir ao erro é a má sorte. Ou seja, não haveria erro, mas uma falta de entendimento do problema, pois nem todos os aspectos dele puderam ser apreendidos. Isso acontece, pois existem situações nas quais os dados teóricos ou empíricos são insuficientes não apenas para suprir a informação necessária, mas também para perceber que alguma informação importante está faltando. O reconhecimento dessa possibilidade é, então, uma das justificativas principais para a delineação de contingências e para a defesa da flexibilidade do planejamento. Dessa forma, e constituindo outra cilada, a má sorte poderia advir de eventos pouco prováveis. Ou seja, por mais que houvesse um julgamento adequado, baseado nas probabilidades, o improvável poderia ocorrer. Assim, condições se revelam e elas são, de longe, piores do que qualquer um podia antecipar. Ou, ainda, algumas combinações

---

[622] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 391-393.
[623] Ibid., p. 393-394.

bizarras de acidentes têm lugar e "inundam" o sistema. Um exemplo dramático seria uma guerra nuclear acidental ou não informada. Portanto, um bom planejamento é delineado para diminuir não somente a probabilidade de má sorte, mas também as conseqüências para caso ela ocorra, já que o "extremamente improvável" não é o mesmo que o impossível[624].

A sexta possibilidade de cilada é a mudança dos atores. Assim, malogros de decisões políticas podem resultar de uma falta de continuidade em atores efetivos ou grupos de pressão. Em uma situação típica, um grupo começa, outro formula, um terceiro constrói o programa, enquanto um quarto realmente o sustenta. É este quarto grupo (ou possivelmente outro grupo) que fornece a pressão contínua e determina o que o programa realmente realiza. Em vários casos, isso acaba sendo bastante diferente do que todos os grupos prévios queriam ou pretendiam[625]. Assim, esse fator de erro se assemelha muito ao segundo, a saber, de quem cabe a decisão do que é "bom para a sociedade".

Outro convite ao equívoco seria a utilização de modelos inapropriados, os quais resultariam de algum erro. Por exemplo, as pessoas sentem que a agitação nas sociedades subdesenvolvidas resulta da pobreza. Elas concluem, então, que a ajuda estrangeira visando o desenvolvimento pode diminuir a quantidade de agitação nesses países. Porém, como foi mostrado, historicamente, o processo de desenvolvimento é perturbador e normalmente aumenta a violência e a agitação. Outro exemplo é retirado das relações internacionais: vários americanos sentem que cada passo na direção da integração ou união entre os Estados-nações é uma coisa boa se constituída como um governo democrático mundial ou uma comunidade mundial. Porém, para os autores, este modelo ignora várias questões, como uma clivagem na comunidade mundial decorrente desse mesmo processo. Assim, esse modelo inapropriado ilustra como uma decisão, em um ponto da estrutura, pode resultar em desintegração não intencionada em outro nível. Por fim, ainda dentro dos modelos, há o problema da imagem do espelho. Ou seja, alguém conhece seus motivos e atribui-os a outros. Esse tipo de erro ocorre entre nações, mas também entre segmentos sociais[626].

Uma possibilidade de engano poderia advir de valores inapropriados para o futuro. Frente a isso, os autores reconhecem que as noções de alienação e de riqueza, que são parte constituinte da sociedade pós-industrial, basearam-se em valores correntes na classe-média americana dos anos 60 e poderiam parecer totalmente fora de lugar no ano 2000. Destarte, os autores defendem que é melhor entender certos valores não como um fim, mas com um meio

---

[624] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 394-395.
[625] Ibid., p. 395.
[626] Ibid., p. 395-396.

e torná-los passíveis de questionamento. Evitar-se-ia, com isso, quando as condições mudassem, a falha de não reconsiderar os velhos meios em relação aos fins buscados. Caso isso não acontecesse, poderiam se manifestar não apenas esforços sem direção, mas também comportamentos destrutivos para outros objetivos mais importantes[627].

Subestimar as incertezas do futuro também conduziria a resultados indesejáveis, pois o futuro é uma região de grande incerteza, estando a ação, portanto, restrita ao presente. Assim, os autores apontam dois tipos de erros que podem ser cometidos: 1) os planejamentos que focam pragmaticamente as decisões passo a passo, tendo uma perspectiva muito pequena, e 2) planejamentos que estão mais preocupados com a adesão a princípios gerais, podendo falhar ao tratar os problemas que aparecerem no presente. Os autores defendem, assim, a consciência de que as condições sociais mudam tão rapidamente, exigindo um re-exame contínuo dos meios e dos fins, para que os meios não se tornem os fins neles mesmos[628].

Por fim, a última cilada é posta nos seguintes termos: o melhor pode ser inimigo do bom e vice-versa. Assim, o desejável e o viável podem ser separáveis por propostas analíticas, mas quando se faz escolhas, eles estão intimamente relacionados. Se, por um lado, um objetivo é muito desejável, ele pode trazer uma grande quantidade de entusiasmo e sua viabilidade poderá ser maior que a imaginada. Por outro lado, um objetivo que parece dentro do alcance pode ser mais atrativo do que um difícil de atingir. Portanto, como os autores argumentam, os objetivos limitados normalmente não impedem um maior incremento do progresso, mas objetivos excessivos e utópicos com freqüência evitam ganhos limitados. Nesse assunto, os autores rejeitam veementemente a idéia de que para fazer uma situação melhor, dever-se-ia, primeiro, torná-la pior, pois só isso motivaria as pessoas a fazer algo. A rejeição se dá porque, para os futuristas, por mais que funcione às vezes, isso torna as coisas piores do que elas precisavam ser[629].

É interessante perceber que todas essas possibilidades de falha no planejamento advêm de um erro em qualquer uma daquelas quatro bases que abordamos no primeiro capítulo. Os autores partem da incerteza do futuro, que é um elemento que permeia, de alguma forma, todas as dez ciladas. Para evitar esse elemento de incerteza, os autores defendem, então, os eventos cumulativos. Assim, algumas falhas podem ocorrer no processo de percepção de como as decisões estão ligadas com as do passado e com as que ainda virão. Ou seja, é um erro na delineação e no tratamento do novo e dos elementos que estão, estavam e poderão

---

[627] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 396.
[628] Ibid., p. 396-397.
[629] Ibid., p. 397-398.

estar presentes nos processos decisivos. Por fim, isso acaba sendo uma má flexibilidade do planejamento, que não soube considerar o futuro em sua amplidão, nem conseguiu abranger todos os elementos participantes da decisão e seus efeitos. Desconsiderou, portanto, a relação das temporalidades, tanto na questão dos rompimentos, quanto das permanências, e não conseguiu desenvolver um bom trabalho interdisciplinar.

Para os autores, não é possível, portanto, fugir da incerteza sobre o futuro, por isso, defendem que o principal talvez fosse se abster da tentativa de legislar sobre o futuro com detalhes. Assim, as políticas sociais deveriam ser elaboradas permitindo alta quantidade de liberdade – de escolha, de protesto, de ação contrária – e evitando o fechamento de caminhos para a revisão e para novas decisões sobre o futuro. Esta delegação de decisões para o futuro poderia funcionar melhor, então, na facilitação do progresso do que na prevenção de desastres, pois algum grau de firmeza e rigidez pode ser requerido em política, assim como alguma disposição para barrar alguns futuros. Caso contrário, a indecisão poderia revelar insegurança e ela mesma causar uma erosão de valores ou uma aceleração de tendências prejudiciais[630]. Assim, o planejamento, visando evitar resultados indesejados, deveria reconhecer suas limitações e, além disso, ter consciência do que está tentando conquistar[631].

5.1.3 As outras utilidades do planejamento

Além de ser uma extrapolação de tendências históricas e uma ferramenta para buscar o melhor ou evitar e minimizar os problemas futuros, os autores pensam outros objetivos válidos para o planejamento. O primeiro deles é estimular a imaginação e aumentar a perspectiva. A imaginação é usada, logo de início, na organização de todos os fatores que podem ter alguma conexão com as questões abordadas. Isso força, ainda, a elaboração de distinções e o exame de nuances pouco notadas ou menosprezadas, além de estimular a reflexão sobre situações e influências importantes, mas que ficam de lado por parecerem improváveis. Dessa forma, possibilidades que não parecem opções reais em um momento, podem se tornar considerações sérias conforme ocorram novos desenvolvimentos. Essas alternativas absurdas também teriam algum caráter heurístico, servindo como exemplos ilustrativos, além de fornecerem os limites da realidade. Assim, a pesquisa também poderia abrir a mente para novos conceitos e possibilidades. Porém, poderia haver um exagero ao

---

[630] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 386-387.
[631] Ibid., p. 398-399.

empregar a imaginação, arriscando, assim, perder-se em um labirinto de improbabilidades bizarras. O ideal seria um meio termo, que não resultasse na padronização das hipóteses, intercalando, portanto, o planejamento mais curto e assentado no presente e aquele de longa duração e assentado na imaginação[632].

Um segundo objetivo é esclarecer, definir, nomear, expor e discutir as questões principais. Os autores partem da idéia de que há acordos difundidos e explícitos sobre: as questões que são importantes, as opiniões sobre elas que são possíveis ou razoáveis e quais são os argumentos principais em cada uma dessas opiniões. Contudo, os autores afirmam que não existe acordo sobre o que essas coisas tratam, exceto, possivelmente, dentro de poucos círculos consolidados ou sobre poucas questões, as quais receberam grande. Assim, várias questões importantes continuam irreconhecíveis, indefinidas ou sem discussão. Além de definir, os autores defendem a necessidade de nomear, pois uma escolha de categorias é uma escolha de assuntos. As mudanças também deveriam, por isso, ser objeto de atenção, já que elas refletiriam nas classificações. A nomeação também colaboraria com as metáforas heurísticas, pois permitiria aproximar questões análogas. Essas classificações também exigiriam um desenvolvimento aprofundado dos argumentos e de seus alicerces, esclarecendo, assim, o posicionamento de cada participante[633].

O uso de contextos alternativos também seria útil, pois esses contextos concebem as medidas, além dos valores e das suposições do planejador, de forma integrada. Essa forma de trabalho permite a comparação entre diferentes conjuntos de medidas e, portanto, a consideração de várias possibilidades. Isso ocorre, pois a construção de vários pacotes de políticas em relação a contextos variáveis revela um grande número de interações entre as variáveis[634].

Outro objetivo que os autores consideram válido no planejamento é a criação de metodologias, paradigmas, estruturas e exposições propedêuticas e heurísticas. O próprio livro foi escrito com esta intenção, como aparece no subtítulo e na introdução dos autores. Dessa forma, Kahn e Wiener reconhecem que não conseguiram alcançar um paradigma para a especulação do futuro, mas apenas uma estrutura. Assim – e esclarecendo aqueles conceitos da introdução do livro – eles definem paradigma como algo mais elaborado do que uma estrutura e uma metáfora[635]. Os autores entendem paradigma como um conjunto conceitual

---

[632] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 399-400.
[633] Ibid., p. 401-402.
[634] Ibid., p. 402-403.
[635] Ibid., p. 403-404.

que é um guia pragmático e passível de acréscimos, servindo, assim, como referência de análise para qualquer pessoa. Porém, e principalmente na ciência do futuro, ele seria essencialmente provisório e objeto de revisão, já que o futurismo não é uma ciência cumulativa da sociedade, mas apenas uma tentativa de melhorar a qualidade da discussão e a análise das questões que mudam continuamente. Visando melhorar o caráter explicativo da ciência do futuro, os autores defendem a utilização de instrumentos propedêuticos e heurísticos, os quais facilitariam a transmissão de conhecimento, promovendo, então, a compreensão de tudo que está inserido no processo de decisão, principalmente nas questões que envolvem conhecimentos de diferentes áreas. Além da necessidade discursiva mais abrangente, os futuristas também defendem a necessidade de fontes secundárias e do conselho de *experts*[636].

Outro ponto válido seria o desenvolvimento da cooperação e da comunicação intelectual, particularmente pelo uso de analogias históricas, cenários, metáforas, modelos analíticos, conceitos precisos e linguagem adequada. Ou seja, frente à dificuldade em conceber regras pragmáticas e hipóteses heurísticas para trabalhar com situações novas, como uma conduta adequada das relações internacionais em um mundo termonuclear, por exemplo, um mecanismo possível seria criar e usar "casos históricos" artificiais e "exemplos históricos" para suplementar a escassez de exemplos reais[637].

Em complemento a anterior, outra utilidade do planejamento político seria aumentar a habilidade em identificar novos padrões e crises e entender suas características e importâncias. Assim, a utilização de "aparatos" artificiais para o planejamento político se devia à rapidez das mudanças. Essas mudanças, então, acabavam gerando novas dificuldades e conceitos. Essa era, para Kahn e Wiener, a essência do problema. Assim, apontam que se dedicar à especulação do futuro poderia permitir identificar e estudar padrões, possibilitando o reconhecimento desses no mundo real. Com isso, os autores acreditavam ser possível minimizar as decisões erradas, as surpresas desagradáveis e as oportunidades perdidas, permitindo, então, algum controle, ainda que mínimo, sobre o futuro[638].

Outra validade atribuída ao planejamento por Kahn e Wiener é o fornecimento de conhecimento específico, que geraria conclusões, recomendações e sugestões. Todavia, os autores fazem *mea culpa* ao reconhecer que o livro contém poucas conclusões específicas, recomendações ou sugestões, já que se trata de uma estrutura para especulação. De qualquer

---

[636] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 404-406.
[637] Ibid., p. 406.
[638] Ibid., p. 406-407.

forma, os estudos que visam conclusões, não são, conforme os autores, definitivos, limitando-se, portanto, a aspectos particulares de um campo e sendo conclusivos somente dentro de limites bastante estreitos. Assim, só em ocasiões raras um estudo sobre o futuro poderia fazer recomendações finais com grande autoridade[639].

Um penúltimo objetivo do planejamento é esclarecer as escolhas políticas, enfatizando aquelas que possuem eficiência e flexibilidade sobre um amplo conjunto de contingências. Uma vez que todas as escolhas são baseadas em realidades, objetivos e suposições atuais, elas podem, portanto, mudar rapidamente. Frente a isso, os autores defendem a importância de entender explicitamente a relação das escolhas com tais realidades, objetivos e suposições. Contudo, eles reconhecem a dificuldade em realizar isso, pois a maioria das pessoas – inclusive a maioria dos analistas profissionais – tende a esquecer as razões originais para suas escolhas e não estão, então, dispostos a mudar suas posições. Uma forma de evitar tal problema seria uma constante reavaliação das escolhas, o que possibilitaria entender o lado negativo delas, assim como seus inconvenientes e os custos associados. Dessa forma, clarificar a opção envolve alguma consciência do fato que existiu uma e que outra teve que ser sacrificada ou comprometida. Conforme esse entendimento, é preferível, às vezes, modificar um sistema para, assim, estar apto a enfrentar situações não delineadas e com contingências relativamente menos favoráveis – ou improváveis – que aquelas esperadas quando a opção foi feita. Destarte, quem decide deveria conseguir obter vantagens de situações inesperadas, mas favoráveis, se elas surgissem, sem se perder, contudo, nas inúmeras colaborações e discussões próprias da política, que poderia resultar em perda de oportunidades[640].

A última validade seria desenvolver a habilidade administrativa daqueles que decidem e de suas equipes, fazendo-os reagir apropriadamente ao novo. Dessa maneira, qualquer desenvolvimento nos debates políticos, na comunicação e no esclarecimento de questões básicas poderia resultar em um maior entendimento nos níveis superiores do governo, dentro das elites intelectuais e entre as pessoas no geral. Esse maior entendimento, por sua vez, tornaria os participantes moralmente mais sensíveis, informados e intelectualmente mais sérios. Dessa forma, conforme os autores, estimular o estudo de problemas cruciais e atrair a

---

[639] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 407-408.
[640] Ibid., p. 408-409.

atenção para decisões e atos potencialmente necessários são requerimentos mínimos para enfrentar com sucesso os problemas do futuro[641].

Essas outras utilidades do planejamento não fogem, primeiramente, da questão de pensar as diversas possibilidades quando se planeja o futuro. Assim, desde a defesa do estímulo à imaginação até a de esclarecer os critérios das escolhas das políticas públicas para o futuro, a questão essencial são as possibilidades. Além dessa questão das possibilidades, está presente, também, a preocupação em apresentar o método e, então, como os seus utilizadores devem deixar todas suas conclusões bem claras e didáticas. Isso não serviria somente como critério de venda dos planejamentos, mas também para facilitar o entendimento de que tipo de ação o planejamento recomendaria. E, como vimos nas bases para o método, essa ação é sempre presente. Dessa forma, o método de planejamento, em suas diversas outras utilidades que não a de prever, especular e planejar o futuro, ajuda na compreensão do presente, que é o tempo da ação. Portanto, se o método se debruça sobre o futuro, o faz visando a ação no presente. Os próprios autores apontam que alguns dos pesadelos e das possibilidades mais alarmantes que aparecem no livro foram desenhados para explorar possibilidades inerentes a algumas tendências presentes na sociedade contemporânea. E preocupam-se com elas, pois pensam que algumas das inovações tecnológicas e dos desenvolvimentos econômicos que fazem esses pesadelos possíveis são praticamente irreversíveis[642].

Agora que vimos os problemas específicos do planejamento a longo prazo e as outras utilidades das especulações do futuro, podemos, então, pensar alguns aspectos do método e da prática de especulação que Kahn e Wiener realizam.

5.2. O limite científico do futurismo

Voltando, então, ao planejamento do futuro, conforme Kahn e Wiener, nem os dados, nem as teorias das ciências sociais permitiriam extrapolações complexas e longas tal como as que foram feitas, já que elas não têm mais credibilidade do que a intuição informada. Dessa forma, as extrapolações tecnológicas e do sistema internacional acabam sendo mais resultado de intuição, de ideologia e de imaginação do que da documentação ou da dedução. Contudo,

---

[641] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 409.
[642] Ibid., p. 412.

as implausibilidades são inescapáveis a qualquer extrapolação, incluindo a da continuidade das formas sociais, morais e dos valores vigentes. Nesse sentido, as especulações não deveriam ser consideradas bizarras, pois as sementes do que é sugerido já estavam presentes, conforme os autores, na época. Assim, reconhecer as potencialidades menos desejáveis pode ser condição necessária – embora não suficiente – para evitá-las[643]. Há, dessa maneira, um suporte histórico para as extrapolações futuristas que se dá de forma dupla e fornece os limites teóricos do futurismo a partir da possibilidade da extrapolação histórica.

A proposta metodológica de especulação do futuro apresentada por Kahn e Wiener possui, portanto, duas formas de apropriação da história: uma, como elemento instrutivo e heurístico, outra, como extrapolação das tendências. A questão, então, que cabe, é entender até que ponto existe algum rigor ou possibilidade científica na proposta futurista quando pensa o futuro como continuidade do passado, ou quando utiliza este como exemplaridade para aquele. A aproximação maior com algum critério científico mais preciso está no processo de identificação de tendências – a tendência múltipla – e na sua extrapolação – projeção livre de surpresas – que resultaria, então, no mundo padrão e nas variações canônicas. Nesse sentido, a previsão do futuro se assemelha à previsão científica, tal como Hempel demonstra.

5.2.1. A apropriação científica da história: a tendência múltipla

Em seu texto, *A função das leis gerais*, de 1942, Hempel mostra, entre outras coisas, como seria possível uma previsão científica em história. O filósofo alemão inicia contrariando a idéia corrente de que as leis gerais não são importantes à história. O autor define lei geral como: "uma afirmação de forma condicional e universal capaz de ser confirmada ou infirmada por meio de adequadas descobertas empíricas"[644]. Porém, afasta-se da idéia de lei, por ela guardar uma aparência de que a afirmação é bem confirmada. Frente a isso, prefere o conceito de hipótese universal, a qual se baseia na seguinte regularidade: "em todos os casos em que um evento de tipo C ocorra em determinado lugar e tempo, um outro evento do tipo E ocorrerá num lugar e num tempo de modo típico relacionados com o lugar e o tempo da ocorrência do primeiro evento"[645].

---

[643] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 345-346.
[644] HEMPEL, Carl G. A função das leis gerais. In.: GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. p. 422.
[645] Ibid., p. 421-422.

A partir do conhecimento das condições de manifestação de um evento é possível, então, realizar, dentro da ciência empírica, a previsão científica, que consiste "em deduzir uma afirmação acerca de um certo evento futuro de afirmações que descrevam certas condições já conhecidas (…)"[646]. Dessa forma, a previsão científica segue a mesma estrutura que a explicação científica, baseando-se, portanto, em hipóteses universais. Porém, enquanto na explicação conhece-se o evento final e buscam-se suas causas, na previsão, conhecem-se as causas e busca-se o evento[647]. Todavia, na história – assim como nas ciências naturais – a explicação de qualquer evento pela sua individualidade única não tem como ocorrer, pois descrevê-lo assim exigiria o relato de todas as características manifestadas pelos aspectos que cercam o objeto em análise. Destarte, não há como dar conta de todos os "Cs" da hipótese universal, ou seja, de todas as causas que condicionaram o evento[648].

Esse problema da explicação, aplicado também à história, condiz com um problema do futurismo e da previsão, a saber, a questão da impossibilidade de prever os acontecimentos únicos. Contudo, Kahn e Wiener não apontam que isso aconteça por não se conseguir conhecer todas as causas, mas por não poder prever a contingência futura. Porém, a contingência futura se torna um problema por poder – e trazendo para linguagem de Hempel – impor novas condições, impedindo, assim, estabelecer a regularidade da hipótese como universal.

A saída para esse problema é semelhante em Hempel e em Kahn e Wiener. Primeiramente, o filósofo alemão argumenta que há uma dificuldade à explicação histórica recorrer a leis gerais já que não consegue reunir todas as causas necessárias para a explicação do fenômeno. Assim, ao invés de leis gerais, a história poderia recorrer a hipóteses probabilísticas[649]. Se pensarmos na questão da previsão aliada à possibilidade de hipóteses probabilísticas, temos uma previsão probabilística e científica, que não fornece, de fato, um evento final, mas probabilidades de eventos. É o que Kahn e Wiener propõem ao defender a possibilidade de aposta em certa configuração do futuro.

Ainda, segundo Hempel, as explicações em história também poderiam tender a esboços de explicação. Esboço é entendido como uma indicação vaga das leis e causas que são consideradas relevantes. Para torná-lo uma explicação é preciso, então, um "enchimento",

---

[646] HEMPEL, C.G., 1995, p. 425.
[647] Ibid., p. 425-426.
[648] Ibid., p. 423-424, 427-428.
[649] Ibid., p. 428-429.

que seriam pesquisas empíricas orientadas pelo esboço[650]. Pensando, então, o futurismo, a tendência múltipla funcionaria como esse esboço, que forneceria a base para o desenvolvimento da explicação – a experiência do século XX – e da previsão.

Hempel entende, relacionada à explicação, a interpretação dos fenômenos históricos, os quais, na forma científica, estão inseridos em uma explicação ou esboço de explicação[651]. Sendo assim, a descrição de algum evento não é a descrição de tudo que ocorreu até ele, mas a dos eventos mais relevantes, que não resultam, conforme o filósofo alemão, de juízo de valor, mas sim de uma análise causal baseada em hipóteses universais[652]. Esse conjunto de esboço, fenômenos históricos e descrição baseada nas hipóteses universais nos permitem pensar, então, a continuidade histórica.

Entendendo a tendência múltipla como o esboço que permite a compreensão dos fenômenos históricos, é possível, por meio de hipóteses probabilísticas, pensar o desenvolvimento até o ano de 1967 e, então, prevê-lo até o ano 2000. Há, portanto, algo semelhante a um silogismo histórico, pois se pensa o desenvolvimento de forma explicativa até 1967 e, então, a partir de hipóteses probabilísticas retiradas desse desenvolvimento, prevê-se até o ano 2000. Há, ainda, nesse sentido, uma nuance na proposta futurista. Pensando a questão factual, os autores constroem a explicação e a previsão científicas baseadas somente no século XX. Contudo, Kahn e Wiener não se restringem a um esboço de explicação, pois pensam o desenvolvimento da tendência múltipla conforme diversas teorias e, então, desenvolvem um conjunto de esboços – no caso, os diversos padrões de evolução da história – para pensarem os prováveis desenvolvimentos e as possibilidades de fenômenos. Dessa forma, tem-se a primeira utilização da metáfora heurística.

No entanto, a referência a aspectos factuais não se restringe ao século XX, sendo que a referência a outros momentos históricos, assim como ao próprio século XX em alguns momentos, dá-se por meio do outro uso da metáfora heurística, o que nos conduz, então, a outra forma de relacionamento do futurismo com a história.

5.2.2. A apropriação não científica da história: a metáfora heurística e os cenários

Os futuristas insistem, ao longo do livro, na mudança constante e nos fatores desconhecidos, que poderiam tornar qualquer previsão ou planejamento incerto e até mesmo

---

[650] HEMPEL, C.G., 1995, p. 429-430.
[651] Ibid., p. 433.
[652] Ibid., p. 434.

equivocado. Seguindo a análise científica anterior e o argumento dos futuristas, esse erro no planejamento poderia advir de um mau conhecimento sobre o que se planeja e prevê, ou seja, um conhecimento incompleto de todas as condicionantes envolvidas no processo. Porém, mesmo que esse problema fosse vencido, Kahn e Wiener acreditam que a contingência futura poderia se impor. Como forma de vencer isso, os autores defendem os planejamentos flexíveis e que consideram diversas possibilidades, e a maneira que encontram para realizar isso é a metáfora heurística e os cenários.

A idéia heurística era recorrente no discurso de Kahn. Uma vez, querendo ilustrar um ponto, Kahn contava um episódio da II Guerra, quando foi interrompido por um general, que dizia que o episódio não havia ocorrido daquela maneira, já que presenciara o narrado. Kahn então respondeu que, no fim das contas, não importava, para os seus propósitos, o que tinha acontecido de fato, mas que, se a coisa tivesse ocorrido tal como ele expusera, o ponto em questão estava ilustrado[653]. Os cenários estão repletos desse elemento heurístico, mas, mais que isso, de um elemento ficcional. Se até a elaboração do mundo padrão existiu uma preocupação com critérios que pudessem ser baseados e derivados do conhecimento objetivamente histórico, os cenários praticamente não recorrem a isso.

Assim, os cenários são essencialmente exercícios de imaginação que partem de situações presentes ou passadas. Esse elemento imaginário era reconhecido pelos autores, por exemplo, ao defenderem o método cenário contra críticas que o associavam a alguém paranóico e desconfiado, pois era dedicado a ficar imaginando crises e conflitos. Kahn e Wiener o defendem, argumentando que essas previsões estavam associadas a acontecimentos do mundo real, sendo obrigação do analista conhecer as maneiras pelas quais os processos poderiam se desenvolver. Portanto, se houvesse algum grau de paranóia, era algum plausível[654]. Outra defesa que os autores fazem do cenário também deriva do elemento imaginativo, já que, segundo alguns argumentos, o cenário poderia se afastar da realidade. Frente a isso, Kahn e Wiener argumentam que o cenário não é preditivo, pois ele aborda o futuro, que é desconhecido. Justamente por isso não dá para falar de uma realidade de forma fixa para afirmar que o cenário foge dela. Além disso, os futuristas entendem os cenários aparentemente não realistas como uma maneira útil para limitar o que poderia vir a ser a realidade[655]. Assim, o elemento imaginativo está totalmente presente nos cenários, já que, conforme os futuristas, "a imaginação sempre foi um dos principais meios utilizados para

---

[653] GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 76.
[654] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 263-264.
[655] Ibid., p. 264.

lidar, de várias maneiras, com o futuro; e o cenário é simplesmente um dos muitos dispositivos úteis para estimular e disciplinar a imaginação"[656].

Portanto, por mais que, na introdução de Bell e ao longo do livro, exista um afastamento do futurismo em relação à ficcionalização, na defesa dos autores sobre o cenário, há um elemento ficcional que pode aparentar alguma assemelhação entre a ferramenta e o gênero de ficção científica e especulativa[657]. Há, ao longo do livro, diversas referências à ficção científica e aos seus autores, além de diversos pontos semelhantes, como as especulações sobre as tecnologias futuras[658]. Além disso, como João Adolfo Hansen mostra, no gênero de ficção científica e especulativa, a principal característica é "a especulação sobre os limites da noção de 'real'"[659]. Essa é, para os futuristas, uma questão também da especulação do futuro e, os cenários, então, ajudam a delimitar esse campo do real.

Sendo assim, o critério de verossimilhança do cenário está em como ele se relaciona com o presente e com o passado, para, então, parecer plausível. Porém, conforme Kahn e Wiener, não se deveria buscar somente a plausibilidade, já que existe o elemento surpreendente do futuro[660]. Para vencer esse elemento surpreendente, então, os autores recorrem à metáfora heurística – agora para pensar os eventos particularmente.

Com isso, os futuristas retomam a articulação das temporalidades, não mais somente como continuidade, mas também como metáfora heurística. O futuro é um tempo de problemas que nascem do presente, o qual, por sua vez, deriva do passado. Dessa forma, o passado, tal como no prognóstico racional dos séculos anteriores, serve como exemplaridade que, contudo, não precisa ser fidedigna à história[661]. Assim, alinha-se o passado com o futuro,

---

[656] Tradução parcialmente nossa, parcialmente da edição nacional. KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 264; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1968, p. 326.

[657] Essa questão do realismo do cenário foi analisada por Ghamari-Tabrizi na obra inicial de Kahn. Cf. GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 165-174, 297-298 e ao longo do livro. E, segundo Causo, a ficção científica é uma das partes da ficção especulativa, cf. CAUSO, Roberto de S. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil** (1875-1950). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

[658] Além do mais, a comparação não é de toda infundada, pois Kahn teve contato com a ficção científica desde a infância, Cf. GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 61, 76.

[659] CAUSO, R. de S., 2003, p. 15.

[660] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 264.

[661] No caso do passado, temos a já comentada *historia magistra vitae*, a qual se prolongou pela Europa, fazendo a história servir como um elemento de exemplo e de dissuasão. Isso aparece no episódio de Kahn e o militar, ou mesmo em um episódio, citado por Koselleck, no governo prussiano do século XIX. Um dos funcionários do Ministério das Finanças defendia a impressão de papel-moeda para pagar as dívidas. Então, o historiador da dinastia Hohenstaufen interveio, relembrando a lição de Tucídides sobre o malogro de atitude semelhante em Atenas. Frente ao argumento, o funcionário reviu seu posicionamento. Todavia, nunca existira papel-moeda em Atenas. KOSELLECK, R., 2006, p. 41. É importante ressaltar que essa questão da metáfora heurística pode ser discutida de forma ainda mais ampla, a partir da construção da história a partir de suportes da memória, cf. MARTINS, E.C. de R. Enigma do passado: construção social da memória histórica. **Textos de história**, v. 15, n.1/2, 2007.

ambos servindo como uma forma de justificar ações presentes. Portanto, além do peso da história como exemplaridade, temos, ainda, o uso da metáfora heurística, a saber, a criação de um cenário – passado ou futuro – não necessariamente "real", que serve como ilustração e exemplo.

Há, portanto, na utilização de um cenário – histórico ou futuro – um aspecto questionador e, às vezes, dissuasivo. Ao argumentar que, por exemplo, as nações menos desenvolvidas podem desenvolver alguma espécie de auto-sustentabilidade, questões surgem, como: é interessante deixar que isso aconteça? Qual seria a influência, então, das potências sobre esses países? Como isso abalaria o equilíbrio de poder entre URSS e EUA? E, em maior grau, é interessante, portanto, deixar de tentar intervir nesses países e, com isso, arriscar criar um mundo mais introspectivo, abalando a coexistência tal como os autores concebem? Frente a essas questões, montam-se cenários que ilustram os possíveis desenvolvimentos e que recorrem aos exemplos heurísticos do passado, tudo visando um campo alargado de possibilidades para a manipulação do presente. Assim, é possível cogitar que as intenções políticas presentes se travestem de exemplaridade histórica e, então, de planejamento e especulação sobre o futuro.

5.2.3. A síntese das duas formas

O futurismo proposto por Kahn e Wiener pode funcionar, então, como uma espécie de extrapolação histórica. Como vimos, a história tem dois sentidos: 1) a sucessão dos acontecimentos humanos e 2) o estudo sobre essa sucessão. O futurismo, todavia, como continuidade da história, não possui essa distinção, pois a sucessão sobre a qual se debruça não existe, nem existiu. Seu estudo parte da sucessão histórica e pensa possíveis desenvolvimentos para ela. Assim, os autores baseiam-se em uma visão de história que permite sintetizá-la como: "o estudo de como chegamos até aqui". Sendo assim, o futurismo seria: "o estudo de como iremos a partir daqui". Logo, a história aparece como elemento importante ao futurismo, para delinear, no mínimo, o desenvolvimento macro-histórico e estrutural: o mundo padrão, a projeção livre de surpresas e as variações canônicas.

Os cenários, em oposição ao mundo padrão, seriam as ferramentas para se pensar as outras possibilidades e as possíveis relações causais entre os acontecimentos. Dessa forma, os cenários são pontos de decisão que repercutem não apenas como acontecimentos isolados com efeitos únicos, mas também como pontos de possível alteração das tendências. Assim, por mais que sejam acontecimentos específicos e pontuais, eles só modificam a estrutura.

Portanto, não é a questão de prever somente um acontecimento isolado, mas de perceber possíveis pontos que poderiam causar alguma viragem na estrutura dos acontecimentos. Dessa forma, ao falar das possibilidades futuras de guerra e ilustrarem-nas ficcionalmente como um desenvolvimento da do Vietnã, ou da questão alemã, os autores cogitam um estopim para um conjunto de acontecimentos que, independente da forma, perturbaria as tendências de uma forma probabilística. Assim, independente do acontecimento, a mudança sempre seria estrutural e, nesse campo, ela estaria limitada probabilisticamente.

Todavia, a ação política que decorre do planejamento só pode corrigir ou direcionar a estrutura por meio dos acontecimentos e, por isso, o cenário aparece como forma de previsão e especulação para delinear as políticas gerais. É somente a partir das atitudes pontuais em cima de acontecimentos alocados em categorias de alteração das tendências que os futuristas podem pensar, realizando aquele tipo de ponderação que é própria da atividade de planejar. Por isso que o planejamento precisa ser revisto constantemente, pois uma vez concluído, faz-se necessário um novo para a nova situação.

Porém, há, ainda, uma questão crucial: a possibilidade da ficcionalização não se limitar à construção dos cenários como elementos ilustrativos de acontecimentos e invadir a própria idéia sobre o futuro, rompendo com a simples extrapolação das tendências históricas.

5.3. A característica progressista do futurismo de Kahn e Wiener

5.3.1. O progresso

Uma das imagens atreladas à ficção científica é a profética. O gênero literário, por estar associado à ciência, atrai para si alguns mitos dela e cria outros, assentados nos mitos anteriores[662]. Então, adquirindo a característica de verossimilhança[663], a ficção científica cria para si o mito da profecia, que trata da situação futura da ciência, assim como do futuro da humanidade em contato com ela[664]. Essas histórias do futuro apresentam tanto visões otimistas e idealizadoras, quanto pessimistas[665]. A visão idealizadora associada à ficção

---

[662] SKORUPA, F. A. **Viagem às letras do futuro:** extratos de bordo da ficção científica brasileira (1947-1975). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002, p. 104-106.
[663] Aparência de que as histórias narradas têm um quê de verdade e de real ou de possibilidade de real. SKORUPA, F. A., 2002, p. 84-91.
[664] SKORUPA, F. A., 2002, p. 108, 156-158, 175-177.
[665] Ibid., p. 180

científica e, então, a um possível desenvolvimento da ciência, é indicativo de um elemento compartilhado entre a ciência e o gênero literário: o progresso científico. Dessa forma, "tentar visualizar, antever, projetar, planejar ou especular sobre o futuro do homem junto à ciência, é uma tarefa ou brincadeira atribuída, de modo geral, à ficção científica"[666]. Porém, como foi mostrado desde a introdução de Bell, a intenção da proposta futurista é também visualizar, antever, projetar, planejar e especular sobre o futuro do homem, mas não somente em contato com a ciência e não mais como uma brincadeira. Além disso, a idéia de progresso não se restringe apenas ao aspecto científico.

É difícil falar do progresso dissociado do conceito de Filosofia da História. O termo Filosofia da História foi pensado por Voltaire e utilizado para distinguir uma nova visão de história. Como Löwith mostra, na obra *Ensaio sobre os métodos e o espírito das nações*, de 1756, Voltaire afasta a vontade de Deus e a providência divina da história, dando espaço à vontade humana e à razão[667]. Desse modo, o período mais profícuo para o surgimento de tais filosofias foi o final do século XVIII e início do XIX, acompanhando o Iluminismo[668].

A Filosofia da História, tal como se pretende, autoriza seu entendimento tanto como um trabalho e um estudo históricos, quanto como uma forma de se afirmar o futuro. Löwith entende Filosofia da História como "o sentido de uma interpretação sistemática da história universal de acordo com um princípio segundo o qual os acontecimentos e sucessões históricos se unificam e dirigem para um sentido final"[669]. Para Dray, a Filosofia da História busca, na história, no curso dos acontecimentos, uma significação, um padrão[670]. Bodei, por sua vez, "define"[671] como "a promessa de desvendar o curso dos acontecimentos passados e as metas futuras"[672]. Pecoraro, por fim, identifica como o elemento essencial das Filosofias da História a questão do sentido e da finalidade da história[673]. Percebe-se, portanto, nas quatro definições, dois pontos básicos em comum: 1) que as Filosofias da História tendem para um ponto, dão um sentido à história, e, portanto, 2) que elas buscam unificar e entender os

---

[666] SKORUPA, F. A., 2002, p. 175. Não à toa as obras de Julio Verne foram chamadas, em sua época, de Antecipação, SKORUPA, F. A., 2002, p. 24.
[667] LÖWITH, K., 1991, p. 15; PECORARO, Rossano. **Filosofia da história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 7.
[668] Deixando de lado toda a discussão que considera a filosofia da historia, ou pelo menos a busca do sentido para a história, um fenômeno anterior à modernidade, Cf. PECORARO, R., 2009; Cf. BODEI, R., 2001; Cf. LÖWITH K., 1991.
[669] LÖWITH K., 1991, p. 15.
[670] DRAY, W. H., 1977, p. 19.
[671] Bodei não apresenta uma definição para Filosofia da História, porém, é possível inferir que quando ele fala que se duvida, atualmente, das possibilidades que as Filosofias da História apresentam, ele acaba, indiretamente, dando uma definição sintética do que entende como Filosofia da História.
[672] BODEI, Remo. **A história tem um sentido?** Bauru: EDUSC, 2001. p. 13.
[673] PECORARO, 2009, p. 7-9.

acontecimentos de acordo com esse sentido. Löwith e Pecoraro são os mais claros nessa última definição, ao falar de *história universal*[674]. Ou seja, que todos os acontecimentos do mundo tendem a um fim comum.

O elemento essencial nas Filosofias da História modernas é o progresso, o qual resulta da secularização e funciona como uma substituição da Providência Divina, trocando o Juízo Final pela confiança na razão e no esforço humano. Esses dois fatores permitiram, então, a crença no progresso da civilização humana em direção a uma situação melhor, livre de preconceitos e reflexo de um homem emancipado[675]. Portanto, haveria uma lei do progresso, constituída por fases sucessivas de desenvolvimento que existiriam ao longo da história, sendo umas superiores às outras. Frente a essa busca pelo progresso, caberia, então, a intervenção racional visando a transformação, ligando-se, assim, o desenvolvimento da razão, o aperfeiçoamento humano e a construção de uma sociedade mais feliz[676].

A análise de Koselleck nos ajuda a entender melhor as nuances dessa visão. Conforme o historiador alemão, essa nova consciência do tempo misturou elementos de política (logo, prognósticos) com profecias redentoras. O progresso, então, foi o elemento que deu à Filosofia da História essa dupla face. Isso aconteceu, pois o progresso tem duas características: a aceleração e o caráter desconhecido. A aceleração, como já foi exposto, reduz a experiência e tira, portanto, sua continuidade, já que elementos novos e desconhecidos continuamente surgem. Com isso, o progresso rompe com o tempo prognosticável, baseado na experiência tradicional, forçando, por sua vez, novos prognósticos, de longo prazo. Isso acontece, pois a aceleração do tempo também suga do presente a possibilidade dele se experimentar como tal, uma vez que ele se volta para o futuro, só sendo recuperado em função da Filosofia da História. Ou seja, a aceleração do tempo se torna alvo do planejamento temporal realizado no presente[677]. Como nos é mostrado por Koselleck, a partir de Lessing, quando este fala do filósofo profeta característico do século XVIII: "Ele quer acelerar esse futuro, deseja ser ele próprio capaz de acelerá-lo, (…) pois que proveito teria se aquilo que ele considera ser o melhor não se tornar o melhor ainda em seu tempo de vida?"[678].

A partir dessa aceleração, como Koselleck demonstra, surgiu a alternância entre reação e revolução. O termo revolução, aplicado à história, liberta-a em direção a um futuro

---

[674] PECORARO, R., 2009, 2009, p. 10.
[675] PECORARO, R., 2009, p. 22-27; DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**: ou progresso como ideologia. São Paulo: UNESP, 2006, p. 43-44.
[676] NASCIMENTO, Maria da Graça S. Apresentação. In: CONDORCET. **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Campinas: Unicamp, 1993, p. 8-15.
[677] KOSELLECK, 2006, p. 35-37.
[678] LESSING, *Gesammelte Werke,* 1858, p. 423, apud KOSELLECK, 2006, p. 37.

desejado, destruindo, contudo, a reação, afastando-a, conforme se faz. A partir dessa idéia, surgiu uma finitude ainda não realizada, mas sempre em vias de se realizar. Assim, desde então, foi possível transpor para a história ficções de sociedades ideais e praticamente eternas[679]. Esse fim determinado que os personagens históricos buscariam produz, portanto, um processo histórico que independe do olhar dos contemporâneos e, por isso, cria a necessidade de um prognóstico de longo prazo e histórico, indo além do prognóstico racional e político[680]. A Filosofia da História inaugurou, portanto, um tempo exclusivamente histórico, rompendo com o tempo natural e o dinástico. O tempo era, agora, orientado pelo progresso, categoria própria da história e que escapava da natureza. A história deixava de ser um instrumento de aprendizado para ser um instrumento que impulsionaria o todo a um futuro melhor, pois a experiência completa é passada e a do futuro se apresenta amplamente variável no tempo. Não haveria mais como o futuro se assemelhar ao passado. Com isso, demolia-se, portanto o passado como experiência e abria-se um futuro passível de ser planejado, já que não era um futuro conhecido[681].

Deparamo-nos, então, com uma característica essencial da obra de Kahn e Wiener. A proposta futurista inicial aproxima-se dos prognósticos racionais. Todavia, o problema que tem sido alvo dos autores, desde o início do livro, é o planejamento a longo prazo. Koselleck entende que tais planejamentos surgem atrelados à idéia de progresso e às Filosofias da História típicas do século XVIII. É possível compreender, por exemplo, que o planejamento proposto em *O ano 2000* visa alterar, "revolucionar" a realidade presente em direção a um futuro desejado. O planejamento intenta saber o que é melhor e optar por este – ou evitar o pior. Com isso, pode-se criar uma trajetória rumo ao desconhecido e ao novo, já que o melhor é algo concretamente inédito.

Então, por mais que a tendência múltipla não seja inerentemente progressiva, ao se conhecer seus possíveis desenvolvimentos, intenta-se ou buscar os melhores desenvolvimentos, ou evitar os piores ou mesmo minimizá-los. Mas, ao fazer isso, o que se está fazendo é criando uma situação melhor do que poderia ser. Cai-se, portanto, em um processo progressivo não linear. Porém, essa situação só seria alcançada a partir da utilização de exemplos históricos. Tal dilema já ficou evidente na coexistência dos prognósticos – assentados na história como instrução – com as profecias – essencialmente escatológicas – na Filosofia da História, que é a visão histórica que caracteriza a modernidade.

---

[679] KOSELLECK, 2006, p. 37.
[680] Ibid., p. 38.
[681] Ibid., p. 51-59.

Assim, Kahn e Wiener parecem estar oscilando dentro de duas tradições que se excluem a partir do advento da idéia de progresso. Contudo, a idéia da história não se repetir, mas se parafrasear resolve, pelo menos dentro da proposta futurista, a contradição. Pois, por um lado, corrobora com a crença de um futuro sempre novo, porém, semelhante, de alguma forma, ao passado – ou às ficções sobre ele – já que resulta de ações humanas. Essa semelhança, por outro lado, é o que permite a visão exemplar, pois é um passado que instrui ou à "repetição" ou a uma nova forma. Não é, destarte, um futuro ciclicamente pronto, mas é um futuro que se acelera constantemente e depende das escolhas e ações humanas.

Então, por mais que os futuristas recorram a visões cíclicas, não formulam uma visão cíclica inexorável e inerente a um movimento histórico que foge dos homens, mas crêem que os ciclos se manifestam de alguma forma, apesar de estarem sob o efeito da secularização. Os homens parecem estar submetidos a ciclos, ou a possibilidades semelhantes, todavia, se assim estão, é por sua própria vontade. Uma vez que podem se conscientizar disso e conhecerem, então, os resultados de suas escolhas, eles podem alterar os ciclos e, portanto, desviá-los num sentido ascensor, progressista. Contudo, isso não elimina a história como um manancial de exemplos, já que não são exemplos fechados, mas passíveis de imaginação e de serem usados heuristicamente. Com isso, desenvolve-se a capacidade humana de controlar e manipular o destino, a qual Kahn e Wiener pensam a partir de uma personagem recorrente para representar a modernidade: Fausto.

5.3.2. O planejamento e o drama fáustico

Kahn e Wiener referenciam a lenda de Fausto, como uma metáfora da situação do homem moderno[682], para ilustrar as conseqüências da tendência múltipla. Deixando de lado os diferentes tratamentos dessa lenda por vários autores em diferentes momentos, os futuristas citam que as duas apropriações mais populares – a de Marlowe e a de Goethe – fornecem, no mínimo, uma compreensão poética dos problemas que querem apontar. Assim, assentam-se na versão de Goethe, a qual, conforme Kahn e Wiener, guarda a ambigüidade e a complexidade poética que ergueram a lenda ao nível de arquétipo ou mito. No conto, Fausto

---

[682] Essa referência não é novidade, pois vários autores também recorrem à história de Fausto para ilustrar a questão da modernidade. Spengler, por exemplo, chama a sociedade ocidental de fáustica. Smith demonstra como os cientistas relacionados às descobertas atômicas também se identificavam com a peça: SMITH, P.D., 2008, p. 203. Berman, ao analisar a modernidade, também o faz em comparação à história contada por Goethe. BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 50-108.

vende sua alma ao diabo para adquirir conhecimento, poder, riqueza e mulheres – típicos objetivos Sensate[683].

Frente a esse diagnóstico, Kahn e Wiener explicam que o objetivo do conhecimento pragmático, empírico, portanto, Sensate, é controlar mais que compreender a natureza. Pretende, portanto, entendê-la instrumentalmente e de forma manipuladora ao invés de empaticamente, normativamente ou miticamente. Tal conhecimento é uma ferramenta não para o filósofo, mas para o *homo faber*, o homem que é o fabricador, que joga com o destino para apoderar-se das raras oportunidades que podem nunca ocorrer novamente. O homem faustiano, ou *homo faber*, é mais secular e profano do que teológico, filosófico e teórico[684].

Conforme os futuristas, a história do Fausto medieval enfatizara a distinção entre o sagrado e o secular, entre o corpo e a alma. Fausto estava preso ao seu acordo e tentava, inutilmente, arrepender-se na cena da morte. A lição, dessa forma, para os futuristas, é clara: alguém pagará um preço muito alto pelo poder mundano e o arrependimento após a punição será aparentemente tardio. Assim, para Kahn e Wiener, os mitos de Prometeu e Ícaro – e até mesmo o da maçã na árvore do conhecimento – também expressam temores sobre a potencial conseqüência de lutar pela proeza de transcender as limitações humanas e subjugar as forças da natureza[685].

Mas, para os autores, o Fausto de Goethe sugere algo mais complexo. Aqui está a barganha que ele faz com o diabo:

> **Mefistófeles**: Em tal sentido podes arriscar-te/ Obriga-te, o hás de nesses dias ver/ Com gosto o cimo de minha arte/ Dou-te o que nunca viu humano ser.
> **Fausto**: Que queres tu dar, pobre demo?/ Quando é que o gênio humano, em seu afã supremo,/ Foi compreendido pela tua raça?/ Mas, possuis alimento que não satisfaça/ Rubro ouro que nas mãos já se desfaça/ Como mercúrio, jogo estranho,/ Perdido sempre e jamais ganho,/ Mulher que há nos braços meus,/ Piscando o olho, outro a si atrai;/ Da glória o dom, prazer de um deus,/ E que, a um meteoro igual, se esvai?/ Mostra-me o fruto, podre antes que o colha,/ E a árvore que de dia em dia se renova!
> **Mefistófeles**: De tais bens posso dar-te a escolha,/ E põe-me o encargo a fácil prova./ Mas, caro amigo, o tempo ainda virá/ De em calma saboreares o prazer.
> **Fausto:** Se eu me estirar jamais num leito de lazer,/ Acabe-se comigo, já!/ Se me lograres com deleite/ E adulação falsa e sonora,/ Para que o próprio Eu preze e aceite,/ Seja-me aquela a última hora!/ Aposto! e tu?
> **Mefistófeles:** Topo!
> **Fausto:** E sem dó nem mora!/ Se vier um dia em que ao momento/ Disser: Oh, pára! és tão formoso!/ Então algema-me a contento,/ Então pereço venturoso!/ Repique o sino derradeiro,/ A teu serviço ponha fim,/ Pare a hora então, caia o ponteiro,/ O Tempo acabe para mim![686].

---

[683] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 409-410.
[684] Ibid., p. 410.
[685] Ibid., p. 410.
[686] GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1981, p. 82-83; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 410-411.

Conforme os futuristas, esse acordo de Fausto se reflete quando ele constrói uma nova área, na qual as pessoas podem encontrar uma nova vida, no qual pântanos são drenados e diques construídos para conter o mar. Ele, então, alegra-se que os diques nunca serão perfeitos, já que "À liberdade e à vida só faz jus,/ Quem tem de conquistá-las diariamente"[687]. Assim, os autores concluem que Fausto é menos imoral do que amoral. Ele tende mais à indiferença com o destino daqueles que ficam em seu caminho do que à brutalidade. As ações brutais são realizadas pelos agentes do Fausto sem o seu conhecimento. Contudo, Fausto não se opõe especificamente à brutalidade, como se evidencia, conforme Kahn e Wiener, no episódio em que um velho casal é cruelmente despejado de sua propriedade, ainda que aquela propriedade não fosse essencial para seu esquema[688]. Eles estão em seu caminho e, como uma força da natureza, Fausto não faz caso deles[689].

Kahn e Wiener, partindo dessa alegoria, acreditam que o homem estava, cada vez mais, desenvolvendo um poder enorme para mudar seu próprio ambiente – não apenas o mundo exterior, mas também sua própria psicologia. A visão secular humanista dominante via nisso o "progresso" – e os autores concordam que não seria mais desejável, nem possível, tentar deter ou reverter esse processo. Contudo, Kahn e Wiener argumentam que esse poder humano sobre a natureza poderia se tornar a força da natureza que estaria fora de controle. Exemplo disso, para os futuristas, eram as estruturas sociais que obscureciam e frustravam não apenas os objetivos humanos, mas também as várias reações desarticuladas ou ideológicas contra o processo. As frustrações, como vimos ao longo de todo processo histórico delineado pelos autores, nasceu da própria ação humana. Assim, para Kahn e Wiener, as décadas finais do século XX testemunhariam um poder tecnológico e econômico capaz de mudar o mundo radicalmente. Porém, não haveria muita habilidade para reprimir os esforços, quanto mais entender ou controlar os resultados das mudanças que os homens fariam. Então, os futuristas defendem que os homens deveriam aprender como ter uma vantagem completa com o sucesso tecnológico crescente e como enfrentar suas responsabilidades. Caso isso não ocorresse, a humanidade poderia estar trocando um conjunto de encadeamentos – impostos pela natureza – por outro, ostensivamente feito pelos homens, mas de forma mais profunda – tal como Fausto[690].

---

[687] GOETHE, J. W. von., 1981, p. 436; KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 411.
[688] O episódio dos velhos e dos diques, Cf. GOETHE, J.W. von., 1981, p. 419-437.
[689] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 411-412.
[690] Ibid., p. 412.

Para os autores, é possível tirar uma lição disso: se é desejável e útil ter o domínio sobre a ação social, a qual poderia levar a resultados não antecipados ou indesejados, isso poderia não ser suficiente. Dado o vasto aumento de poder do homem sobre seu ambiente e, em particular, dadas as oportunidades sem precedentes para centralização do controle social, que seguem as mudanças econômicas e tecnológicas presentes e futuras, os efeitos das políticas sociais – planejadas ou fortuitas – possivelmente cresceriam drasticamente, assim como as conseqüências dos erros. Sendo todas as decisões irrevogáveis, esse fato deveria ser apreciado cada vez mais como um aspecto que se tornaria, pouco a pouco, dominante em todas as decisões políticas[691]. Ou seja, o planejamento cresceria como a atividade humana que poderia controlar o caos que as outras atividades humanas criariam, inclusive o próprio planejamento. Processo semelhante já ocorrera, como vimos, quando da intervenção do Estado liberal para normatizar a economia.

Dessa forma, Kahn e Wiener entendem ser proveitoso tentar desenvolver a compreensão das possibilidades futuras e das conseqüências a longo prazo das políticas alternativas. Porém, para os futuristas, o problema é, no fundo, mais difícil, e esses esforços podem nunca inteiramente obter sucesso. Assim, a única proteção que restaria seria tentar, de forma geral, moderar os impulsos fáusticos de sobrepujar o ambiente e tentar diminuir a centralização do poder político, econômico e tecnológico. Ou, ainda, arranjar uma maneira que a centralização desses poderes fosse posta nas mãos de pessoas que respeitariam seu potencial e não o centralizariam mais. O necessário, de forma geral, na opinião dos futuristas, seria um respeito pelo mundo e pela divergência e diversidade, devendo haver, sobretudo, um comprometimento com a perpetuação das instituições que protegem a liberdade de escolha humana. Porém, essa liberdade não se restringiria aos indivíduos e aos grupos de hoje, mas também àqueles que no futuro poderiam experienciar seus problemas diferentemente. Assim, não caberia ao presente fechar portas e alterar o mundo natural e social de forma irreversível, mas dar a possibilidade de, no futuro, poder-se, então, escolher outros caminhos[692]. Ou seja, o futuro tem que ser planejado de forma a permitir que seja planejado, ou seja, que haja futuro passível de intervenção humana. Logo, o planejamento deve criar mais de si.

Contudo, por mais que exista, no homem, força e disposição natural para o controle, os autores não acreditam que os processos decorrentes da tendência múltipla básica possam ser dominados. Então, o fazer o humano não poderia parar o ciclo, nem eliminar os elementos

---

[691] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 412-413.
[692] Ibid., p. 413.

beligerantes (a não ser com a eliminação do homem), restando, então, conforme os autores, esperar que eles sejam moderados. Assim como os economistas esperam evitar não todos os fenômenos dos ciclos de negócios, mas apenas suas cavas e depressões, o planejamento do futuro, conforme Kahn e Wiener, poderia alcançar o conhecimento e a inteligência adequadas para controlar os altos e baixos dos ciclos culturais. Portanto, argumentam que o homem poderia nunca estar completamente no controle do seu destino, porém talvez, no mínimo, ele poderia estar à altura do controle parcial[693].

Frente a essa questão do controle humano sobre sua própria capacidade, Kahn e Wiener afirmam que poucos possivelmente retornariam ao otimismo ingênuo do Iluminismo, que estabelecia a confiança racional no progresso histórico[694]. Então, como vimos ao longo da dissertação, o controle parcial do destino humano ocorreria através do planejamento do futuro. Parte desse planejamento faz-se pela relação com a história por meio da metáfora heurística, tanto para pensar padrões históricos e realizar, assim, uma extrapolação histórica, quanto por especulações mais imaginativas. É inegável, portanto, que a utilização da história existe, pois a futurologia acaba funcionando como uma contraparte dela: sua continuidade no futuro. E não é somente a história entendida como o passado, mas o conjunto de processos dos homens ao longo do tempo. Processos, esses, agora, que são feitos sob a égide do planejamento.

Como resultado do planejamento, os autores propõem uma revisão do progresso, trazendo-o novamente para o campo da ação humana. O progresso está atrelado, então, ao próprio fazer humano a partir do planejamento e da previsão, pois intenta-se uma sociedade que supostamente decorre do próprio desenvolvimento histórico e, então, planeja-se e desenha-se os meios para se chegar a ela. Revolucionam e aceleram, então, o tempo, em busca daquela sociedade ideal. Por isso que os autores dedicam tantas páginas aos cenários e mundos catastróficos, para que possam, com isso, concretizar o progresso não só buscando o melhor, mas também fugindo do pior.

Não há, portanto, um progresso inerente à história. Há um progresso em potencial, pois o desenvolvimento ao melhor depende da ação humana. A oportunidade da realização do melhor e do ideal não está, assim, morta na proposta de Kahn e Wiener. Pelo contrário, é apresentada sobre uma roupagem renovada. Ao planejar o futuro, ao considerar e ponderar as piores possibilidades, define-se, então, o melhor. Concretiza-se, assim a potencialidade

---

[693] KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 412.
[694] Ibid., p. 412.

fáustica do homem, que utiliza sua natureza de *homo faber*, manipuladora e fabricadora, para controlar seu destino e construir a si (e para si) mesmo o melhor.

CONCLUSÃO

Essa dissertação dedicou-se a buscar a visão de história na obra *O ano 2000*. Como vimos ao longo da dissertação, os autores pensam a história de duas maneiras. Primeiramente, como o conjunto de processos e fazeres humanos que conduziram até uma dada configuração, no caso, o ano de 1967. Nesse sentido, é uma macro-história, ou seja, desenvolvimentos longos e estruturais. A outra compreensão é a da história como exemplo heurístico para acontecimentos e eventos ou para conjuntos e séries destes. Porém, há algo de semelhante em ambas as compreensões: a metáfora heurística.

Como Kahn e Wiener deixaram claro, o que expuseram como o desenvolvimento histórico desde o século XI ou XII – a tendência múltipla – não está atrelado a nenhuma teoria da história, justamente por se basear em várias. Assim, o desenvolvimento da tendência múltipla, como a estrutura geral que comporta e forma os acontecimentos, é pensado conforme a metáfora heurística com diversas teorias da história. Em complemento a isso, para cogitar as possibilidades pontuais e processuais do desenvolvimento da tendência, assim como de seus desvios, os autores usam a metáfora heurística, agora pensada como a utilização de eventos passados, ou conjuntos deles, como exemplos para o futuro.

A história, portanto, aparece com uma dupla função: delinear as possibilidades de desenvolvimento geral da tendência e cogitar os possíveis desenvolvimentos pontuais e relativos aos eventos da tendência. Assim, a história serve como um substrato à especulação do futuro. Porém, até aqui falamos da visão dos futuristas da história como estudo da sucessão dos acontecimentos ao longo do tempo. Há, portanto, a questão da história como a sucessão dos acontecimentos.

Não é, então, somente de história que falamos, mas de como os futuristas concebem o próprio realizar humano, o qual não se restringe somente ao que passou, mas também ao que está por vir. Nesse sentido que os autores se mostram modernos e progressistas. O passado estrutura, explica, exemplifica e ilustra as possibilidades futuras, todavia, a partir do momento que realiza isso, cria algo novo, que é a sociedade pós-industrial e todas as contingências e imprevisibilidades do futuro que os autores tanto ressaltam. Portanto, a atividade futurista rompe com o conhecido ao não ver o passado como reprodutibilidade, mas como paráfrase para o futuro. E, ao planejar, visa ampliar o rompimento, pois intenta estabelecer situações melhores e, portanto, concretamente novas e desconhecidas – só atingidas, anteriormente, pela imaginação. Ou seja, busca realidades futuras e ideais, com a redução dos problemas e com a

implementação do melhor. Porém, esse melhor não existiria como um fim, sendo variável entre as gerações. Por isso, a atividade planejadora deveria sempre dar espaço para que ela mesma continuasse existindo e, com isso, pudesse dar oportunidade para as pessoas do futuro buscarem o que era melhor para elas. É por essa circularidade, aparentemente sem sentido, que a história pode não se repetir, mas se parafrasear.

No entanto, no *O ano 2000*, os autores apenas esboçam esse raciocínio, pois estão preocupados com o ano 2000, ou seja, com os 33 anos à frente de quando especulavam. Estão preocupados, portanto, com o que consideram melhor até aquele ano e, frente a isso, que desenvolvem um método e um conjunto de especulações, previsões e planejamentos.

Esta dissertação demonstra, portanto, que há, ainda, um vasto campo para percorrer sobre esses pensamentos acerca do futuro elaborados no século XX após a II Guerra, dentro do contexto que foi exposto. Existem, por exemplo, os trabalhos de Daniel Bell para serem mais bem analisados, ou mesmo toda a vertente futurista francesa. E há, obviamente, as outras obras de Herman Kahn e do seu instituto. Um indicativo da relevância desse pensamento é que Francis Fukuyama, autor dos controversos artigo e livro *O fim da história* (*e o último homem* – no caso do livro) atualmente é colaborador do Instituto Hudson[695].

Portanto, o futurismo não abdica da história, pelo contrário, utiliza-a. Então, como historiadores, temos a obrigação de estudar as visões que pensam e utilizam a ciência que estudamos e pela qual temos alguma responsabilidade. Porém, mais que isso: essas visões falam do futuro e, então, como pessoas destinadas a viver no ou a compor algum futuro, devemos conhecer o que é pensado e feito sobre ele. Essas relações entre história e planejamento já estão sendo feitas fora de nosso campo, como foi mostrado nessa dissertação, porém, também dentro da história, com exemplos mais recentes e não somente como desenvolvimento macro-histórico, mas como teoria, no sentido epistemológico.

Por exemplo, David J. Staley[696], em um artigo de 2002, para a *History and Theory*, intitulado *A history of the future*, entende que a elaboração de cenários pouco se diferencia da escrita da história.

Partindo de outro autor – W. Warren Wagar – Staley argumenta, baseando-se na visão pós-moderna, que a história é uma categoria narrativa e o historiador é, então, um narrador. Assim, o texto histórico seria somente modelos verbais que se reportam ao passado, constituindo apenas uma interpretação do passado, sem reproduzí-lo. Partindo disso, Wagar

---

[695] Cf: <http://www.hudson.org/learn/index.cfm?fuseaction=staff_bio&eid=FukuyamaF> , consultado em: 07/01/2010.

[696] Historiador do Departamento de História da The Ohio State University.

conclui que os historiadores, tomados pela teoria pós-moderna, assumem que somente criam textos sobre textos, os quais possuem diversas formas de leitura, sem, porém, recuperar ou reconstituir o passado real. Dessa forma, o passado seria tão inacessível quanto o futuro. Essas semelhanças existiriam, ainda, por eles serem parte de um mesmo contínuo e serem singulares – pois só existe um passado e um futuro. Portanto, a predição do futuro não seria algo maior do que recuperar o passado[697]. Staley complementa a visão de Wagar, argumentando que historiadores escrevem histórias disciplinadas – diferentemente dos ficcionistas – pois devem obedecer limites metodológicos que determinam os tipos de histórias que podem contar. Porém, como ele mesmo reconhece – e como vimos nessa dissertação – o cenário também segue um método, sem dispensar, contudo, o elemento imaginativo tal como, segundo Staley, é na história. Assim, o historiador americano vê semelhanças no modo de trabalhar, pois ambos – o método histórico e o futurista – começam por questionamentos, os quais podem ser amplos ou estreitos, abordar muitas ou poucas variáveis e, por fim, tratar de um tempo mais distante ou próximo. Eles podem, ainda, ter um recorte temporal, espacial e temático ou mesmo holístico[698].

Staley observa semelhanças, ainda, na questão das evidências. Para se trabalhar com o futuro, o pesquisador tem que mapear o objeto a partir de leituras, do que foi dito sobre e observar amplamente – inclusive consultando evidências do passado. Contudo, as evidências dependem do que está sendo procurado. Assim, tanto para o historiador, quando para o futurista, as evidências não existem *a priori*, mas dependem daquilo que eles buscam em suas pesquisas. Frente à contrariedade de que as "fontes" sobre o futuro não são nada além de fontes do presente, Staley argumenta que as do passado também são do presente. Portanto, os historiadores não estudam o passado, mas os objetos materiais e mentais dele, as partes do passado que existem no presente. Assim, a (re)construção do passado ou do futuro é apenas trabalhar em sentidos temporais opostos, ambos partindo do presente. Esse processo similar se daria, também, na percepção de padrões[699] – como vimos Kahn e Wiener realizando.

E, a partir daí, Staley desenvolve um argumento comparativo entre o futurismo – ou a história do futuro, como ele chama – com a história contra-factual do passado[700], algo que se assemelha muito com o que Kahn e Wiener defenderam, ou seja, pensar as diversas possibilidades. Porém, em Staley, não só as do futuro, mas também as do passado.

---

[697] WAGAR, W.W. ,"Past and Future," In: American Behavioral Scientist 42 (Nov./Dec. 1998), p. 366-367, apud STALEY, David J., 2002, p. 82.
[698] STALEY, David J., 2002, p. 82-83.
[699] Ibid., p. 83-85.
[700] Ibid., p. 85-87.

Desenvolve, ainda, a possibilidade de a história servir como exemplo de possibilidades para o futuro, tal como a metáfora heurística[701].

Não trouxemos esse exemplo de Staley para debatê-lo – apesar de acreditarmos que há muito que discutir – nem por concordarmos com ele como proposta para a história, mas para ilustrar como o campo de pesquisa futurista é interessante – e, talvez, importante – ao historiador. Esse interesse não nasce meramente da historicidade do fenômeno, mas também do compartilhamento teórico, já que a história serve como elemento para pensar a futuridade. Sendo a ciência do futuro uma ciência de ação no presente, a história, como ciência que trata do passado, também tem sua importância para o presente.

Como qualquer estudante aprende nos anos iniciais do curso, a história é um produto do presente. A ciência do futuro também não foge disso. Então, se por um lado, a história é um conhecimento dirigido pelas expectativas e tensões da atualidade, o planejamento do futuro também é realizado sob essas bases. Assim, todo planejamento futuro visa uma ação no presente. Desse modo – e conforme a visão futurista de Kahn e Wiener – se a história explica o presente e o presente cria o futuro, logo, o futuro não ignora o passado, mesmo que se proponha como rompimento, pois só pode romper com aquilo que conhece e não considera válido continuar. A história, então, ensina sobre o futuro, mesmo que o ensinamento seja a necessidade de rompimento com o anterior. Há, ainda, outro aspecto: o passado ser usado como elemento heurístico, como analogia para pensar os desenvolvimentos e, novamente, como formas de justificar a ação presente.

Os historiadores não podem, portanto, excluir-se desse debate, diminuí-lo ou acreditar que ele está restrito somente ao campo da história. Fora – e dentro – da história existem teorias macro-históricas sendo usadas, formas de história universal sendo repensadas e elementos teóricos sendo discutidos não apenas no campo científico ou especulativo, mas em setores responsáveis pelo planejamento, pelas políticas governamentais, portanto, responsáveis pela burocracia e pela esfera executiva da sociedade. Ou seja, a história tem servido a propósitos pragmáticos e justificado uma série de atitudes públicas e particulares. A questão que cabe é quanto os historiadores têm participado dessa discussão e quanto estão preparados e inclinados a participar.

Assim, o estudo da proposta futurista se estende em vários sentidos. Dentro da história, podemos concebê-la como um indicativo de um tempo, de um momento, e como uma metodologia de compreensão do tempo, a qual reserva um dado espaço para a história.

---

[701] STALEY, David J., 2002, p. 87-89.

Nesse sentido que o estudo da proposta futurista de Kahn e Wiener é importante e interessante.

Portanto, esse trabalho está longe de ser um fim acerca do pensamento sobre o futuro ou mesmo de Kahn, que foi a figura central dessa vertente futurista apresentada aqui. Há um vasto campo a se pesquisar nesse sentido, não só de futuristas, mas das diversas visões que pensam a história como universal ou como elemento para pensar, especular e prever o futuro. Existem aqueles anteriores a Kahn, como Sorokin, Toynbee, Spengler, que acabaram esquecidos e remetem a outro contexto, e aqueles mais contemporâneos, como Alvin Toffler e Francis Fukuyama. De qualquer forma, todos se prontificam a falar do futuro, e acabam, então, falando do passado. Sendo assim, esse não é um campo de discussão totalmente alheio a nós, historiadores.

BIBLIOGRAFIA

ABELSON, D.E.; CARBERRY, C.M. Following Suit or Falling behind? A Comparative Analysis of Think Tanks in Canada and the United States. **Canadian Journal of Political Science**. [S.l.], v.31, n.3, p.525-555, Sep. 1998. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0008-4239%28199809%2931%3A3%3C525%3AFSOFBA%3E2.0.CO%3B2-H>. Acesso em: 11 out. 2007.

ACQUATELLA, Harry. La predicción del futuro: desde el oráculo de Delfos hasta la medicina actual. **Gac Méd Caracas.** [online]. abr. 2006, vol.114, no.2 [citado 01 Maio 2008], p.150-156. Disponível em: <http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0367-47622006000200008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0367-4762. Acesso em: 05 mai. 2008.

ALIGICA, Paul D. **Herman Kahn.** [S.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.hudson.org/learn/index.cfm?fuseaction=staff_bio&eid=HermanKahn>. Acesso em: 30 abr. 2007.

ALIGICA, Paul D. **The Great Transition and the Social Limits to Growth**. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2827>. Acesso em: 30 abr. 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARISTÓTELES. **A política.** Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

BARCELOS, Eduardo D. **Telegramas para Marte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARTILLAC, René. **As profecias***:* São Malaquias, Nostradamus e o fim do mundo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

BELL, Daniel. **O fim da ideologia.** Brasília: UnB, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1.

BERLIN, Isaiah. **Historical inevitability.** London: Oxford University Press, 1957.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA Sagrada, São Paulo: Ave-Maria, 2001.

BLOCH, Marc. **Apologia da história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOBBIO, Norberto. **A teoria das formas de governo na história do pensamento político.** Brasília: UNB, 1980.

BODEI, Remo. **A história tem um sentido?** Bauru: EDUSC, 2001.

BOULDING, Kenneth E. **O significado do século XX:** a grande transição. São Paulo/Rio de Janeiro/Lisboa: Fundo de Cultura, 1966.

BRUCE-BIGGS, B. **Supergenius**: the mega-worlds of Herman Kahn. Nova York: [s.n.], 2000.

CARTA ao leitor. **Veja e Leia.** São Paulo, n.118, p.15, dez. 1970.

CAUSO, Roberto de S. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil (1875-1950).** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CONDORCET. **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Campinas: Unicamp, 1993.

DRAY, William H. **Filosofia da História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000:** na pista dos nossos medos. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

DUMÉZIL, Georges. **Nostradamus, Sócrates.** México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**: ou progresso como ideologia. São Paulo: UNESP, 2006.

FRANCO JR., Hilário. **O ano 1000**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

FUTURO: como será. **Veja e Leia.** São Paulo, n. 104, p. 38, set. 1970.

GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

GHAMARI-TABRIZI, S. **The worlds of Herman Kahn**: the intuitive science of thermonuclear war. Cambridge: Harvard University, 2005.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano.** (Edição abreviada). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1981.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade:** doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARTOG, François. Regime de Historicidade. 1996. **Heros**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>. Acesso em: 29 mai. 2007.

HENRY, John. **A revolução científica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos extremos:** o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUDSON Institute History. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.hudson.org/learn/index.cfm?fuseaction=history>. Acesso em: 30 abr. 2007.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo.** Rio de Janeiro: Bradil, 1969.

JOYNT, C.B.; RESCHER, N. The problem of uniqueness in history. **History and Theory.** Vol. 1, n. 2, 1961. p. 155. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0018-2656%281961%291%3A2%3C150%3ATPOUIH%3E2.0.CO%3B2-A>. Acesso em: 21 fev. 2008.

KAHN, H.; MANN, I. **Game theory**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008.

KAHN, H.; MANN, I. **Techniques of systems analysis**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008.

KAHN, H.; MANN, I. **Ten commom pitfalls**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008.

KAHN, H.; MANN, I. **War Gaming**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957. Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/authors/k/kahn_herman.html>. Acesso em: 13 nov. 2008.

KAHN, H.; WIENER, A.J. **O ano 2000**: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1968.

KAHN, H.; WIENER, A.J. **The year 2000**: a framework for speculation on the next thirty-three years. S/l: Hudson Institute, 1967.

KOSELLECK, R. Modernity and the planes of historicity. In: **Economy and society.** Vol. 10, nº2, Londres, Boston and Henley: Routledge & Kegan Paul, maio de 1981.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2006.

LASKI, Harold J. **O manifesto comunista de Marx e Engels.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

LEFORT, Claude. **As formas da história**: ensaios de antropologia política. São Paulo:

Brasilense, 1979.

LEVESON, Irving. **Memorial to Herman Kahn**. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2920>. Acesso em: 30 abr. 2007.

LITTO, F. M. **A universidade e o futuro do planeta.** [S/l.], [20--?]. Disponível em: <kn.open.ac.uk/public/getfile.cfm?documentfileid=10245>. Acesso em: 9 nov. 2009.

LOVEJOY, A.O. Reflections on the history of ideas. **Journal of the History of Ideas.** Pennsylvania, v. 1, n. 1, p.3-23, jan. 1940. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2707007>. Acesso em: 17 nov. 2008.

LÖWITH, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, 1991.

MANDELBAUM, M. The History of Ideas, Intellectual History, and the History of Philosophy. **History and Theory**, Middletown, v. 5, Beiheft 5: The Historiography of the History of Philosophy, p. 33-66, 1965. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2504118>. Acesso em: 14 mai. 2008.

MARIANO, C.A. **Estudos do futuro**: a história e a filosofia dos estudos do futuro. 1995. 99 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo São, 1995.

MARTINS, E.C. de R. Enigma do passado: construção social da memória histórica. **Textos de história**, v. 15, n.1/2, 2007, p.35-48.

MARTINS, E.C. de R. História. **Crítica**: revista de Filosofia 30 ago. 2004. Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_historia.html>, 29 set. 2008.

MARTINS, E.C. de R. História e teoria na era dos extremos. **Revista de história e estudos culturais.** V.3, ano III, n.2 abr., mai, jun.. 2003. Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_historia.html>, 29 set. 2008.

MCGANN, J.G. Academics to Ideologues: A Brief History of the Public Policy Research Industry. **PS**: political science and politics. Washington D.C., v.25, n.4, p. 733-740, dez. 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/419684>. Acesso em: 10 set. 2008.

MENAND, Louis. Fat Man: Herman Kahn and the nuclear age. **The New Yorker**. New York, 27 jun. 2005. Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/2005/06/27/050627crbo_books>. Acesso em: 13 nov. 2008.

MILLER, John J. The history of Kahnsciousness: a Cold Warrior who helped the Pentagon but needed private support.**Philantropy Magazine**. Washington D.C., 1 set. 2005. Disponível em: <http://www.philanthropyroundtable.org/article.asp?article=738&paper=1&cat=148>. Acesso em: 26 nov. 2008.

MINOIS, George. **História do futuro**: dos profetas à prospectiva. Lisboa: Teorema, 2000.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Time in ancient hitoriography. **History and Theory.** v.6, beiheft 6: History and the concept of time, p.1-23, 1966. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2504249>. Acesso em: 14 set. 2009.

MYRDAL, Gunnar. **O Estado do futuro**: o planejamento econômico nos Estados de bem-estar e suas implicações internacionais. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

NOSTRAKAHN. **Veja e Leia,** São Paulo, n. 104, p.18, set. 1970.

PECORARO, Rossano. **Filosofia da história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PEREIRA, Carlos A. M. **O que é contracultura.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues; VELOSO, João Paulo dos Reis. Os mitos do ano 2000. **Veja e Leia**. São Paulo, n. 41, p.3-6, jun. 1969.

PIRES, Francisco Murari, Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) história. [20--]. **Heros**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/cursos/antigos/>. Acesso em: 31 jul. 2007.

POCOCK. J.G.A. **Linguagens do ideário político.** São Paulo: EDUSP, 2003.

QUEM ama um gordo profeta? **Manchete**. Rio de Janeiro, n. 917, ano XVII, p. 26-29, nov. 1969.

QUIGLEY, Carrol. **A evolução das civilizações.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura.** Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

SELINGMAN, Dan. **Know-it-all**. [S.l.: s.n.], 2001. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=817>. Acesso em: 13 nov. 2008.

SILVA, Zélia Lopes da. **Cultura histórica em debate.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

SKORUPA, F. A. **Viagem às letras do futuro:** extratos de bordo da ficção científica brasileira (1947-1975). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.

SMITH, P.D. **Os homens do fim do mundo:** o verdadeiro dr. Fantástico e o sonho da arma total. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOROKIN, Pitirim A. **Social and cultural dynamics.** New York/ Cincinnati/ Chicago/ Boston/ Atlanta/ Dallas/ San Francisco: America Book Company, 1937. v.2.

SOROKIN, Pitirim A. **Social and cultural dynamics**: a study of change in major systems of

art, truth, ethics, law and social relationships (abridged by Sorokin, P.A.). Boston: Extending Horizon/Porter Sargent, 1970.

SOROKIN, Pitirim A. **Social philosophies of an age of crisis.** Boston: Beacon Press, 1950.

SPENGLER, Oswald. **A decadência do Ocidente:** esboço de uma morfologia da História Universal. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

SPENGLER, Oswald. **The decline of the West**: form and actuality (vol. 1). London: Allen & Unwin, 1918.

STALEY, D.J. A history of the future. **History and Theory.** Middletown, v. 41, n. 4, Theme Issue 41: Unconventional History, p.72-89, Dez. 2002. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0018-2656%28200212%2941%3A4%3C72%3AAHOTF%3E2.0.CO%3B2-R>. Acesso em: 10 out. 2007.

THIESEN, J. da S. Estudos prospectivos – uma metodologia estratégica para a construção de futuros possíveis. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO, Ponta Grossa, 2008. **Gestão estratégica na era do conhecimento.** Disponível em: <http://www.admpg.com.br/2008/cadastro/artigos/temp/137.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2008.

TOYNBEE, Arnold. **A América e a revolução mundial.** Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

TOYNBEE, A.J. **A study of history** (Abridgement vol. I-VI, by D.C. Somervell). New York/ London: Oxford University Press, 1958. v.1.

TOYNBEE, A.J. **A study of history** (Abridgement vol. VII-X, by D.C. Somervell). New York/ Oxford: Oxford University Press, 1987. v.2.

TROY, Tevi. **Nixon and the Intellectuals.** Março, 2003. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2784>. Acesso em: 30 abr. 2007.

TUCÍDIDES, **História da guerra do Peloponeso**. Brasília: UNB, 1982.

UM cavalheiro do apocalipse. **Veja e Leia.** São Paulo, n. 63, p. 25-27, nov. de 1969.

WALD, A.M. **The New York intellectuals**: the rise and decline of the anti-stalinist left from the 1930s to the 1980s. Chapel Hill: The University of North Carolina, 1987.

WEAVER, R.K. The changing world of think tanks. **PS**: political science and politics. Washington D.C., v. 22, N. 3, p. 563-578. Sep. 1989. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=1049-0965%28198909%2922%3A3%3C563%3ATCWOTT%3E2.0.CO%3B2-Y>. Acesso em: 11 out. 2007.